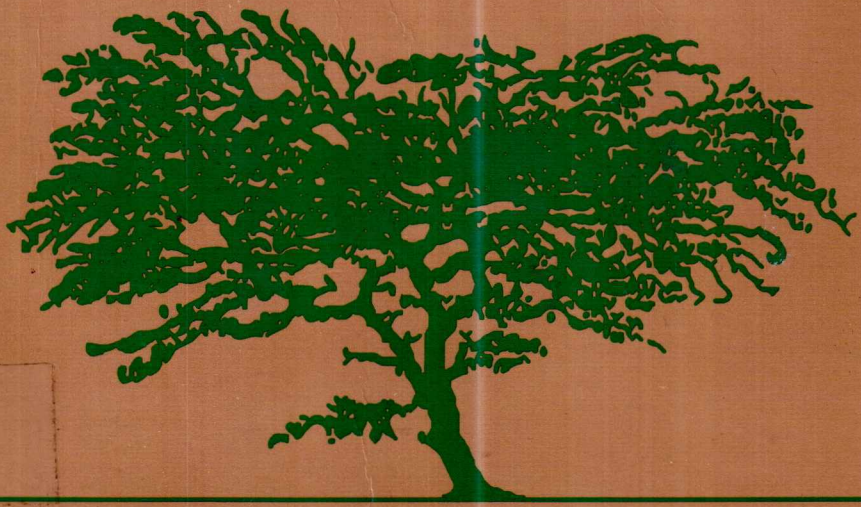
J. Sidlow Baxter

examinai as escrituras

Jó a Lamentações



examinai as escrituras

Digitalizado e editado por



Emanuence Digital

examinai as escrituras

J. Sidlow Baxter

Tradução de
Neyd Siqueira

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 • 04698-970 São Paulo-SP

Título do original em inglês:
EXPLORE THE BOOK

Copyright © J. Sidlow Baxter

Capa: Melody Pieratt
1ª e 2ª revisões: Lucy Yamakami e Valéria Fontana
Revisão final: Fabiani S. Medeiros
Coordenação editorial: Robinson N. Malkomes
Coordenação de produção: Eber Cocareli

Primeira edição em português: maio de 1993

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 – 04698-970 São Paulo-SP

CONTEÚDO

PREFÁCIO DO AUTOR 7

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS 9

OS LIVROS POÉTICOS 11
Preliminares

O LIVRO DE JÓ 29
Lições 52 a 56

O LIVRO DOS SALMOS 89
Lições 57 a 61

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO 137
Lição 62

LIVRO DO ECLESIASTES 149
Lições 63 a 65

CANTARES DE SALOMÃO 177
Lições 66 a 68

OS LIVROS PROFÉTICOS 207
Lição 69

A PROFECIA E OS PROFETAS 217
Lição 70

ISAÍAS 227
Lições 71 a 74

JEREMIAS 269
Lições 75 e 76

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS 289
Lição 77

Digitalizado e editado por



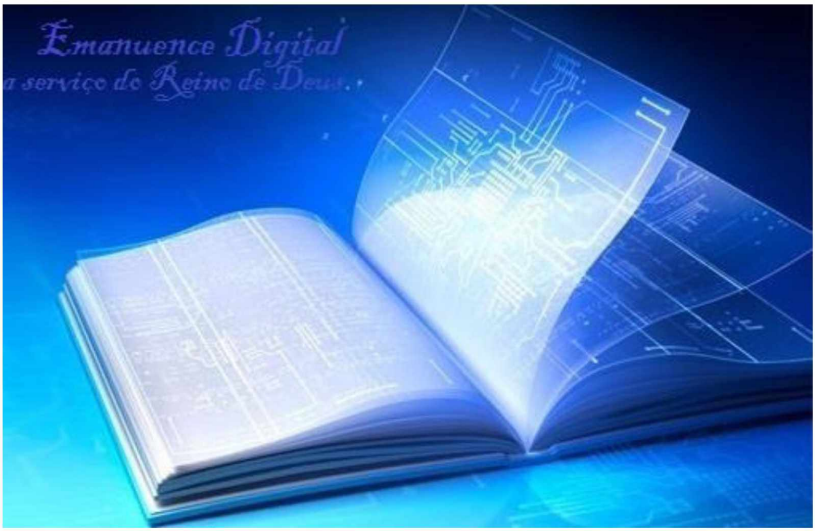
Emanuence Digital

PREFÁCIO DO AUTOR

QUASE todas as seções compreendidas neste curso bíblico foram apresentadas em minhas palestras bíblicas das noites de terça-feira na Capela Charlotte de Edimburgo, na Escócia, justificando assim sua forma em tom de conversa, em certas partes. Não são ensaios escritos, mas foram palestras preparadas para ser proferidas em público, e julguei mais acertado deixá-las em seu molde original, acreditando que há certas vantagens práticas nisso. Peço que sejam tolerantes neste aspecto, especialmente se os olhos exigentes de algum conhecedor ou diletante literário passarem sobre elas em sua forma impressa agora estabelecida. Além do mais, em vista de estes estudos terem sido preparados sem intenção de serem publicados mais tarde, tomei em várias partes a liberdade permitida a um pregador, mas não a um escritor, apropriando-me dos escritos de outros. Só espero que minha admiração não me tenha levado a aproximar-me demais da ameaçadora fronteira do plágio. Se isso aconteceu, sinto-me aliviado com a certeza de que só pode ter sido em relação a autores que não estão mais conosco. Minha gratidão jamais será excessiva para com o caro John Kitto, de tempos idos (e, para muitos, obsoleto), John Urquhart, A. T. Pierson, Sir Robert Anderson, G. Campbell Morgan e outros da mesma tradição evangélica. Todos eles foram mestres em seus dias e a seu próprio modo. A todos eles, e a essa incomparável obra composta, o *Pulpit Commentary* ("Comentário de Púlpito"), devo minha gratidão permanente e presto minha homenagem. Entretanto, no todo, este curso bíblico é basicamente resultado de meu estudo pessoal, e aceito de bom grado a responsabilidade por ele, crendo que dá verdadeira honra à Bíblia como a Palavra de Deus inspirada, em cada uma de suas partes. Possa Deus empregá-lo graciosamente em um ministério útil para muitos que vivem e trabalham na seara de seu amado Filho, nosso Senhor e Salvador.

J. S. B.

Digitalizado e editado por



Emanuence Digital

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

A obra aqui intitulada EXAMINAI AS ESCRITURAS é a terceira parte de uma coleção de seis volumes (dos quais já foram publicados os dois primeiros do Antigo Testamento e os dois do Novo). Esta coleção surgiu em decorrência do desejo do Pastor J. Sidlow Baxter de oferecer, com lições atraentes e práticas, um conhecimento bíblico básico aos membros da Capela Charlotte, em Edimburgo, na Escócia. O autor teve a feliz idéia de preparar seus estudos de um modo completo para os membros daquela igreja, começando com Gênesis e terminando em Apocalipse, sem escrever apenas mais um comentário.

O autor lança um alicerce agradável e seguro para aquele que deseja apresentar-se como obreiro (ou membro da igreja) "que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15).

Neste volume, o Pastor Baxter discorre sobre temas palpitantes contidos de Jó a Lamentações de Jeremias. Ele apresenta uma abordagem bastante prática e convidativa, sem ser maçante. Baxter informa, mas não cansa, e escreve com muita compreensão do texto, interpretando-o com lições aplicáveis à vida.

Os que procuram uma leitura edificante ou querem ensinar a Palavra, terão mais auxílios do que poderiam esperar. Este volume não é um comentário que se prende a detalhes que não fazem nenhuma diferença. Sempre sugestivo, Baxter tem uma facilidade extraordinária de descobrir e organizar a "mensagem" do texto. Ele prepara um prato espiritual que dá água na boca, pois é um pastor, não um teólogo ou professor de seminário que se isola em uma torre de marfim. Em lições muito assimiláveis, ele fornece informações bem esclarecedoras àqueles que têm pouco mais de uma vaga lembrança do conteúdo destes livros poéticos, sapienciais e proféticos da Bíblia.

Temos convicção de que a popularidade gozada por esta obra em inglês será a mesma que se verificará na sua edição em português. Dentro de pouco tempo, Edições Vida Nova estará colocando à disposição do público leitor o último volume desta série, que se relaciona com o Antigo Testamento.

Russell P. Shedd, Ph.D.

OS LIVROS POÉTICOS

O LIVRO DE JÓ
O LIVRO DOS SALMOS
PROVÉRBIOS DE SALOMÃO
LIVRO DO ECLESIASTES
CANTARES DE SALOMÃO

Lição Nº 51

O paralelismo, em que a uma oração corresponde outra, é próprio da índole da poesia hebraica, onde o ritmo e a rima do pensamento substituem os das palavras, um elemento do paralelismo corresponde a outro no conteúdo e, às vezes, na forma. A descoberta e o desenvolvimento dessa correspondência, ou justaposição, servem em geral de indício para o esclarecimento. Em alguns casos, um dos elementos de um paralelismo complexo fica tácito ou ausente, mas, por estar implícito, precisa ser encontrado para que o todo fique perfeito. E é essa uma das formas dos enigmas ou "ditos obscuros dos sábios", a ser resolvida mediante estudo.

ARTHUR T. PIERSON,
Doutor em Teologia

Digitalizado e editado por



Emanuence

Digital

OS LIVROS POÉTICOS

Uma retrospectiva

OS DEZESSETE livros *históricos* que constituem a primeira parte do Antigo Testamento já ficaram para trás. Um grupo de livros menor e muito diferente acha-se à nossa frente: são os cinco livros *poéticos* – Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão. Neles encontraremos amplas perspectivas de interesse a abrir-se para nós – mas, antes de adiantar-nos, talvez devêssemos fazer uma retrospectiva do caminho percorrido. Atravessamos algumas paisagens deslumbrantes, embora houvesse rupturas pouco atraentes e inesquecíveis cenas de desolação. Sobre cumes ensolarados, e através de vales escuros, e por muitas sinuosidades, percorremos em toda a extensão a acidentada história do relacionamento de Deus com Israel até a época da expulsão de Canaã. Quando chegarmos aos escritos dos profetas hebreus, perceberemos que fornecem novas elucidações sobre o passado e o futuro de Israel, mas os registros históricos em si dos primeiros dezessete livros da Escritura já foram cuidadosamente examinados, havendo certos aspectos predominantes que devemos fixar bem na memória.

Os dezessete livros históricos, como vimos, estão divididos em cinco e doze. Nos primeiros cinco (Gênesis a Deuteronômio), observamos o *preparo* de Israel para Canaã. Nos últimos doze (Josué a Ester), vimos a *ocupação* de Canaã por Israel, terminando com o fracasso e o exílio da nação. Esses doze podem ser ainda divididos em nove e três. Nos primeiros nove (Josué a 2 Crônicas), a nação inteira encontra-se em Canaã. Nos três restantes (Esdras, Neemias e Ester), só um pequeno remanescente se acha na terra. Vamos memorizar muito bem, então, que nesses três grupos de *cinco, nove* e *três* temos:

PREPARO – (Gênesis a Deuterônomio);
OCUPAÇÃO – (Josué a 2 Crônicas);
EXPULSÃO – (Esdras a Ester).

Vimos também até agora que cada um dos livros pode ser representado por uma determinada palavra que lhe denote o aspecto característico.

Seria prudente fazermos um retrospecto nessa altura para nos assegurarmos de que os aprendemos. Por exemplo, vimos que o significado básico de 2 Samuel, o livro dos quarenta anos de reinado de Davi, é na verdade denotado pela palavra *confirmação*. Queremos dizer com isso que depois da transição da teocracia para a monarquia, presente no *Primeiro* Livro de Samuel, e após a rejeição do trono de Saul, Deus agora aceita e *confirma* o trono em Israel, na grande aliança com Davi. No caso dos outros livros, as palavras-chave falam por si mesmas:

Gênesis	– Ruína
Êxodo	– Redenção
Levítico	– Comunhão
Números	– Orientação
Deuteronômio	– Destino

Josué	– Ocupação
Juízes e Rute	– Purificação
1 Samuel	– Transição
2 Samuel	– Confirmação
1 Reis	– Interrupção
2 Reis	– Dispersão
1 e 2 Crônicas	– Retrospecção
Esdras	– Restauração
Neemias	– Reconstrução
Ester	– Preservação

Os livros poéticos

Vamos estudar agora os "Livros Poéticos". Antes de examiná-los separadamente, porém, é preciso notar certas características comuns a todos eles.

Os dezessete livros já estudados são *históricos*. Estes cinco livros poéticos são *experienciais*. Os dezessete livros históricos referem-se a uma

nação como tal. Estes cinco livros poéticos ocupam-se de *indivíduos* como tais. Os dezessete tratam da *nação hebraica*. Estes cinco, do *coração humano*.

Estes cinco livros chamados "poéticos" *não são a única poesia* encontrada no Antigo Testamento. Existem trechos de poesia primorosa nos escritos dos profetas, que examinaremos mais tarde. Isso, porém, não altera o fato de que estes cinco — Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão — constituem sem dúvida o *grupo* poético.

Devemos também compreender claramente que o termo "poético" refere-se apenas à sua *forma*. Não se deve entender o termo como uma insinuação de que tais livros sejam mero fruto da imaginação humana. Há poesia de rara beleza aí, mas nada meramente fantasioso ou irreal. Esses livros descrevem verdadeiras experiências humanas e tratam de problemas profundos, revelando grandes realidades. Eles se ocupam especialmente das experiências dos *piedosos*, nas diversas vicissitudes desta nossa vida inconstante sob o sol. Além disso, as experiências aqui tratadas foram concedidas aos homens a fim de servirem de orientação para os justos durante toda sua vida. Essas experiências são aqui registradas e interpretadas para nós pelo Espírito da inspiração, mediante "homens [santos]" do passado que falaram e escreveram "movidos" por Ele. Assim sendo, nesses livros poéticos temos um tesouro muito precioso de verdade espiritual.

Progresso espiritual

Antes de passarmos ao exame desses livros poéticos separadamente, devemos chamar a atenção para outro fato: *o progresso espiritual* que eles apresentam coletivamente, pois, afinal de contas, o que mais queremos é compreender seu significado espiritual. Como já dissemos, acreditamos que Deus determinou a *ordem* em que os livros de nossa Bíblia aparecem hoje, assim como determinou sua inspiração original. Vê-se, nesses cinco livros poéticos, a beleza de um progresso espiritual perfeito, e não podemos alterar sua atual disposição sem prejudicar o todo.

No livro de Jó, vemos *a morte da vida auto-suficiente.* Com o furor da aflição e um novo conceito de Deus, Jó é levado ao fim de si mesmo. Ele passa a ver-se como Deus o vê. A vida auto-suficiente, com sua

autobondade, e auto-raciocínio, e auto-religião, e autotudo é desnudada e humilhada. O homem que a *princípio é considerado o melhor homem* da terra (1.8) no final acha-se prostrado diante de Deus, exclamando: "Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza" (42.6).

A seguir, nos salmos, vemos *a nova vida em Deus*, manifestando-se no louvor e na oração, na adoração, na súplica e na intercessão, na fé, na esperança e no amor, no temor, na alegria, nos cânticos e suspiros e em cada forma conhecida pelo coração justo.

Temos, depois, os livros de Provérbios e Eclesiastes. Em Provérbios, entramos na escola de Deus, aprendendo uma sabedoria celestial mas prática para a vida na terra; enquanto em Eclesiastes aprendemos a não colocar nosso sentimento em nada sob o sol, mas, sim, a fazer com que nosso tesouro permaneça no céu. Por fim, Cantares encerra a seqüência, mostrando de maneira simbólica a agradável intimidade da comunhão com Cristo em toda a plenitude de Seu amor. Assim, nesses cinco livros há a morte da velha vida no ego, a chama da nova vida em Deus, a correção prática da alma na escola divina, o desapego do coração aos desejos mundanos e o enlevo da comunhão com o noivo celestial. Não é um belíssimo progresso espiritual?

Devemos saber também que essa maravilhosa sucessão na ordem dos livros poéticos é a ordem necessária na experiência cristã genuína. Aquilo que Cantares de Salomão apresenta *jamais pode* ser experimentado sem que se experimente o que se apresenta no Livro de Jó. A morte em si é tranqüila, mas *morrer* é difícil. A vida auto-suficiente nunca morre sem lutar; mas o "depois, entretanto" (Hb 12.11) compensa tudo ricamente!

Ou, em outras palavras, conforme disse alguém que se restringiu a autodenominar-se anonimamente "Escravo de Cristo": "O primeiro passo da vida espiritual é abominar igualmente nossa maldade e nossa bondade, o segundo passo é viver pela fé no Filho de Deus, ou seja, viver na energia da fé pela qual o Messias viveu, o terceiro passo é a submissão da vontade a Cristo, a Sabedoria de Deus, o quarto passo é a libertação do espírito deste mundo e o clímax é o indizível regozijo da união e do *companheirismo com* Cristo".

Idéias principais

Vimos nos dezessete livros históricos recém-estudados que o aspecto inconfundível de cada um deles é tão claro que pode ser expresso em uma só palavra. Do mesmo modo, em cada um desses cinco livros poéticos, a idéia central pode ser resumida numa única frase.

Jó	– a bênção por meio do sofrimento
Salmos	– o louvor por meio da oração
Provérbios	– a prudência por meio do preceito
Eclesiastes	– a verdade por meio da vaidade
Cantares de Salomão	– a bem-aventurança por meio da união

POESIA HEBRAICA

Achamos necessário dizer aqui algumas palavras sobre a *natureza* da poesia hebraica, uma vez que difere da nossa sob determinados aspectos dignos de nota. Grande parte da nossa poesia moderna apóia-se na *rima* ou paralelismo sonoro. Além disso, existe um *ritmo* ou paralelismo de tempo. Na rima atingimos o prazer da concordância *fonética*. No ritmo atingimos o prazer da concordância *métrica*. Muitos talvez afirmem não ser o ritmo necessário à poesia. Parte da poesia inglesa mais notável foi escrita nos chamados "versos brancos", ou ritmo sem rima. A rima e o ritmo por si só certamente não constituem a verdadeira poesia, a qual depende, na realidade, do caráter quádruplo que encerra a percepção, a imaginação, a analogia e a expressão. Todavia, ritmo e rima estão ligados a ela numa sutil intimidade e, embora muitos considerem a *rima* praticamente desnecessária, o achado do *ritmo* parece ser um dos critérios geralmente aceitos para o julgamento da poesia inglesa.

Na poesia hebraica, porém, não existe nem o paralelismo sonoro da rima nem o do ritmo, mas existe um paralelismo de *idéias*. Este pode ser de três tipos: completivo, contrastante e construtivo. Vejamos.

Com paralelos *COMPLETIVOS* queremos dizer aqueles em que o segundo constituinte coincide com o primeiro e o desenvolve até um ponto adiante pretendido. Veja os seguintes exemplos:

O justo florescerá como a palmeira,
crescerá como o cedro no Líbano.
(Sl 92.12)

Deus é o nosso refúgio e fortaleza,
socorro bem presente nas tribulações.
(Sl 46.1)

A lei do SENHOR é perfeita,
e restaura a alma;
o testemunho do SENHOR é fiel,
e dá sabedoria aos símplices.
(Sl 19.7)

Converteste o meu pranto em folguedos;
tiraste o meu pano de saco, e me cingiste
de alegria.
(Sl 30.11)

Em todas essas parelhas de versos, vê-se imediatamente que o sentido do segundo segmento do paralelismo tem estrita semelhança com o do primeiro. Todavia, essa semelhança não representa verdadeira identidade. A similaridade não é sinonímia. Mais do que vã repetição, o segundo elemento dá colorido, enriquece, desenvolve, completa o primeiro. Veja o seguinte exemplo de paralelismo *ternário*, tirado do versículo inicial do primeiro salmo:

Bem-aventurado o homem que
não anda no conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem se assenta na roda dos escarnecedores.

O segmento inicial nesse caso relaciona-se com cada linha do terceto que segue. Em cada uma das três linhas que formam o terceto existem três constituintes *vocabulares* correspondentes entre si e indicadores de um progresso completivo, a saber:

anda	*conselho*	*ímpios*
(se) detém	*caminho*	*pecadores*
(se) assenta	*roda*	*escarnecedores*

O desenvolvimento aqui é praticamente óbvio demais para exigir comentários. O *andar*, no primeiro verso, que outra coisa não indica senão o travar relações de amizade, dá lugar ao *deter-se*, no segundo verso, que implica uma maior intimidade, e este, por sua vez, dá lugar ao *assentar-se*, no terceiro verso, que fala de uma ligação permanente. Da mesma forma, no primeiro verso, *conselho* significa simplesmente recomendações em geral, enquanto *caminho*, no segundo verso, indica uma linha de procedimento adotada e *roda*, no terceiro verso, implica um estado mental específico. Assim também, no primeiro verso, *ímpios* designa os perversos "passivos", ao passo que, no segundo verso, *pecadores* indica os "ativos" e, no terceiro verso, *escarnecedores* refere-se aos "insolentes".

Vejamos agora alguns exemplos de paralelos *CONTRASTANTES*. O Livro de Provérbios contém muitos deles.

> *Confia no* SENHOR de todo o teu coração,
> e não te estribes no teu próprio entendimento.
> (Pv 3.5)

> *Leais são as feridas feitas pelo que ama,*
> *porém os beijos de quem odeia são enganosos.*
> (Pv 27.6)

> *Ao anoitecer pode vir o choro,*
> *mas a alegria vem pela manhã.*
> (Sl 30.5)

> *A casa dos perversos será destruída,*
> *mas a tenda dos retos florescerá.*
> (Pv 14.11)

> *Muito sofrimento terá de curtir o ímpio,*
> *mas o que confia no* SENHOR, a misericórdia o assistirá.
> (Sl 32.10)

Em cada um dos paralelos acima, vê-se imediatamente que o segundo elemento contrasta com o primeiro. Às vezes, esses paralelos não são estritamente *antitéticos* – como no primeiro exemplo acima, onde o segundo verso é na verdade simplesmente a *negação* do primeiro – mas o segundo termo sempre *contrasta* com o primeiro. Pode-se observar também que em alguns desses paralelos contrastantes existe uma progressão de pensamento, como acontece nos paralelos *completivos.* Veja, por exemplo, o quarto exemplo acima. No primeiro verso temos a palavra "casa", significando que a solidíssima construção dos perversos perecerá; enquanto no segundo encontramos a palavra "tenda", afirmando que a *fragilíssima* construção dos retos permanecerá. Existe em cada paralelo uma escolha cuidadosa de palavras. Note a seguinte estrofe de quatro versos, na qual temos não apenas um paralelo contrastante entre dois únicos versos, como nos exemplos acima, mas sim entre dois paralelos completivos.

Mais um pouco de tempo e já não existirá o ímpio;
procurarás o seu lugar, e não o acharás.
Mas os mansos herdarão a terra,
e se deleitarão na abundância de paz.
(Sl 37.10, 11)

Novamente, no exemplo que se segue há uma *sucessão* de paralelos contrastantes.

...Eis que os meus servos comerão,
mas vós padecereis fome;
os meus servos beberão,
mas vós tereis sede;
os meus servos se alegrarão,
mas vós vos envergonhareis...
(Is 65.13)

Vejamos agora os seguintes exemplos de paralelismo CONSTRUTIVO, em que sucessivos paralelos unem-se de forma estrutural até expressarem conjuntamente uma idéia completa.

Os olhos de quem zomba do pai,
ou de quem despreza a obediência à sua mãe,
corvos no ribeiro os arrancarão
e pelos pintãos da águia serão comidos.
(Pv 30.17)

Nesses quatro versos o tema central é "olhos", e cada par de versos (os quatro versos apresentam-se em dois pares – dois paralelos completivos) faz-se necessário para expressar a idéia central.

O salmo 21 é outro exemplo. Nesse caso a estrofe de quatro linhas também é formada de dois paralelos completivos reunidos para expressar a idéia central.

Na tua força, SENHOR, o rei se alegra!
e como exulta com o teu salvamento!
Satisfizeste-lhe ao desejo do coração,
e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios.
(Sl 21.1, 2)

O belíssimo desenvolvimento dos versos é facilmente perceptível. A palavra *força*, no primeiro verso, passa a *salvamento* no segundo, e *alegra*, também no primeiro, dá lugar a "exulta" no segundo. O *desejo do coração*, no terceiro verso, torna-se *as súplicas dos seus lábios* no quarto, e a oração *satisfizeste-lhe*, no terceiro verso, transforma-se em *não lhe negaste*, no quarto (a última expressão sendo uma forma acentuada de ênfase, no uso hebraico, assim como as palavras *o SENHOR não [o] terá por inocente* são na verdade uma maneira enfática de dizer que o Senhor *certamente considerará* a pessoa culpada).

Vejamos agora um outro exemplo desse paralelismo construtivo, em que há juntas duas parelhas de versos *contrastantes*.

Uns confiam em carros, outros em cavalos;
nós, porém, nos gloriaremos em o nome
do SENHOR nosso Deus.
Eles se encurvam e caem;
nós, porém, nos levantamos e nos mantemos de pé.
(Sl 20.7, 8)

Deixando um pouco de lado os livros poéticos, observe o seguinte exemplo de paralelismo construtivo em uma conhecida passagem de Isaías.

> *Buscai o SENHOR enquanto se pode achar,*
> *invocai-o enquanto está perto.*
> *Deixe o perverso o seu caminho,*
> *o iníquo os seus pensamentos;*
> *converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele,*
> *e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.*
> (Is 55.6, 7)

Eis três paralelos completivos agrupados para formar um todo. Note a progressão de cada paralelo completivo e o desenvolvimento que percorre toda a estrutura. No primeiro verso, os homens são simplesmente exortados a *buscar*, e é-lhes dito apenas que o Senhor pode ser *achado*. No segundo verso, os homens recebem a ordem de *invocar*, e, da mesma forma, é-lhes assegurado que o Senhor está realmente *perto*. No terceiro verso, é o *perverso* (o que comete *de verdade* um erro) que é exortado a deixar seu *caminho* (ou comportamento habitual). No quarto verso, é o *iníquo* (o que omite *ativamente* a justiça) que é exortado a abandonar o próprio *pensamento* do mal. No quinto verso, os homens são exortados a voltar para o *Senhor*, e é-lhes prometida *misericórdia*. No sexto verso, os homens são ainda mais incentivados a voltar porque o Senhor é *nosso Deus* e perdoará *ricamente*. Sem dúvida, esse é um belíssimo desenvolvimento que não pode deixar de prender a atenção de nossas mentes.

Naturalmente, ainda tratando dos paralelos *construtivos*, devemos observar que existem variedades deles. Por exemplo, temos o paralelismo *introvertido*. Um exemplo marcante desse tipo de estrutura é encontrado no salmo 135, de 15 a 18:

> *Os ídolos das nações são prata e ouro,*
> *obra das mãos dos homens.*
> *Têm boca, e não falam;*
> *têm olhos, e não vêem;*
> *têm ouvidos, e não ouvem;*
> *pois não há alento de vida em sua boca.*
> *Como eles se tornam os que os fazem,*
> *e todos os que neles confiam.*

Vemos aqui que o primeiro verso corresponde ao último, pois no primeiro lemos *os ídolos das nações* e no último aparece simplesmente um outro nome para as nações, a saber, *os que neles* [ídolos] *confiam*. A seguir, observamos que o segundo verso corresponde ao penúltimo, pois ambos falam da *feitura* de ídolos (num caso, a obra; no outro, os obradores). Além disso, nota-se que o terceiro verso e o antepenúltimo estão em correspondência, pois um diz que os ídolos têm boca e não falam e o outro, que não há alento de vida em sua boca. Concluindo, os dois versos intermediários concordam: num é dito que os ídolos têm olhos sem a capacidade de ver; no outro, que têm ouvidos sem a capacidade de ouvir.

Em Oséias 13.14 existe um exemplo mais simples desse paralelismo introvertido:

Eu os remirei do poder do inferno,
e os resgatarei da morte:
onde estão, ó morte, as tuas pragas?
Onde está, ó inferno, a tua destruição?

Aqui, o primeiro e o último verso estão em correspondência, assim como os dois do meio. Vejamos ainda mais um exemplo em Salmos 51.1.

Compadece-te de mim, ó Deus,
segundo a tua benignidade;
e, segundo a multidão das tuas misericórdias,
apaga as minhas transgressões.

Talvez devamos dizer que esses três tipos de paralelismo – completivo, contrastante e construtivo – em geral têm sido chamados de "sinônimos", "antitéticos" e "sintéticos". Esses nomes, a nosso ver, estão sujeitos a objeções. Os paralelos chamados "sinônimos" quase nunca realmente o são, já que o segundo elemento do paralelo muitas vezes amplia ou altera o primeiro; enquanto em alguns dos chamados "antitéticos", o segundo constituinte não está na verdade em oposição ao primeiro quanto ao conteúdo, ainda que com termos mutuamente *contrastantes*. Assim, preferimos chamar os três tipos principais de paralelismo da poesia hebraica pelos termos mais exatos – "completivo", "contrastante" e "construtivo" – os quais devem ser cuidadosamente lembrados.

A compreenssão desse paralelismo hebraico não é apenas poeticamente interessante, mas muito importante para a *interpretação* das Escrituras. Os elementos correspondentes em cada paralelo esclarecem uns aos outros. Com freqüência as palavras obscuras são explicadas desse modo, pois a mesma idéia geralmente se encontra na base de ambos os termos do paralelo. Algumas vezes, um elemento expressa a idéia figuradamente, enquanto o outro a expressa literalmente. Outras vezes, um elemento a expressa positivamente e o outro, negativamente. É possível também que um membro exprima o pensamento de um modo que a nós soa como fraseologia obscura, enquanto o outro o faz em palavras bastante claras, não deixando qualquer dúvida. Por exemplo, quando lemos "O SENHOR está no seu santo templo", talvez nos perguntemos: "*Que* templo — o terreno ou o celestial?" Mas quando interpretamos essa declaração em seu paralelo poético vemos que está indicando o templo celestial:

> *O Senhor está no seu santo templo;*
> *nos céus tem o SENHOR seu trono...*
> (Sl 11.4)

Neste caso, podemos determinar com base *histórica* que a referência se faz à habitação celestial de Deus, pois é praticamente certo que o templo terreno em Jerusalém não tinha sido construído ainda quando essas palavras foram escritas. Não obstante, esse exemplo ilustra o que estamos dizendo sobre o valor interpretativo do paralelismo.

Queremos comentar apenas mais uma coisa sobre esta poesia hebraica de idéias paralelas. Sua índole estranha torna-a incrivelmente adequada *à tradução para qualquer língua.* Nada é mais difícil do que traduzir tipos distintos de poesia de um idioma para outro, mas a poesia hebraica pode ser reescrita em qualquer língua sem necessidade de diminuir sua beleza ou força. Quando tentamos transpor a rima ou o ritmo de um idioma para outro, enfrentamos obstáculos quase intransponíveis. Se, por exemplo, eu quiser traduzir dois versos rimados de oito sílabas cada, do inglês para o grego, um verso terminando com a palavra "God" (Deus) e o outro com "trod" (pisou), descubro que o vocábulo grego para Deus é *Theos*, que tem duas sílabas, ao contrário da palavra inglesa "God", e o termo grego para "trod" é *periēpatēsen*, com nada menos de seis sílabas em vez de uma e, portanto, irremediavelmente distinta da nossa palavra inglesa "trod", de

maneira que, de uma vez só, com essas duas palavras, *minha* rima e *minha* métrica ficam arruinadas.

Não existem tais dificuldades na tradução do paralelo poético hebraico. Esses cinco escritos poéticos que agora examinaremos em nosso estudo das Sagradas Escrituras foram designados para serem um livro de oração, louvor e preceito para todos os homens, sendo O Livro dos Salmos, em particular, por assim dizer, um livro de oração para todas as gerações. Com sua sabedoria graciosa, portanto, o Espírito de inspiração ordenou-o de tal forma que o tipo de poesia a revestir essas orações e louvores fosse uma poesia *universal.* Devemos agradecer a Deus essa sábia *pre*visão e rica *pro*visão e, além disso, podemos discernir aí mais uma evidência da divina inspiração das Escrituras.

O que você acha do seguinte?

> Porque há esperança para a *árvore,*
> pois mesmo cortada,
> ainda se renovará,
> e não cessarão os seus rebentos.
> Se envelhecer na terra a sua raiz,
> e no chão morrer o seu tronco,
> ao cheiro das águas brotará,
> e dará ramos como a planta nova.
> O *homem,* porém, morre, e fica prostrado;
> expira o homem, e onde está?
> Como as águas do lago se evaporam,
> e o rio se esgota e seca,
> assim o homem se deita, e não se levanta:
> enquanto existirem os céus não acordará,
> nem será despertado do seu sono.
>
> [...]
>
> Eis que clamo: Violência! mas não sou ouvido;
> grito: Socorro! porém não há justiça.
>
> [...]

Da minha honra me despojou;
e tirou-me da cabeça a coroa.
Arruinou-me de todos os lados, e eu me vou;
e arrancou-me a esperança, como a uma árvore.
Inflamou contra mim a sua ira,
e me tem na conta de seu adversário.
Juntas vieram as suas tropas,
prepararam contra mim o seu caminho,
e se acamparam ao redor da minha tenda.
Pôs longe de mim a meus irmãos,
e os que me conhecem,
como estranhos se apartaram de mim.
Os meus parentes me desampararam,
e os meus conhecidos se esqueceram de mim.

[...]

Chamo o meu criado, e ele não me responde;
tenho de suplicar-lhe, eu mesmo.

[...]

Até as crianças me desprezam,
e, querendo eu levantar-me, zombam de mim.

[...]

Compadecei-vos de mim, amigos meus,
compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me atingiu.

[...]

Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras!
Quem me dera fossem gravadas em livro!
Que, com pena de ferro, e com chumbo,
para sempre fossem esculpidas na rocha!
Porque eu sei que o meu REDENTOR vive,

e por fim se levantará sobre a terra.
Depois, revestido este meu corpo da minha pele,
em minha carne verei a Deus.
Vê-lo-ei por mim mesmo,
os meus olhos o verão, e não outros;
de saudade me desfalece o coração dentro em mim...

Não é uma poesia fascinante? Foi extraída dO Livro de Jó, o primeiro dos livros poéticos, que iremos examinar agora.

Digitalizado e editado por



Emanuence Digital

O LIVRO DE JÓ (1)

Lição Nº 52

NOTA: Para este estudo, leia uma vez todo O Livro de Jó, marcando os protestos de inocência de Jó e suas manifestações de perplexidade em relação a Deus.

"Não conseguimos entender o significado de muitas provações; Deus não as explica. Explicar uma provação seria destruir seu objetivo, que é suscitar a fé simples e a obediência irrestrita. Se soubéssemos porque o Senhor enviou-nos esta ou aquela provação, ela deixaria imediatamente de ser um teste de fé ou de paciência."

ALFRED EDERSHEIM,
Doutor em Teologia

O LIVRO DE JÓ (1)

EMBORA o livro de Gênesis seja o primeiro de nossa Bíblia, talvez não tenha sido o primeiro a ser escrito. Há razões para crermos que O Livro de Jó seja de uma data anterior. Aliás, talvez esse seja o livro mais antigo do mundo.

Todavia, apesar da completa mudança de cenário durante os quarenta séculos que se passaram desde que o autor desse épico do velho mundo pôs de lado sua pena, será que podemos encontrar um tratado mais pungentemente atual sobre a patética condição da experiência humana?

Ademais, além de assim fundir a antigüidade com a permanente realidade, O Livro de Jó caracteriza-se por uma qualidade literária transcendente. O Dr. Richard G. Moulton, célebre autoridade literária, declara acreditar que, caso se pedisse a um júri de muita cultura literária que se pronunciasse sobre o maior poema da literatura mundial, a grande maioria apresentaria o veredicto em favor dO Livro de Jó. Trata-se de uma obra-prima literária.

Assunto e método

O assunto aqui é aquele problema sempre atual — *o mistério do sofrimento* —, mas especialmente no que se refere aos piedosos. Já nos referimos à elasticidade da poesia hebraica e à inexistência de qualquer rigidez métrica. Isto é especialmente vantajoso no tratamento de um assunto tão variável como o sofrimento. Nas palavras do Dr. Moulton: "A discussão filosófica [do sofrimento] é também um debate dramático, com demonstrações incontroláveis de emoções aumentando e diminuindo, variações no interesse pessoal, mudanças rápidas de pensamento; enquanto um cenário da natureza, sempre presente, atinge o clímax num remoinho que nos introduz no sobrenatural. O poder de influenciar da retórica é acrescentado para ênfase: o argumento é desviado de seu curso por explosões verbais forjadas, de modo a levar os ouvintes a terem sentimentos fortes".

Os diferentes aspectos desse assunto sério e sensível são introduzidos

pelos vários interlocutores, à medida que o diálogo se processa, enquanto as opiniões características em relação a ele são sucessivamente manifestas pelos três amigos de Jó: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, além de Eliú, o buzita, homem mais jovem que fala posteriormente, quando Jó e os três co-patriarcas manifestamente esgotaram sua discussão, sem terem chegado a um acordo. O poema termina então com a intervenção divina expressa em linguagem de todo majestosa e comovente.

Nesse livro de Jó, o poema começa no capítulo 3. Os capítulos 1 e 2 não são poesia, mas um *prólogo histórico* do poema. O poema termina em 42.6, com as seguintes palavras de Jó:

> Eu te conhecia só de ouvir,
> mas agora os meus olhos te vêem.
> Por isso me abomino,
> e me arrependo no pó e na cinza.

Os onze versículos finais do livro não são poesia, mas um *epílogo histórico* do poema. Assim sendo, esse livro de Jó poderia ser perfeitamente chamado de "Um Poema Comovente Estruturado numa História Épica".

Objetivo e mensagem

Num sentido geral, o propósito desse livro é "justificar os caminhos de Deus para o homem", corrigindo certos erros de interpretação decorrentes do conhecimento imperfeito dos homens; mas o objetivo *específico* é mostrar que existe um propósito divino benevolente por trás dos sofrimentos dos justos e que os enigmas mais amargos da vida são conciliáveis com esse propósito divino benevolente, desde que desconheçamos todos os fatos. Se Jó pudesse tão-somente ter conhecido os planos dos céus pouco antes de lhe sobrevir a provação, como a *nós* é permitido vislumbrá-los no prólogo do poema, e se pudesse tão-só ter sabido previamente o resultado de seu sofrimento, como *Deus* o conhecia de antemão e como *nós* o vemos agora no epílogo do poema, teria reagido a tudo de forma muito diferente!

Mas, por outro lado, este é justamente o traço distintivo que dá ao livro inteiro seu significado para nós: Jó *não* sabia; e, por mais simples que esse traço possa parecer, é por não reconhecer sua importância que a maioria dos leitores perde a mensagem do livro. Veja bem. Entre o prólogo, que mostra como a provação de Jó *originou-se* nas deliberações dos céus, e o epílogo, que mostra como a provação de Jó *resultou* em riqueza e bênçãos, temos um grupo de patriarcas pretensiosos apresentando teorias e dogmas baseados em premissas imperfeitas e dados insuficientes. Nada sabiam dos planos dos céus que haviam precedido o sofrimento de Jó, nada sabendo sobre o compensador epílogo vindouro. Filosofavam no escuro. É esta a mensagem do livro para nós. Cabe-nos ver que *havia* uma explicação, embora Jó e seus amigos não soubessem qual era, a fim de que, quando nos deparamos com uma aflição desconcertante, possamos crer que essa mensagem também se aplica ao nosso caso: existe, sem dúvida, um propósito nos planos dos céus e um final previsto de bênção.

Jó não deveria saber

O fato é que Jó *não deveria* ter a explicação de seu sofrimento, e tudo depende desse simples fato. Se *soubesse*, não haveria lugar para a fé, e ele jamais poderia ter saído como ouro purificado no fogo. Devemos compreender que existem algumas coisas que Deus não nos pode revelar naquele instante, pois isso prejudicaria Seus propósitos em nosso benefício. As Escrituras são tão sábias em suas *retenções* como em suas *revelações*. É revelado o suficiente para tornar a fé racional. É retido o suficiente para dar à fé oportunidade de crescer.

Repetimos que é nisso que se encontra a mensagem do livro: *havia* uma explicação, mas Jó não a conhecia e *não deveria* conhecê-la. Por não se perceber isso adequadamente, tem-se afirmado que o livro apresenta um problema insolúvel. Claro, se considerarmos erradamente o tema do livro como sendo o problema do sofrimento *como um todo*, então o livro apresenta *realmente* um problema sem solução, mas, quando vemos que o tema é na verdade *um aspecto somente* desse problema — a saber, por que os *justos* sofrem? —, então o livro está longe de ser um problema impossível. A solução se encontra na explicação do *prólogo* e na conclusão do *epílogo*. Admitimos que não é a solução *final* nem mesmo desse aspecto do sofrimento. Trata-se de algo *provisório,* em que o coração piedoso pode

repousar até que a solução completa e final seja dada num dia ainda futuro. O propósito do livro é mostrar que a solução final ainda continua retida, e que uma solução provisória é providenciada, ou seja, esse sofrimento cumpre um propósito divino e realiza um ministério de graça nos santos. *Por trás* de todo sofrimento do justo existe um elevado propósito de Deus, e *além* desse sofrimento existe um "porvir" de sublime enriquecimento. Tal sofrimento, como aprendemos nO Livro de Jó, não é decorrente de castigo divino, mas medicinal; não é punitivo, mas corretivo; não é vingativo, mas disciplinar; não é um castigo, mas um auxílio. Essa é a solução provisória. A solução final será dada naquele dia prometido em que, em lugar de vermos obscuramente como em espelho, veremos "face a face" e conheceremos como *somos* conhecidos.

BENÇÃO MEDIANTE SOFRIMENTO

A mensagem central de Jó pode ser então expressa como BÊNÇÃO MEDIANTE SOFRIMENTO. A amarga aflição traz a descoberta bendita. O eu é morto, e Deus vem a ser conhecido por meio da provação. O livro é uma esplêndida ilustração das palavras de Paulo: "Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28) e "Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hb 12.11). Como disse o Dr. J. L. Porter: "Todas as coisas – as provações mais difíceis, as perseguições mais amargas, as tristezas pessoais que algumas vezes afligem nosso coração e parecem calculadas para superar a paciência e apagar a esperança – todas elas, sob a orientação de um Deus infinito em sabedoria e poder, colaboram para o bem-estar verdadeiro do povo de Deus, sendo verdadeiro justamente por ser eterno. Essa é a principal lição ensinada pelO Livro de Jó". William Cowper escreveu um verso que se tornou muito conhecido:

Por trás de uma providência carrancuda
Deus esconde uma face sorridente.

Podemos dispor tudo isso agora no seguinte esboço:

O LIVRO DE JÓ

BÊNÇÃO MEDIANTE SOFRIMENTO

PRÓLOGO (1-2)	DIÁLOGO (3-42.6)	EPÍLOGO (42.7-17)
	JÓ — LAMENTAÇÃO INICIAL (3)	
	PRIMEIRA TRÍADE	
JÓ — *sua piedade na prosperidade* (1.1-5)	Elifaz *vs.* Jó 4-7 Bildade *vs.* Jó 8-10 Zofar *vs.* Jó 11-14	JÓ — *sua integridade provada* (42.7)
	SEGUNDA TRÍADE	
SATANÁS — *sua mentira e maldade* (1.6-19)	Elifaz *vs.* Jó 15-17 Bildade *vs.* Jó 18-19 Zofar *vs.* Jó 20-21	AMIGOS — *sua perversidade censurada* (42.8)
JÓ — *sua piedade na adversidade* (1.20-22)		JÓ — *fim de seu cativeiro* (42.10)
	TERCEIRA TRÍADE	
SATANÁS — *sua maldade posterior* (2.1-8)	Elifaz *vs.* Jó 22-24 Bildade *vs.* Jó 25-31 Eliú fala 32-37	FAMÍLIA — *sua reintegração na sociedade* (42.11)
JÓ — *sua piedade na miséria* (2.9-13)	DEUS: INTERVENÇÃO FINAL (38-41)	JÓ — *sua prosperidade final* (42.12-17)

Fato ou ficção?

Alguns afirmam que O Livro de Jó não é uma narrativa de um fato histórico e que o próprio Jó não existiu de fato. Outros consideram o livro como apenas *parcialmente* histórico, isto é, uma narrativa fictícia

desenvolvida em torno de um *núcleo* de fatos, como as peças históricas de Shakespeare ou os romances históricos de *Sir* Walter Scott. Segundo esta última teoria, Jó provavelmente existiu de verdade, embora o Jó que vemos na história não passe de um desenvolvimento fictício da pessoa que de fato levava esse nome. As objeções à natureza histórica do livro, porém, estão longe de ser convincentes.

Suposta artificialidade numérica

Uma dessas objeções é a suposta *artificialidade numérica* dos bens de Jó — sete mil ovelhas, três mil camelos, mil bois e quinhentas jumentas — e o fato de esses números terem sido completamente duplicados depois de sua provação. Todavia, esses números redondos não são apenas dignos de crédito, mas também são o que seria de se esperar ao enumerarmos as posses de um homem muito rico, e é como de fato acontece em geral ao enumerarmos gados, rebanhos, tribos, cidades e exércitos. Os bens de Jó eram tantos que era "o maior de todos os do Oriente" e, portanto, ao fornecer o total de seus bens, teria sido de pouca monta para o escritor incluir um dez ou cinqüenta excedente, ou mesmo um cento a mais, em algarismos que atingiam a casa dos milhares. Os números redondos devem ser evidentemente tidos como aproximados e, desse modo, bastante compatíveis com os reais.

Tem-se afirmado que a repetição dos números sete e três — sete filhos e três filhas, sete mil ovelhas e três mil camelos e três "amigos" que se sentaram com Jó por sete dias e noites — leva a considerar um significado simbólico, e não real. Todavia, todos devem admitir que cada um desses números, considerado separadamente, parece ser com toda *probabilidade* verdadeiro e, mesmo que *contivessem* algum significado simbólico, isso não os tornaria historicamente inverídicos, assim como os doze filhos de Jacó não deixam de ser históricos por causa da proeminência e importância simbólica do número doze nas Escrituras.

Os encontros de Satanás com o Senhor

Outra objeção à historicidade do livro é sua descrição dos *encontros de Satanás com o Senhor*. Poderiam realmente ter acontecido como descrito?

Ora, certamente, pois, uma vez que qualquer conhecimento real que o homem possui acerca do reino invisível só pode vir por revelação sobrenatural, a conversação entre Deus e Satanás aqui descrita ou deve ter sido divinamente revelada, ou não passava de pura invenção por parte do escritor. Se aconteceu este último caso, o que diremos de outras partes das Escrituras em que se registram revelações semelhantes? Serão elas também fictícias? Todavia, vamos examinar melhor essa questão quando falarmos do prólogo do poema, em nosso próximo estudo.

Poesia e profundidade

Uma outra objeção à historicidade do livro tem sido descoberta em sua própria *poesia e profundidade.* Afirma-se que um diálogo revestido de tão excelente poesia e caracterizado por uma estrutura tão complexa não poderia ter sido travado da maneira espontânea aqui apresentada. A resposta é que nada existe de mais notável entre os povos semitas da Ásia ocidental do que a predominância de imaginação e de expressão poéticas, juntamente com uma capacidade igualmente surpreendente de apresentar discursos bem fundamentados mais ou menos de improviso.

Com certeza, porém, a verdadeira resposta é que as falas do diálogo provavelmente *não* foram improvisadas. Existem indícios de que a entrevista entre Jó e seus amigos continuou por um período considerável. Eles ficaram sentados em silêncio solene durante uma semana inteira no início (2.13), o que certamente insinua o oposto da pressa! A seguir, embora as falas sejam longas e contenham ultrajes e censuras que com toda certeza teriam ocasionado interrupções em qualquer discussão improvisada, cada interlocutor é ouvido sem interrupções até o fim, e o mesmo se aplica a cada réplica. Se houve então uma pausa de sete dias para reflexão *antes* das falas, haveria também pausas para rebates *entre* os discursos! Além do mais, a doutrina da inspiração das Escrituras não corre o mínimo risco, mesmo que se aceite que talvez devamos a *poesia* excelente do livro ao *autor* anônimo, o qual pode, ele mesmo, ter sido inspirado a revestir esses discursos poderosos no rico estilo poético atual.

O testemunho da Escritura

A historicidade dO Livro de Jó é, porém, decisivamente confirmada pelo testemunho de outros versículos. Em Ezequiel 14.14, o próprio Deus é apresentado como dizendo: "... ainda que estivessem no meio dela [Jerusalém] estes três homens, Noé, Daniel e Jó, eles pela sua justiça salvariam apenas a sua própria vida, diz o SENHOR Deus". Temos as mesmas palavras nos versículos 16, 18 e 20. Ora, sem dúvida Noé e Daniel foram figuras históricas, e seria concebível que Deus usasse nessas palavras o exemplo de dois homens reais e de um terceiro que não passava de ficção? Deus falaria que uma pessoa inventada salvaria "sua própria vida"? Os que quiserem responder afirmativamente podem fazê-lo, mas segundo nosso ver essas palavras legais não deixam dúvidas sobre a historicidade de Jó.

Ainda mais adiante, na Epístola de Tiago, o apóstolo escreve: "... Tendes ouvido da paciência de Jó, e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia, e compassivo" (Tg 5.11). Bem, se Tiago não era um escritor inspirado pelo Espírito Santo, ele pode ter-se enganado, mas se escreveu sob a inspiração do Espírito Santo, como acreditamos que tenha acontecido, sua referência a Jó significa que este foi sem dúvida uma pessoa real, pois, se Jó fosse apenas uma personagem fictícia, é inconcebível que o Espírito Santo o tivesse apresentado como um *exemplo* para nós. Se a pessoa que serve de exemplo não existe, logo o exemplo não é verdadeiro! Tal modelo é inútil para nós, pois os homens não são levados a ter paciência mediante a paciência duradoura de alguém que jamais existiu! Além disso, apresentar um exemplo *assim*, seria certamente pouco digno da parte de Deus. Assim, devemos aceitar como certo o fato de que Jó existiu de fato e que O Livro de Jó é verdadeiramente histórico.

O LIVRO DE JÓ (2)

Lição Nº 53

NOTA: Para este segundo estudo de Jó, leia os dois primeiros capítulos duas vezes além da passagem 52.7-17.

Vamos então aceitar alegremente;
E não diminuir nossos escassos prazeres,
  Lamentando nossa condição;
Mesmo que venham infortúnios,
Onde estou já encontrei alguns,
  E sou até grato por eles.
Eles dão o discernimento da idade ao jovem;
  Tornam-nos sagazes,
Fazem-nos ver a verdade como ela é,
  O caminho certo e a maldade.
Embora perdas e cruzes sejam lições bem severas,
Há sabedoria ali, você vai chegar até ela,
  e não irá encontrá-la em nenhum outro lugar.

ROBERT BURNS, *Epistle to Davie*.

O LIVRO DE JÓ (2)

O PRÓLOGO

EXISTE um movimento de alternância no prólogo dO Livro de Jó, como segue:

JÓ – sua piedade na prosperidade (1.1-5);
SATANÁS – sua mentira e maldade (1.6-19);
JÓ – sua piedade na adversidade (1.20-22);
SATANÁS – sua maldade posterior (2.1-8);
JÓ – sua piedade em uma situação extrema (2.9-13).

Vamos falar do caráter e comportamento de Jó um pouco adiante, levando em conta o desfecho do poema; aqui, porém, devemos fazer uma pausa para examinar as referências a Satanás.

Satanás e Deus

O encontro de Satanás com Deus, descrito nesse prólogo dO Livro de Jó, é certamente, à primeira vista, uma das partes mais estranhas da Bíblia. Parece ter sido a base para o talvez mais forte dos vários argumentos contra a historicidade dO Livro de Jó. Poderiam essas entrevistas realmente ter acontecido como descritas aqui? A resposta a essa pergunta é certamente vital, pois a verdade e o valor do livro inteiro dependem dela, como uma pequena reflexão mostrará.

Como comentamos em nossa última lição, já que qualquer conhecimento real que os homens possuem do reino invisível só pode ser obtido por meio de revelação sobrenatural, logo, o encontro de Deus com Satanás, como aqui descrito, ou deve ter sido revelado divinamente, ou então não passa de pura invenção do escritor. Não existe um meio termo. Portanto, a credibilidade do livro inteiro se apóia nisso.

Se foi por revelação divina, a conversação entre Deus e Satanás realmente ocorreu, embora, é claro, sua descrição seja de fato

antropopática, i.e., apresentada para nós sob o aspecto de ações e palavras humanas, de modo a torná-la compreensível à mente humana.

Se, pelo contrário, trata-se de pura invenção do autor, o livro inteiro perde o sentido, pois diz-se que a tribulação de Jó — o assunto principal — teve *origem* nessa conversação entre Deus e Satanás. De sorte que, se esse diálogo no reino invisível jamais aconteceu, passando de simples invenção, então o *motivo* do sofrimento de Jó é simplesmente desconhecido, pois *não* teve essa origem, perdendo qualquer significado especial para nós, e a intervenção divina no *final* do livro se torna igualmente fictícia, reduzindo-se a obra toda a mera imaginação humana.

Não há meio termo, repetimos. O livro sustenta-se ou desmorona, dependendo de esse trato entre Deus e Satanás *ser* ou *não* uma revelação divina do que realmente aconteceu. A pergunta crucial, então, é: "*Foi* uma revelação divina do que realmente aconteceu?", e a resposta a essa indagação, de acordo com outros versículos, é certamente "Sim".

Deus não nos é repetidamente apresentado com antropomorfismo semelhante, como estando sentado num trono, cercado de querubins e serafins, servido por exércitos de anjos e conduzindo Seu governo mediante eles? Satanás não é apresentado como tendo acesso a Deus como o "acusador de nossos irmãos" em Apocalipse 12.10? E não vemos Satanás diante de Deus para acusar Josué em Zacarias 3.1, 2? Não existem também outras passagens que mostram que Satanás de fato possui um poder concedido, embora limitado, de peneirar ou testar o povo de Deus? Veja Lucas 22.31, 32, 1 Coríntios 5.5, 1 Timóteo 1.20 e 2 Timóteo 2.26.

A mais surpreendente confirmação das passagens sobre Satanás em Jó talvez se encontre nas palavras do Senhor a Simão Pedro em Lucas 22.31: "Simão, Simão, *eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo*". Note, outrossim, as outras palavras de Jesus: "*Eu, porém, roguei por ti*, para que a tua fé não desfaleça...". Os dois verbos — "reclamou" (Satanás) e "roguei" (Cristo) — estão num tempo grego que indica um ato já passado, como se o próprio Cristo tivesse tomado parte em uma transação como as descritas em Jó e Zacarias e prevalecido contra o acusador e tentador.

Com todos esses casos diante de nós, precisamos duvidar da veracidade das passagens sobre Satanás em Jó 1 e 2? Essa atitude levanta suspeitas sobre outras passagens das Escrituras e até sobre as palavras do próprio Senhor Jesus. Acreditamos que essas conversações entre Deus e Satanás realmente aconteceram, que o fato e o propósito delas foram divinamente

revelados, que nos são descritas de maneira antropopática e nos fornecem a principal explicação da provação de Jó. Além disso, porém, essas entrevistas são descritas de modo a esclarecer-nos certos fatos muito preciosos e elucidativos, alguns dos quais vamos examinar agora.

Implicações impressionantes

Aceitando, portanto, que esses colóquios aconteceram no céu como registrado no prólogo, notamos certas verdades surpreendentes relativas a Satanás.

Vemos que Satanás *tem de prestar contas a Deus*. Parece estranho que Satanás tenha acesso a Deus como registrado aqui? Pensar dessa maneira faz perder de vista a verdadeira implicação. Não devemos inferir dessa passagem que o "serviço secreto" dos anjos deve reunir-se periodicamente junto ao grande trono branco para prestar contas? Esses "filhos de Deus" não vem "apresentar-se" diante de Deus, não para participar das deliberações governamentais da mente divina, mas para prestar contas de suas próprias ações, como servos da Coroa. Satanás também deve prestar contas. A questão aqui não é que Satanás tenha o privilégio de acesso, mas que é obrigado a apresentar-se. Como as outras criaturas, está sujeito à autoridade divina, embora a contragosto. Seu comparecimento diante do trono não é um privilégio concedido por Deus nem atrevimento de sua parte, mas uma regra obrigatória do Altíssimo a que o arqui-rebelde não ousa e nem pode desobedecer. Ser levado e exposto assim diante do fogo branco desse trono terrível — que tortura imensa para esse espírito desprotegido e maligno!

Em segundo lugar, vemos aqui que *mesmo a mente enigmática de Satanás é um livro aberto para Deus.* Poderia parecer a princípio que as palavras de Deus — "Observaste a meu servo Jó?..." — fossem uma provocação ou incitamento a Satanás. Mas não: Deus já sabia o que se ocultava naquela mente impelida para o mal, assim como conhecia todas as idas e vindas de Satanás antes de perguntar-lhe: "Donde vens?". As perguntas são feitas, não porque Deus não saiba, mas para estimular a confissão de Satanás. Mais literalmente traduzida, a pergunta de Deus é: "Puseste o teu coração contra o meu servo Jó, porque ninguém há na terra semelhante a ele...?". A resposta de Satanás imediatamente revelou que

sim e que acreditava não ter obtido sucesso por Deus proteger Jó excessivamente. Devemos refletir que Deus sabe tudo o que está na mente de Satanás, o tempo todo, contra qualquer dos santos.

Em terceiro, vemos nessa passagem que *Satanás tem parte nos males que amaldiçoam a terra.* Ao responder à pergunta "Donde vens?", diz: "...De rodear a terra, e passear por ela". Parece claro que Satanás tem uma atividade especial neste planeta. Gênesis atribui a ele a origem do pecado na humanidade a ele, e as Escrituras tornam cada vez mais claro que ele tem grande influência sobre os males que afligem nossa espécie. As palavras de Satanás – "De rodear a terra, e passear por ela" – revelam sua atividade inquieta e ininterrupta. Sua mente sinistra está sempre preparando estratagemas maldosos. Ele não conhece a paz alegre que nasce do serviço de lealdade e boas ações. A maldição de Caim está sobre ele: errante e sem descanso. Esse movimento perpétuo de inquietação é sempre a marca do mal, banido da presença de Deus. Veja Isaías 57.20, 21 e Mateus 12.43. Mas, além da inquietação, existe um propósito maléfico eterno nas peregrinações de Satanás. Ele é "o deus deste século", que cega a mente dos incrédulos. Nunca poderemos avançar o suficiente na resolução dos problemas sociais, ou na pregação, ou na oração, sem compreendermos que por trás dos males do mundo está a mente sistematicamente ativa de um diabo que atua sobre cada indivíduo.

Em quarto lugar, nesse prólogo vemos pelas palavras e atos de Satanás que *o maligno não é onipresente nem onisciente.* Muitos dentre o povo do Senhor parecem ter a vaga impressão de que Satanás está em toda parte, mas isso não é verdade. É possível que se mova com uma rapidez quase igual à do relâmpago, talvez, mas ainda assim é um ser criado e, portanto, *limitado ao espaço físico*. Só pode estar em um lugar de cada vez. Para que não soe um tanto grosseiro, podemos dizer que se o próprio Satanás estiver pessoalmente envolvido em uma determinada parte do mundo neste momento, digamos na África, não estará em outra parte, na Austrália ou na América, suponhamos. Inúmeros cristãos parecem achar que o diabo está sempre pairando ao redor deles de maneira oculta, mas estão errados. Embora possa haver muitos agentes espirituais invisíveis que colaboram com Satanás ao agir sobre os seres humanos, ele, por si só, é um ser limitado e circunscrito ao espaço físico. Com a percepção que lhe é nata, John Bunyan reconheceu isso em *O Peregrino*, pois, embora o peregrino se depare com todo tipo de inimigos a caminho da cidade celestial, só

encontra o terrível Apoliom uma vez. Também não devemos pensar que Satanás seja *onisciente* — como muitos parecem confusamente imaginar. Deus pode penetrar em todas as mentes, mas Satanás não; ele não é Deus. Eis um consolo para os santos! Satanás não podia compreender claramente as idéias de Jó. Imaginou saber o que houvesse ali, mas estava enganado e perdeu a batalha. Satanás pode de fato tomar posse da mente humana, como fez com Judas e como faz com vários médiuns espíritas, seja diretamente, seja por meio de algum outro mau espírito, e seja de modo intermitente, contínuo, mas isso acontece porque o homem foi enganado e tentado, concedendo então permissão para a entrada do diabo em seu ser. Ele não pode ler minha mente, muito menos forçar o acesso, a não ser que eu permita. Se não fosse assim, não haveria dignidade no caráter humano. Jamais esqueçamos isto: Satanás não está em toda parte, nem sabe de tudo. Não *ousamos subestimá-lo*, mas também não é estratégia recomendável *superestimá-lo.*

Em quinto lugar, notamos nesse prólogo dO Livro de Jó que *Satanás nada pode fazer sem a permissão divina.* Suas maquinações estão sempre sob a supervisão do altíssimo. Ele é tão livre e inquieto quanto as águas impetuosas e enraivecidas dos mares bravios — e ao mesmo tempo igualmente limitado. "... Até aqui virás, e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas..." (Jó 38.11). Satanás não pode fazer nada sem essa permissão, eis por que Deus pode prevalecer repetidamente sobre seus atos para o bem final daqueles que deseja arruinar.

Em sexto lugar, devemos aprender de imediato nesse prólogo que *em toda permissão desse tipo existe uma restrição clara.* A primeira restrição é: "somente contra ele não estendas a tua mão" (1.12). Depois, quando Jó sobreviveu sublimemente ao teste, há uma nova permissão, mas também outra restrição: "Eis que ele está em teu poder; mas poupa-lhe a vida" (2.6). Este é mais um consolo para os santos. Satanás simplesmente não tem poder algum sobre um santo além daquele permitido por Deus, assim como Pilatos contra Cristo (Jo 19.11). Se Deus estabeleceu um limite para o poder de Satanás na provação de Jó, fará o mesmo com os outros, especialmente os que têm menos capacidade para resistir às investidas do adversário. Veja em 1 Coríntios 10.13 o clássico pronunciamento do Novo Testamento sobre isso.

Finalmente, aprendamos ainda desse prólogo que *os olhos de Deus estão sempre sobre seu povo, especialmente nos períodos de tribulação.* A pergunta

de Deus a Satanás foi: "Puseste o coração contra o meu servo Jó ...?". A própria pergunta indica que Deus também pensava em Jó. Note como Ele especifica Jó pelo nome, detém-se no caráter santo de Jó, louva sua piedade e demonstra especial estima por ele chamando-o de "meu servo". O mesmo acontece com *todos* os Jós de Deus. Isso nos lembra as palavras de Lowell:

O grande vingador não parece ter cuidados,
As páginas da história só registram
Uma luta de morte na escuridão,
Entre os velhos sistemas e a Palavra;
A verdade para sempre no cadafalso,
O erro para sempre no trono;
Todavia esse patíbulo influencia o futuro,
E por trás da escuridão escondido
Deus se encontra dentro das sombras,
Vigilante sobre os que são seus.

Teoria alternativa

Talvez devamos mencionar aqui que existe uma teoria alternativa referente aos "filhos de Deus" que foram "apresentar-se perante o Senhor" em Jó 1.6 e 2.1. Alguns afirmam não se tratar de anjos, mas dos *homens piedosos* daquela época. Devemos lembrar a antigüidade dO Livro de Jó. A linguagem, o tom, o estilo, as maneiras, os costumes, as instituições e o modo de vida em geral descritos nele – tudo indica que pertence ao período patriarcal, talvez antes do êxodo. Naqueles dias, Deus se revelava bem mais de forma visível aos homens do que o fez posteriormente; e argumenta-se que a presença desses "filhos de Deus" diante do Senhor era a reunião dos patriarcas no lugar da manifestação divina, com o propósito de adorar. Por exemplo, o Sr. George Rapkin, em seu livro sobre Gênesis, afirma:

Encontramos nO Livro de Jó a seguinte declaração feita em 1.6 e 2.1: "... os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor". A expressão usada aqui para "filhos de Deus" é a mesma do hebraico

em Gênesis 6.2, a saber, *beni ha Elohim.* Os eruditos concluíram que Moisés foi o autor dO Livro de Jó, e que ele [Jó] viveu no período patriarcal, provavelmente antes do dilúvio. Surge de novo a expressão "perante o Senhor". Pode-se supor então que os anjos nem sempre estejam na sua presença? Mas esses *beni ha Elohim* não estavam sempre ali, vindo em certas ocasiões com esse propósito.

A história de Jó começa com um relato a respeito de um pai dedicado, que oferecia sacrifícios quando sabia que seus filhos estavam festejando, caso tivessem blasfemado contra Deus. A seguir vem o dia de comparecer perante Deus e de Satanás obter permissão para provar o pai.

Os "filhos de Deus" eram os homens santos da época que iam adorar na presença do Senhor. Eles se colocavam diante de Deus, da mesma forma que Davi mais tarde pediu à congregação que fizesse, ao suplicar que dessem graças. Comparecer diante do Senhor e entrar na Sua presença não impressiona tanto quando vemos a Bíblia falando de homens e congregações que faziam isso. É dito que Ninrode foi um "valente caçador diante do Senhor" mas não forçamos nossa imaginação a ponto de dizer que ele deve ter sido um anjo. Por outro lado, Jó e seus filhos, com outros homens justos, eram os filhos de Deus que se apresentavam diante do Senhor para o ato de adoração e sacrifício; o pai atuava então como cabeça ou sacerdote da família nesse ritual.

O Sr. Rapkin não está de forma alguma sozinho nesse ponto de vista. É surpreendente o quanto pode ser dito a seu favor. Como comentamos, O Livro de Jó é talvez o mais antigo da Bíblia, remontando aos tempos primitivos em que parece ter havido manifestações visíveis e constantes da presença divina entre os homens no momento da adoração. Esses filhos de Deus em Jó compareceram "perante o Senhor", e foi dessa presença que Satanás saiu. Trata-se da mesma expressão usada em Gênesis 4.16, onde lemos que "Retirou-se Caim da presença do SENHOR"; e é também a expressão encontrada em Jonas, que fugiu "da presença do SENHOR" (Jn 1.3, 10).

Ninguém diria que Caim ou Jonas estavam saindo de uma audiência com Deus *no céu*! Ambos estavam, com certeza, na terra e saíram da presença visível de Deus na terra. (O que aliás desmente os que

estupidamente afirmam ter Jonas pensado poder escapar da presença *geral* de Deus. As próprias palavras de Jonas no versículo 9 deveriam ter-lhes provado o contrário.) Assim também, conforme dizem, os "filhos de Deus" em Jó não eram anjos comparecendo diante de Deus *no céu*, mas homens piedosos reunindo-se diante dEle *na terra.*

Argumenta-se ainda que esses "filhos de Deus" em Jó compareceram *voluntariamente* à presença de Deus, já que a passagem diz que eles vieram *apresentar-se* diante dEle. Outros afirmam que se apresentaram perante *"Jeová"*, que é um nome especial para Deus em relação ao *homem.* Existem também vários outros argumentos.

Depois de um estudo cuidadoso, nós nos inclinamos em direção ao ponto de vista mais comum do prólogo. Mas o fato crucial, qualquer que seja nossa opinião, é que houve *uma conversação real entre Satanás e Deus com respeito a Jó*, na qual está a origem e a explicação de sua terrível provação, sem que Jó e seus amigos suspeitassem disso.

O LIVRO DE JÓ (3)

Lição Nº 54

NOTA: Leia, para esta lição, do capítulo 3 ao 31 (de preferência em uma radução em que o paralelismo poético seja mostrado). Mas antes da releitura, leia o estudo que segue e depois os capítulos, verificando neles o que dissemos em nossos resumos sobre os discursos de Elifaz, Bildade e Zofar.

Descansa, ó alma: eis o Senhor ao lado;
Paciente leva, e sem queixar-te, a cruz.
Deixa o Senhor tomar de ti cuidado:
Ele não muda, o teu fiel Jesus!
Prossegue, ó alma: o Amigo celestial
Protegerá teus passos no espinhal!

Prossegue, ó alma: o trilho é estreito e escuro,
Mas no passado Deus guiou-te assim!
Confia agora a Deus o teu futuro,
Que esse mistério há de aclarar-se enfim.
Confia, ó alma: a Sua mansa voz
Ainda acalma o vento e o mar feroz!

KATHERINE VON SCHLEGEL

O LIVRO DE JÓ (3)

O DIÁLOGO

CHEGAMOS agora à parte principal do livro, isto é, ao diálogo ou debate poético que se desenvolve à nossa frente de uma forma dramática, em sucessivos turnos ou tríades. Há seis interlocutores: Jó, os três amigos, um homem mais jovem chamado Eliú e Deus.

O problema central é: por que Jó sofre? Isto envolve necessariamente a questão do sofrimento humano como um todo. Os três amigos de Jó tentam interpretar o caso particular dele segundo seus conceitos da providência em geral. Os resultados são bastante insatisfatórios. Então, quando surge um impasse patético, Eliú repentinamente fala e com cautela expõe pelo menos uma sugestão importante que fora ignorada até àquela altura. As trevas profundas, porém, continuam. Finalmente, a voz de Deus se faz ouvir vindo de uma tempestade, o que leva a discussão a um majestoso mas inesperado clímax.

Se quisermos apreciar a mensagem viva desse antigo diálogo dramático, há duas importantes coisas a serem feitas: primeiro, é preciso entender a essência da discussão em si; segundo, devemos observar o notável processo que envolve o sofredor Jó. Qual é então o significado central da discussão? Poderemos entendê-lo mais rapidamente se observarmos os outros oradores e seus respectivos pontos de vista e não os discursos de Jó.

Vejamos primeiros os três amigos de Jó: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita. No debate, eles falam um após outro, na ordem em que os citamos aqui, possivelmente por ser essa a ordem de idade (embora com certeza todos fossem homens idosos – veja 32.6). Eles vieram de muito longe para consolar Jó (2.11-13), mas, à medida que o diálogo se desenrola, porém, suas condolências transformam-se em condenação, e o sofrimento de Jó agrava-se chegando a um ponto quase insuportável. Qual é então a filosofia e o argumento desses homens?

Elifaz

Em primeiro lugar, vamos rever rapidamente os três discursos de Elifaz, o mais velho e mais sábio. Um leitor atento logo notará a peculiariedade que distingue Elifaz de Bildade e Zofar, a saber, o fato de que apóia sua filosofia de vida sobre uma base dupla: *a*) a observação geral e *b*) uma suposta iluminação espiritual especial. Quanto à primeira, veja a repetição do verbo "ver" em 4.8, 5.3, 27 e 15.17. Com relação à segunda, veja sua referência a uma visão secreta, em 4.12-16, e a uma sabedoria especial transmitida por seus predecessores temanitas, em 15.17, 18. Em suma, podemos dizer que Elifaz baseia seu argumento na EXPERIÊNCIA.

Suas três falas podem ser facilmente resumidas. A primeira abrange os capítulos 4 e 5, dividindo-se em quatro partes. Nos versículos iniciais ele louva a piedade anterior de Jó (4.3-7). A seguir, na parte principal da fala, declara o que aprendeu pela observação (4.8-5.7), ou seja, que o sofrimento é sempre o resultado direto do pecado, consistindo no juízo de Deus. Depois disso, confessa qual seria sua reação piedosa caso estivesse na mesma situação que Jó (5.8-16). Finalmente, ele aplica toda a argumentação a Jó num apelo poeticamente notável que começa assim: "Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina" (5.17-27).

Sua segunda fala está no capítulo 15. Seu tom é muito mais severo e bem mais curto do que o primeiro. Quanto ao conteúdo, não há avanço com relação ao primeiro. Compõe-se de duas partes. Do versículo 2 ao 16 há uma repreensão venerável. Do 17 ao 35 há uma declaração ainda mais insistente sobre aquilo que "viu" e aprendeu.

Sua terceira fala ocupa o capítulo 22. Novamente não há qualquer avanço no argumento. Continua com a mesma teoria anterior, baseada no corolário de que Jó deve ter pecado. Divide-se em três partes. Do versículo 1 ao 9 ele condena Jó diretamente, em especial do 5 ao 9, onde contradiz com clareza sua própria menção favorável a Jó na primeira fala. A seguir, do versículo 10 ao 20, expõe sua conclusão inflexível sobre Jó, começando com o inconfundível "Por isso...". Jó é na verdade um hipócrita (veja o versículo 13). Finalmente, do versículo 21 ao 30, lemos o último apelo de Elifaz, começando com: "Reconcilia-te, pois, com ele, e tem paz...".

Eis, portanto, a análise de Elifaz. Esse homem e seus conceitos podem ser resumidos como segue:

1. Apóia sua filosofia de vida especialmente nas próprias observações e experiência (4.8, 12; 5.3);
2. Está preso a uma teoria fixa, com uma visão da providência por demais limitada e rígida (5.3-7, 12-16; 15.20-35).
3. Essa teoria rígida e inadequada está expressa de modo especial em 4.7, no início de sua primeira fala: "Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente? e onde foram os retos destruídos?".
4. Esse ponto de vista, como aplicado a Jó, encontra seu foco em 5.17: "Bem-aventurado é o homem a quem Deus disciplina; não desprezes, pois, a disciplina do Todo-poderoso". *Jó sofre por ter pecado.*

Bildade

Vejamos agora as falas de Bildade. Elas ocorrem nos capítulos 8, 18 e 25, respectivamente, e não têm o mesmo aspecto de cortesia que os de Elifaz. Bildade é um declamador direto e não um argumentador reflexivo. Sua fala de abertura é bem mais severa que a de Elifaz, embora isso talvez se deva ao fato de Jó já haver pronunciado sua primeira resposta a Elifaz antes de Bildade falar.

Ao contrário de Elifaz, que apóia sua filosofia de vida sobre a observação e as experiência pessoais, Bildade baseia-se na *tradição*. Veja 8.8-10. Veja também o capítulo 18, onde praticamente toda sua fala (vv. 5-20) parece ser apenas uma lista de máximas ou provérbios tradicionais extraídos da "sabedoria" dos *Beni Kedem* (ou "de todos do Oriente" — 1 Reis 4.30). Em Bildade, portanto, temos a voz da TRADIÇÃO.

Suas três falas podem ser facilmente resumidas. A primeira é um apelo; a segunda, uma repreensão; e a terceira, uma fuga. Aparecem nos capítulos 8, 18 e 25.

A primeira acha-se no capítulo 8, estando dividido em três partes. Do versículo 2 ao 7 um apelo às *ocorrências*, isto é, às mortes repentinas dos filhos de Jó indicando juízo divino sobre eles devido ao pecado (v.4) e aos outros problemas de Jó indicando que ele não pode ser "puro e reto" (vv. 5, 6). Note os três "ses" nos versículos 4, 5 e 6 marcando o raciocínio de Bildade com base nessas ocorrências. A seguir, do versículo 8 ao 19, a parte principal da fala, vemos um apelo à *tradição*. Finalmente, do versículo 20

ao 22 há um apelo à própria inteligência de Jó, cujo ponto alto é: "... Deus não rejeita ao íntegro" (v. 20) e, portanto, "Ele te encherá a boca de riso" (v. 21), se *tu* fores um desses.

A segunda fala de Bildade encontra-se no capítulo 18. Em termos de argumento, não progride em nada, constituindo uma simples confirmação de forma mais violenta. Não há, na verdade, *raciocínio* algum, limitando-se a uma citação de provérbios. É uma censura composta de duas partes. Do versículo 1 ao 4 temos uma censura na forma de perguntas pessoais indignadas, do 5 ao 21 há uma censura na forma de máximas morais tradicionais. Note a determinada expressão "na verdade" no início e no fim dessa segunda parte (vv. 5 e 21).

A terceira fala de Bildade está no capítulo 25, que tem apenas seis versículos. Não passa de alguns pares de frases pomposas, e é na verdade uma fuga. Ela esquiva-se completamente da provocação anterior de Jó (24) quanto ao fato de serem os perversos e não os justos que em geral prosperam. Apenas toca de novo em dois tópicos já esgotados: a majestosa santidade de Deus (vv. 2, 3) e a pecaminosidade do homem (vv. 4-6). Suas palavras finais – "... as estrelas não são puras aos olhos dele. Quanto menos o homem..." – não passam de uma evasiva banal aplicada a Jó, pois este jamais afirmou não ter pecado, mas apenas que seus pecados não eram tais que justificassem seu sofrimento.

Estas são, portanto, as contribuições de Bildade. Podemos descrever esse homem e seus conceitos de forma condensada, como segue:

1. Sua perspectiva de vida é caracterizada e limitada pela tradição (8.8, 18.5-20).
2. Como Elifaz, está preso a uma visão muito rígida da providência (8.11-19, 18.5 *etc.*).
3. Essa teoria limitada encontra expressão em 8.20: "Eis que Deus não rejeita ao íntegro, nem toma pela mão os malfeitores".
4. Essa teoria, aplicada a Jó, tem seu foco em 8.6: "... se fores puro e reto, ele, sem demora, despertará em teu favor...". *Jó é hipócrita.*

Zofar

O que dizer agora sobre Zofar? A não ser que os capítulos 27 (a partir do versículo 7) e 28 sejam atribuídos a ele, como pensam alguns eruditos, ele fala apenas duas vezes em todo o debate, pois no terceiro turno seu lugar é tomado por Eliú. As duas falas ocorrem nos capítulos 11 e 20. Zofar é menos delicado e mais drástico que Elifaz e Bildade. Em parte, isso pode ser devido ao fato de que, quando Zofar entrou na discussão, Jó já havia respondido aos outros dois, contradizendo suas filosofias e sustentando sua inocência com crescente firmeza. As primeiras palavras de Zofar indicam que ele já se sente irritado (11.2, 3).

Zofar, como os outros dois, tem um aspecto distinto. Elifaz, como vimos, baseia seu ponto de vista na observação e na experiência. Bildade apóia-se na tradição. Mas Zofar contenta-se com alguma simples SUPOSIÇÃO. Existe pelo menos uma dedução racional em Elifaz e ortodoxia inteligente em Bildade, mas Zofar presume e expõe com uma firmeza que tornaria pecado até mesmo a ousadia de Jó de divergir. Ele é um dogmatista puro. Do começo ao fim, suas falas não possuem nenhum indício de *raciocínio*, nem sequer dos "eu vi" de Elifaz ou dos "pergunta agora a gerações passadas" de Bildade. A palavra de Zofar é um dogmático "Sabe, portanto". Ocorre em suas duas falas e, em ambos os casos, logo no início de sua proposição principal. Veja 11.6 e 20.4 (o último destes trata-se de uma pergunta em nossa tradução portuguesa, mas no hebraico é simplesmente "sabe tu").

A primeira fala de Zofar (11) tem três partes. Do versículo 1 ao 6 vemos *uma condenação de Jó* – por verbosidade (v. 2), presunção (vv. 3, 4) pecado (vv. 5, 6). A seguir, do 7 ao 12 há *uma justificação de Deus* – como estando acima da compreensão humana (vv. 7-9), acima da interferência humana (v. 10) e acima do engano e da fuga humana (vv. 11, 12). Finalmente, do versículo 13 ao 20 vemos *uma advertência para o arrependimento* – as alternativas sendo arrependimento e restauração (vv. 13-19) ou impenitência e morte (v. 20).

A segunda fala de Zofar encontra-se no capítulo 20. Ela é inteiramente uma veemente mas disfarçada denúncia de Jó como um malfeitor e hipócrita que está sendo castigado. O discurso se divide em três partes. Do versículo 1 ao 3 temos a *introdução*, *i.e.*, Zofar sente-se provocado. Do 4 ao 28 temos a *proposição*, *i.e.*, a prosperidade dos perversos é de curta

duração. Finalmente, no versículo 29 vemos a *aplicação*, *i.e.*, Jó deve aceitar seu sofrimento como sendo a parte do "*perverso*".

Podemos resumir Zofar e seus conceitos da seguinte maneira:

1. É um dogmatista religioso (11.6, 20.4).
2. Do mesmo modo que Elifaz e Bildade, é mentalmente limitado por uma visão excessivamente rígida da providência (11.13-20, 20.5 *etc.*).
3. Seu dogmatismo limitado encontra expressão em 20.5: "... o júbilo dos perversos é breve..."
4. A teoria, quando aplicada a Jó, está em 11.6: "... Sabe, portanto, que Deus permite seja esquecida parte da tua iniqüidade".

Os três amigos comparados e contrastados

Compare e contraste esses três homens. Veja primeiro os aspectos diferentes. Elifaz apóia sua visão das coisas na *observação*, Bildade, na *tradição* e Zofar, na *suposição*. Elifaz é o *moralista* religioso; Bildade, o *legalista* religioso e Zofar o *dogmatista* religioso. Elifaz é o *apologista*; Bildade, o *conferencista* e Zofar, o *intolerante* — está cheio de convicções, mas são apenas suposições, não conclusões refletidas. De um modo superficial, temos em Elifaz a voz da filosofia, em Bildade a voz da história e em Zofar a voz da ortodoxia. Mas nenhum deles é capaz de dar uma resposta satisfatória para um problema como o de Jó. Talvez esses homens possam ser representados pelas palavras "SE", "DEVE e "É". Elifaz defende a hipotética idéia de que *se* Jó não fosse pecador, sua dificuldade não teria surgido. Bildade adota a posição de inferência de que Jó *deve* ser pecador, uma vez que a dificuldade realmente veio. Zofar começa com a suposição de que Jó *é* pecador e merece sua aflição.

Vejamos agora os pontos semelhantes. 1) Os três homens parecem defender uma mesma teoria fixa de vida, *i.e.*, que o sofrimento é sempre o resultado direto do pecado e que o favor ou desfavor divino se evidencia pela prosperidade material ou adversidade do homem. 2) Todos eles, portanto, possuem um conceito por demais estreito e rígido da providência; todavia, estão tão certos de que seu ponto de vista está correto que consideram a resistência a ele como resistência a Deus. Veja 11.5, por exemplo. 3) Todos querem provar que a bondade e a

perversidade são sempre recompensadas e punidas *nesta vida*: todos silenciam quanto ao destino humano e a retribuição divina numa vida além desta. Sua filosofia e sua doutrina não têm um horizonte além desta terra. 4) Do ponto de vista do argumento, os três são absolutamente estáticos. Embora haja um desenvolvimento no modo de pensar do próprio Jó, não há avanço algum por parte desses três "amigos", exceto na *expressão* de seus conceitos. 5) Nenhum deles consegue dar uma resposta real ou convincente a Jó, como reconhecem os que assistem ao debate. Veja 32.3, 5, 11, 12. 6) Todos condenam Jó, pois, na filosofia deles, devem justificar Jó às custas de Deus ou justificar Deus às de Jó e, compreensivelmente, escolhem a última alternativa (32.3).

Jó contra os três

No que se refere à mera argumentação, Jó sem dúvida é o melhor. É certo que ele dá espaço, aqui e ali, a pronunciamentos impetuosos e temerários que depois lamenta e confessa terem sido precipitados, mas estes foram simplesmente foram extraídos dele em momentos de terrível tensão, quando, além de seu já extremo sofrimento mental e físico, foi levado à ira pela injustiça obstinada e pela verdadeira falta de solidariedade por parte dos três que se diziam solidários.

Jó está sofrendo demais para desejar apenas vencer uma discussão. Preferiria perder a disputa, se com isso pudesse chegar à verdade. Todavia, é justamente esse sofrimento que dá um realismo à sua argumentação e questionamento, os quais não se acham nas falas de Elifaz, Bildade e Zofar, não podendo eles refutá-los.

Faça um retrospecto dos três turnos do diálogo. No primeiro, os três amigos se unem no conceito de que Deus sempre faz prosperar os retos e castiga os perversos. Jó responde que sua própria experiência prova que o argumento deles é infundado, pois ele é reto e ainda assim está sendo afligido.

No segundo turno, Elifaz insiste que *apenas* o perverso sofre. Bildade insiste que o perverso *sempre* sofre. Zofar insiste que qualquer aparente prosperidade do perverso é de *curta duração*. Jó responde a cada um deles. A observação mostra que *não* é só o perverso que sofre — o justo também sofre. Nem o perverso sofre *sempre* — muitos parecem escapar disso. A

prosperidade do perverso não é, também, sempre curta, pois muitas vezes continua até a morte e estende-se aos filhos que ficam.

No terceiro turno, Elifaz simplesmente repete a velha teoria, embora com mais veemência. Bildade a confirma, mas apenas com umas poucas evasivas banais. A resposta de Jó é um protesto de inocência longo e solenemente ardoroso. Zofar silencia.

A discussão se esgota assim num verdadeiro impasse, e existe um significado interessante nesse fato. Foi observado que esse debate histórico nO Livro de Jó é "o primeiro registro de um confronto entre uma nova experiência e uma crença ortodoxa estabelecida". Trata-se da "primeira colisão violenta" entre um novo fato da experiência e o credo aceito, que "não é amplo para cobri-lo". A fórmula ortodoxa dos três de um lado e a experiência de Jó do outro eram simplesmente incompatíveis. Jó sabia que embora fosse pecador, como todos os homens o são) fora conscientemente reto segundo a luz que havia recebido, sendo absolutamente sincero em seus protestos perante os três amigos. Sentia, portanto (como muitos de nós talvez sentimos em outras situações), que nenhum credo pode ser verdadeiro ou adequado se estiver em contradição com aquilo que é mais profundo, autêntico e natural em nossa constituição humana. O veredicto do próprio Deus é dado mais tarde a favor de Jó. Assim, o livro faz-nos ver que a experiência é um fator essencial na interpretação da verdade revelada.

É o que basta dizer, portanto, acerca do intercâmbio entre Jó e o trio. A discussão é interrompida de maneira inconclusiva e decepcionante. Mas duas outras vozes levantam-se agora no debate, levando-o a um final majestoso. Examiná-las-emos em nossos dois próximos estudos.

O LIVRO DE JÓ (4)

Lição Nº 55

NOTA: Leia o discurso de Eliú do capítulo 32 ao 37. A seguir, leia esta interpretação do texto e repasse a fala, verificando nossa interpretação.

Nem sempre entre as horas ocupadas
Da vida as verdades mais profundas se aprendem;
Nem sempre entre as lutas barulhentas
Se discerne a voz do Espírito.
Nem é nos lugares onde as multidões se reúnem,
Onde os cuidados se chocam,
Mas nos espaços solitários da vida,
Que Deus fala em soledade.

A solidão da doença –
O isolamento, com sua tristeza que paira muitas vezes,
Sua quietude predestinada,
Para ouvir a voz do céu.
Velhice – isolamento triste
Quando os amigos de antes se foram,
Em geral traz maior revelação
DAquele que permanece.

As privações que afligem –
Cegueira, surdez, fraqueza física,
Ah, separação penosa
para as horas solitárias, de provação!
A solidão quando o coração se rompe,
E nada na terra pode ajudar;
Ah, mais do que tudo Deus fala
Nas solitudes como essas.

A vocação solitária do profeta,
Atendendo a um chamado celestial,
O distante posto missionário –
Eles trazem sua solidão.
Lugares de tristeza triplamente benditos,
Onde sozinhos e tristonhos lentamente caminhamos!
Pois nos lugares mais solitários da vida
É que mais encontramos – DEUS.

J.S.B

O LIVRO DE JÓ (4)

Uma nova voz — Eliú

O ÚLTIMO versículo do capítulo 31 marca uma interrupção importante: "... Fim das palavras de Jó". O capítulo 32 introduz a arenga de um novo interlocutor, Eliú. É um homem bem mais jovem que os outros (v.6). Com certeza, ouviu toda a discussão e manteve-se em silêncio em respeito aos mais velhos (vv. 4, 6 e 7). Agora, porém, ao ouvir Jó justificando-se obstinadamente enquanto o trio o condena cada vez mais sem conseguir responder-lhe, Eliú não consegue mais ficar mordendo os lábios de raiva, sem nada declarar. É preciso que fale (vv. 2, 3 e 5), e começa sua fala numa disposição de "Eliú em ação". No entanto, o socorro não é tão fácil quanto supusera, embora certamente contribua com uma correção valiosa para o debate. Um aspecto do problema foi esquecido, e é para ele que o nosso novo orador chama atenção.

A fala de Eliú, ocupando nada menos que seis capítulos, tem sido muito criticada como um palavrório de um jovem vaidoso, em tom desrespeitoso e não acrescentando ao argumento. Uma leitura mais cuidadosa refuta este juízo errôneo e pouco amável. Trata-se do discurso mais cortês do debate e, sem dúvida, supera os precedentes em seu discernimento espiritual, desenvolvendo-se em um nível superior aos de Elifaz, Bildade e Zofar. Em relação ao problema em questão, o mais importante é que são introduzidos três novos fatores. Primeiro, há uma nova *abordagem*. Segundo, há uma nova *resposta*. Terceiro, há um novo *apelo*.

Uma nova abordagem

Eliú aceita a afirmação de Jó de que qualquer sabedoria verdadeira no homem só vem por inspiração de Deus, mas está convencido de que tal sabedoria não é dada apenas aos mais velhos (32.9). Existe um "espírito no homem" capaz de receber inspiração (v.8), e Eliú acredita que ele próprio está agora recebendo tal inspiração (33.4, 36.2-4). Mais ainda, Eliú se julga inspirado o suficiente para poder cumprir o desejo de Jó de

conseguir um árbitro a quem pudesse apresentar sua defesa, alguém para atuar entre ele e Deus. Em patético desespero, Jó lamentara a falta de tal árbitro (9.33) e sua própria incapacidade de obter uma entrevista com Deus (33.3-7); e, aliás, suas últimas palavras antes de Eliú entrar em cena foram:

> Oxalá eu tivesse quem me ouvisse! Eis aqui a minha defesa assinada! Que o Todo-poderoso me responda! Que o meu adversário escreva a sua acusação! Por certo que a levaria sobre o meu ombro, atá-la-ia sobre mim como coroa; mostrar-lhe-ia o número dos meus passos; como príncipe me chegaria a ele (31.35-37).

Elíu se supõe de tal forma inspirado que poderá ser a resposta ao desejo de Jó. Observe suas notáveis palavras em 33.6:

> Eis que diante de Deus sou como tu és; também eu sou formado de barro.

Eliú reivindica então uma inspiração especial de Deus, e ainda pode tomar o partido de Jó porque também é feito de barro. Essa é uma abordagem bem diferente da de Elifaz, Bildade e Zofar com sua filosofia inflexível, tratando do problema do Jó como espectadores sem ligação com ele. *Eles* quiseram servir de *juízes*; enquanto Eliú quis ser *irmão*. Sua vontade era sentar-se com Jó na comunhão da solidariedade humana, mas ao mesmo tempo falando a verdade autêntica da parte de *Deus*. Essa é a nova abordagem.

Uma nova resposta

A resposta de Eliú completa-se nos capítulos 36 e 37, mas verifique primeiro o que leva a esse ponto, do capítulo 33 ao 35.

Deus é maior do que o homem e, portanto, este não tem direito nem autoridade para exigir uma explicação dEle (33.12, 13). Algumas coisas que Deus faz necessariamente têm de ser incompreensíveis para o homem. Todavia, Deus *realmente* fala aos seres humanos, caso Lhe dêem ouvidos (vv. 14-16), com a finalidade de guardá-los e socorrê-los (vv. 17, 18). Além disso, Deus não só fala, mas também *disciplina* (vv. 19-22), isto

se houver pelo menos alguém que interprete, sempre com o propósito de curar e restaurar os homens (vv. 23-28). Isso vem ao encontro das próprias experiências pelas quais Jó estava passando. O que lhe faltava era um intérprete, e parece claro que Eliú se considerasse a pessoa adequada (vv. 29-33). O sofrimento de Jó é *instrutivo*. Deus o está preparando para algum fim maior, e isso se encontra no capítulo 33, sem dúvida atingindo um nível mais alto do que as outras falas.

Segue então, no capítulo 34, o argumento de que o governo de Deus, além de soberano e gracioso (como no capítulo 33), deve ser necessariamente justo e imparcial (vv. 10-19). Ele também é perfeito em discernimento (v. 23), o que torna absolutamente supérflua a exigência de uma entrevista com Deus para que Jó pudesse apresentar sua defesa (v. 23). Deus conhece todos os fatos. Um julgamento especial é desnecessário. Alguns dos atos de Deus parecem misteriosos (vv. 24-26) justamente por isso. Todavia, sempre há um bom propósito moral (vv. 27-30).

Assim, Eliú chega ao desenvolvimento final de sua resposta a Jó, nos capítulos 36 e 37. *O que* torna sua resposta inédita e distinta? Isto: ele vê no sofrimento um propósito diferente e superior àquele observado por Elifaz, Bildade e Zofar. Para Eliú, há uma finalidade maior e muito mais espiritual. Os outros oradores se prenderam à teoria de que o sofrimento é, necessariamente, o castigo de algum pecado anterior. Eliú vai além, buscando um sentido mais autêntico e amplo. O sofrimento não é exclusivamente punitivo, mas também *corretivo*. Não é apenas penal, é *moral*. Não vem somente para castigar, mas também para *restaurar* o homem. Não vem sempre para punir, mas também para *purificar*. Não é apenas a vara do juiz; muitas vezes é o cajado do pastor.

Veja como essa nova interpretação de Eliú percorre sua fala, alcançando plena expressão nos capítulos 36 e 37. Observe como por meio do sofrimento o homem é apartado, castigado e restituído.

APARTADO

... então [Deus] lhes abre os ouvidos,
e lhes sela a sua instrução,
para *apartar o homem do seu [mau] desígnio*
e livrá-lo da soberba;

para guardar a sua alma da cova,
e a sua vida de passar pela espada.
(33.16-18)

CASTIGADO

Também no seu leito é *castigado* com dores,
com incessante contenda nos seus ossos;
de modo que a vida abomina o pão,
e a sua alma a comida apetecível.
(33.19, 20)

RESTITUÍDO

Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares,
para declarar ao homem o que lhe convém,
então Deus terá misericórdia dele,
e dirá ao anjo:
Redime-o, para que não desça à cova;
achei resgate.
Sua carne se robustecerá com o vigor da sua infância,
e ele tornará aos dias da sua juventude.
Deveras orará a Deus, que lhe será propício;
ele, com júbilo, verá a face de Deus,
e este lhe restituirá a sua justiça.
Cantará diante dos homens, e dirá:
Pequei, perverti o direito,
e não fui punido segundo merecia.
Deus redimiu a minha alma de ir para a cova;
e a minha vida verá a luz.
(33.23-28)

Antes de terminar a primeira parte de sua fala, fazendo uma pausa para dar oportunidade a Jó de fazer algum comentário (vv. 31-33), Eliú fecha esses três aspectos do sofrimento com uma repetição resumida:

Eis que tudo isto é obra de Deus,
duas e três vezes para com o homem,
para reconduzir da cova a sua alma,
e o alumiar com a luz dos viventes.

A seguir, no capítulo 34, Eliú continua argumentando que, ao afligir assim os homens, Deus age com absoluta justiça, imparcialidade e discernimento.

... Longe de Deus o praticar ele a perversidade,
e do Todo-poderoso o cometer injustiça.

[...]

Acaso governaria o que aborrecesse o direito?
E quererás tu [Jó] condenar aquele [Deus] que
é justo e poderoso?
Dir-se-á a um rei: Oh! vil?
ou aos príncipes: Oh! perversos?
Quanto menos àquele, que não faz acepção
das pessoas de príncipes,
nem estima ao rico mais do que ao pobre;
porque todos são obra de suas mãos."
(vv. 10,17-19)

Os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem,
e vêem todos os seus passos.
Não há trevas nem sombra assaz profunda,
onde se escondam os que obram a iniqüidade.
Pois Deus não precisa observar por muito tempo o homem
antes de o fazer ir a juízo perante ele [*i.e.*, como Jó queria fazer].
(vv. 21-23)

Eliú alega então que, com base nesse princípio, a aflição recai até sobre os poderosos da terra, só podendo chegar ao ponto de completa destruição quando há rejeição de Deus.

Quebranta os fortes, sem os inquerir,
e põe outros em seu lugar.
(v. 24)

... porque dele se desviaram
e não quiseram *compreender* nenhum de seus caminhos.
(v. 27)

Se houvesse arrependimento por parte de qualquer uma dessas pessoas, o resultado teria sido diferente. Mas todos os que pereceram tinham-se recusado a aprender por meio da aflição.

Se alguém [dentre eles] diz a Deus:
Sofri, não pecarei mais;
o que não vejo, ensina-mo tu;
se cometi injustiça, jamais a tornarei a praticar.
(vv. 31, 32)

Em seguida, Eliú volta-se para Jó e pergunta-lhe se, em vista de tudo isso, considera-se mais qualificado que Deus para decidir tal recompensa.

... acaso deve ele [Deus] recompensar-te segundo tu queres, ou não queres?
Acaso deve ele dizer-te: Escolhe tu, e não eu;
declara o que sabes [*i.e.*, melhor do que Deus], fala?
(v. 33)

Essa é uma sugestão para Jó submeter-se à disciplina divina como castigo para um fim proveitoso, em vez de ficar rebelando-se todo o tempo contra ela como se fosse uma punição injusta. Deus está tentando ensinar algo a Jó, e o sofrimento está sendo prolongado pela insubmissão ressentida de Jó.

No capítulo 35, Eliú continua seu discurso dizendo que os apelos e protestos feitos por Jó a Deus não são reconhecidos por não terem a motivação certa. Muitos outros continuam sofrendo pela mesma razão. Leia os versículos 9-12, que culminam com:

Clamam, porém ele não responde,
por causa da arrogância dos maus.

Quanto ao próprio Jó, como *ele* pode esperar alguma resposta ou explicação de Deus quando insiste no fato de que o Senhor não pode sequer ser encontrado ou alcançado, e que lhe trata como a um inimigo?

Só gritos vazios Deus não ouvirá,
nem atentará para eles o Todo-poderoso.
Ainda que dizes que não o vês (Jó),
a tua causa está diante dele...
(35.13, 14)

Nos capítulos 36 e 37, Eliú leva sua teoria a uma expressão final. Mais uma vez ressalta que a aflição, em vez de um juízo, muitas vezes é uma cura.

Eis que Deus é mui grande, contudo a ninguém despreza;
é grande na força da sua compreensão.
Não poupa a vida ao perverso,
mas faz justiça aos aflitos.
Dos justos não tira os seus olhos;
antes com os reis no trono
os assenta para sempre, e são exaltados.
Se estão presos em grilhões,
e amarrados com cordas de aflição,
ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões,
e que se houveram com soberba.
Abre-lhes também os ouvidos para a instrução,
e manda-lhes que se convertam da iniqüidade.
Se o ouvirem e o servirem,
acabarão seus dias em felicidade,
e os seus anos em delícias.
Porém se não o ouvirem,
serão traspassados pela lança,
e morrerão na sua cegueira.
(36.5-12)

Isso é repetido mais tarde, aplicando-se diretamente ao caso de Jó:

Ao aflito livra *por meio* da sua aflição,
e pela opressão lhe abre os ouvidos.
Assim também procura tirar-*te* das fauces da angústia
para um lugar espaçoso, em que não há aperto...
(vv. 15, 16)

Como Eliú agora se queixa, porém, Jó, em vez de aprender pela aflição, se enche "do juízo do perverso" (*i. e.*, mostra para com Deus a mesma atitude do perverso). Essa é a razão pela qual o juízo divino *ainda* o aflige (v. 17). Eliú adverte Jó de que sua aflição pode até levá-lo à morte se não houver mudança em sua disposição mental:

Guarda-te, pois, de que a ira não
te induza a escarnecer,
nem te desvie a grande quantia do resgate.
Estimaria ele as tuas lamúrias e todos os teus grandes esforços,
para que te vejas livre da tua angústia?

[...]

Guarda-te, não te inclines para a iniqüidade;
pois isso [*i. e.*, murmurar] preferes à [submissão à]
tua miséria.
(vv. 18-21)

Por último, no versículo 26 e seguindo até o capítulo 37, Eliú faz com que sua fala alcance um dramático e poético clímax, referindo-se a uma tempestade que se aproxima e que ele descreve vividamente, usando-a para ilustrar sua tese, a qual seja, que a aflição é tanto instrutiva quanto vingativa e disciplinar tanto quanto destrutiva.

Também de umidade carrega as densas nuvens,
nuvens que espargem os relâmpagos.
Então elas, segundo o rumo que ele dá,
se espalham para uma e outra direção,

para fazerem tudo o que lhes ordena
sobre a redondeza da terra.
E tudo isso faz ele vir para disciplina,
se convém à terra, ou para exercer
a sua misericórdia.
(37.11-13)

Um novo apelo

Assim, essa foi a nova resposta de Eliú. Demos-lhe muito mais espaço do que tencionávamos a princípio, mas talvez não devamos lamentar tê-lo feito, pois é importante ver claramente o aspecto especial dessa resposta (que muitos leitores estranhamente parecem não notar) e qualquer redução de nossas citações teria sido prejudicial à clareza de nossa apresentação da resposta.

Note agora o novo *apelo* que acompanha a nova abordagem e a nova resposta de Eliú. O apelo de Elifaz, Bildade e Zofar (caso possa ser chamado de "apelo") resumia-se na verdade em: "Admita o fato e deixe de ser hipócrita". O apelo de Eliú não contém absolutamente nada nesse sentido. É um chamado para uma nova postura em Jó com respeito à sua aflição. Elifaz, Bildade e Zofar insistiram em falar sobre um suposto comportamento pecaminoso *do passado*. Eliú preocupa-se com uma postura errada *do presente*. Ele não discute se Jó cometeu algum pecado grave anteriormente. Ele aceita os protestos de inocência de Jó, e sua tese é que, embora seus protestos de inocência possam ser genuínos, suas atuais atitude e disposição mental estão erradas. O sofrimento de Jó talvez não seja mesmo o resultado de um pecado passado. É, provavelmente, uma disciplina com um fim proveitoso; mas Jó está prejudicando o próprio bem-estar com sua postura negativa.

Portanto, de acordo com a filosofia de Eliú, a aflição é corretiva e educativa em lugar de judicial e punitiva e seu apelo é para que Jó se *humilhe*, aceitando o ensinamento. Essa foi a principal falha de Jó. Como aconteceu com outros que não foram ouvidos por Deus por causa de seu motivo errado (35.12), os pedidos e protestos de Jó, por mais sinceros que fossem, também resultaram de uma causa errônea: o orgulho – um orgulho repleto de vindicação de si mesmo até o ponto de contestar a justiça de *Deus*. Deus não ouvirá tal vaidade (35.13). Jó precisa reconhecer

sua impotência e ignorância (37.14-24), e isso é evidentemente perspicaz.

Mas Eliú também apela para uma *paciência* submissa. Todos os juízos de Deus procedem de Sua compreensão absoluta (34.21-23) e são justos (vv. 10-12) e irresistíveis (vv. 13-20, 29). Assim sendo, o homem sábio se submete e tem paciência para aprender. Como ele diz em 35.14: "... a tua causa está diante dele; por isso *espera nele*". Isso é igualmente perspicaz.

Outro apelo de Eliú é para que Jó tenha fé no próprio Deus, e não em alguma explicação exigida. A verdadeira sabedoria é confiar em Deus apesar da falta de qualquer explicação, reconhecendo que Ele é onisciente e justo (36.5 *etc.*). Suas últimas palavras são: "Ao Todo-poderoso não o podemos alcançar; ele é grande em poder, porém não perverte o juízo e a plenitude da justiça. *Por isso os homens o temem* ..." (37.23, 24). Isso também é perspicaz.

E agora?

O que dizer agora da fala de Eliú como um todo? O que dissemos terá confirmado que ela alcança um nível superior à dos precedentes. Existe uma compreensão espiritual mais ampla e uma percepção espiritual mais verdadeira. Admitimos que num ponto ou noutro Eliú comete alguns *erros*, como quando diz que Deus não se deixa influenciar nem pelo pecado nem pela retidão do homem (35.6, 7). A revelação completa das Escrituras mostra que o coração amoroso de Deus é de fato afetado. Em um ou em outro ponto, Eliú é também *insatisfatório*, como quando diz que uma reação sincera à aflição sempre propicia a restituição da prosperidade (33.23-30). Mas existem da mesma forma coisas *surpreendentemente verdadeiras*, como quando acusa a Jó de pecar por causa de seu sofrimento e não de sofrer por causa de seu pecado (como os outros três interlocutores haviam dito)! (33.8-11; 34.36, 37; 35.15, 16).

A filosofia do sofrimento desenvolvida por Eliú não abrange certamente toda a questão; além disso, como é natural, com relação aos sofrimentos particulares de Jó, Eliú ignorava certamente sua causa real (*i. e.*, a calúnia de Satanás e o desafio do Senhor) da mesma forma que os outros interlocutores do diálogo. Todavia, sua visão do sofrimento sem dúvida está mais próxima da verdade do que qualquer coisa dita por Elifaz, Bildade e Zofar. Ele se aproxima de uma esplêndida verdade quando afirma, no final de sua fala, que a fé no próprio Deus é ainda melhor que

uma explicação. Nessa altura, de maneira muito significativa o próprio Senhor intervém por meio de uma voz no redemoinho, em meio a uma tempestade que se estivera formando sobre a terra quase no fim da fala de Eliú.

O assunto de Eliú foi sem dúvida grandioso. De fato, era grande *demais* para Eliú, que não conseguiu equiparar-se a ele. Uma voz sobre-humana precisava falar agora, e *realmente* falou. Em nosso próximo estudo, o último sobre o livro de Jó, ouviremos o derradeiro e maior de todos os interlocutores.

O LIVRO DE JÓ (5)

Lição Nº 56

NOTA: Para este estudo final no Livro de Jó, leia do capítulo 38 ao 42. Aprecie o fluir magnificente e a poesia, mesmo que o significado não fique muito claro no início. Tente responder à pergunta: "Qual a finalidade deste discurso do Senhor?".

Leia depois esta lição e reexamine o discurso, conferindo nossos comentários. Isso será muito proveitoso.

Ele nunca falha em relação à alma que nEle confia;
Embora venham decepções e a esperança se desvaneça,
Ele nunca falha.
Por mais que as provações encapelem-se como um mar tempestuoso
ao nosso redor,
Por mais que aconteçam provações ferozes como inimigos
em emboscada,
Todavia minha alma com milhares de outras, descobriu:
Ele nunca falha, *nunca* falha.

Ele nunca falha em relação à alma que nEle confia,
Embora o céu se enfureça e cresçam nuvens assustadoras,
Ele jamais falha.
Embora ventos gelados arranquem as mais belas flores da vida,
Embora todas as fontes de gozo desta terra deixem de fluir,
Ainda assim é verdade, com milhares de outros eu sei:
Ele nunca falha, *nunca* falha.

Ele nunca falha em relação à alma que nEle confia,
Embora a taça do sofrimento transborde,
Ele nunca falha.
Apesar de muitas vezes o caminho do peregrino parecer
áspero e longo,
Ainda assim vou ficar em meio àquela multidão vestida de branco,
E ali cantarei, com milhares de outros, esta canção:
Ele nunca falha, *nunca* falha.

J. S. B.

O LIVRO DE JÓ (5)

A VOZ DO REDEMOINHO

DE REPENTE, do capítulo 38 ao 41, o profundo mas patético diálogo é levado a seu clímax pela interferência do próprio Deus, falando de um redemoinho. "Depois disto o SENHOR, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó..." A tempestade espalhara-se pelos céus enquanto Eliú falava e finalmente o silenciara. Os cinco homens ficam mudos e espantados enquanto essa voz "como voz de muitas águas" desce sobre eles do ar agitado.

Com certeza, se existe um ponto nesse antigo poema dramático de Jó, mais que qualquer outro, onde tudo depende de ele ser genuinamente histórico ou apenas ficção, esse ponto encontra-se nessa espantosa passagem crucial. Ou *é* realmente Deus quem fala, ou se trata de um Deus apenas personificado e simulado. Se for o primeiro caso, então a passagem está repleta de significados essenciais. Se for simplesmente o segundo caso, então tudo o que temos a fazer é admirar o gênio imaginativo do compositor humano, senão, aborrecer-nos com sua irreverência ao "simular" Deus dessa forma.

Eis por que foi importante estabelecer em nosso primeiro estudo dO Livro de Jó se ele é real e completamente verdadeiro ou, na melhor das hipóteses, um desenvolvimento fictício em torno de um simples núcleo de fatos. Não precisamos repetir aqui os *prós* e os *contras*. Já dissemos que a única abordagem do livro que faz justiça aos dados é a que o aceita como um registro do que realmente ocorreu, interpretado para nós de maneira soberba e poética. Isso significa que nesses capítulos de clímax, do 38 ao 42, é mesmo o Eterno quem fala com aquela voz atemorizante em meio à tempestade.

E o que diz a voz divina? Quando lemos pela primeira vez esses capítulos, esperando encontrar algum parágrafo importante que dê a Jó, finalmente e de uma vez por todas, a solução divina para seu problema, ficamos claramente desapontados. Não vemos um movimento sequer no sentido de explicar o sofrimento de Jó ou resolver a questão da providência provocada por essa angústia! (Aliás, podemos observar que isso, em

conjunto com outros fatores, é uma confirmação bastante segura de que *é* realmente Deus quem está falando aqui. Se fosse apenas a voz de Deus simulada por um astuto escritor humano, é quase certo que *alguma* explicação final teria sido tentada, de acordo com os capítulos 1 e 2, de modo que a discussão não ficasse sem ser resolvida em termos de argumento, como agora se encontra.)

Outra coisa que nos atinge de forma decepcionante é que essa interferência divina não é uma discussão, mas sim uma série de interrogações. A linguagem, a poesia, o rico simbolismo, a universalidade de idéias e ilustrações – tudo isso certamente eclipsa o que veio antes, sendo qualidades provavelmente insuperáveis em toda a literatura, seja antiga ou moderna. Não há, porém, nem explicação, nem discussão! Por quê? É isso que veremos.

Fizemos análises curtas mas cuidadosas das falas de Elifaz, Bildade e Zofar, tentando mostrar, mediante citações selecionadas, o novo aspecto apresentado na ampla dissertação de Eliú; mas quase não há necessidade de uma análise dessa intimidante fala final feita do redemoinho, para que possamos descobrir sua direção e propósito. Não que *não* tenha uma seqüência regular. Uma nova leitura com atenção mostrará que o tema e a seqüência são os seguintes:

(Veja o esboço na página 81.)

Sente-se uma leve mas bondosa intenção aqui e ali de mostrar o ridículo pela maneira como o contraste entre Deus e Jó é enfatizado, como por exemplo em 38.19, 21:

> Onde está o caminho para a morada da luz?
> E, quanto às trevas, onde é o seu lugar?[...]
> Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido,
> e porque é grande o número dos teus dias!

Esta última parelha de versos serve de fato para indicar a ironia deliberada subjacente a toda a interlocução. Jó, com certeza, é tão velho quanto o Todo-Poderoso ou pelo menos quanto a criação, caso contrário não ousaria, como *fez*, censurar o governo moral do Criador. Mas a ironia é toda benevolente, e não sarcástica. O propósito divino é humildar Jó, mas não zombar dele ou mesmo humilhá-lo (e há enorme diferença entre

ser humildado e ser humilhado!). Em toda a fala, sentimos uma majestade e uma dignidade sublimes acompanhadas de palavras de concessão irônica.

Não se pode deixar de ficar fascinado também pelas referências a criaturas vivas de aspectos ou hábitos curiosos. A avestruz não é citada por causa de suas asas esplêndidas, mas por certas obtusidades inatas, e aprendemos que ela é assim "porque Deus lhe negou sabedoria" em alguns aspectos. O leão, o jumento selvagem, o crocodilo – por que criaturas ferozes, indomáveis e temíveis como essas são mencionadas? Jó não precisou de explicações nesse ponto. Os aspectos distintos e peculiares das várias criaturas são determinados e conferidos pela sabedoria e poder de Deus. Algumas dessas diferenças não são atraentes a nós, seres humanos, nem são o que *nós* teríamos feito se tivéssemos o comando das coisas. Elas são mais significativas justamente por essa razão: porque nos mostram que a natureza não é ordenada de acordo com *nosso* pensamento e, ainda, toda a descrição confirma que ela foi bem organizada para um resultado total e grandioso muito além de qualquer coisa que *nós* poderíamos ter imaginado.

Jó perceberia tanto a ironia subjacente ao discurso quanto seu propósito geral, assim como o fazemos. Simplesmente por expor a profunda ignorância de Jó sobre o governo *natural* de Deus, tal fala mostra a absoluta incapacidade dele de julgar o que é ainda mais incompreensível e misterioso: o governo *moral* de Deus.

Certamente Jó compreenderia isso. No entanto, continuamos a perguntar-nos qual o significado especial da interlocução no que se refere aos *sofrimentos* de Jó. Como dissemos, trata-se de poesia admirável, descrição magnífica, abrangência profunda. Todavia, isso não explica a aflição de Jó nem responde às perguntas dele; não é uma solução para o problema do sofrimento, nem contém sequer uma promessa de que a aflição de Jó terminaria em renovada prosperidade. Qual *é* então sua importância em relação à adversidade desse homem? Uma leitura superficial pode facilmente perder de vista o significado, provocando um desapontamento.

O primeiro sentido é que Jó *não deveria* conhecer a razão de seus sofrimentos. Se Jó tivesse a verdadeira explicação, isto é, a calúnia de Satanás e o desafio do Senhor, com certeza teria arregalado os olhos de espanto, e ao mesmo tempo todo o propósito de sua provação seria com

isso anulado. Se conhecesse essa estranha origem de suas desgraças (como descrito no prólogo) e lhe fosse assegurado o final compensador (como descrito no epílogo), evidentemente toda sua reação teria sido então influenciada. Sua resistência tornar-se-ia artificial. Não haveria um verdadeiro teste de caráter. Também não haveria lugar para o exercício e aperfeiçoamento genuíno da fé. Nossa compreensão do livro depende inteiramente desse simples fato. O prólogo *mostra* a explicação dos sofrimentos de Jó antes que comecem, de sorte que, quando a explicação é *tirada* de Jó, possamos perceber de imediato que *poderia* ter sido dada com facilidade, se Deus assim o quisesse. Ao lermos agora o registro desse majestoso discurso do redemoinho, com sua esplêndida manifestação de transcendência, imanência e providência de Deus, apesar de haver uma ausência de explicação sobre o problema de Jó, espera-se que aprendamos a lição de que existem *algumas* coisas sobre o sofrimento humano que Deus não pode, sob hipótese alguma, explicar sem destruir o próprio objetivo que estão destinadas a cumprir. *Esse* é o primeiro significado da fala do redemoinho.

Seu segundo significado é a indicação do *interesse* divino pelas coisas de Jó. Embora aquela voz do alto, saída do ciclone, não condescendesse em dar uma explicação, ela evidenciou que Deus estivera observando, ouvindo, cuidando. Jó compreenderia isso imediatamente com nova e repentina clareza. Que tumulto de emoção e onda de arrependimento por ter permitido que Elifaz, Bildade e Zofar o levassem a dizer coisas precipitadas sobre o desinteresse de Deus! Sob o poder daquela voz temível ele ficou sabendo, de súbito e sem ser preciso que lhe dissessem, como estavam errados. Todavia, mais profundo do que tudo, o som vindo daquele céu até então silencioso mostrou para Jó que Deus sentia interesse e compaixão! Jó e seu sofrimento significavam tanto para Deus que O levaram a falar! Sem dúvida, essa é uma das principais razões pelas quais a história foi preservada, de acordo com o dominante propósito de Deus: para que os homens pudessem saber por meio dela o fato desse interesse e comiseração divinos, especialmente até que a demonstração culminante pudesse ocorrer na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

Existe, no entanto, um terceiro e ainda mais profundo sentido nessa fala da nuvem de tempestade, e mais uma vez surge da ausência aparentemente estranha de qualquer explicação a Jó. O plano divino é levar Jó a apoiar-se no *próprio Deus*, independentemente de explicações.

Se Jó pudesse ser levado ao ponto de confiar em Deus como um ser absolutamente justo e benevolente em oposição a *todas* as adversidades misteriosas, então a acusação caluniosa de Satanás (no prólogo) revelar-se-ia infundada, e o diabo seria derrotado. Jó chega *realmente* a esse ponto, como vemos no capítulo 42, e o plano para *nós* é que também cheguemos lá. Enigmas desconcertantes sobejam até mesmo na vida dos cristãos os mais piedosos. Em última análise, ter fé é confiar em Deus apesar de todas as aparentes contradições e mesmo havendo ausência de qualquer explicação no momento. Isso não é simplesmente uma fé *cega*. Temos toda a revelação das Escrituras, elucidando sobremodo o mistério do pecado e do sofrimento humano — da origem, da atividade satânica por trás dele, da submissão à Divindade e da anulação final. Mais maravilhoso que tudo, Deus mostrou-nos, em Cristo, como Ele próprio sofre *conosco*. Portanto, a fé tem muito a apoiá-la. Mesmo assim, ainda há cortinas fechadas ocultando o que são, para nós, mistérios impenetráveis. Há coisas que Deus não pode divulgar ao homem neste momento. Muito continua sem ser revelado, mais do que o tanto que já nos foi concedido. A vitória da fé é apoiar-se em Deus com plena confiança.

Devemos mencionar mais um significado nessa fala do redemoinho. A intenção divina é clara: levar Jó *ao limite de si mesmo* — ao fim de sua autojustiça, autovindicação, auto-sabedoria, autotudo, para que possa encontrar em Deus a sua plenitude. Isso é indicado por um fato interessante. A fala do redemoinho é dividida em duas partes por um interlúdio em que Deus dirige-se diretamente a Jó e este responde. Veja a seguinte passagem:

> Disse mais o SENHOR a Jó:
> Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-poderoso?
> Quem assim argúi a Deus que responda.
> Então Jó respondeu ao SENHOR, e disse:
> Sou indigno; que te responderia eu?
> Ponho a mão na minha boca.
> Uma vez falei, e não replicarei,
> aliás, duas vezes, porém não prosseguirei. (40.1-5)

Jó está aprendendo sua lição, mas ainda não a conhece suficientemente bem. Se fosse assim, o discurso do redemoinho teria terminado nesse

ponto. Há um processo de colapso espiritual operando em Jó. Juntamente com a fala externa do redemoinho, encontramos a iluminação interior do Espírito Santo de Deus. Jó está começando a ver Deus e a si mesmo de outra forma. Ele se vê como "indigno" em face do majestoso plano do universo e da infinidade divina e diz: "... que TE responderia *eu*? Ponho a mão na minha boca". Jó está realmente aprendendo sua lição. Inclina-se em confissão. Todavia sua contrição ainda não é completa e, portanto, a fala do redemoinho continua até que Jó irrompe, com a mais absoluta convicção e arrependimento, no início do capítulo 42.

Infelizmente, os primeiros seis versículos do capítulo 42, que constituem o clímax de todo o livro, são comumente mal interpretados, porque são todos eles atribuídos a Jó em vez de serem distribuídos entre Deus e Jó. O capítulo inicia-se: "Então respondeu Jó ao SENHOR...". Isso não dificilmente dá a impressão de que todos os versículos até o sexto são palavras de Jó, ao passo que deveriam ser assim redigidos:

JÓ — Bem sei que tudo podese, e nenhum dos teus planos pode ser frustrado.

VOZ DO REDEMOINHO — Quem é aquele, como disseste que sem conhecimento encobre o conselho?

JÓ — Na verdade falei do que não entendia; cousas maravilhosas demais para mim, cousas que eu não conhecia. Escute-me, pois, havias dito, e eu falarei.

VOZ DO REDEMOINHO — Eu te perguntarei, e tu me ensinarás.

JÓ — Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza.

Assim, esses são os significados principais da fala de Deus: Jó *não deveria* conhecer a explicação de seus sofrimentos, mas Deus sentia interesse e *compaixão*; o propósito divino era que Jó se apoiasse no *próprio Deus*, mesmo sem explicações, e deixasse de lado seu *egotismo* para descobrir sua plenitude em Deus. Quando esses significados são percebidos, a interferência augusta e prolongada do redemoinho adquire um maravilhoso sentido, não só para Jó, mas também para nós.

Deus "versus" Jó

UM DESAFIO BASEADO NO CONTRASTE

O infinito poder criador e dominante de Deus *versus* a insignificância, ignorância e impotência de Jó.

1. EM RELAÇÃO À TERRA (38.1-18)	
Sua criação	vv. 4-7
Os oceanos	" 8-11
A manhã	" 12-15
Fontes ocultas	" 16-18
2. EM RELAÇÃO AOS CÉUS (38.19-38)	
Luz e trevas	vv. 19-21
Os elementos	" 22-30
As estrelas e o Zodíaco	" 31-32
As leis da natureza	" 33-38
3. EM RELAÇÃO AOS SERES VIVOS (38.39-39)	
Animais e aves de rapina	vv. 39-41
Animais que servem de presa	" 1-12
Aves e animais belos	" 13-25
As duas mais ferozes aves de rapina	" 26-30
4. EM RELAÇÃO A CASOS ESPECIAIS (40-42.6)	
Malfeitores orgulhosos	vv. 6-14
Beemote (hipopótomo)	" 15-24
Leviatã (crocodilo)	cap. 41
Jó (em resposta)	cap. 42.1-6

Estudo da pessoa de Jó

Nessas reflexões sobre O Livro de Jó, não consideramos o próprio Jó em um estudo individual. Preocupamo-nos mais em estabelecer o significado e a mensagem do *livro* como tal. Antes de concluirmos esta

lição final sobre Jó, porém, devemos pelo menos ter um esboço do homem em si. Nessa história e poema épicos vemos um homem de integridade exemplar progressivamente despojado de todos os seus bens mais preciosos e das convicções mais sagradas com que o ser humano reveste sua alma, até que se põe diante de seu Criador como uma alma conscientemente nua.

Em primeiro lugar, perde toda a *riqueza*. Em poucas horas, com alguns golpes rápidos e cruéis, passa da abundância à pobreza. A seguir perde todos os *filhos*. Devido a uma terrível e complexa desgraça, é privado dos sete filhos e três filhas. Depois disso, perde a *saúde*, tornando-se tão repulsivo exteriormente que seus parentes mais próximos não se aproximam dele e tão torturado pelo desconforto íntimo que sua vida transforma-se num contínuo fardo. Em seguida, perde a amizade da *esposa*. Enfurecida pelo medonho aspecto do marido, ela exclama: "... Amaldiçoa a Deus, e morre". O elo da fé comum entre marido e mulher dissolve-se, e assim uma terrível solidão é acrescentada às outras perdas de Jó. Depois, perde a compaixão dos três amigos mais sábios. A comiseração transforma-se em censura, e, em vez de consolá-lo, unem-se para condená-lo, até que o pobre Jó grita: "Compadecei-vos de mim, amigos meus...".

Além dessas perdas mais externas, há um terrível processo de despojamento operando no íntimo da alma e do espírito desse homem. Sua extrema adversidade despe-o até mesmo de seu sentimento de *dignidade*. Antes dissera: "... Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei..." e nessa declaração reconheceu que o valor de sua personalidade era maior que todos os seus bens. Mais tarde, porém, almeja supremamente a morte. A seguir, perde o senso do relacionamento *bona fide* de Deus para com ele. Não tem mais condições de dizer: "... o SENHOR deu, e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!". Havia nessas palavras uma percepção da bondade mesclada à soberania divina. Mas depois, só pode perguntar com amargura na alma: "... Por que te fizeste de mim um alvo...?". Por último, parece perder até a convicção da bondade do *governo divino*. Antes, dissera: "... temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?...". Contudo, esse reconhecimento inicial do bem soberano rompe-se à medida que a discussão avança, e Jó fica realmente desolado.

Todas aquelas coisas com que os homens revestem a mente e o espírito

foram-se; agora ficamos contemplando o espírito nu desse homem. Só restaram duas realidades inquestionáveis. *Deus* e o *ego*. Mas as duas constituem problemas. Deus é um problema porque Jó não consegue compreendê-lo nem encontrá-lo. O ego é um problema porque Jó não consegue escapar de si mesmo. Deus e o ego são fatos indiscutíveis, mas não há um ponto de encontro.

O que fazer? Jó *deve* encontrar Deus. Já foi observado com exatidão que as falas de Jó, em seus pronunciamentos mais profundos, não são tanto uma resposta a Elifaz, Bildade e Zofar quanto o lamento de uma alma desolada a um Deus que não podia ser encontrado, vindo de um ego do qual não podia fugir, e de uma angústia que não podia ser explicada. Sobre esses clamores e perguntas, veja as seguintes passagens: 9.2, 3, 32, 33; 14.7-10, 14, 15; 16.18-21; 19.23-27; 23.3, 4; 31.35-37.

E essa alma despojada e nua *encontra* Deus! Embora fosse um pecador como todos os homens, não é um hipócrita como seus "consoladores molestos" afirmaram. Ele é uma alma sincera desejando ardentemente conhecer de verdade a Deus, e o Senhor não lhe nega isso. Deus fala da tempestade, mas a voz não argumenta. Simplesmente vivifica a majestade e a excelência do governo divino. O resultado é uma poderosa percepção da infinita sabedoria, autoridade, santidade e bondade de Deus. De um modo que só aqueles que experimentam a súbita iluminação divina na conversão ou em alguma crise espiritual inesquecível podem compreender, Jó vê e entende Deus como jamais ocorrera antes e clama:

> Eu te conhecia só de ouvir,
> mas agora os meus olhos te vêem.
> (42.5)

Com essa nova descoberta de Deus, como invariavelmente acontece, passa a conhecer o próprio coração de tal modo que diz:

> Por isso me abomino [ou às minhas palavras],
> e me arrependo no pó e na cinza."
> (42.6)

Graças a Deus, a voz do céu que falou a Jó encontrou agora um canal de expressão melhor do que o redemoinho de outrora. "Havendo Deus,

outrora, falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo FILHO...". Os que "sofrem segundo a vontade de Deus" (1 Pe 4.19) devem banhar seus corações cansados nos consolos reveladores e confortantes do Novo Testamento. Nem tudo nos é revelado, a não ser ao longo de muito tempo. Mas o suficiente é agora revelado, a fim de que a fé seja racional, apesar dos problemas obscuros que persistem. O que ficou sem revelação está reservado, a fim de dar à fé espaço para desenvolver-se. Se Jó pôde dizer isso, *nós* também podemos fazê-lo com mais razão: "Ainda que ele me mate, nele esperarei..." (13.15 — ARC).

Epílogo e reflexões finais

Não precisamos acrescentar muito com relação ao breve epílogo (42.7-17). A poesia termina no versículo 6, sendo o epílogo em prosa. Sua leitura é simples, e não há pontos que necessitem de explicação para os leitores em geral. Mas *existem* certos pontos de significado espiritual que não devem ser desconsiderados.

O primeiro significado, naturalmente, é o fato de *haver* um epílogo. Trata-se de um final do tipo "felizes para sempre" também, como pouco se vê nos modernos autores de ficção. Contudo, é um relato real, não um simples conto de fadas. Jó é vindicado e recompensado, e, por tratar-se de uma descrição verdadeira do relacionamento entre Deus e o homem, seu sentido é profundo. Lembre que Jó é uma lição escolhida por Deus, mediante a qual devemos captar certas verdades grandiosas ligadas às provações dos santos. No Jó do epílogo, vemos que para o sofredor santo existe um "depois, entretanto" (Hb 11.12) de compensação e prêmio. Pode não vir na vida presente, como aconteceu com Jó, mas certamente virá. No caso de Jó, a recompensa *tinha* de vir nesta vida a fim de cumprir a lição para nós. A vida humana, porém, tem um âmbito maior do que os atuais setenta anos; assim, devemos ler esse epílogo tendo em mente aquela "terra melhor" para além dos ocasos da terra ou tendo diante de nós aquelas preciosas promessas que falam da volta do Senhor e do reino milenar.

O que chama nossa atenção a seguir é a reprovação divina sobre os *três "consoladores" de Jó*. A ira de Deus acende-se contra eles (v.7). Por quê?

Porque quase destruíram a alma de Jó, mais do que o próprio diabo. Quando Satanás tinha feito o seu pior, ainda pôde ser escrito: "... Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios" (2.10); mas, à medida que os três "amigos" prosseguiam com suas aparentemente piedosas mas falsas representações de Deus e Jó, o pobre sofredor foi levado a pecar com os lábios. Note bem: Satanás não tem armas mais perigosas do que aqueles que, sob o disfarce da piedade e em nome da ortodoxia religiosa, oferecem falso consolo ou dão impressões errôneas de Deus. É melhor ficar em silêncio na presença dos que sofrem do que dizer coisas erradas.

Uma implicação com respeito à inspiração

Notamos aqui ainda uma implicação relativa à *inspiração das Escrituras*. Nesse epílogo, Deus diz a Elifaz, Bildade e Zofar: "... vós não falastes de mim o que era reto..." (42.8). Isso só pode significar que as falas dos três homens não eram divinamente inspiradas. Algumas pessoas são implicantes, dizendo: "Ah, se a Bíblia fosse verbalmente inspirada como você afirma, poderíamos então abri-la em qualquer ponto e dizer sobre qualquer versículo em qualquer página: 'Esta é a palavra de Deus e deve ser obedecida'". Essa atitude é absolutamente tola. Palavras de homens perversos como Acabe e até de Satanás são registradas nas Escrituras, e tudo o que a inspiração garante nesses casos é a exatidão do que está escrito. Do mesmo modo, nO Livro de Jó não podemos evidentemente tomar qualquer declaração feita por Elifaz, Bildade ou Zofar e dizer: "Isso foi divinamente inspirado". O *registro* das falas deles é inspirado, mas não suas palavras. É claro que há muitas coisas sublimes e verdadeiras em suas falas, mas são apenas homens falando e algumas de suas declarações são definitivamente erradas, como Deus nos diz agora no epílogo. O que devemos compreender muito bem é que esse não é de forma alguma um argumento contra a inspiração verbal da Bíblia, pois, embora as falas dos cinco homens nesse livro de Jó talvez não sejam inspiradas, o livro inteiro é um registro inspirado de feitos e ditos reais, com um propósito divino a ser atingido. Nesse legítimo e vital sentido, a história e o poema épicos constituem um livro inspirado, transmitindo uma mensagem divina para nós.

Vamos deixar de lado outros pontos de interesse para nos concentrarmos no comentário do Novo Testamento sobre O Livro de Jó.

Em Tiago 5.11 lemos: "... Tendes ouvido da paciência de Jó, e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia, e compassivo". Essa é a derradeira questão sobre o livro de Jó: o "fim [ou alvo que] o SENHOR lhe deu". O propósito implícito na exposição de Jó é para que possamos ver além dele e avistar *Deus*, o Deus soberano por sobre o universo, Satanás inclusive, e cuja soberania é de disposição bondosa para com o homem. Devemos perceber que, embora ainda haja algumas coisas que Deus não possa tornar claras para nós, o propósito da graça de Deus a nosso favor interpenetra e persiste nos mistérios mais penosos de nossa experiência terrena.

Reexamine Jó: veja como para o sofredor santo o "paraíso perdido" tornou-se o "paraíso recuperado". Observe os três aspectos principais do epílogo: a transformação, a vindicação e a reintegração. Em primeiro lugar, temos a *transformação* de Jó com relação a seu caráter, pois ele sai como "ouro purificado no fogo". Em segundo, vemos a *vindicação* de Jó diante de seus amigos, pois Deus o chama de "meu servo" e faz dele um sacerdote diante dos outros (v. 8). Em terceiro, aprendemos sobre a *reintegração* de Jó em toda sua prosperidade anterior e ainda mais: "... o SENHOR [...] deu-lhe o dobro de tudo o que antes possuíra" (v. 10). O "fim [que] o SENHOR lhe deu" é de fato clemente. Que todo sofredor piedoso descanse no Senhor e espere nele (Sl 37.7).

Jó é uma parábola latente?

Esse foi, então, O Livro de Jó. Faça apenas um breve retrospecto do livro por inteiro — prólogo, diálogo e epílogo. O conjunto é um registro inspirado do que verdadeiramente aconteceu. Será que *por trás* dos fatos literais e sentidos diretos existe uma parábola enigmática da *espécie* humana como tal? Não estariam o Jó do prólogo e o Satanás do desígnio malicioso falando do Éden e do homem como era no princípio? Não nos fala o Jó sofredor do caco de barro e das cinzas sobre a humanidade como se encontra no presente? Não fala o Jó purificado e restabelecido do epílogo sobre a humanidade como virá a ser? Isto, de qualquer modo, é verdade: existem significados latentes na palavra escrita de Deus que são mais profundos e belos do que podem descobrir os mais sábios dos homens.

PERGUNTAS SOBRE JÓ

1. Que ordem de progresso espiritual os livros poéticos apresentam coletivamente? Escreva em duas ou três palavras a idéia principal dO Livro de Jó.

2. Quais os três tipos de paralelismo da poesia hebraica? Que partes dO Livro de Jó são respectivamente poesia e prosa?

3. Quais as principais objeções à historicidade dO Livro de Jó e quais as respostas a essas objeções?

4. Cite duas passagens das Escrituras que parecem determinar conclusivamente que o livro é de fato histórico.

5. Resuma o propósito e a mensagem do livro em algumas linhas.

6. Se as entrevistas entre Deus e Satanás fossem fictícias, por que o livro deixaria de ter significado?

7. Quais os principais aspectos de contraste entre Elifaz, Bildade e Zofar?

8. Quais os aspectos de semelhança entre Elifaz, Bildade e Zofar?

9. Explique brevemente a nova abordagem, a nova resposta e o novo apelo de Eliú.

10. Quais as quatro principais divisões do discurso do Senhor? A primeira é: Em relação à terra (38.1-18).

11. Qual o principal significado do discurso do redemoinho?

12. Qual a relação entre a censura feita pelo Senhor a Elifaz, Bildade e Zofar e a inspiração da Bíblia?

O LIVRO DOS SALMOS (1)

Lição Nº 57

NOTA: Leia para este estudo do salmo 1 ao 41, observando quantos são atribuídos a Davi. Aprecie os pensamentos paralelos em sua forma poética. Leia pelo menos duas vezes cada salmo.

Admiro-me da coragem com que tais pessoas se empenham em falar sobre Deus. Num tratado dirigido a infiéis, começam com um capítulo provando a existência de Deus com base nas obras da natureza [...] isso só dá aos leitores razão para crer que as provas de nossa religião são muito fracas [...] É um fato notável que nenhum escrito canônico jamais usou a natureza para provar a existência de Deus.

PASCAL, *Pensées*, IV, 242 e 243.

O LIVRO DOS SALMOS (1)

QUE PALAVRAS podem introduzir satisfatoriamente O Livro dos Salmos? Quem poderá dizer o quanto ele tem significado para os corações piedosos ao longo dos séculos? Eis uma poesia que não deixa nada a perder à de Milton e Shakespeare, sendo porém ligada à realidade; e como "o corpo [é] mais do que as vestes", assim também a realidade aqui é maior do que a poesia que a expressa. Encontramos também uma sólida teologia — contudo, não uma teologia simplesmente teórica, mas uma teologia prática da experiência humana vivida; e como "a vida [é] mais do que alimento", a experiência concreta é superior à doutrina abstrata. Fundamentalmente, foi isso que tornou O Livro de Salmos um tesouro tão precioso para os piedosos.

"Os hinos aos deuses da Grécia foram preservados", diz C. J. Ellicott, "mas como é enorme sua diferença dos salmos! Deixe que o leitor compare um daqueles traduzidos por Shelley com qualquer canção do Saltério. Os elogios encantadores e as lisônjeas bem torneadas, destinados a atrair as boas graças do leitor, serão de fato encontrados numa poesia melodiosa que celebra o nascimento de deuses e semideuses; mas não há nada da luta em oração, com olhos lacrimosos e cabeça baixa, nem da plena segurança da fé, sentimentos que tornaram os salmos a expressão eterna das emoções devocionais dos homens."

Esse livro de salmos é um límpido lago a refletir cada uma das facetas do instável céu humano. É um rio de consolo que jamais deixa de alegrar os desanimados, ainda que repleto de muitas lágrimas. É um jardim de flores que nunca perdem a fragrância, apesar de algumas das rosas possuírem espinhos agudos. É um instrumento de cordas que registra cada nota de louvor e de oração, de triunfo e de dificuldade, de alegria e de tristeza, de esperança e de medo, unindo-as na harmonia da experiência humana.

João Calvino afirmou: "A esse livro, costumo denominar uma anatomia de todas as partes da alma, pois ninguém descobrirá em si mesmo um único sentimento cuja imagem não esteja refletida nesse espelho. Mais ainda, todos os sofrimentos, tristezas, temores, dúvidas, esperanças, cuidados, ansiedades — em suma, todas essas agitações tumultuosas em que a mente

dos homens costuma envolver-se – o Espírito Santo aqui as apresentou fielmente".

Valor espiritual

Podemos dizer então que o primeiro grande valor desse livro de salmos é que fornece a nossas emoções e sentimentos o mesmo tipo de orientação de que os demais livros da Bíblia dispõem para nossa fé e ações. Ambrósio de Milão disse: "Embora toda a Bíblia respire a graça de Deus, O Livro dos Salmos é mais doce que todos os outros. A história instrui, a lei ensina, a profecia anuncia, reprova e castiga e a moral persuade; mas nO Livro dos Salmos temos o fruto de todas elas e uma espécie de remédio para a salvação dos homens".

Desde que foram escritos, os salmos têm desempenhado um grande papel na vida do povo de Deus. Os hebreus da antigüidade faziam uso deles na adoração do templo, e os judeus de hoje continuam a usá-los na sinagoga. Os cristãos do Novo Testamento os cantaram (como vemos em Colossenses 3.16 e Tiago 5.13), e atualmente todas as denominações do cristianismo os empregam.

Acima de tudo, no entanto, sempre foram preciosos em termos *individuais*. Nesse livro de salmos, os tentados e provados ganham forças através dos peregrinos de ontem, cujos pés sangraram ao longo do mesmo caminho espinhoso. Ali os sofredores e tristes descobrem uma comunhão compreensiva a remover a amargura de suas lágrimas. Ali os perseguidos e esquecidos encontram segurança na hora da necessidade. Ali o penitente que chora encontra aquilo que melhor se adapta ao coração despedaçado e contrito. De fato, aqui o crente pode discernir a figura de seu Senhor a mover-se entre os salmos de Davi tão verdadeiramente como entre os sete candelabros de ouro do Apocalipse. Esses salmos são um tesouro de devoção, consolo, compaixão e alegre segurança para todos os santos. São os lamentos e cânticos de "homens [...] sujeitos aos mesmos sentimentos" que nós, mas nos quais se encontra o próprio sopro dos céus.

Com os sessenta e seis livros da Bíblia diante de nós, não devemos reconhecer com reverência que o Espírito Santo não nos concedeu legado mais precioso que O Livro dos Salmos?

A palavra "salmo" tem sua raiz no termo grego *psalmos* (pl.: *psalmoi*),

que significava "poema para ser cantado com instrumento de corda". A palavra *Psalmoi* foi usada pela primeira vez como título geral para essa coleção de poemas hebraicos no século III a. C., na tradução Septuaginta das escrituras hebraicas para o grego, e dali, passando pela Vulgata latina, o nome reaparece em nossas versões.

Esse nome é certamente apropriado, pois muitos dos poemas são sem dúvida *odes*, ou poesias escritas para serem musicadas, o que se evidencia pelo fato de cinqüenta e cinco deles serem dirigidos ao "mestre de canto", isto é, ao mestre do coro, ou chantre, do culto religioso hebraico. Muitos deles são *poemas líricos*, ou poemas que manifestam as emoções de cada poeta, com a finalidade de serem acompanhados pela lira, harpa ou "instrumentos de corda", como vemos nos que têm a palavra *Nginot* acrescentada. É por causa disso que O Livro dos Salmos também é muito conhecido como o Saltério, do grego *Psalter*, isto é, uma harpa ou instrumento de corda.

O nome hebraico usual para o livro é *Tehilim*, que significa "Louvores". Outro título hebraico é *Tefilot*, isto é, "Orações" – denominação essa extraída de passagens como 72.20, onde lemos: "Findam as orações de Davi, filho de Jessé". Apesar de nenhum desses títulos descrever rigorosamente todos os poemas, se reunidos, podem refletir muito bem sua natureza espiritual, o que o nosso título não logra fazer. Entretanto, uma vez que os louvores e as orações eram poemas a ser musicados, voltamos ao título "Salmos". E mais: além de ser cabível a cada poema indistintamente, o título "Salmos" é endossado pelo uso no Novo Testamento (Lc 20.42; At 1.20 e 13.33).

Compilação e formação

O Livro dos Salmos é evidentemente uma *compilação*. As epígrafes no texto hebraico atribuem setenta e três deles a Davi, doze a Asafe, que era um dos chefes do coro de Davi em Jerusalém (veja 1 Crônicas 6.39; 15.17, 19; 16.5; também 2 Crônicas 29.30), onze aos filhos de Coré, ou melhor, doze, pois fica claro que a epígrafe do salmo 42 também abrange o 43, um a Hemã, o ezraíta, um a Etã, o ezraíta, e um a Moisés. Isso perfaz um total exato de cem salmos. Os outros cinqüenta são anônimos.

Esses poemas, escritos por pessoas diferentes em épocas diferentes,

foram compilados em um só volume, seja por um único compilador, seja por vários, e provavelmente a formação da compilação foi gradual. É provável que uma primeira compilação dos salmos davídicos tivesse sido feita logo depois da morte de Davi, que o grupo coreíta tivesse sido acrescentado um pouco mais tarde e o de Asafe ainda posteriormente, com alguns outros salmos anônimos, embora Esdras, o escriba, tenha muito a ver com sua atual organização.

Os salmos encontram-se divididos em cinco grupos, sendo o final de cada série marcada por uma doxologia, ou atribuição especial de louvor a Deus. Essas doxologias não são integrantes dos salmos aos quais aparecem ligadas, mas foram simplesmente acrescentadas para identificar as divisões dos grupos.

Os cinco grupos são: 1) 1-41; 2) 42-72; 3) 73-89; 4) 90-106; e 5) 107-150.

Os dois primeiros grupos são principalmente davídicos; o terceiro, principalmente de Asafe; o quarto, principalmente composto de salmos anônimos ou "órfãos", como os rabinos chamam aqueles que não contêm epígrafe; e o quinto, que é em parte davídico e em parte anônimo.

Parece provável que o primeiro grupo tenha sido compilado por Salomão, o segundo pelos levitas coreítas, o terceiro por Ezequias e o quarto e o quinto por Esdras e Neemias. Assim sendo, a formação e a conclusão de nosso livro de salmos levou mais de quinhentos anos.

Um pentateuco poético

A divisão do livro de salmos em cinco partes torna-o uma espécie de *pentateuco* poético. A partir dos dias de Esdras, coincidindo com o aparecimento das primeiras sinagogas em meio aos judeus então dispersos, surgiu um sistema de comentário e explicação do sentido das escrituras hebraicas. Isso sem dúvida surgiu da necessidade de expor a lei hebraica a congregações de judeus em que muitos não conseguiam ou não podiam compreender a língua em que era escrita. A princípio, os comentários eram apenas orais e improvisados, mas vieram a ser consolidados numa forma definitiva e, posteriormente, perpetuados pela escrita. Quando assumiram essa forma definitiva e por escrito, vieram a ser conhecidos como os *Midrashim* (plural de *midrash*, que significava "investigação" ou "interpretação"). O *Midrash*, ou comentário judaico,

sobre o primeiro versículo do primeiro salmo fala da divisão dos salmos em cinco partes com estas palavras: "Moisés deu aos israelitas os cinco livros da lei e, por equivalentes, Davi deu-lhes os Salmos, que consistem de cinco livros". Mais recentemente, o hebraísta Delitzsch disse: "O Saltério é também um pentateuco, o eco do Pentateuco mosaico, saído do coração de Israel. São os cinco livros que brotam da congregação para o Senhor, assim como a lei compreende os cinco livros oriundos do Senhor para a congregação".

Há quem tenha notado correspondência ainda maior entre O Livro dos Salmos e o Pentateuco, os cinco grupos de salmos correspondendo em ordem, por afinidade de assunto, a Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O primeiro grupo, relacionado a Gênesis, tem muito a dizer sobre o *homem.* O segundo grupo, correspondente a Êxodo, tem muito a dizer sobre a *libertação.* O terceiro, relativo a Levítico, encontra, nos salmos de Asafe, o destaque ao *santuário.* O quarto grupo, associado a Números e começando com o salmo 90, a oração de Moisés, ressalta a época em que a inquietação e a peregrinação hão de cessar no reino vindouro, quando as nações se inclinarão perante o Rei de Deus. O quinto grupo, correspondente a Deuteronômio, contém muita ação de graça pela fidelidade de Deus e salienta muito a palavra do Senhor, como, por exemplo, no mais longo dos salmos, que tem por tema a Palavra escrita do Senhor. Sugerimos ao estudioso que aqui, no mínimo, há um campo muito interessante a ser explorado.

A mensagem espiritual

Pode-se dizer que a mensagem espiritual básica do livro de salmos é O LOUVOR MEDIANTE ORAÇÃO. Repetidamente, em cada salmo, vemos como os lamentos transformam-se em cânticos mediante a oração, ao passo que, se o tomarmos como um todo, vemos essa idéia definir-se cada vez mais, até que o livro inteiro culmine nos cinco salmos de "Aleluia" que o encerram, cada um dos quais começando e terminando com a exclamação "Louvai ao SENHOR", ou outra semelhante.

Será útil assentar nossas descobertas até então de maneira compacta, como segue:

O LIVRO DOS SALMOS

LIVRO DEVOCIONAL

LOUVOR MEDIANTE ORAÇÃO		
PRIMEIRO GRUPO (1-41)	Principalmente davídico	Aponta para Gênesis
SEGUNDO GRUPO (42-72)	Principalmente davídico	Aponta para Êxodo
TERCEIRO GRUPO (73-89)	Principalmente de Asafe	Aponta para Levítico
QUARTO GRUPO (90-106)	Principalmente anônimo	Aponta para Números
QUINTO GRUPO (107-150)	Em parte davídico e em parte anônimo	Aponta para Deuteronômio

Nas próximas lições examinaremos as epígrafes que acompanham os salmos, os diferentes grupos de salmos e certos salmos específicos que representam o todo. Enquanto isso, vamos gravar em nossa mente esse esboço da compilação, agradecendo a Deus por um tesouro tão incomparável e orando para que o Espírito Santo possa fazer-nos enxergar todas as maravilhas nele contidas.

Existem dois extremos que devemos evitar ao estudarmos a Bíblia. Devemos guardar-nos, por um lado, de ser *fantasiosos* e ver nela o que não há realmente. Por outro lado, devemos evitar a *mecanização*, perdendo o que ela contém de forma latente ou oculta. Alguns possuem uma faculdade imaginativa de espiritualização que tende a inserir um toque mágico na Bíblia. Outros suspeitam de tudo o que vai além do teor literal, de tal modo que as Escrituras não podem revelar seus tesouros latentes, assim como o Senhor não disse uma única palavra ao inquisitivo mas insensível rei Herodes. O Espírito Santo tem a preciosa função de ungir nossos olhos interiores para que possamos perceber claramente o que *de fato há* para nós na Palavra de Deus.

O LIVRO DOS SALMOS (2)

Lição Nº 58

NOTA: Leia para este estudo do salmo 42 ao 72, não se esquecendo de que são principalmente davídicos. Atente sobretudo para a doxologia no final do salmo 72, que marca o fim do segundo grupo de salmos. Leia duas vezes cada salmo.

A Palavra de Deus, não obstante sua origem e autoria divinas, é também um produto humano, devendo ser estudada como literatura. Deus agradou-se de usar um livro como meio para Sua auto-revelação e as mentes, as línguas e as penas como instrumentos de Sua concepção e expressão. Tudo isso deve qualificar e modificar o resultado, tornando necessário fixar, na medida do possível, os limites razoáveis dentro dos quais se possa submeter esse produto conjunto de autoria divina e ação humana à crítica reverente, como forma de literatura.

ARTHUR D. PIERSON,
Doutor em Teologia

O LIVRO DOS SALMOS (2)

AS EPÍGRAFES DOS SALMOS

AO LER OS salmos, quem já não ficou interessado e provavelmente intrigado com as epígrafes afixadas a alguns deles? Quando essas inscrições foram colocadas? E o que significam as estranhas palavras hebraicas que ocorrem em alguns deles? A questão dessas epígrafes é um tanto complexa, embora singularmente interessante. Cabe-nos aqui dizer algo a esse respeito, porque para entender plenamente a força e beleza de certos salmos, torna-se necessário entender as inscrições que os acompanham.

Em primeiro lugar, vamos simplificar a parte aparentemente complexa. Dos cento e cinqüenta salmos que formam o livro, só *trinta e quatro* não têm título. São os salmos 1, 2, 10, 33, 43, 71, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 135, 136, 137, 146, 147, 148, 149 e 150.

A seguir, temos *cinqüenta e dois* salmos com títulos reduzidos, tais como "Salmo de Davi" , "Salmo de Asafe", "Oração de Davi", "Salmo de Salomão" e "Salmo dos filhos de Coré". São os salmos 11, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 35, 36, 37, 40, 41, 47, 48, 49, 50, 64, 65, 66, 68, 72, 73, 79, 82, 83, 85, 86, 87, 90, 98, 100, 101, 103, 108, 109, 110, 138, 139, 140, 141, 143, 144 e 145.

Depois disso há *catorze* salmos com epígrafes que explicam sua *ligação histórica*, tal como o "Salmo de Davi quando fugia de Absalão, seu filho. São os salmos 3, 7, 18, 30, 34, 51, 52, 54, 56, 57, 59, 60, 63 e 142.

Em seguida, temos *trinta e nove* salmos que possuem o que chamaremos por enquanto de *epígrafes especiais*, tais como "Em voz de soprano. Cântico [*'alamot*]" ou "Ao mestre de canto, com instrumentos de corda [*nginot*]. Em tom de oitava [*shminit*]". São esses os salmos 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 16, 22, 32, 39, 42, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 88, 89 e 142. (Mas veja nossa nota na página 105.)

Os *quatro* salmos subseqüentes expressam propósito, tal como o "Cântico para o dia de sábado". São os salmos 38, 70, 92 e 102.

Depois há *quinze* salmos consecutivos, cada um com o título "Cântico dos degraus". São os salmos de 120 a 134.

Os cento e cinqüenta salmos estão estruturados, portanto, da seguinte forma:

Salmos sem epígrafes	34
Salmos com epígrafes simples	52
Salmos com epígrafes históricas	14
Salmos com epígrafes que denotam propósito	4
Salmos intitulados "Cânticos dos degraus"	15
Salmos com epígrafes especiais — 39 (menos oito que também contêm epígrafes *históricas* e estão inclusos no correspondente grupo de quatorze mencionado acima)	31
	150

Quando foram colocadas as epígrafes?

A *natureza antiga* das epígrafes anexadas aos salmos é indiscustível. Elas já existiam quando foi feita a tradução Septuaginta no século III a. C. e possivelmente bastante tempo *antes* disso, uma vez que o significado das chamadas epígrafes "especiais" já se havia perdido gradualmente até aquela época, conforme se verifica no fato de que os tradutores da Septuaginta não procuraram traduzir tais palavras, mas simplesmente as deixaram como constavam nas epígrafes. Assim, a data em que foram escritas remonta com facilidade ao século V a. C., isto é, aos dias de Esdras, que, conforme consenso geral, fez uma recensão, ou revisão, das Escrituras conforme se apresentavam em seus dias e, portanto, teve muito a ver com o arranjo do livro de salmos em sua atual forma. Devemos então afirmar que *Esdras* colocou todas ou a maioria dessas epígrafes nos salmos? Penso que não, especialmente se considerarmos que as composições líricas hebraicas das mais remotas épocas chegaram a nós com epígrafes. O mais provável é que essas epígrafes tenham chegado até Esdras juntamente com os próprios salmos. De fato, um estudo detalhado sobre elas revela ser muito provável que tenham sido parte do texto sagrado primitivo. Essa também é nossa própria opinião.

Um enigma...

Isso leva-nos a um assunto muito interessante: o *significado* dessas epígrafes. Admite-se que a solução delas esteja perdida há mais de 2 200 anos. O Bispo Jebb, que publicou uma obra monumental sobre os salmos em 1846, queixou-se por "haver imensas dificuldades relativas a essa pesquisa, de forma que em muitos casos pode-se oferecer pouco mais que conjeturas". O Dr. E. W. Bullinger disse certa vez: "Nenhum tema de estudo bíblico parece ser mais incapaz de solução". O grande hebraísta Franz Delitzsch afirmou a respeito dos chamados "títulos" dos salmos: "A Septuaginta já os encontrou em existência e não os compreendeu. [...] A chave para o seu entendimento deve ter-se perdido muito cedo". Muitas outras citações assim poderiam ser dadas. Alguns eruditos como, por exemplo, o Bispo Perowne, recorrem ao argumento de que os títulos não têm necessariamente autoridade, sendo simplesmente a manifestação de hipótese ou tradição.

... e uma solução

Contudo, hoje podemos dizer com segurança que *a chave há muito perdida foi descoberta!* — e abre com tanta facilidade as epígrafes dos salmos, que ficamos espantados com o fato de ter ficado tanto tempo negligenciada. Quando voltamos aos manuscritos hebraicos antigos, descobrimos que não há intervalos ou espaços entre os salmos separando-os uns dos outros, como acontece em nossa Bíblia moderna. A única marca de divisão entre eles é o número na margem. Portanto, as epígrafes, que sempre foram mais ou menos infundadamente consideradas títulos dos salmos que as *sucedem*, na verdade poderiam ser notas dos salmos que as *precedem*. Todavia, por estranho que pareça, a primeira idéia foi tão bem aceita como certa que esta última permaneceu notoriamente ignorada até épocas bem recentes. No início deste século, o Dr. James W. Thirtle, Doutor em Leis, descobriu o que é indiscutivelmente a chave das epígrafes dos salmos, ao questionar se, em lugar de serem *sobre*scritos dos salmos que lhes seguem, não poderiam ser *sub*scritos, no todo ou em parte, dos que as precedem. Existe, fora dO Livro dos Salmos, um salmo isolado mediante o qual possamos aprender qual

era a prática hebraica nesse sentido? Sim, encontra-se no terceiro capítulo do livro do profeta Habacuque. Nessa passagem, encontramos:

1. o *sobre*scrito: "Oração do profeta Habacuque sob a forma de Canto [*Shigionot*]" (v.1.);
2. a oração ou salmo em si (vv. 2-19);
3. o *sub*scrito: "Ao mestre de música. Para instrumentos de corda [*Nginot*]".

Encontramos o mesmo arranjo triplo em Isaías 38.9-20, no salmo de Ezequias, em louvor e ação de graças pelo restabelecimento de sua saúde, como segue:

1. o *sobre*scrito: "Cântico de Ezequias, rei de Judá, depois de ter estado doente e se ter restabelecido..." (v.9);
2. o "*Cântico*" ou salmo propriamente dito: versículos 10-20;
3. o *sub*scrito: "... pelo que, tangendo os instrumentos de cordas, nós o louvaremos todos os dias de nossa vida na casa do SENHOR".

Esses dois casos esclarecem as epígrafes encontradas nO Livro dos Salmos. Como resultado do exílio babilônico, o conhecimento detalhado da original adoração no templo ficou oculto e, por volta da metade ou final do século III a. C., quando a tradução Septuaginta das Escrituras hebraicas para o grego foi feita, praticamente se perdera. Como não havia espaço entre os salmos, nada existia para informar os tradutores da Septuaginta se as epígrafes *entre* alguns deles pertenciam ao que vinha antes ou ao que vinha depois. Em vista de *alguns* serem quase com certeza títulos do que se seguia, os tradutores da Septuaginta supuseram erradamente que *todos* eram títulos, e o resultado é que, desde então, essas epígrafes foram passadas adiante como "títulos" dossalmos, aparecendo agora como tal em nossa Bíblia.

É por isso que muitos leitores notam que certos "títulos" têm pouco ou nada a ver com os salmos aos quais se sobrepõem; ao mesmo tempo, alguns de nossos estudiosos arriscaram-se a dizer que certos títulos na verdade parecem mais apropriados aos salmos que os precedem do que àqueles que encabeçam!

Epígrafes que exigem divisão

Com os dois exemplos de Habacuque e Ezequias diante de nós, vamos pois descobrir que, com relação aos salmos que possuem títulos em nossa versão, muitos precisam ser divididos. A primeira parte do título deve ser tratada como *sub*scrito do salmo que a precede; as palavras restantes, tais como "Salmo de Davi", permanecem como *sobre*scrito do que se segue, como as palavras "Oração [de] Habacuque", que encabeçam a composição em Habacuque 3.

Tome como exemplo os salmos 4, 5 e 6. Em cada caso, as primeiras palavras do título não fazem *realmente* parte dele, mas são um subscrito do salmo anterior, e o título simples de cada um desses três salmos é: "Salmo de Davi".

No momento em que nos apropriamos dessa chave, as palavras especiais usadas em alguns desses subscritos iluminam-se com novo significado.

Shoshanim e Gitit

Observe essas duas palavras. *Shoshanim* significa "lírios" e encontra-se no final dos salmos 44 e 68 (não no início dos salmos 45 e 69, como temos em nossa versão). *Gitit* significa "lagares" e aparece no final dos salmos 7, 80 e 83 (não no começo dos salmos 8, 81 e 84, como vemos agora em nossa Bíblia). Os "lírios" lembram a primavera, e os "lagares", o outono, pois o símbolo universal da primavera são as *flores* e do outono, os *frutos*. A *primeira* das "festas" sagradas anuais do calendário judaico era a da *páscoa*, realizada na *primavera*, enquanto a última era a dos *tabernáculos*, realizada no outono. Os salmos que contêm os subscritos *Shoshanim* e *Gitit* destinam-se respectivamente a essas duas festas. A festa da páscoa comemorava a *redenção* e a *libertação*. A dos tabernáculos comemorava a *preservação* divina de Israel, quando Deus fez "habitar (*com segurança* — a flexão hebraica do verbo é enfática) os filhos de Israel em tendas" (Lv 23.43), depois da fuga do Egito. Leia novamente esses salmos com as palavras *Shoshanim* e *Gitit* com essas considerações em mente e observe sua importância.

Mut laben

Essa expressão aparece encabeçando o salmo 9: "Ao mestre de canto, segundo a melodia: A morte para o filho [Mut laben]. Salmo de Davi." Mas é preciso dividir essa epígrafe para que as palavras "Ao mestre de canto, segundo a melodia: A morte para o filho [Mut laben]" sejam ligadas ao salmo 8, deixando o título simples "Salmo de Davi" a encabeçar o salmo 9.

O que significa então *Mut Laben?* Todos concordam que *mut* significa "morte" e que *ben* é o hebraico para "filho", de modo que o sentido próprio do termo composto é "morte para o (ou do) filho". Mas chama-se a atenção para o fato de que *ben* provavelmente pode ser *beyn*, escrito sem a vogal longa, sendo a omissão do sinal vocálico freqüente em hebraico. Nesse caso, a expressão *mut labeyn* indicaria: "morte para o que intervém". De fato, é assim que se faz a leitura da epígrafe no Targum judaico antigo: "Para louvar, relativo à morte do homem que foi exterminado entre os acampamentos". Isso insinua alguma coisa? Claro, leva-nos a pensar em Golias, pois em 1 Samuel 17.4, 23 Golias é chamado de o *"homem entre os dois exércitos"*, embora não vejamos isso em nossa versão porque o termo hebraico foi traduzido como "guerreiro". Leia novamente o salmo 8 de acordo com esse subscrito e veja nele a celebração da grande vitória de Davi sobre Golias.

Para uma abordagem mais completa e fascinante dessas inscrições nos salmos, veja *The Titles of the Psalms* ("Os Títulos dos Salmos"), de James W. Thirtle, e *The Chief Musician* ("O Mestre de Canto"), de E. W. Bullinger. Tendo chamado atenção para o que acreditamos ser a explicação verdadeira, contentar-nos-emos em apresentar aqui os seguintes significados das palavras hebraicas especiais encontradas nas diferentes epígrafes.

Palavra	Significado	Localização
'ayelet lashaḥar	Corça da manhã (significando o *nascer do dia*)	fim do salmo 21
'alamot	Em voz de soprano	fim do salmo 45
'al-tashḥet	Não destruas	fim dos salmos 56, 57, 58 e 74
hagitit	Os lagares	fim dos salmos 7, 80 e 83
Jedutum[1]	"Louvador", nome de um dos três chefes do serviço no templo (1 Cr 16.41, 42; 25.1-6; 2 Cr 5.12)	fim dos salmos 38, 61 e 76
yonat 'elem reḥokim	A pomba nos terebintos distantes (Nota: Davi é a pomba, fugindo de Absalão.)	fim do salmo 55
maḥalat (deveria ser m^{e}holot)	A grande dança	fim do salmo 53
maḥalat le'anot	Dança com aclamações	fim do salmo 87
maskil	Instrução, compreensão	salmos 32, 42, 44, 45, 52, 53, 54, 55, 74, 78, 88, 89 e 142
miktam	Gravado (indicando ênfase e pemanência)	salmos 16, 56, 57, 58, 59 e 60
mut laben	Morte do guerreiro	fim do salmo 8
nginot	(pl. de *Nginah*) Instrumentos de corda	fim dos salmos 3, 5, 53, 54, 60, 66 e 75
nḥilot (deveria ser nahalot)	Heranças	fim do salmo 4
shminit	Provavelmente o oitavo grupo ou divisão (*no préstito em que se trazia de volta a arca*). Veja 1 Crônicas 24.1, 5; 26.1, 12	fim dos salmos 5, 11
shigayon	Brado em voz alta (*de tristeza ou alegria*)	salmo 7, título
shoshanim	Os lírios	fim dos salmos 44 e 68
shoshanim 'edut (tb. shushan 'edut)	Os lírios do testemunho	fim dos salmos 59 e 79

1. Uma vez que Jedutum refere-se a uma pessoa, um levita mestre de canto, talvez nossa análise nas páginas 99 e 100 deveria inserir os salmos a ele dirigidos no grupo dos salmos com "títulos reduzidos", em vez de os colocar nas "epígrafes especiais".

O LIVRO DOS SALMOS (3)

Lição Nº 59

NOTA: Leia para este estudo do salmo 73 ao 89 e do salmo 120 ao 134, sendo este último grupo o dos "Cânticos dos degraus".

Temos no Antigo Testamento uma interpretação da necessidade humana e no Novo Testamento a revelação do suprimento divino. No Antigo, o coração humano é desvendado; no Novo, vemos o desvendar do coração de Deus e a maneira como satisfez a necessidade humana em Cristo.

G. CAMPBELL MORGAN

O LIVRO DOS SALMOS (3)

GRUPOS DE SALMOS

NÃO SE PODE ler cuidadosamente O Livro dos Salmos sem observar que alguns dos salmos se enquadram em classes ou *grupos* distintos. Embora os salmos incluídos em qualquer desses grupos possam ser irregularmente separados uns dos outros, é evidente que estão reunidos pela semelhança de assunto ou alguma outra característica específica.

Cânticos dos degraus

Vamos examinar primeiro esse grupo de quinze salmos conhecidos como "cânticos dos degraus". Ao contrário de outros grupos que mencionaremos, esses "cânticos dos degraus" são consecutivos. São os salmos de 120 a 134. Cada um deles tem como título a frase "Cântico dos degraus".

A que se refere esse título? Uma antiga idéia judaica era que os quinze salmos tinham esse nome por serem cantados, em sua respectiva ordem, nos quinze degraus do templo, mas a dificuldade está em provar que *havia* quinze degraus no templo!

Lutero acreditava que o significado do título fosse "Cântico no coro mais alto", enquanto Calvino julgava que os salmos fossem cantados num tom mais alto. O Bispo Jebb pensava que esses salmos tinham tal nome por terem sido cantados por ocasião da "subida" da arca ao monte Sião. Outros renomados eruditos, considerando o termo hebraico como significando *subidas* e não "degraus", supõem que uma gradação ou série de subidas é indicada no paralelismo poético desses salmos, sendo que cada verso de um paralelo transmite o sentido do precedente num grau maior ou patamar mais alto. O ponto fraco dessa explicação é que nem todos os quinze salmos possuem essa característica, enquanto *outros*, além desses quinze, *apresentam-na*! Há ainda quem seja de opinião que esses quinze salmos estavam associados com a subida do povo para as três festas anuais em Jerusalém, mas, como ressalta um estudioso, a maioria dos salmos, ao

que parece, absolutamente nada tem a ver com as peregrinações! A crítica moderna considera todos esses salmos pós-exílicos, afirmando que eram cânticos dos exilados que voltavam do cativeiro na Babilônia! Outros espiritualizam os salmos, interpretando-os como referentes à Igreja. Mas os salmos em si falam apenas de Israel, Judá, Jerusalém e Sião!

Eis a situação! As opiniões são muitas, mas será que alguma das que mencionamos parece ser a verdadeira explicação?

O que dizer dos quinze salmos chamados "cânticos dos degraus"? Existe uma solução realmente satisfatória? Existe. Nem precisamos sair da Bíblia, procurando na tradição, ou nos Pais da Igreja, ou na inteligência humana. Como demonstraram os doutores Thirtle e Bullinger, a explicação está na própria Bíblia.

A primeira coisa a notar é que o título "Cântico dos degraus" tem artigo definido no hebraico antes da palavra "degraus". Isso leva a supor imediatamente que certos "degraus" bem conhecidos estão sendo citados. Então a Bíblia os menciona? Sim: e são os *únicos* "degraus" mencionados nas Escrituras. São os degraus do grande relógio de sol do rei Acaz, em Jerusalém. Como outros relógios de sol reais de épocas remotas, o relógio de sol de Acaz deveria ser uma obra bem planejada e notável, com suas marcações de progressão subindo como uma escada longa e reta até uma altura considerável e nas quais, passo a passo, ou degrau por degrau, a sombra seria registrada pelo ponteiro.

Ficamos sabendo de alguma coisa especial sobre esse relógio de sol de Acaz? Sim, algo *muito* especial. Foi nesse relógio de sol, no reinado de Ezequias, filho de Acaz, que a sombra retrocedeu dez "graus" ou "passos", como sinal de que a vida de Ezequias teria um acréscimo de quinze anos! Esse acontecimento sobrenatural está registrado em 2 Reis 20.8-11 (tenha a gentileza de procurá-lo), em que a palavra "graus" é certamente enfatizada pela repetição.

Existe, então, alguma possibilidade de que os "cânticos dos degraus" se relacionem a Ezequias e aos graus do relógio de sol de Acaz? Sim. Para começar, sabemos que Ezequias foi o mais piedoso dos reis de Judá (2 Rs 18.5, 6) e que seria exatamente o homem indicado, do ponto de vista espiritual, para escrever composições como os "cânticos dos degraus". Sabemos também que Ezequias tinha muito interesse em salmos e cânticos espirituais. Foi ele quem restabeleceu o culto no templo (2 Cr 29), tomando grande cuidado para que tudo fosse feito "segundo mandado

de Davi" (v.25), "ao som dos instrumentos de Davi" (v.27) e "com as palavras de Davi" (v.30).

Em geral, concorda-se que Ezequias desempenhou importante papel na organização dO Livro dos Salmos em sua forma atual, e sabemos que o mesmo se aplica a Provérbios (Pv 25.1). Além disso, porém, o próprio Ezequias escrevia salmos, pois em Isaías 38, a partir do versículo 9, encontramos um dos salmos escritos por ele. O que chama ainda mais nossa atenção é a referência feita nesse capítulo a uma coleção de "cânticos" composta por Ezequias. Que "cânticos" poderiam ser? Parece quase certo, pela sua associação, que se tratavam dos "Cânticos dos degraus" que aparecem agora em nosso livro de salmos, pois no versículo 9 nos é dito que o salmo ali registrado era um "Cântico de Ezequias, rei de Judá, *depois de ter estado doente e se ter restabelecido...*" (a enfermidade devido à qual a sombra retrocedeu dez graus; veja o versículo 8). No final desse salmo Ezequias diz: "O SENHOR veio salvar-me; pelo que, tangendo os instrumentos de cordas, nós o louvaremos [*com meus cânticos*] todos os dias de nossa vida na casa do SENHOR" (v.20).

Há necessidade de mais alguma prova? Notemos agora que o número dos "cânticos dos degraus" é *quinze* e o número de anos acrescentados à vida de Ezequias também é *quinze*. A sombra retrocedeu *dez* graus no relógio de sol, e *dez* dos "cânticos dos degraus" são anônimos, enquanto os cinco restantes *não* foram deixados anônimos — quatro são atribuídos a Davi e um a Salomão. Há várias razões para Ezequias ter deixado sem nome os dez salmos que escreveu. Um apropriado senso de humildade seria suficiente, à parte de qualquer outra coisa. Pode ser também que, por serem os "cânticos" bem conhecidos como de autoria de Ezequias, a colocação de seu nome seria desnecessária. Não havia necessidade de confirmar que eram seus.

Fica evidente o fato de terem sido *dispostos* em sua ordem atual. Existem cinco grupos de três salmos cada. Em cada grupo, dois são de Ezequias e um de Davi ou Salomão. Em cada trio, o primeiro traz o *problema*; o segundo, a *confiança*; e o terceiro, o *triunfo*.

Além de tudo o que dissemos, porém, a prova final de que esses quinze "cânticos dos degraus" se relacionavam de fato a Ezequias e aos graus do relógio de sol é a correspondência entre seu conteúdo e o relato histórico em Reis e Crônicas sobre a doença de Ezequias e o cerco de Jerusalém pelo rei da Assíria naquela ocasião. Mas esse é um outro estudo, e temos

de deixar que o leitor mais interessado consulte o livro de Bullinger, *The Chief Musician* ("O Mestre de Canto") ou, melhor ainda, descobrir por si mesmo a correspondência.

Os salmos messiânicos

Encontramos um notável elemento profético percorrendo todo O Livro dos Salmos, e muitos dos salmos jamais poderão ser apreciados corretamente se isso não for reconhecido. O Novo Testamento confirma nossas palavras, pois não só O Livro dos Salmos é citado com mais freqüência no Novo Testamento do que qualquer outro livro do Antigo Testamento, mas também a maioria das citações baseadas nele são de caráter profético.

O aspecto mais relevante desse conteúdo profético encontra-se nos salmos conhecidos como *messiânicos*; estes, que, além de uma referência real à época em que foram escritos, têm sua explicação e cumprimento final em Cristo.

Três temas são abordados pelos salmos proféticos: 1) a humilhação e a exaltação do Messias; 2) os sofrimentos e a libertação final de Israel; e 3) a bênção futura de todas as nações mediante o reinado do Messias de Israel.

Os principais salmos messiânicos são: 2, 8, 16, 22, 23, 24, 40, 41, 45, 68, 69, 72, 87, 89, 102, 110 e 118. Nesses e em outros, temos o nascimento, a traição, a agonia, a morte, a ressurreição, a ascensão, a volta em glória e o reinado universal de Cristo, tudo descrito com inspirada nitidez. Foi observado que existem mais declarações proféticas sobre esse tema dos temas nos salmos "do que em Isaías ou em qualquer outro livro profético".

Nesses salmos, encontramos algumas das orações do Senhor previamente escritas e até certas expressões com as quais Ele desabafou Seus sofrimentos, sem mencionar outros prenúncios de sua humilhação, encontrados várias vezes. Em separado do restante, quando lidos à luz do Novo Testamento, os salmos messiânicos constituem um testemunho indiscutível da inspiração divina das Escrituras.

Veja por exemplo o salmo 22. Poderia haver uma representação prévia da morte do Senhor na cruz mais surpreendente do que a descrita nesse salmo? O início traz as próprias palavras usadas por Jesus no quarto de

Seus sete pronunciamentos na cruz: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?...". Por meio do escritor humano desse salmo, o Cristo ainda não encarnado fala como se já estivesse naquela cruz que jamais seria esquecida. Fala de Si mesmo, na primeira pessoa, como "desprezado", "escarnecido" e provocado pelas palavras "Confiou no SENHOR! livre-o ele, salve-o, pois nele tem prazer" (v. 8) — e essas são exatamente algumas das palavras proferidas no Calvário pelos líderes judaicos, que com certeza não falaram assim para cumprir de forma artificial uma profecia escrita contra eles mesmos! O mais espantoso de tudo, talvez, seja o fato de que o salmo continua dizendo: "... uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés. Posso contar todos os meus ossos; eles [os malfeitores] me estão olhando e encarando em mim. Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica deitam sortes". Quando lembramos que essas palavras foram escritas centenas de anos antes da encarnação do Senhor e que naquela época a morte de cruz era desconhecida (sendo introduzida mais tarde pelos romanos), não podemos senão admirar-nos da linguagem aqui utilizada pelo salmista com referência ao traspassar das mãos e dos pés. Só um leitor singularmente cego veria aqui apenas o Davi humano descrevendo alguma experiência sem precedentes em sua própria vida, já que Davi jamais foi levado ao extremo da crucificação descrito nesse salmo. Além disso, sabemos que o repartir das vestes e o deitar sortes sobre a túnica foram fatos literalmente cumpridos no momento em que nosso Salvador achava-se pendurado na cruz!

Vamos examinar o salmo 72. O título é simplesmente "Salmo de [ou relativo a] Salomão", mas se o lermos com discernimento não podemos deixar de exclamar: "Eis aqui alguém maior que Salomão!". Ele retrata em cores vivas as glórias do reino messiânico. Num estudo anterior, vimos como a aliança de Deus com Davi relativa a seu "filho" devia cumprir-se primeiro em Salomão e finalmente em Cristo (veja 2 Samuel 7). De acordo com isso, notamos que nesse salmo 72 as bênçãos do reino de Salomão são exaltadas em um quadro profético do reino vindouro de Cristo. Observe os quatro grandes fatos a esse respeito:

1. seu caráter — "justiça" (vv. 2-7);
2. sua extensão — "até aos confins da terra" (vv. 8-11);
3. sua prosperidade — "abundância" (v.16);
4. sua duração — "enquanto resplandecer sol" (v.17).

Esses salmos messiânicos constituem um estudo riquíssimo em seu variado testemunho acerca de Cristo. Dão testemunho de Sua *pessoa*, como Filho de Deus (2.7; 45.6,7; 102.25-27), como Filho do homem (8.4-6 *etc.*) e como Filho de Davi (89.3, 4, 27, 29). Dão testemunho de Seus *cargos*, como profeta (22.22, 25; 40.9, 10), como sacerdote (110.4) e como rei (2, 24 *etc.*). Deve-se notar que referências como as passagens 45.6, 7 e 102.25-27 pressupõem a essencial divindade do Senhor, especialmente à luz de Hebreus 1.8-14. Nos salmos messiânicos temos então um tesouro de ouro puríssimo.

Outros grupos de salmos

Vamos examinar apenas outros dois ou três grupos de salmos. Os salmos de *aleluia* são em número de dez: 106, 111, 112, 113, 135 e de 146 a 150. Sua característica especial é que cada um começa com a expressão "Aleluia" (ou "Louvai ao SENHOR"), e todos com exceção de dois (111 e 112) também *terminam* com "Aleluia". Essa expressão de louvor ocupava o lugar de um refrão musical no culto hebraico, correspondendo ao *Gloria Patria* do culto cristão.

A seguir vêm os salmos de *penitência.* São sete — 6, 32, 38, 39, 51, 102 e 143 — embora existam outras passagens de penitência em grau menor em outros salmos que não esses.

Temos igualmente pares, trios e grupos menores de salmos que são associados em vista de *completarem-se* uns aos outros. Veja os de número 22, 23 e 24: são uma trindade em unidade. O 22 é o do *Salvador que sofre.* O 23 é o do *Pastor vivo.* O 24 é o do *Soberano exaltado.* Nesses três salmos temos a cruz, o cajado e a coroa! Além disso, correspondem surpreendentemente às três importantes referências do Novo Testamento à obra "pastoral" do Senhor. Em João 10, Ele é o *"bom"* Pastor que dá a vida pelas ovelhas — *como no salmo 22.* Em Hebreus 13.20, 21, é o *"grande"* Pastor que, tendo ressuscitado dos mortos, aperfeiçoa tudo o que se refere a Seu rebanho — *como no salmo 23.* Em 1 Pedro 5.4, é o "*Supremo*" Pastor que ressurgirá em glória, trazendo coroas de recompensa — *de acordo com o salmo 24.* Assim sendo, nos salmos 22, 23 e 24, temos o "bom", o "grande" e o "supremo" Pastor — uma sublime e belíssima descrição prévia trina do Senhor Jesus como o verdadeiro Pastor

de Seu povo.

Examine os salmos 46, 47 e 48. Embora geralmente não sejam incluídos nos salmos messiânicos, quando se conhece a importância profética do Saltério, é fácil ver nesses três salmos uma surpreendente previsão tripla do reino messiânico vindouro. No salmo 46, temos a *vinda* do reino — mediante a grande tribulação. No 47, temos a *extensão* do reino — "toda a terra". No salmo 48, temos a *sede* do reino — Sião, a "cidade do nosso Deus". Observe esses três salmos e veja se é realmente assim.

Você pode ainda tomar os salmos 90 e 91. O primeiro é atribuído a Moisés, e supõe-se que o último tenha sido escrito pela mesma mão. Esses dois grandes poemas formam uma esplêndida exposição das palavras de despedida de Moisés em Deuteronômio 33.27: "O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo de ti estende os braços eternos...". No salmo 90 temos o "Deus eterno" e no 91, os "braços eternos". Outros exemplos poderiam ser dados, mas os acima são suficientes para mostrar que estradas e atalhos com descobertas agradáveis e edificantes nos rodeiam por toda parte nesse inigualável livro de salmos.

Lembramos a advertência feita por um pregador idoso a um jovem amigo que começava seu ministério: "Meu jovem irmão, se quiser ter uma vida espiritual rica e uma pregação poderosa, aprenda bem os salmos de Davi e as epístolas de Paulo".

O LIVRO DOS SALMOS (4)

Lição Nº 60

NOTA: Leia agora do salmo 90 ao 119. Marque a doxologia no final do salmo 106, indicando a interrupção entre o quarto e o quinto grupos principais dos salmos.

O Amor pode suportar, e o amor pode perdoar [...], mas o Amor jamais poderá conciliar-se com um objeto que não é digno de amor [...]. Jamais poderá, portanto, conciliar-se com seu pecado, porque o pecado em si não pode ser transformado; mas pode conciliar-se com sua pessoa, porque isso pode ser restaurado.

TRAHERNE, *Centuries of Meditation* ("Séculos de Meditação"), II, 30.

O LIVRO DOS SALMOS (4)

Salmos imprecatórios

COMO espinhos agudos num ramo de rosas, no Saltério ocorrem aqui e ali certos salmos expressando ira veemente e imprecações contra inimigos e malfeitores. São conhecidos como "salmos imprecatórios". Vez por outra, há também passagens mais curtas, de natureza semelhante, em outras partes dos salmos. Esses salmos e passagens imprecatórios têm causado muita perplexidade em diversos leitores. Os salmos imprecatórios são: 35, 58, 59, 69, 83, 109 e 137. As passagens mais curtas são: 5.10; 6.10; 28.4; 31.17, 18; 40.14, 15; 41.10; 55.9, 15; 70.2, 3; 71.13; 79.6, 12; 129.5-8; 140.9, 10; 141.10 e 149.7-9. Para alguns, esses salmos e passagens imprecatórios são um obstáculo mais difícil do que qualquer outro no que diz respeito a uma confiança estável na inspiração divina das Escrituras. O que diremos então sobre eles?

Em primeiro lugar, não hesitaremos em dizer que, de nossa parte, jamais consideramos esses salmos e passagens tão difíceis quanto dizem. Talvez nos considerem insensíveis, ou superficiais, ou ambos, quando fazemos tal afirmação sem vacilar; mas não nos sentimos absolutamente perturbados com isso; pois, tendo refletido com cuidado sobre as circunstâncias, convencemo-nos de que é a objeção em si o que há de superficial; sendo principalmente uma expressão de sentimentos em vez de lógica bem fundada e raciocínio cuidadoso. Analisemos brevemente tal oposição para buscar uma resposta.

Parece haver nessa objeção quatro aspectos. Os salmos imprecatórios são considerados 1) contrários aos sentimentos mais elevados da natureza humana, como a compaixão comum que há dentro em nós, 2) contrários aos preceitos até da religião natural, os quais nos mostram que Deus envia Sua chuva sobre os justos e os injustos e faz o bem ao pior dos homens, 3) absolutamente contrários ao ensino e ao espírito do Novo Testamento, que ensina o amor aos inimigos e o perdão das injúrias e 4) discordantes da própria confissão dos salmistas de que têm confiança zelosa em Deus.

Segundo o nosso ver, seria melhor que certas explicações apresentadas para esses salmos fossem omitidas. Por exemplo, argumenta-se que muitas

das passagens que em nossa versão expressam desejo imprecatório estão no tempo futuro em hebraico, devendo portanto ser traduzidas simplesmente como previsões sobre o que vai acontecer, e não o que o salmista *deseja* ou pede em oração que aconteça. Mas esse argumento não oferece solução alguma para as passagens nas quais o verbo acha-se no imperativo, tais como 55.9: "Destrói, Senhor, e confunde os seus conselhos...". Nem anula declarações como: "Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra" (137.9). À parte de outras fraquezas, *tal* argumento é, portanto, evidentemente precário.

Argumenta-se também que esses sentimentos imprecatórios são peculiares à antiga dispensação. Esse raciocínio, porém, embora tente limitar a dificuldade, não a remove de modo algum, pois o que é essencialmente mau num período não pode deixar de sê-lo em outro. Além do mais, na antiga dispensação, Deus inculcava enfaticamente a bondade, não só a viúvas e orfãos, mas ao estrangeiro, ao egípcio e ao escravo de origem estrangeira. A postura encontrada nos salmos imprecatórios é igualmente encontrada no Novo Testamento, como, por exemplo, nas palavras de Paulo: "Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras" (2 Tm 4.14). No que diz respeito a uma execração muitíssimo solene, veja também Gálatas 1.8, 9.

Há também quem afirme que as imprecações dos salmos só invocam sofrimentos *temporais*, não afetando a alma no além. Ficamos aliviados ao descobrir que isso parece certo; todavia, o *princípio* permanece o mesmo quer os anátemas se refiram apenas à vida presente quer relacionem-se ao porvir. Se a *postura* expressa nos salmos imprecatórios é errada, então é errada quaisquer que sejam as imprecações em si: e essa é a verdadeira dificuldade.

Poderemos então defender esses salmos e passagens imprecatórios sem recorrer a "explicações" artificiais? Penso que sim. Há certos fatos que parecem ter sido negligenciados ou insuficientemente ressaltados, e devemos notá-los desde o início.

Em primeiro lugar, parece ser um princípio bem estabelecido da interpretação das Escrituras o fato de que a primeira menção de qualquer assunto fornece a chave de tudo o que for dito sobre ele depois. Muitos exemplos disso poderiam ser dados se nos permitisse o espaço. Como acontece com outros tipos de textos da Bíblia, aqui também o primeiro

desses versículos imprecatórios fornece a chave de todos os que se seguem. É o salmo 5.10, em que Davi diz: "Declara-os culpados, ó Deus; caiam por seus próprios planos. Rejeita-os por causa de suas muitas transgressões, pois se rebelaram contra ti". Essa imprecação é contra transgressores rebeledes, e é contra eles somente *porque* são o que são, como vemos na última oração: "... pois se rebelaram contra ti". Em outras palavras, a imprecação é contra malfeitores ímpios *como tais.* As palavras de Davi nesse versículo são as de um homem que vê o pecado, em sua natureza real, como uma rebelião contra Deus. São as palavras de um homem que se identificou com Deus contra o pecado e que odeia o pecado pelo fato de Deus também odiá-lo. É a disposição mental estabelecida no salmo 139: "Não aborreço eu, SENHOR, os que te aborrecem? e não abomino os que contra ti se levantam? Aborreço-os com ódio consumado: para mim são inimigos de fato" (vv. 21, 22).

Repetimos que essa é a postura revelada no primeiro dos versículos imprecatórios, e é importante compreender isso, pois o *motivo* do salmista torna-se imediatamente claro. Não se trata, como em muitas outras imprecações humanas, do desejo perverso de um homem maldoso contra um homem bom, cuja bondade o condena. Nem é o desejo perverso de um homem ambicioso contra algum outro, bom ou mau, que está em seu caminho. Nada tem a ver com inveja, rancor ou ambição. A imprecação não é contra homens simplesmente, *mas contra malfeitores.* Um exame cuidadoso de todas as passagens imprecatórias mostra que dois terços delas são especificamente contra malfeitores como tais; nas restantes, o mesmo motivo parece estar implícito. Embora estejamos longe de afirmar que esse fato por si só esclarece as passagens imprecatórias, destacamos seu valor ao pelo menos esclarecer sua *motivação.*

Outro fato a ser salientado é que dentre os vinte e seis exemplos de imprecação que citamos, dezesseis são de Davi, que era um rei *teocrático*, como deve ser lembrado. Ao contrário de Saul, Davi sempre teve um aguçado senso de responsabilidade teocrática. Isso revela-se ao vermos que, apesar das próprias transgressões à lei, jamais se colocou acima dela ou tentou pervertê-la para uso próprio. Como rei teocrático, Davi sabia que fora ungido por *Deus*, que governava *em nome de* Deus e que tinha de *responder* diretamente a Deus. Num estudo anterior (sobre 1 Reis 2), vimos como Davi, no leito de morte, consciente de sua responsabilidade teocrática, encarregou Salomão de aplicar castigo sobre certos malfeitores

que ele mesmo fora negligente em punir antes — e esse encargo final dado a Salomão corresponde aos versículos imprecatórios dos salmos davídicos. Nestes, Davi fala movido pela consciência de seu reinado teocrático. Os que lutavam contra ele, traíam-no e planejavam sua queda, estavam atacando a *Deus*, pois ele, Davi, era o *ungido do Senhor!* Existem muitas indicações disso nos salmos davídicos, mas para escolher duas ou três dentre os imprecatórios, indicaríamos os salmos 59.11, 69.6 e 40.9, 10. Novamente, não estamos afirmando que só esse fato já esclarece as imprecações — queremos salientar sua importância para deixar claro que o *ponto de vista* delas não é apenas pessoal, mas teocrático. Essas imprecações davídicas são pronunciadas do ponto de vista da justiça pública, e não da vingança pessoal.

Quanto às cinco passagens imprecatórias que *não* são davídicas, em cada caso, são *nacionais*, e não pessoais. Encontramo-nas em 79.6, 12; 129.5-8; 149.7-9 e nos salmos 83 e 137.

Um outro fato acerca dessas passagens imprecatórias a ser cuidadosamente ressaltado relaciona-se ao *espírito* em que foram escritas. Podemos perguntar: "Por que o salmista não mostrou um espírito bondoso para com aqueles que o maltratavam?". A resposta é que ele *já fizera isso*, e dele fizeram mal uso. Aqui e ali nos salmos imprecatórios encontramos palavras como: "Pagam-me o mal pelo bem..." (35.12); "... tenho de restituir o que não furtei" (69.4); e "Pagaram-me o bem com o mal, o amor, com ódio" (109.5).

Muitos não conseguem distinguir entre *perdoar* e *aceitar*. É cristão e belo perdoar os erros cometidos contra nós; mas quando o perdão é malbaratado e os erros persistem sem intenção alguma de arrependimento, o ato de perdoar continuamente resulta em *aceitação* daquilo que deveria ser condenado. Devemos distinguir entre perdoar um *ato* errado e aceitar uma *postura* errada. Há alguns anos assisti à reconciliação de um casal separado havia dezoito anos por causa da imoralidade do marido. Foi maravilhoso ver o perdão da mulher pelos erros dele. Um pouco mais tarde, porém, descobriu-se que aquele indivíduo perverso continuava hipocritamente em seus hábitos imorais, embora, ao mesmo tempo, professasse ardente amor à mulher cuja vida já arruinara de maneira tão cruel. Qual a atitude cristã a ser tomada pela esposa? Aceitar esse vil pecado? Existe alguma passagem nos salmos imprecatórios forte demais para tal comportamento? Essa distinção entre perdoar e aceitar

deve ficar bem gravada na mente ao lermos tais salmos. Apesar de isso também não esclarecer toda sua dificuldade, é importante para justificar seu *espírito.*

Portanto, é correto afirmar que há pelo menos razões plausíveis a partir das quais podemos ver com bons olhos o *motivo, o ponto de vista* e o *espírito* dos chamados salmos "imprecatórios". Isso prepara-nos para o que, segundo o nosso ver, é decisivo a favor deles.

Tendo em mente seu motivo, ponto de vista e espírito, acreditamos sinceramente que de fato estão de acordo com os instintos mais verdadeiros e elevados da natureza humana e com os ensinamentos do cristianismo.

Existem certos crimes que, pela sua própria violência, provocam indignação em todos os homens e mulheres de bom senso. As vis injúrias cometidas por monstros como Acabe, Herodes, Xerxes I, Antíoco Epifânio, Nero, os Fouquier Tinvilles e os responsáveis pela Revolução Francesa — será que uma pessoa normal pode ler a respeito desses atos de violência sem experimentar reações de veemente condenação e imprecação? As circunstâncias revoltantes e a crueldade diabólica da recente perseguição aos judeus por parte de Hitler; a selvageria sádica dos nazistas ao bombardearem e metralharem sistematicamente mulheres e crianças indefesas na Bélgica e na França; sua brutalidade doentia ao mutilarem deliberadamente os corpos dos refugiados aterrorizados, esmagando-os com seus tanques; sua maldade diabolicamente destrutiva contra cidades como Belgrado; sua crueldade desumana ao metralhar barcos salva-vidas e navios-hospital, e até marinheiros naufragados lutando pela vida na água; sua mentira, traição e artimanhas assassinas — podemos pensar nessas atrocidades diabólicas sem sentir não só repulsa, mas também o inflamar instintivo de uma intensa indignação e imprecação? Será de admirar que, quando os nazistas desprezaram absolutamemente todas as considerações humanitárias e persistiram em sua fria crueldade contra indefesos civis, o povo da Inglaterra fosse gradualmente levado a clamar que as cidades alemãs deveriam receber uma dose do mesmo tipo de sofrimento (repetindo assim o mesmo sentimento do salmo 137)? Crimes como os que mencionei, remotos ou recentes, chocam o inato senso moral da natureza humana de tal modo que o passar dos anos não diminui. A consciência comum exige reparação. Sentimos que se tais delitos ficassem impunes, a constituição moral do

próprio universo seria violada; assim, ficamos aliviados ao saber que o castigo foi aplicado.

Afirmamos que uma reação desse tipo é parte de nossa natureza, e uma análise poderá mostrar isso melhor do que qualquer coisa. Um de seus primeiros componentes é a *ira* intuitiva contra o erro — não apenas a espécie de reprovação mental que surge depois de certa reflexão e raciocínio, mas uma espontânea explosão de protesto que é instintiva e imediata. Um segundo fator é a *comiseração* instantânea pela vítima ou vítimas de tais crueldades. Pela própria natureza, colocamo-nos imediatamente do lado da parte ofendida. E existe também uma perturbadora consciência de *desejo* — um desejo que tem origem naquele senso de justiça inerente à nossa constituição moral, no sentido de que o castigo correto deve ajustar as contas. Não se trata de um simples apelo por vingança, pois o mal talvez não tenha sido cometido contra nós. Nem é uma emoção transitória, pois a reflexão só serve para confirmá-la. Mesmo que nós mesmos tenhamos cometido o erro temos essa reação, pois, embora por um lado tentemos de alguma forma evitar a dor do castigo, por outro, desejamos o alívio mental de saber que o castigo foi aplicado.

Por mais que argumentemos, essa reação imprecatória contra erros cometidos baseia-se no que se tem chamado de "princípio original de nossa natureza". Os mesmos sentimentos, pelo menos em espécie, são despertados seja o perpetrador um homem atual seja ele alguém que viveu há séculos, viva ele em nossa cidade, viva no extremo oposto. Isso prova de imediato que a reação imprecatória não surge simplesmente de qualquer dolo pessoal contra o malfeitor.

Como isso está ligado aos salmos imprecatórios ficará evidente. Não podemos considerar errado aquilo que seja instinto irreprimível de nossa natureza moral sem impugnar o Deus que nos fez. Se tais imprecações contra atrocidades gritantes ou violências ignóbeis brotam de nossos instintos e sentimentos inatos, não pode haver circunstâncias em que seja certo *expressá-las* com a voz ou por escrito? Conhecemos pelo menos um homem ponderado cujas dúvidas sobre os salmos imprecatórios foram solucionadas para sempre mediante sua própria reação instintiva às atrocidades cometidas pelos nazistas, pois se viu manifestando uma forte indignação em termos tão pesados quanto os encontrados em tais salmos! Agora sabe, pelo ensino de sua própria constituição moral, se é certo ou

não sentir e manifestar imprecação contra tais malfeitores! Se alguém sem preconceitos examinar as circunstâncias que provocaram, ou julga-se que provocaram, as imprecações mais graves encontradas nos salmos, nada encontrará que contrarie sejam os instintos mais legítimos da natureza humana, sejam os ensinamentos do cristianismo.

No entanto, há algo que coloca esses salmos imprecatórios sob uma luz totalmente nova. Um exame cuidadoso mostra que contêm um elemento *profético* sobrenatural, estabelecendo que sua inspiração é divina. O Deão Farrar, que com notável brilho literário popularizou muitas idéias ousadas sobre as Escrituras, zombou desdenhosamente dizendo: "Pode o tentar impingir passagens desse tipo como sendo pronunciamentos de Deus passar de flagrante sofisma?". Mas embora cônegos à nossa direita e deões à nossa esquerda atirem e trovejem suas dúvidas, permanece o fato de que o selo da profecia é o selo de *Deus*. Leia com cuidado as seguintes palavras do Bispo William Alexander:

"Pode ser plausível negar, não sem amarga indignação, a relação messiânica do salmo 110 ou o caráter subjetivamente messiânico dos salmos 69 ou 109, com base na idéia de que aqueles lábios amáveis jamais poderiam ter pronunciado uma imprecação, que imagens de guerra e carnificina nada têm em comum com o Messias do Novo Testamento. Todavia, afinal de contas, quem proferiu a frase '... a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e executai-os na minha presença'? Quem dirá: '... Apartai-vos de mim, malditos...', '... Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade', nas palavras do salmo 69?

"Nenhuma passagem dos salmos trouxe mais indignação do que a contida no final do terno 'Super flumina' (Às margens dos rios de Babilônia):

Filha de Babilônia, que hás de ser destruída;
feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste!
Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra.
(137.8, 9)

"Mas para o estudante atento, a condenação da Babilônia tem um cheiro de profecia. Fechamos o Saltério por algum tempo e, depois de muitos dias, quando nos aproximamos do final de todo o livro da revelação,

ficamos surpresos com um novo eco das palavras do velho salmo 137: '... Caiu, caiu a grande Babilônia [...]. *Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu*, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras...' (Ap 18.2, 6)".

Depois de todos esses séculos ainda permanece um significado profético nas palavras que se relaciona com algo que ainda deve acontecer. Mas mesmo nos reportando à queda da antiga Babilônia, descobrimos que houve um surpreendente cumprimento do significado curiosamente profético das palavras do salmista; pois, como as coisas ocorreram, a queda de Babilônia foi tão terrível, que, se alguém esmagasse os pequeninos contra a pedra, salvando-os de um destino ainda pior, podia ser considerado um bom amigo! O Bispo Alexander acrescenta apropriadamente: "A não ser que seja errado e inacreditável que Deus deva castigar severamente, não é errado nem inacreditável que Seu Filho deva advertir sobre isso da maneira mais viva e impressionante". Não devemos jamais esquecer que existe esse traço profético latente nos chamados salmos imprecatórios. Não deve ser também esquecido que, independentemente do que os homens pensem ou digam, o selo profético da Escritura é o selo do próprio Deus.

Em resumo: os salmos imprecatórios são bem fundados no *motivo*, no *ponto de vista* e no *espírito*. Expressam um senso moral inerente à natureza humana e não um desejo pessoal de vingança. O elemento profético sobrenatural neles presente sela-os como genuinamente inspirados. Existem também passagens perfeitamente equivalentes no Novo Testamento. Deduzimos, portanto, que as objeções a esses salmos nascem de suscetibilidades sentimentais da natureza humana, e não de raciocínio lógico. Mas toda vez que o sentimento discorda da lógica bem fundada, é errado e deve ser firmemente reprimido.

O LIVRO DOS SALMOS (5)

Lição Nº 61

NOTA: Antes deste estudo final sobre os Salmos, leia do salmo 120 ao 150, duas vezes cada um. Estude cuidadosamente o salmo 139, juntamente com nossas notas neste estudo.

Comparado a isto, como é pobre o orgulho da religião,
Em toda sua pompa de método e de arte,
Quando os homens exibem à toda a congregação
Cada uma das graças da devoção, menos o coração!
O Poder, enraivecido, abandonará o espetáculo suntuoso,
O traço de pompa, a estola sacerdotal:
Mas, felizmente, em alguma cabana distante,
Pode ouvir, jubiloso, a linguagem da alma;
E em Seu livro da vida os pobres ocupantes se alistam.

ROBERT BURNS, *The Cotter's Saturday Night*.

O LIVRO DOS SALMOS (5)

Salmos avulsos

ANTES de terminarmos o estudo dO Livro dos Salmos, devemos examinar rapidamente alguns dos salmos em separado. Não só muitos leitores deixam de reconhecer sua poesia esplêndida, como lamentamos em uma lição anterior, mas também os lêem superficialmente demais para perceber a beleza estrutural presente em vários deles.

Salmo 139

Vejamos o salmo 139. A excelência literária desse poema só se compara à majestade e sublimidade de sua mensagem espiritual. Longe de ser uma simples seqüência de versículos ligados imprecisamente, trata-se de uma composição estruturada de forma metódica. Isso pode-se verificar com bastante facilidade mesmo em nossa tradução, embora não apresente o salmo em sua forma poética. Os vinte e quatro versículos dividem-se em quatro estrofes de seis versos. Nos primeiros seis, temos a *onisciência* divina. Nos seguintes, a *onipresença* divina. Depois, a *onipotência* divina. Por fim, temos a reação do salmista a essas sublimes considerações, terminando com uma oração sincera, pois sua contemplação dos atributos divinos prostra-o de joelhos em adoração e fervorosa súplica.

Examine os seis primeiros versículos, que tratam da *onisciência* divina. No primeiro lemos: "SENHOR, tu me sondas e me conheces". No original existe uma espécie de elipse aqui. Em lugar de preencher a segunda frase com o pronome "me", como em nossas versões, talvez devêssemos ler: "Senhor, tu me sondas e conheces o meu coração". Isso forma um verdadeiro paralelo entre a primeira frase e a oração final: "Sonda-*me*, ó Deus, e conhece o *meu coração...*". Não é indispensável ler desse modo tal passagem para notar o desenvolvimento dos seis primeiros versículos; isso, porém, enfatiza ainda mais sua seqüência e perfeição, falando, como o fazem, do coração, dos pensamentos, de atos e de palavras. Assim, lendo esses versículos vemos que o Deus onisciente conhece:

O MEU CORAÇÃO — "SENHOR, tu me sondas e me conheces (o coração)" (v. 1);
OS MEUS PENSAMENTOS — "... de longe penetras os meus pensamentos" (v. 2);
OS MEUS CAMINHOS — "Esquadrinhas [...] e conheces todos os meus caminhos" (v. 3);
A MINHA PALAVRA — "Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda" (v. 4).

Isso abrange o homem moral por inteiro, toda nossa vida interior e exterior. A onisciência divina é vista aqui como uma realidade controladora que influencia toda nossa vida e nosso ser, e não como uma simples abstração teológica ou filosófica. Não surpreende que nos versículos 5 e 6 o poeta inspirado, dominado por admiração reverente, acrescentasse: "Tu me cercas por trás e por diante, e sobre mim pões a tua mão. Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir".

Leia agora a *segunda* estrofe, abrangendo o segundo grupo de seis versículos. Temos aqui a *onipresença* divina expressa em cinco extremos. Primeiro, o da *altura*: "Se subo aos céus, lá estás..." (v. 8). A seguir, o da *profundidade*: "... se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também..." (v.8). Observe a exclamação de surpresa de Davi, o seu "eis que" Deus encontra-se nas profundezas do Seol bem como nos altos céus (ARC). Depois disso, temos os dois extremos do *Leste* e *Oeste*: "... se tomo as asas da alvorada..." — referência poética ao nascer do sol e, portanto, ao Leste — "... e me detenho nos confins dos mares..." — referência ao mar Mediterrâneo e, portanto, ao Oeste — "... ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá" (vv. 9,10). Finalmente, temos o extremo das *trevas*: "Se eu digo: As trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite..." (v. 11). Note a ênfase aqui: "Se eu digo: As trevas, *com efeito*, me encobrirão...". A escuridão intensa é considerada o mais seguro de todos os esconderijos. Em qualquer lugar que o homem se esconda de dia, pode ser visto se alguém passar pelo mesmo caminho; mas a escuridão encobre de tal forma que nenhum olho mortal pode ver através dela. Altura, profundidade, Leste, Oeste, luz, trevas — Deus está presente em todos eles.

Leia agora a *terceira* estrofe, que abrange o terceiro grupo de seis

versículos. Temos aqui a *onipotência* divina (vv. 13-18). O régio poeta fala aqui com delicada habilidade sobre o mistério do nascimento e da vida humana, contemplando no homem o acabamento da obra criadora e, ao mesmo tempo, a prova da onipotência divina. Devemos deixar esses versículos para a leitura particular do aluno. Expressam com grande vigor a maravilha da constituição humana. A complexidade, a fragilidade, as minúcias e o perfeito mecanismo do organismo humano são tais que inspiram o salmista com um temor reverente, o que também nós deveríamos possuir. Ao refletirmos sobre o poder, o pensamento, o amor e o cuidado que Deus exerce em relação aos homens como indivíduos, a cada um de nós, não nos descobrimos unindo-nos a Davi nas palavras com que termina essa terceira estrofe? "Que preciosos para mim, SENHOR, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles! Se os contasse, excedem os grãos de areia: contaria, contaria, sem jamais chegar ao fim" (vv. 17, 18).

Leia agora os *últimos* seis versículos do salmo. Davi refletiu sobre os atributos divinos da onisciência, da onipresença e da onipotência, reconheceu a *espiritualidade* de Deus (v. 7) e o *amor* de Deus (v. 17) e agora reflete sobre a *santidade* de Deus (v. 19). Uma visão de Deus como essa, que Davi teve, significa um afastamento completo do pecado. Eis a razão de suas palavras fortes aqui contra o pecado dos outros e de sua intensa preocupação com o pecado nele próprio; daí, portanto, a oração que encerra o salmo. Ao contemplar a Deus, Davi foi levado a ajoelhar-se em oração. O mesmo deve acontecer conosco. Todavia, o que nos interessa em especial aqui é a beleza da estrutura desse salmo grandioso, e talvez tenhamos dito o suficiente para mostrar pelo menos uma faceta disso.

Salmo 23

Examinemos agora outro salmo muito apreciado, o 23. As palavras de abertura, "nada me faltará", são a chave para o todo. Abra com ela os versículos desse salmo e verá como se revelam plenamente para nós! "Ele me faz repousar em pastos verdejantes" — de modo que não me faltará *provisão*. "Leva-me para junto das águas de descanso..." — de modo que não me faltará *paz*. "... refrigera-me a alma..." — de modo que não me faltará *refrigério* caso desanime ou fracasse. "Guia-me pelas veredas da justiça..." — de modo que não me faltará *orientação*. "Ainda que eu ande

pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum..." – não me faltará *coragem* no momento sombrio. "... a tua vara e o teu cajado me consolam" – de modo que não me faltará verdadeiro *consolo*. "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários..." – não me faltarão *proteção, preservação* e *honra*. "... unges-me a cabeça com óleo..." – jamais me faltará *alegria*, da qual o óleo é um símbolo. "... o meu cálice transborda" – nunca me faltará a plenitude da *bênção*. "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida..." – não me faltará a *graça* divina enquanto eu viver na terra. "... e habitarei na casa do SENHOR para todo o sempre" – não me faltará um *lar celestial* quando minha peregrinação terrena terminar.

O salmo 23 começa assim: "O SENHOR é o meu pastor...". O pequeno verbo de ligação "é" não existe no hebraico, que tem simplesmente: "O SENHOR, meu pastor". As palavras não deveriam ser lidas como uma exclamação de alegre descoberta "O Senhor – meu Pastor!"? Essa exclamação, no hebraico, é *Jeová-raá,* e isso é muito significativo. No Antigo Testamento encontramos sete títulos jeovísticos compostos, a saber:

Jeová-jire – "o SENHOR proverá" (Gn 22.13-14);
Jeová-rafa – "o SENHOR que te sara" (Ex 15.26);
Jeová-shalom – "o SENHOR é paz" (Jz 6.24);
Jeová-tsidkenu – "SENHOR Justiça Nossa" (Jr 23.6);
Jeová-samá – "O SENHOR está ali" (Ez 48.35);
Jeová-nissi – "O SENHOR é minha bandeira" (Ex 17.8-15);
Jeová-raá – "O SENHOR é o meu pastor" (Sl 23.1).

É impressionante notar que essas sete provisões maravilhosas de Deus, indicadas nos sete compostos jeovísticos, foram reunidas no salmo 23:

Jeová-jire ("o SENHOR proverá") – "nada me faltará";
Jeová-rafa ("o SENHOR que te sara") – "refrigera-me a alma";
Jeová-shalom ("o SENHOR é paz") – "Leva-me para junto das águas de descanso";
Jeová-tsidkenu ("SENHOR Justiça Nossa") – "Guia-me pelas veredas da justiça";
Jeová-samá ("O SENHOR está ali") – "não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo";

Jeová-nissi ("O SENHOR é minha bandeira") — "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários"; e

Jeová-raá ("O SENHOR é o meu Pastor") — "O SENHOR é o meu pastor".

Outros exemplos

Para terminar, eis aqui outros exemplos, que apresentamos mais rapidamente.

Veja o salmo 45. Esse é um Hino de Casamento Real. Seu título é "Cântico de amor" e, como observaremos mais tarde, é a chave bíblica que desvenda para nós o significado oculto dos Cantares de Salomão. No primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus, notamos também que esse salmo se refere ao Senhor Jesus Cristo. Ele divide-se em três partes: 1) um breve exórdio ou prefácio (v.1), 2) um discurso ao noivo real (vv. 2-9) e 3) um discurso à noiva real (vv. 10-17). No discurso ao noivo temos quatro subdivisões: *a*) no versículo 2, a beleza de sua pessoa, *b*) nos versículos de 3 a 5, o valor de suas conquistas, *c*) no versículo 6, a estabilidade de seu reino e *d*) nos versículos de 7 a 9, a alegria de seu casamento. Do mesmo modo, no discurso à noiva encontramos quatro subdivisões: *a*) nos versículos 10 e 11, um apelo à dedicação completa, *b*) no versículo 12, uma promessa de elevada honra, *c*) nos versículos de 13 a 15, louvor dos encantos da noiva e *d*) nos versículos 16 e 17, uma promessa de graça divina incessante.

Examine a seguir o salmo 90 — "Oração de Moisés, homem de Deus". Ele tem três partes distintas: 1) a soberania divina e a história humana — (vv. 1-6), 2) a severidade divina e a iniqüidade humana (vv. 7-11) e 3) o apelo humano por compaixão e benignidade (vv. 12-17).

Podemos estudar também o salmo 19. O título dado pelo Dr. Moulton para esse salmo é: "Os céus por cima; a lei por dentro". Esse é o salmo da ciência e da religião. Os dois elementos são mostrados aqui como sendo fundamentalmente um só. Em parágrafos magistrais, esse breve porém majestoso salmo fala desse assunto tão polêmico com uma compreensão e um conceito claros, insuperados por qualquer investigação moderna. Os catorze versos são dedicados à revelação de Deus nas *obras da natureza.* Os catorze seguintes, à revelação de Deus nas *palavras das Escrituras.* Depois dessas duas partes bem equilibradas, o salmo encerra-se com a

oração: "As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, SENHOR, rocha minha e redentor meu!". Na primeira parte, o nome dado pelo salmista para Deus é *El*, "o Poderoso". Na segunda, ele muda o nome para *Jeová,* que é claramente o nome redentivo da Divindade (indicado em nossa versão pela palavra SENHOR, em letra versal seguida de versalete). Esse nome, Jeová, é usado sete vezes na última parte do salmo, mas o nome El, nenhuma vez. O salmista escolhe com inteligência e cuidado. O nome de Deus no campo da ciência é El, ou Eloim. O nome de Deus no campo da religião é Jeová. O Deus da ciência e o Deus da religião não são divindades distintas, mas um só e o mesmo Deus — o único Deus verdadeiro, que é tanto o Deus da criação como o Deus da redenção.

Leia agora o salmo 3 e veja como seus três "selás" dividem-no em: 1) problemas, 2) confiança e 3) triunfo. Ou tome o salmo 38 e veja como seus vinte e dois versículos são divididos exatamente entre: 1) o tormento interno e 2) os inimigos externos.

Temos também o maravilhoso salmo 119, composto de vinte e duas seções — uma para cada uma das vinte e duas letras do alfabeto hebraico, em ordem; cada seção consistindo de dezesseis linhas, cada qual formando dezesseis paralelos ou parelhas de versos, e cada uma das oito parelhas de versos da seção começando com a mesma letra do alfabeto. Ou veja o salmo 111, que tem vinte e duas linhas depois do "Aleluia" de abertura, cada uma começando com uma letra do alfabeto hebraico, de modo que as vinte e duas letras iniciais das linhas formam, consecutivamente, todo o alfabeto. (Existem oito desses salmos alfabéticos ou acrósticos: 9, 25, 34, 37, 111, 112, 119 e 145.)

Os salmos mais familiares podem surpreender-nos com belezas inéditas. Voltando ainda uma vez ao salmo 23, afirmou-se que nele existe uma belíssima mensagem tripla, já que contém três figuras metafóricas:

1) o Pastor e as ovelhas (vv. 1, 2);
2) o Guia e o viajante (vv. 3, 4); e
3) o Anfitrião e o hóspede (vv. 5, 6).

Leia mais uma vez esse velho e precioso salmo, verificando se a análise acima passa pelo teste de um exame cuidadoso.

Observe os salmos 42 e 43 e veja se não acha que deveriam ser reunidos

em um só. O título único certamente parece abranger a ambos. O assunto também é praticamente o mesmo. O mais indicativo, porém, é o refrão repetido:

> *Por que estás abatida, ó minha alma?*
> *por que te perturbas dentro em mim?*
> *Espera em Deus, pois ainda o louvarei,*
> *a ele, meu auxílio e Deus meu.*

Esse refrão aparece no *meio* do salmo 42 e novamente no *fim* dele, surgindo outra vez no final do salmo 43.

Esses dois salmos receitam um excelente medicamento para a depressão. Veja o diagnóstico do salmista — "abatida" e "perturbada". Note como expõe as causas e os sintomas: comunhão interrompida com Deus (1, 2), incompreensão por parte dos outros (3) e inútil remoer do passado (4). Observe agora o tratamento para a recuperação: esforço por lembrar-se de Deus (6), a nova confiança em sua compreensão, fidelidade e presença (7, 8) e a decisão de orar sobre o problema (8, 9). A oração em si é o salmo 43. O medo dá então lugar à esperança; e os suspiros, ao canto.

Temos de parar por aqui. Mais uma vez recomendamos esse tesouro inesgotável dos salmos para que seja explorado por todo crente em espírito de oração. A alegria e a riqueza que esses poemas preciosos sobre a experiência humana e a inspiração divina trouxeram ao povo de Deus através dos séculos jamais poderão ser medidas ou expressas. A Deus sejam o louvor e a ação de graças!

VOCÊ SABE AS RESPOSTAS?

1. Qual a origem e o significado do título "Salmos"?
2. Escreva numa só frase o valor ou propósito espiritual geral dO Livro dos Salmos.
3. O que são os chamados salmos "órfãos", e quantos existem?
4. Dos cem salmos que levam o nome do autor, quantos foram escritos por Davi e quem escreveu os demais?
5. Você sabe seis das epígrafes hebraicas especiais e seus significados?
6. Mostre por que algumas das epígrafes dos salmos deveriam ser tomadas como subscritos dos salmos que as precedem em vez de sobrescritos daqueles que as sucedem.

7. Quais os cinco principais agrupamentos dos salmos?

8. Quais são os "Cânticos dos degraus" e quais as razões para pensar que foram compilados por Ezequias em relação ao relógio de sol do rei Acaz?

9. Você pode citar dez salmos messiânicos?

10. De que maneira os salmos 22, 23 e 24 formam um trio?

11. Forneça quatro reflexões em defesa dos chamados salmos "imprecatórios".

12. Você sabe comprovar, mediante uma análise geral, que o salmo 119 é uma composição metódica?

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

Lição Nº 62

NOTA: Para este estudo, leia *Provérbios* por inteiro, mas não muitos capítulos de uma só vez. Por termos aqui principalmente máximas sucessivas, o excesso é o inimigo da memória. Leia o livro da seguinte maneira: primeiro duas vezes do capítulo 1 ao 9, todos eles exaltando a "sabedoria"; a seguir, leia duas vezes do capítulo 10 ao 24, o que corresponde a 375 provérbios (10-22.16) e dezesseis epigramas (22.17-24.34) sobre vários assuntos; por último, leia duas vezes do capítulo 25 ao 31, que consistem de grupos de provérbios: Palavras de Agur (30), Conselhos da mãe de Lemuel (31.1-9) e o Acróstico sobre a mulher virtuosa (31.10-31).

Um provérbio é um ditado sábio em que se escolhem poucas palavras em vez de muitas, com o desígnio de condensar a sabedoria tanto para ajudar a memória como para estimular o estudo. Portanto, os provérbios não são apenas "ditos sábios", mas também "ditos obscuros" – parábolas em que a sabedoria se disfarça de forma figurada ou enigmática como um poço profundo, de onde a instrução precisa ser extraída, ou como uma rica mina, onde ela tem de ser tirada. Só a meditação profunda revelará o que está oculto nessas máximas morais e espirituais.

ARTHUR T. PIERSON,
Doutor em Teologia

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

NOSSA BÍBLIA é tanto um livro quanto uma biblioteca. É um livro por ser uma diversidade em *unidade*, sendo que suas sessenta e seis partes se combinam para formar um todo progressivo. É uma biblioteca no sentido de ser uma unidade em diversidade, com seus diferentes grupos de livros referentes aos diversos ramos principais do conhecimento. Nela, não temos apenas história, política, poesia, profecia e literatura devocional; há também uma ordem distinta de aprendizado e ensino que recebe o nome de *filosofia*. Encontramos isso em Jó, Provérbios e Eclesiastes.

Essa biblioteca não deve ser medida simplesmente pelo número de palavras, mas pelas suas verdades profundas, sua extensão e plenitude, sua superioridade e finalidade. A Bíblia pode parecer muito pequena em comparação com as imponentes prateleiras de muitas grandes bibliotecas. Todavia, com esse único volume nas mãos, podemos entrar na maior biblioteca do mundo e dizer que suas dezenas de milhares de livros não nos podem ensinar mais sobre as realidades fundamentais do universo e da vida humana do que aprendemos nessas Escrituras. Debater-se com centenas dos mais profundos e mais eruditos livros, quer antigos, quer modernos, e ainda assim permanecer ignorante *desse* livro é uma privação infinita; por outro lado, não conhecer nenhum outro volume que não esse é tornar-se sábio para a salvação e receber o conhecimento de verdades fundamentais que vêm até nós seladas com a certeza divina.

Prudência mediante preceito

Assim sendo, apreciando cada vez mais o variado tesouro que possuímos em nossa "biblioteca" da Bíblia, passamos agora da paixão devocional dos salmos para a sabedoria prática dos provérbios.

Como consideração preliminar, notamos imediatamente que os provérbios devem significar para nossa vida *prática* o que os salmos são para nossa vida devocional. Esse é seu sentido geral. Neles há preceitos oportunos para a prudência prática. Contêm leis celestiais para a vida na terra, conselhos do alto para a conduta aqui em baixo, palavras de sábios

para os caminhos do mundo, perspicácia simples para a caminhada diária. Mas trata-se de inteligência humana salpicada de sabedoria divina, e aquele que a conhecer bem obterá orientação completa e proteção segura. Podemos dizer que a mensagem geral desse livro de provérbios é *prudência mediante preceito.*

A índole do provérbio

A palavra "provérbio" significa um dito breve em lugar de muitas palavras (*pro* = em lugar de; *verba* = palavras). No uso popular, significa qualquer ditado incisivo e moralizador, ou uma máxima concisa. No entanto, o termo hebraico traduzido como "provérbios" (*mishle*) tem um significado muito mais amplo, sendo usado em relação a muitos discursos, frases e expressões que não seriam classificados como provérbios hoje. Isso explica o fato de nem todos os escritos nos Provérbios de Salomão serem realmente provérbios no sentido corrente. A maior parte deles, porém, *consiste* de provérbios autênticos e de qualidade.

A índole do provérbio está em sua inteligente concentração de uma verdade ou conselho sagaz em uma fórmula concisa e marcante, de maneira que se torna popular e é mais fácil lembrar do que esquecer dele. O provérbio não argumenta: ele toma por certo. Seu propósito não é explicar um assunto, mas expressá-lo de modo enfático. Um aforismo ou provérbio fica gravado na mente de várias maneiras: pela elegância da fraseologia, pela beleza de uma figura de linguagem, pela sua brevidade oracular ou pelo modo sagaz com que focaliza uma verdade pungente. Não é de admirar, portanto, que o uso de provérbios tenha sido grande em todos os países, mais ainda no passado do que nesta era de educação sistemática em massa, e principalmente entre os povos orientais, a cuja mentalidade parece adaptar-se de maneira singular.

Quem escreveu os provérbios?

Há pouca dúvida de que maior parte dos provérbios foi escrita por Salomão. O livro começa assim: "Provérbios de Salomão, filho de Davi, o rei de Israel...". O mesmo no capítulo 10: "Provérbios de Salomão". No

início do capítulo 25, encontramos outra vez, as palavras: "São também estes provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá". O próprio livro, portanto, comprova a autoria de Salomão. Em 1 Reis 4.32 ficamos sabendo que Salomão, entre seus diversos escritos, compôs "três mil provérbios". É então bastante provável, em vista disso e da própria alegação do livro, que os provérbios sejam principalmente de Salomão, tendo sido organizado substancialmente em sua forma atual durante o reinado de Ezequias, quando os treze ditados de Agur (30) e os conselhos da mãe de Lemuel (31) foram acrescentados. Os argumentos a favor de uma autoria mista não se baseiam em suposições convincentes, embora seja possível admitir que se percebe o trabalho de mãos diferentes aqui e ali, a contribuir para o arranjo da obra em sua presente forma completa.

Análise

Os Provérbios de Salomão estão divididos em três partes, indicadas pelas três passagens já referidas, em que o livro atribui a autoria a Salomão: 1.1; 10.1; e 25.1. Os nove primeiros capítulos formam um pequeno livro em si mesmos, todos dedicados a um só tema, a saber, a exaltação da sabedoria. Neles, não encontramos "provérbios" no sentido comum da palavra, mas *sonetos*, ou seja, poemas curtos dedicados a um tema específico e moldados de forma especial. (Segundo o sentido estrito, um soneto, conforme o padrão italiano, é formado de catorze versos; mais estritamente ainda, os catorze versos consistiam originariamente de uma oitava e uma sextilha, que expressavam duas fases do mesmo pensamento. A característica essencial do soneto, porém, não está realmente no número de seus versos, mas na moldagem do pensamento numa forma especial. Nesses nove primeiros capítulos de Provérbios, existem quinze sonetos e dois monólogos.)

A seguir, do capítulo 10 ao 24, temos uma longa série de provérbios propriamente ditos — 375 aforismos em dísticos, seguidos de dezesseis epigramas e ditados que começam em 22.17.

Finalmente, a partir do capítulo 25, temos sete epigramas e grupos de provérbios, cinqüenta e cinco dísticos, treze ditados de Agur e os conselhos da mãe de Lamuel, terminando com o acróstico sobre a mulher virtuosa.

Em nossas versões, nada existe que indique ao leitor comum onde começam ou terminam os diferentes sonetos e epigramas. Será útil para nós pedir auxílio a um especialista e permitir que ele separe os quinze sonetos do livro 1 e os vários epigramas dos livros 2 e 3. Na análise que se segue, portanto, apesar de os três títulos principais serem nossos, seguimos a *Modern Reader's Bible* ("Bíblia do Leitor Moderno"), do Dr. R. G. Moulton, nos detalhes fornecidos sob esses títulos. Será interessante estudar cuidadosamente a análise, marcando os diferentes sonetos e epigramas em nossas Bíblias de estudo para consultas futuras. (*Veja a página seguinte.*)

Embora neste plano de lições dediquemos apenas um capítulo aos Provérbios, não pense que o consideremos menos importante comparado aos demais livros. A brevidade da abordagem deve-se pura e simplesmente à natureza do livro. Examiná-lo mais a fundo acarretaria um estudo individualizado de suas centenas de ditados sentenciosos e aforismos sagazes, uma tarefa que evidentemente exigiria um livro especial. O que procuramos aqui é mostrar a índole dos provérbios como uma espécie, seus agrupamentos principais nesse *livro* de provérbios e o grande valor da complexa coleção que está aqui preservada para nós. Depois disso, a única maneira válida de estudar e conhecer o livro é lê-lo várias vezes, devagar e refletidamente, um pouco de cada vez, permitindo que seus vigorosos contrastes e paralelos se fixem na mente. Os que vierem a conhecer bem o livro terão "entendimento e sabedoria" para toda e qualquer situação.

Método estrutural

Em primeiro lugar, aprenda a distinguir os aspectos principais da *estrutura* de um provérbio. O mais comum é o provérbio *contrastante,* que prende a atenção e ressalta uma verdade pela apresentação compacta de algum contraste surpreendente. Os provérbios desse tipo podem ser identificados imediatamente pelo quase invariável "mas" que dá início ao segundo verso (ou constituinte) do provérbio, como em:

> O coração alegre é bom remédio,
> mas o espírito abatido faz secar os ossos.
> (17.22)

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

O LIVRO DA SABEDORIA PRÁTICA

PRUDÊNCIA MEDIANTE PRECEITO

LIVRO 1. SONETOS EXALTANDO A SABEDORIA (1-9)

15 SONETOS: Introdução (1.1-9); As seduções dos pecadores (1.10-19); A sabedoria que liberta (2.1-22); A recompensa da piedade (3.1-10); A sabedoria, o prêmio supremo (3.11-20); A sabedoria e a segurança (3.21-26); A sabedoria e a perversidade (3.27-35); A tradição da sabedoria (4.1-9); Os dois caminhos (4.10-19); A sabedoria e a saúde (4.20-27); A mulher adúltera (5.1-23); A fiança (6.1-5); O preguiçoso (6.6-11); O semeador de discórdia (6.12-19); O adultério (6.20-35); A casa da sabedoria *versus* a da loucura (um soneto em quarteto: 9).

2 MONÓLOGOS: A advertência da sabedoria (1.20-33); A sabedoria e a mulher adúltera (7 e 8).

LIVRO 2. MÁXIMAS PRESCREVENDO A PRUDÊNCIA (10-24)

375 PROVÉRBIOS ou aforismos na forma de dísticos contrastantes, completivos ou comparativos (10.1-22.16).

16 EPIGRAMAS: Introdução (22.17-21); Epigramas mistos (22.22-29); Reverência antes do apetite (23.1-3); A transitoriedade das riquezas (23.4-5); A hospitalidade maligna (23.6-8); Epigramas mistos (23.9-18); A gula (23.19-21); Três ditados (23.22-25); A prostituição (23.26-28); O vinho e o sofrimento (23.29-35); Epigramas mistos (24.1-10); O dever de salvar (24.11-12); A sabedoria e o mel (24.13-14); Quatro epigramas (24.15-22); A parcialidade a favor das pessoas (24.23-25); Três ditados (24.26-29); O campo do preguiçoso (24.30-34).

LIVRO 3. MAIS MÁXIMAS SOBRE A PRUDÊNCIA (25-31)

7 EPIGRAMAS e grupos de provérbios: O rei (25.1-7); Diversos (25.8-26.2); Os insensatos (26.3-12); O preguiçoso (26.13-16); Os inimigos da sociedade (26.17-26); Diversos (26.27-27.22); A boa administração (27.23-27).

55 PROVÉRBIOS ou aforismos na forma de duplas contrastantes, completivas ou comparativas (28-29).

OS TREZE DITADOS DE AGUR (30)

OS CONSELHOS DA MÃE DE LEMUEL (31.1-9)

ACRÓSTICO SOBRE A MULHER VIRTUOSA (31.10-31)

Tem-se afirmado que a antítese, ou contraste, é a própria essência do provérbio.

Há também muitos provérbios do tipo *completivo*, em que o segundo verso ou constituinte do provérbio concorda com o primeiro, acrescentando algo a ele ou levando suas idéias mais adiante. Esses geralmente podem ser identificados pelo "e" que inicia o segundo verso, como em:

> Confia ao SENHOR as tuas obras,
> e os teus desígnios serão estabelecidos.
> (16.3)

Existem ainda os provérbios chamados *comparativos* por causa de sua estrutura. Alguns são admiráveis em suas comparações, e com freqüência podem ser identificados pelo "do que" que inicia o segundo verso, como em:

> Melhor é o pouco havendo justiça,
> do que grandes rendimentos com injustiça
> (16.8)

Imagens e analogia

Não podemos perder o prazer poético das ricas, inteligentes e variadas imagens dos provérbios. Muitas das analogias são bastante oportunas e "sábias". Quem pode deixar de perceber o humor sombrio do provérbio que compara uma "mulher formosa que não tem discrição" a uma "jóia de ouro em focinho de porco"? Ou que natureza masculina pode deixar de sentir uma pontada de consciente concordância com aquele outro provérbio que compara a língua da mulher implicante a um "gotejar contínuo no dia de grande chuva"? Será que existe uma comparação mais encantadora do que esta: "Como água fria para o sedento, tais são as boas novas vindas de um país remoto"? Quem pode esquecer analogias e figuras como as que encontramos página após página nos provérbios? O preguiçoso que é como vinagre para os doentes e fumaça para os olhos daqueles que o mandam; o irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza;

a pobreza que sobrevirá como "um homem armado" ao preguiçoso; a comparação entre a sábia repreensão e os pendentes e jóias de ouro num ouvido obediente, entre o gabar-se de dávidas qu não fez e nuvens com ventos que não trazem chuva; entre a consciência e uma lâmpada de Deus no homem; a imagem das riquezas voando com asas como as de uma águia; o contraste entre as feridas leais feitas pelo que ama e os beijos de quem odeia; para não mencionar muitos outros exemplos. Sem considerar o valor moral e espiritual dos provérbios, a inteligência e as imagens que encontramos neles são um tônico para a mente, a não ser que não tenhamos nenhum senso de humor e poesia em nossa constituição.

Provérbios-Camafeu

Através de toda a filosofia prática dos provérbios, podemos sentir uma profunda percepção da luta constante que se trava, na vida do homem, entre o bem e o mal, para ver qual deles sai vencedor. É por isso que os provérbios conservam sua atualidade apesar de grande parte de sua linguagem estar relacionada a uma sociedade simples, bem distante de nosso mundo ocidental moderno. Alguns dos camafeus de tipos sociais que se encontram em grande número nos provérbios poderiam ter sido esculpidos para nós esta manhã. Destacam-se, continuam vivendo e são tão característicos quanto qualquer das personagens de Dickens e tão típicos quanto qualquer das figuras d*O Peregrino* de Bunyan, embora apresentados com bem menos palavras. A seguinte citação nos mostra alguns deles: "Encontramos o insensato de lábios que acena com os olhos; o homem que engana o seu próximo, tão perigoso quanto o louco que lança fogo à sua volta; o difamador e o que 'traz o assunto à baila', separando os maiores amigos; o maldizente, cujas palavras são doces bocados que descem para o mais interior do ventre; a língua fingida, trazendo rostos irados por toda parte, tão certo quanto o vento norte traz chuva; o que se gaba do que não fez, comparado a nuvens e ventos que não trazem chuva; a pressa em enriquecer; o que dá liberalmente e ainda se lhe acrescenta mais e mais, em contraste com o que retém mais do que é justo, o que lhe será em pura perda; o especulador, que retém o trigo, sendo alvo da maldição do povo; o homem que anda vagueando longe dos seu lar, qual a ave que vagueia longe do seu ninho; o homem introvertido que se separa,

guardando o que sabe para seu próprio prazer; a alegria que é um banquete contínuo" – e assim por diante. Que páginas de interesse imortal estão contidas nesses provérbios!

Como fazer a leitura

Nossa "NOTA" no início deste estudo diz: "Para este estudo leia Provérbios por inteiro, *mas não muitos capítulos de uma só vez...*". A inteligência desse conselho será imediatamente percebida. Esses provérbios não devem ser lidos da mesma maneira como lemos os capítulos de uma narrativa (como nos livros históricos), ou os ciclos completos de debates (como no diálogo de Jó), ou poemas completos (como nO Livro dos Salmos), ou argumentos progressivos (como em Eclesiastes). Devem ser lidos devagar, refletidamente, com o propósito de memorizá-los. Essa memorização, porém, não deve ser uma tarefa forçada, como a de decorar regras no aprendizado de uma língua. Os provérbios tem por finalidade auxilia tanto a memória, que são de fácil apreensão. É maravilhoso ver como esses provérbios bíblicos se iluminam com significativa sabedoria e como se fixam inesquecivelmente na memória quando lidos com meditação e freqüência. Vejamos a seguinte passagem:

> Confia no SENHOR de todo o teu coração,
> e não te estribes no teu próprio entendimento.
> (3.5)

Como parece razoável nos estribar no "próprio entendimento"! Não é o intelecto do homem sua distintiva superioridade? Não foi colocado por Deus para ser um farol de orientação? Não há, portanto, algo estranho nesse conselho proverbial? À primeira vista, talvez pareça que sim; mas, quando refletimos sobre ele e o comparamos com "Confia no SENHOR...", o provérbio revela seu sábio significado espiritual. Essa capacidade intelectual que foi dada ao homem e o fez "à imagem de Deus" jamais teve como propósito tornar o ser humano *independente* de Deus, mas sim possibilitar uma *comunhão* cooperativa com Deus. Agora que a descendência de Adão não passa de uma espécie decaída, a capacidade

mais elevada do homem pode ser sua pior armadilha, ainda mais por existir um enganador ativo a "rodear a terra, e passear por ela". Poderíamos continuar essas reflexões, à medida que esse pequeno provérbio vai abrindo novos caminhos para nós.

Relutamos em deixar o livro sem mostrar os aspectos de pelo menos uma jóia cativante desse escrínio múltiplo. Veja o último capítulo, com seu acróstico sobre a "mulher virtuosa". Jamais uma ode mais digna foi cantada em louvor à virtude da esposa. Consiste de vinte e dois dísticos, correspondentes aos vinte e dois versículos de nossa tradução. Cada um desses vinte e dois dísticos começa com uma letra do alfabeto hebraico, de forma que eles percorrem o alfabeto na devida seqüência. Os aspectos principais podem ser dispostos como as notas manuscritas de uma mensagem.

DONA "MAIS-VALIOSA-QUE-FINAS-JÓIAS"
Provérbios 31.10-31

É uma boa mulher	
Trabalha diligentemente	"... de bom grado trabalha com as mãos" (vv. 13, 15, 19)
Planeja com prudência	"Examina [...] e [depois adquire]" (vv. 16, 22, 24).
Comporta-se com integridade	"A força e a dignidade são os seus vestidos..." (v. 25)
É uma boa esposa	
Procura o bem do marido	"Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida" (v. 12)
Tem a confiança dele	"O coração do seu marido confia nela..." (v. 11)
Ajuda-o a prosperar	"Seu marido é estimado entre [...] os anciãos da terra" (vv. 23, 24)
É uma boa mãe	
Veste a família sabiamente	"... todos andam vestidos de lã escarlate" (v. 21)
Alimenta bem a família	"... se levanta, e dá mantimento à sua casa..." (v. 15, 27)

Faz compras com bom senso	"... de longe traz o seu pão" (em vez de comprar algo inferior mais perto) (vv. 14, 18)
É uma boa vizinha	
Ajuda os pobres	"Abre a mão ao aflito..." (v. 20)
Anima os necessitados	"... e ainda a estende ao necessitado" (v. 20)
Fala com sabedoria	"... a instrução da bondade está na sua língua" (v. 26)

Seu valor – "... O seu valor muito excede o de finas jóias" (v. 10)
Seu louvor – "Levantam-se seus filhos, e lhe chamam ditosa..." (v. 28)
Sua preeminência – "... mas tu a todas sobrepujas" (v. 29)
Seu segredo – "... a mulher que teme ao SENHOR" (v. 30)

Talvez só devamos acrescentar que o Novo Testamento nos possibilita completar a imagem dessa heroína do acróstico em Provérbios. A Dona "MAIS-VALIOSA-QUE-FINAS-JÓIAS" vive na "Casa Piedosa", na Rua da Santidade, na Cidade Bendita. A casa é construída sobre a Rocha Eterna, onde passa a Rua da Santidade, que leva à Cidade Celestial. A casa está de frente para o mar infinito da "riqueza da sua graça"; e, como foi edificada quadrangularmente sobre a Rocha, o "Sol da Justiça" está sempre brilhando em uma ou mais de suas janelas, que são "Orai sem cessar", "Regozijai-vos sempre", "Em tudo dai graças" e "Não apagueis o Espírito". A casa foi edificada com "as preciosas e mui grandes promessas" das Escrituras, "sendo ele mesmo, Jesus Cristo, a pedra angular". Os quartos são iluminados com "a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus". A casa é bem equipada "com todo dom perfeito [...] lá do alto". Os servos da casa são "Bondade e Misericórdia", e são tão fiéis que seguem a Dona "Mais-Valiosa-Que-Finas-Jóias" todos os dias de sua vida. A alimentação sadia da casa é o Pão e a Água da Vida, e as uvas de Escol, e o leite, e o mel, e o milho, e o vinho de Canaã. Suas bocas estão verdadeiramente satisfeitas com "coisas boas"! No jardim da casa cresce o "fruto do Espírito" – "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" – e o perfume fragrante que exala desses frutos e flores do jardim invade toda a atmosfera do lugar. É exatamente aqui que a Dona "Mais-Valiosa-Que-Finas-Jóias" vive.

LIVRO DO ECLESIASTES (1)

Lição Nº 63

NOTA: Para este estudo, leia os doze capítulos de Eclesiastes de uma só vez, a fim de seguir até o fim os vários argumentos. Então, leia uma segunda vez, notando as conclusões provisórias do autor no final dos capítulos 2, 5 e 8 e suas conclusões finais ao terminar o capítulo 12.

Eclesiastes é uma confissão inspirada de fracasso e pessimismo, em que Deus é excluído, o homem vive debaixo do sol e se esquece da parte maior que está sempre acima do sol, as coisas eternas e permanentes. Se você quiser saber até onde pode chegar um homem extremamente privilegiado, de grande sabedoria e conhecimento, leia esse registro a respeito de alguém que deixou Deus do lado de fora de sua vida.

G. CAMPBELL MORGAN,
Doutor em Teologia

LIVRO DO ECLESIASTES (1)

O LIVRO do Eclesiastes é um *sermão*. Ele abrange a apresentação de um tema, uma breve introdução, o desenvolvimento do tema e uma aplicação prática como conclusão. O tema é: qual o bem maior? O ponto de vista é o da razão natural. Devemos observar onde a procura do bem maior nos leva quando buscada simplesmente com base na experiência, observação e indução naturais. No versículo de abertura (e seis vezes depois), o autor intitula-se *Coelet*, traduzido como "O Pregador" (embora o termo hebraico transmita mais a idéia de "mestre das assembléias" ou "professor"). Nosso título, "Eclesiastes", vem de *Ecclesiastes*, a forma latina da palavra grega para pregador.

Quem era o pregador?

Quem era esse pregador-autor de Eclesiastes? Apesar de tudo o que foi dito em contrário, afirmamos resolutamente que foi Salomão. Lemos os argumentos apresentados em favor de uma autoria pós-exílica, e não nos impressionam. Um bom resumo desses argumentos foi feito por Charles A. Fox em seu livro sobre Eclesiastes. Existe uma certa plausibilidade neles, mas uma evidente superficialidade pode ser notada. O primeiro argumento baseia-se em certas sutilezas filológicas. É dito que ocorrem em Eclesiastes palavras e formas só encontradas nos escritos pós-exílicos. Mas essas palavras aramaicas, conforme foi provado por outros estudiosos, já eram correntes entre os povos ao redor de Israel muito antes disso. Sabemos também que o instruído Salomão teria muito conhecimento de toda a literatura disponível na época, sem mencionar sua familiaridade com estrangeiros por intermédio do casamento e da política.

O argumento de que "toda a situação social" descrita em Eclesiastes não se ajusta aos dias de Salomão é igualmente descartável. As referências dadas são as passagens 4.1, 3, 5, 6; 7.26, 28; 8.3, 4, 5, 8; 9.9, 11, 14, 15; 10.4, 6, 7, 16, 18, 19, 20. Examinamos tais versículos e não há nada mencionado neles que não pudesse ter sido visto *na* ou, com mais propriedade, *com relação à* sociedade da época de Salomão, seja em Israel seja entre os povos

vizinhos.

Um outro argumento, certamente pueril, é que embora Salomão empreste seu nome aos Provérbios e aos Cantares, ele não o faz no caso de Eclesiastes; o escritor diz apenas "...*fui* rei sobre Israel em Jerusalém" (ARC), significando que na época em que escreveu não era mais rei – como se, caso um homem de hoje estivesse contando-nos algo acontecido há muitos anos e dissesse: "Eu era casado naquele tempo", isto implicaria que não poderia mais estar casado na época em que falasse! Acreditamos que fica absolutamente evidente que Salomão usou o tempo passado apenas por estar descrevendo uma experiência que tivera no passado, mas depois que subira ao trono. De que *outra* maneira poderia ter-se expressado?

Quanto ao argumento de que a *história pessoal* de Salomão o impede de ser o autor, o oposto é certamente a verdade! Sua sabedoria acima do normal, juntamente com sua inclinação pelos prazeres carnais, sua riqueza, suas oportunidades de ter uma experiência como a descrita em Eclesiastes, seus dons literários e o que sabemos de seus últimos anos, tudo isso indica que Salomão é o autor.

Veja o que o próprio livro diz sobre sua autoria em 1.1, 12, 16; 2.9; e 12.9. Quem ler esse claro testemunho do autor com a mente aberta, sem idéias preconcebidas, irá certamente concluir que é o rei Salomão quem nos fala e não algum rabino anônimo de seis séculos mais tarde, escrevendo sob um nome falso e fazendo uma "*caracterização* dramática" de Salomão!

De que trata o sermão?

O texto do pregador é: "...vaidade de vaidades! Tudo é vaidade". E ele pergunta: "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?". Essa indagação sugere desde o início que o sermão é a exposição de uma *busca*, e isso fica provado ao longo da leitura. Eclesiastes é *a busca do homem natural pelo bem maior.* Não é fácil destacar em nossa tradução os verdadeiros elos e interrupções na tese. A princípio, parece de fato impossível sistematizá-la em períodos lógicos; mas, depois de ler e reler com um pouco de paciência, começamos a ver que existem movimentos ordenados numa seqüência planejada.

Nos dois primeiros capítulos, o "pregador" conta-nos como procurou o bem maior pela EXPERIÊNCIA PESSOAL. Em primeiro lugar, procurou por meio da *sabedoria* (1.12-18), mas descobriu que esse esforço para obter o bem verdadeiro *mediante* ou *na* sabedoria natural era "vexação de espírito" ou "correr atrás do vento", pois sempre havia algo que lhe escapava (1.14), e, com o aumento do conhecimento, aumentava a tristeza (1.18). Em segundo lugar, resolveu fazer a busca no *prazer* ou loucura (2.1-11); mas descobriu de novo que tanto as gratificações físicas quanto as estéticas são "vaidade", ou vazio para sua *alma*. Então, descobriu que a sabedoria é tão superior à loucura "quanto a luz traz mais proveito do que as trevas" (2.13), mas que a própria vida é vaidade, já que o mesmo evento, e até a morte, recai tanto sobre o sábio quanto sobre o estulto – um ponto sobre o qual ele discorre (2.15-23). Sua conclusão é esta: "Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho" (2.24), e percebe que "isto vem da mão de Deus".

Em seguida, nos capítulos 3, 4, e 5, *Coelet* procura sua resposta por meio da OBSERVAÇÃO GERAL do mundo e das questões humanas. Por um lado, vê-se em frente do que parece ser um mistério impenetrável da *providência divina*, a saber, uma determinação prévia aparentemente imutável de todos os acontecimentos, tão inexorável como inescrutável (3), e da qual é fácil recolher para uma espécie de fatalismo religioso. Por outro lado, descobre a sociedade *humana* desfigurada por injustiças, desigualdades, enigmas e superficialidades (4), do que pode apenas afastar-se dizendo: "Na verdade que também isto é vaidade e correr atrás do vento". À medida que o pregador pondera sobre o curso irresistível da providência divina de um lado e as ironias das posses, ambição e posição humanas de outro, só pode aconselhar-nos (leia o capítulo 5) a manter uma prudente observância da religião, tendo em vista o primeiro (vv. 1-7), e a não colocar nosso coração o segundo (vv. 10-12). Chega assim à mesma conclusão que chegara ao procurar o bem maior na sabedoria e no prazer: "Eis o que eu vi: boa e bela cousa é comer e beber, e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção" (v. 18).

Nos capítulos 6, 7 e 8, Coelet renova sua busca na esfera da MORAL PRÁTICA. O segredo que procura deve estar certamente no "meio termo de ouro", na descoberta do verdadeiro centro da conduta, na obtenção do equilíbrio certo entre as coisas, no comportamento adequado, na dose

correta de *pragmatismo*. No capítulo 6, ele salienta que, embora o homem tenha riquezas, recursos e honra, não pode gozá-las a não ser com a permissão de Deus (v. 2); além do mais, todo o trabalho do homem para alimentar-se não pode satisfazer sua *alma*. Portanto, "... quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida [...]?..." (v. 12). A resposta certamente está em um comportamento pragmático. A partir de então, começando com o aforismo: "Melhor é a boa fama do que o ungüento precioso..." (7.1), o pregador avança por essa linha de indagação. Mas, *será* que o verdadeiro bem vai ser encontrado aqui? — pois viu justos perecer em sua justiça e perversos viver longamente em sua perversidade (7.15); os melhores homens são, ainda assim, pecadores (7.20); os melhores homens são criticados (7.21, 22); e existem várias outras anomalias desanimadoras (veja capítulo 8). Cada vez mais, o pregador é levado a perceber a necessidade de Deus (7.13, 14, 18; 8.12, 13, 17); todavia, conclui novamente que "... para o homem nenhuma cousa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se; pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol" (8.15).

Finalmente, do capítulo 9 ao 11, temos a busca RECAPITULADA E CONCLUÍDA. Ao fazer um retrospecto do caminho percorrido, o pregador diz agora: "Deveras me apliquei a todas estas cousas para claramente entender tudo isto: *que os justos, e os sábios, e os seus feitos, estão nas mãos de Deus...*" (9.1). Com essas palavras começa uma recapitulação e depois apresenta sua conclusão final. Em primeiro lugar confronta-nos mais uma vez com o fato de que: "Tudo sucede igualmente a todos" (9.2). A seguir, em vista disso, confirma que o verdadeiro bem não é encontrado no *prazer* ou nas preocupações desta vida presente (9.3-12); nem da *sabedoria* humana (9.13-18), embora a sabedoria seja decididamente superior à estultícia; nem no *comportamento* oportuno (10.1-11.8), por causa das muitas anomalias existentes (10.5-7) e do fim inevitável (11.8).

O que fazer então? Exatamente isto: o maior bem que, no presente, pode ser alcançado pelo homem é o uso e gozo sábio, moderado e grato da vida (11.9, 10), combinados com uma fé sólida em Deus e na vida no porvir (12.1-7). Eis o que o pregador diz:

Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e

agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas cousas Deus te pedirá conta. Afasta, pois do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade.

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer [...] e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu ...
(Ec 11.9-10; 12.1, 7).

Na citação acima, as palavras "... sabe, porém, que de todas estas cousas Deus te pedirá contas" são gravemente mal interpretadas. São tomadas de modo irônico, como se o pregador, imediatamente após encorajar o jovem a gozar o melhor da vida, zombasse dele com a ameaça de castigo pelo seu modo de viver. Esse não é absolutamente o sentido real das palavras. Obtemos o sentido mais correto mudando o "porém" para "e" – "*e* sabe que de todas estas cousas...". A existência de um juízo reto na outra vida é mencionada para consolar, não para atemorizar, porque então as ironias e os enigmas que tornam vaidade esta vida presente, até para os justos e sábios, serão respondidos mediante uma explicação, restituição e compensação finais. Trata-se de uma antecipação à mensagem de Paulo em Romanos 8.20, de que, embora a criação esteja "sujeita à vaidade", foi assim sujeita na *"esperança"*. Como se sabe, o pensamento desse juízo final tem o propósito de ser *também* um obstáculo para a insensatez e o pecado; mas a idéia principal aqui é a da *esperança* nele. Eis porque o pregador, tendo mencionado o assunto, imediatamente acrescenta: "Afasta, pois do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor...". É importante compreender também que o conselho para "comer, beber e gozar", em Eclesiastes, nada tem de epicurismo ou satisfação ímpia e carnal. É simplesmente uma perífrase equivalente a viver confortável e prosperamente (veja Jeremias 22.15), em virtude da generosidade do Senhor.

Assim sendo, esta vida presente do homem debaixo do sol, quando considerada por si mesma, ou quando vivida como se fosse um fim em si, não passa de vaidade; e o pregador, em seu parágrafo final, acaba voltando exatamente para o ponto onde começou: "Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade" (12.8). É o pensamento desse juízo final e dessa vida no além, o que dá grande significado à existência. O pregador encerra

assim sua solene, ponderada, sábia e inspirada conclusão:

DE TUDO O QUE SE TEM OUVIDO, A SUMA É: TEME A DEUS, E GUARDA OS SEUS MANDAMENTOS; PORQUE ISTO É O DEVER DE TODO HOMEM. PORQUE DEUS HÁ DE TRAZER A JUÍZO TODAS AS OBRAS ATÉ AS QUE ESTÃO ESCONDIDAS, QUER SEJAM BOAS, QUER SEJAM MÁS (12.13, 14).

ECLESIASTES: A BUSCA DO BEM MAIOR

INTRODUÇÃO 1.1-11

1. A BUSCA PELA EXPERIÊNCIA PESSOAL (1-2)
   - A BUSCA NA SABEDORIA (1.12-18)
   - A BUSCA NO PRAZER (2.1-11)
   - COMPARAÇÃO ENTRE AMBAS (2.12-23)
   - CONCLUSÃO PROVISÓRIA (2.24-26)

2. A BUSCA PELA OBSERVAÇÃO GERAL (3-5)
   - PREDETERMINAÇÃO DA ORDEM NATURAL (3)
   - MALES E MISTÉRIOS DA SOCIEDADE HUMANA (4)
   - CONSELHOS EM VISTA DO QUE FOI DITO (5.1-17)
   - SEGUNDA CONCLUSÃO PROVISÓRIA (5.18-20)

3. A BUSCA PELA MORAL PRÁTICA (6-8)
   - AS COISAS MATERIAIS NÃO SATISFAZEM A ALMA (6)
   - POR ISSO, RECOMENDA-SE A MORAL PRÁTICA (7.1-8.8)
   - EXISTEM, PORÉM, ANOMALIAS ESTRANHAS (8.9-14)
   - TERCEIRA CONCLUSÃO PROVISÓRIA (8.15-17)

4. A BUSCA RECAPITULADA E CONCLUÍDA (9-12)
   - O GRANDE MAL PERMANECE – TUDO SUCEDE IGUALMENTE A TODOS (9.1-6)
   - ALEGRIA, SABEDORIA, MORAL, TUDO É O MESMO (9.7-11.8)
   - O VERDADEIRO BEM – UM GOZO SÁBIO DO PRESENTE (11.9, 10)
   - JUNTAMENTE COM A FÉ EM DEUS E A VIDA NO ALÉM (12.1-7)

CONCLUSÃO FINAL (12.13-14)

LIVRO DO ECLESIASTES (2)

Lição Nº 64

NOTA: Para este novo estudo sobre Eclesiastes, leia o livro inteiro outra vez, verificando cuidadosamente a análise feita em nossa primeira lição.

Nenhum exame das Escrituras, em suas várias partes e textos separados, por mais importante que seja, deve prejudicar o sentido do valor supremo de seu testemunho conjunto. Não existe forma de doutrina ou prática errada que não possa reivindicar aparente confirmação e apoio a partir de passagens isoladas. Mas nada errôneo ou vicioso pode encontrar aprovação na Palavra de Deus quando o testemunho conjunto das Escrituras lhe é contrastado. Um exame parcial irá resultar em visões parciais da verdade que são necessariamente imperfeitas; só uma comparação cuidadosa mostrará a mente completa de Deus.

ARTHUR T. PIERSON,
Doutor em Teologia

LIVRO DO ECLESIASTES (2)

ESTE Livro do Eclesiastes tem sido muito mal interpretado. Os pessimistas encontram nele material para apoiar suas desconsoladas hipóteses. Os céticos alegam que ele comprova a não sobrevivência após a morte. Outros citam-no como uma confirmação da teoria do sono da alma entre a morte do corpo e a ressurreição ainda futura. Além desses, muitos crentes firmes e sinceros julgam tratar-se de uma composição nada espiritual, contrária aos princípios do Novo Testamento e difícil de ser harmonizada com a crença na plena inspiração da Bíblia. Há, portanto, grande necessidade de compreendermos claramente sua verdadeira mensagem e suas peculiaridades.

Interpretações erradas como as que acabamos de mencionar surgem de uma leitura mal feita. As pessoas lêem os capítulos simplesmente como uma seqüência de versículos, sendo cada um deles um pronunciamento mais ou menos independente, em vez de perceberem que os versículos, parágrafos, capítulos e seções são termos integrantes de um tratado cumulativo. Eclesiastes não é a única parte da Escritura prejudicada por esse tipo de leitura, mas é a que mais sofre por causa dela, já que, ao serem separados os elos da corrente de raciocínio, facilmente deixam de ser compreendidos. São erradas essas interpretações desse ou daquele versículo que contradizem o desígnio, a inclinação e a declaração do livro como um todo.

Pessimismo?

A concepção de vida do Eclesiastes é *pessimista*? A resposta a essa pergunta evidentemente deve ser buscada na mensagem do livro como um todo, e não em apenas algumas passagens aqui e ali. Admite-se que persiste um fundo de tristeza no discurso, porque a maior parte dele está ligada a algumas das realidades mais sombrias da vida humana — mas enfrentá-las não é pessimismo. Pelo contrário, é uma corajosa integridade.

Siga a linha de raciocínio do pregador até o fim. Ele enfrenta todos os mistérios tenebrosos firmemente; e, embora a princípio só veja ironias

torturantes e repetições cansativas, à medida que observa cuidadosamente, percebe que mediante as operações fixas da natureza e as distorções permitidas da sociedade humana, existe um abrangente controle divino (3.17; 9.1) caminhando em direção a uma restituição futura (12.14). Depois de cada recuo das "coisas debaixo do sol", Deus é reconhecido, como uma leitura cuidadosa do livro mostrará (2.24-26; 3.10-14; 5.19; 8.17; 9.1), até que afinal o autor vê através da presente "vaidade" a *verdade* final. Ele vê que, como Deus "pôs a eternidade" no coração dos homens (3.11), jamais poderão satisfazer-se com as coisas desta vida "sob o sol" (5.10-12; 6.7). De fato, ele percebe que Deus realmente permite que os enigmas da ordem presente continuem, para que os homens sejam exercitados por meio deles e levados a pensar em coisas superiores (2.25; 3.10; 7.14).

É assim que o escritor chega gradualmente à sua conclusão final, colocando-nos do lado oposto do pessimismo, ou seja, que se honrarmos e obedecermos a Deus poderemos gozar das boas coisas desta vida com a consciência leve e esperar também por um tempo em que as outras coisas — os males e erros — serão corrigidas (3.17; 8.5-12; 11.9; 12.14).

Isso, repetimos, é justamente o oposto do pessimismo, com sua idéia melancólica de que a vida não passa de uma sombra que se aprofunda, um mal sem esperança, um problema sem solução. Aqui em Eclesiastes, o sábio filósofo descobriu que, apesar de o Criador ter submetido a vida presente à "vaidade", submeteu-a com *esperança*. Uma cálida luz brilha através do mistério. Há muito consolo e alegria para nós no presente; e para além do ponto-de-interrogação que está suspenso sobre grande parte do presente acha-se o ponto-de-exclamação de uma solução divina e final.

Ceticismo?

O Livro do Eclesiastes foi acusado de *ceticismo.* Um estudioso pouco amigável chegou ao ponto de chamá-lo de "O Cântico do Ceticismo"; mas cético é o próprio erudito, e não *Coelet*. Há uma espécie de estudiosos que só vêem aquilo que *querem* ver; estes não seriam persuadidos mesmo se o próprio *Coelet* voltasse da sepultura para convencê-los. Além disso, a idéia errada de que Eclesiastes foi manchado pelo ceticismo surge daquela leitura superficial já mencionada, em que os versículos são considerados

à parte do contexto e da conclusão do livro como um todo.

Coelet é considerado cético com relação ao *estado presente das coisas*, em passagens tais como 1.8, 12-18; 3.9; e 8.16, 17. Um exame mais cuidadoso dessas referências e de suas ligações com o argumento em si, porém, mostra o contrário. Subjacente a todas as críticas de *Coelet* existe uma confiança inabalável na justiça e na sabedoria de uma providência controladora, como já vimos, e tal crença é o oposto do ceticismo. *Coelet* não duvida do fim, embora os mistérios do presente levem-no a refletir seriamente; e mesmo sobre os mistérios do presente, não *teoriza*, seja de maneira cética seja de outra qualquer. Antes, concentra-se no que é prático, como distinto do que é metafísico ou teológico. Além disso, embora bastante impressionado com a ignorância e limitação do homem, não lhe nega o poder de alcançar alguma certeza ou dominar determinada verdade, pois não é agnóstico. Quando declara a "vaidade" da sabedoria e do conhecimento humano, quer dizer que, pelo fato de a razão humana ter limites tão restritos, sendo absolutamente incapaz de penetrar os mistérios presentes da providência, a completa satisfação intelectual é impossível por esse meio. A atitude sábia a se tomar é uma submissão voluntária, com confiança em Deus. E certamente isso não é ceticismo.

Afirma-se, outrossim, que Eclesiastes mostra ceticismo em relação à *vida após a morte*. A referência aqui é 3.19-21, mas essa passagem, em lugar de negar a sobrevivência, na verdade a sugere, quando estudada dentro do contexto. Vemos nos versículos 19 e 20 que os homens sofrem fisicamente o mesmo fim que os animais inferiores e todos "vão para o mesmo lugar": a terra. Se nos limitássemos a esses versículos bem poderíamos concluir que o escritor não acreditava na continuação da vida para além da sepultura. Mas deve ser notado que o versículo 19 junta-se ao que é dito antes pela conjunção "porque". Se verificarmos a seguir o versículo 17, descobrimos que era justamente *porque* homens e animais perecem do mesmo modo que o escritor encontrou consolo no pensamento de uma vida no além. Veja: "Deus julgará o justo e iníquo; porque está determinado o tempo para cada tarefa e sobre cada ação, no além" (PIB). Veja agora o versículo 21. Se o "espírito" (fôlego) for o *ego* do homem, a vida após a morte fica imediatamente implícita, em contraste com o espírito do animal, que perece na terra. Se for menos que isso, mesmo assim não existe uma *negação* da vida após a morte.

Vamos verificar agora a passagem 9.3-6. Esses versículos devem ser

lidos em conjunto com o versículo 10, onde aprendemos sobre um Sheol para onde vão os homens após a vida presente. Aqui, quando o autor diz: "... porque na sepultura [Sheol], para onde tu vais, não *há* obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma" (ARC), simplesmente quer dizer que ali essas coisas cessam de ser consideradas *no sentido em que eram conhecidas e praticadas na terra.* Não indica, de modo algum, a paralisação da consciência; pois suas palavras devem ser interpretadas à luz do pronunciamento final (12.7), para o qual se encaminha, a saber, que na morte o corpo volta à terra e o *espírito volta a Deus.* Isso certamente ensina, em vista do juízo predito no além (12.14), a sobrevivência da alma do indivíduo como tal, e não qualquer vaga absorção. Sabe-se que em Eclesiastes a vida do além só é mencionada em seu aspecto negativo, pois ainda se aguarda uma revelação mais completa do assunto; mas o *fato* de uma vida no além é claramente aceito, de modo que é errado supor algum ceticismo aqui.

Inspiração?

Como mencionado, alguns acham este Livro do Eclesiastes difícil de harmonizar-se com a crença na plena inspiração da Bíblia. Isso também se deve ao fato de se fazer uma leitura sem levar em conta que o livro inteiro é um argumento contínuo, com várias inferências secundárias, três conclusões *provisórias* (que marcam respectivamente as três primeiras das quatro partes principais do argumento) e uma conclusão final. Existem realmente versículos e parágrafos que, tomados por si só, parecem contrários aos ensinos do Novo Testamento. Contudo, tornam-se bastante harmoniosos se considerarmos três coisas: 1) seu lugar no desenvolvimento do argumento, 2) o ponto de vista do argumento como um todo e 3) a natureza da inspiração.

Em primeiro lugar, portanto, as conclusões provisórias registradas por *Coelet* no decorrer de sua dissertação devem ser lidas cuidadosamente *em conexão com seu estabelecimento, em especial, à luz da conclusão final.* Por exemplo, vejamos a difícil passagem sobre homens e animais que manifestamente morrem da mesma forma, em 3.19-22. Talvez perguntemos: "Já que o escritor de Eclesiastes é tão preciso em sua conclusão final, ao afirmar que o espírito continua vivendo depois da

morte do corpo e sobe de volta a Deus, porque não diz isso aqui no capítulo 3?". A resposta é que o estágio da argumentação exige que isso seja tomado como uma declaração ainda insatisfatória. Devemos seguir o desenvolvimento do pensamento dele em sua grande busca, caso desejemos que a conclusão final tenha para nós o significado que deve ter. Sem dúvida, isso é indicado também pelo fato de que inicia dois desses versículos com as palavras "Disse comigo" – mostrando que se refere ao que pensou anteriormente.

Em segundo lugar, devemos ter em mente *o ponto de vista do tratado como um todo.* Esse é o livro do homem "debaixo do sol". É escrito da perspectiva da razão humana. Sob a orientação do Espírito Santo, o escritor é levado a adotar esse ponto de vista para que possamos perceber onde nos conduz o exercício da razão e da intuição humanas, desde que as sigamos com sinceridade. Apesar da limitação do raciocínio humano e dos enigmas obscuros que afligem a ordem das coisas no presente, a razão humana, se for realmente honesta com todas as informações, mostrará a vaidade de viver apenas para as coisas desta terra e fará com que tenhamos uma fé reverente em Deus, guardemos seus mandamentos e creiamos num juízo no além. A conclusão final do escritor é certamente verdadeira e grandiosa, embora, claro, não haja nela nada de nosso precioso evangelho do Novo Testamento. Mas, como o propósito da inspiração aqui é ensinar-nos mediante a revelação o *processo* do raciocínio humano em direção a essa conclusão final, não devemos supor que todas as inferências e máximas secundárias do escritor estejam registradas como se fossem pronunciamentos inspirados independentes.

Isso nos leva à terceira questão. Precisamos ter uma idéia clara quanto à *natureza da inspiração.* Há pouco tempo, um pastor de opiniões muito modernas disse-me: "Se a Bíblia inteira é inspirada, como afirma, você deveria então poder abri-la em qualquer página e tomar qualquer versículo como um preceito inspirado a ser obedecido". Alguém já ouviu uma coisa tão estúpida e desarrazoada assim? Até mesmo antigos racionalistas como Tom Paine e Bob Ingersol não insultaram tão injustamente a Bíblia. Longos trechos da Bíblia consistem de *história*, sem doutrinas nem preceitos. Em tais partes, a inspiração cumpre seu propósito garantindo, simplesmente, a veracidade da narrativa. Além disso, nas Escrituras, os pronunciamentos das várias pessoas são registrados apenas como tais, inclusive os de teorizadores como Zofar, de

homens perversos como Acabe e até do próprio diabo – esses, certamente, jamais tiveram a intenção de passar por divinamente inspirados. Tudo o que a inspiração garante nesses casos é a veracidade do registro. Do mesmo modo, no caso de Eclesiastes, somos colocados diante dos processos de pensamento pelos quais uma alma inquiridora chegou a uma conclusão grande e verdadeira. Contudo, isso não significa necessariamente que todas as inferências secundárias e conclusões menores sejam inspiradas.

Além disso, vamos lembrar que a revelação é *progressiva*, e isso explica a ausência de um ensino mais positivo em Eclesiastes com relação à *vida após a morte*. Quanto à *realidade* de uma vida no além e de um julgamento justo ali, Eclesiastes soa verdadeiro e claro; quanto à natureza, curso e detalhes daquela vida, porém, nada se diz. Se nosso autor tivesse usado fontes egípcias ou outras fontes pagãs mitológicas, não teria dificuldade alguma em apresentar detalhes pitorescos sobre o além e seus habitantes; mas é retido por uma sagrada reticência. Não se dão rédeas à imaginação. Fala apenas à medida que é movido. Nesse estágio da revelação divina, a vida do além é revelada apenas em seu aspecto negativo, como o lugar em que as obras, as indústrias, a ciência e a sabedoria terrenas chegam a um fim (9.10). Para elucidar os aspectos *positivos* da vida no além, era necessária nova revelação e, graças a Deus, foi dada, desvendando a continuação de uma vida consciente entre a morte do corpo e sua ressurreição (Is 14.9-11; Mt 22.32; Mc 9.43-48; Lc 16.19-31; Jo 11.26; 2 Co 5.6-8; Fp 1.21-23; Ap 6.9-11), juntamente com muitas outras revelações preciosas e vitais em diversas passagens além dessas.

Quando entendido corretamente, nada existe em Eclesiastes que *contradiga* a revelação posterior com respeito à vida após a morte ou qualquer outro tema. Quando lido hoje, deve-se ter o cuidado de lembrar seu lugar no progresso da revelação da Escritura.

Propósito e mensagem

Em vista do que acabamos de dizer, algum estudioso de mente prática pode perguntar: "Se a revelação completa vem depois, por que voltar a Eclesiastes?". A resposta a essa pergunta encontra-se no *propósito e na mensagem central* do livro. Acima de qualquer coisa, Eclesiastes quer

ensinar-nos que, à parte de Deus, tudo é vazio. A palavra "vaidade", que se repete em todo o livro, não significa somente orgulho tolo, mas o vazio final de toda vida vivida apenas em função deste mundo. Esse livro quer afastar-nos do amor ao mundo. Diz a todos nós: "Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1 Jo 2.15-17). E diz: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam; porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6.19-21). Sim, Eclesiastes diz a todo cristão: "Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2).

Sem dúvida alguma, recisamos do Livro do Eclesiastes em nossa Bíblia. Não dê ouvidos àqueles que julgam saber mais e querem excluí-lo por ser de qualidade moral inferior. Não seja desviado nem mesmo por aqueles amigos muitos espirituais que afirmam serem pouco espirituais os sentimentos de *Coelet*. A bondade divina inclui Eclesiastes entre os Escritos Sagrados. Uma das ironias mais tristes é a insensatez orgulhosa pela qual gerações sucessivas de seres humanos cometem os mesmos pecados, repetem os mesmos grandes erros, caem como presas das mesmas tolices que os enredam e sofrem as mesmas desilusões agonizantes, como as que viveram e morreram antes delas. Tudo isso por não darem atenção a um testemunho como o de *Coelet*. Lembramo-nos de um pequeno poema um tanto sombrio intitulado: "Poema de um Pai a uma Filha com Caxumba", do qual selecionamos as seguintes estrofes melancolicamente filosóficas:

Assim as gerações vêm e vão,
Desde a juventude até a velhice ganham em sabedoria;
Todavia, quando morrem todos se igualam,
Aprendem suas lições demasiado tarde.
Nossos jovens, ironizando, fogem da verdade
De que os velhos pais obtusos já foram moços,
E que os moços de hoje envelhecerão,

Muitas vezes atormentados pelos "Bem que eu disse",
E todo seu arrependimento juvenil e bombástico
Quando *eles* como pais sofrem também!

Quando como pais sofrem também,
Como com estranha certeza acontece,
Ficam admirados com as atitudes autoconfiantes,
Que a geração *seguinte* de jovens manifesta.
Ouvem os mesmos velhos argumentos
Vestidos de novas roupagens –
Os tempos são diferentes, e nós também,
Deixem então que sigamos *nosso* caminho e depois veremos.
Pois a natureza arteira em geral retribui
A seus rebeldes de maneira irônica.

Assim as gerações, à medida que se vão,
Perpetuam a história dolorosa.
Não aprendem do ontem,
Mas preferem aprender da maneira mais dura –
A experiência será o mestre, por favor;
E ela ensina bem – mas a que preço!
Os preços que cobra daqueles a quem ensina
Antes de transformar tolos em sábios!
Quantas vezes seus alunos confessam:
"É verdade, pobre papai e mamãe tinham razão!".

Cada geração logo se vai,
Tão confiante no início, tão triste no fim.
À medida que fileiras de jovens se levantam sucessivamente,
Cada um pensa: "Somos supremamente sábios".
Cada um sabe um pouco mais,
Todavia mostra um pouco menos de sabedoria.
Ó juventude confiante, reverencie a palavra de Deus:
Honre a seus pais enquanto estão aqui
E descobrirá em dias futuros
Que bons dividendos usufruirá!

LIVRO DO ECLESIASTES (3)

Lição Nº 65

NOTA: Para este estudo final de Eclesiastes leia novamente os dois primeiros e os dois últimos capítulos, contrastando o desapontamento nos dois primeiros com o conselho nos dois últimos.

A verdade vai retirar-se,
Golpeada por dardos difamadores e obras de fé
Bem raras; assim o mundo gira,
Maligno para os bons, benigno para os maus,
Gemendo sob o próprio peso, até o dia
Em que o justo será aliviado,
E a vingança recairá sobre os perversos, na volta
DEle [...] teu Salvador e Senhor;
O último a ser revelado nas nuvens do Céu
Na glória do Pai.

MILTON, *Paraíso Perdido, 12,535.*

LIVRO DO ECLESIASTES (3)

EXISTEM outras considerações importantes relativas a esse Livro do Eclesiastes sobre as quais devemos refletir pelo menos brevemente, antes de passarmos aos Cantares de Salomão. Elas nos ajudarão a apreciar melhor seus ricos valores espirituais.

Um desafio à fé

O livro com certeza contém um desafio à *fé*. *Coelet* segue seu caminho argumentando por meio de desilusões e dúvidas, até chegar ao brilho cristalino de uma fé racional na justiça, sabedoria e bondade divinas. Se ele, com seu conhecimento bem mais imperfeito do que o nosso, superou as decepções opressivas da experiência humana e encontrou tranqüilidade numa fé que venceu a desconfiança, quanto mais deveríamos fazê-lo nós, cristãos, que permanecemos sob os raios plenos da revelação do evangelho. Nem por um momento sequer devemos dar lugar a desconfianças sobre a maneira pela qual a providência opera. Com as promessas de amor presentes na mangedoura de Belém, na cruz do Calvário e no túmulo vazio daquela primeira manhã de Páscoa diante de nós, como podemos continuar duvidando da bondade do propósito fundamental de Deus para o universo e para a raça humana? Certamente existem desigualdades, enigmas e tragédias estranhos e dolorosos em toda parte à nossa volta. Todavia, nem mesmo a soma total desses fatos podem superar o profundo e animador significado da encarnação, crucificação e ressurreição do Filho de Deus, nosso Salvador. Como um antigo puritano costumava dizer: "Jamais devemos permitir que o que *não sabemos* destrua nossa fé no que *sabemos*". Ainda que muitas coisas continuem sendo um mistério para nós, não destroem a realidade e o significado daquilo que *é* verdadeiro e que *sabemos*. Em confronto com todo os sofrimentos, problemas e mistérios da vida do homem na terra, está a realidade de CRISTO. Ele é um fato real, sendo o penhor divino de um dia futuro que trará uma resposta completa e definitiva. Com confiança inabalável, vamos encomendar nossas almas "ao fiel Criador, na prática do bem" (1 Pe 4.19).

Resignação sensata

Coelet quer ensinar-nos também a atitude da *resignação* sensata. Não adianta aborrecer-se e lutar contra a ordem estabelecida da natureza. Seria apenas como bater nossas tolas cabeças contra as rochas de fatos inflexíveis que nossos temperamentos enfurecidos jamais poderão alterar. Se refletirmos cuidadosamente, existem indicações suficientes para mostrar-nos que um supercontrole divino opera em toda parte. Vislumbramos uma lógica indiscutível nas coisas. Fatos estranhos semidecifrados, integrados na história do passado e nos acontecimentos do presente, em momentos de meditação tornam-se de repente luminosos para a mente, dando coerência a tudo. Vemos com convicção indiscutível que existe uma harmonia divina por trás das discordâncias da terra e um objetivo estabelecido para além das desordens perturbadoras do presente. A presença controladora de um bom propósito divino no universo torna-se a chave única e óbvia que se ajusta a todas as ranhuras da fechadura. Uma centena de coincidências subitamente se encaixam, mostrando que existe um propósito unificador e benevolente que subjaz e controla tudo o que é providencialmente permitido. É isso que *Coelet* torna acessível. Ele vê em primeiro lugar que a vida está cheia de "vaidades" que *zombam* dos homens. A seguir, percebe que essas "vaidades" *têm o propósito* de zombar dos homens. Depois, descobre que as "vaidades" não existem apenas para zombar dos homens cruelmente, mas têm um *motivo benigno*: levá-los a buscar a verdadeira felicidade no próprio Deus. Ele vê que essas coisas procedem da "mão de Deus" (2.24). Compreende, outrossim, que tais coisas são permitidas porque Deus "pôs a eternidade no coração do homem" (3.11) e procura dar-lhes uma verdadeira perspectiva da vida em relação às questões materiais. Tudo isso é de fato discernimento, constituindo para nós a verdadeira voz da sabedoria.

É interessante notar e considerar as dez "vaidades" que *Coelet* vê como causadoras das ironias e frustrações da vida humana, tornando-a "vaidade e correr atrás do vento". Quanta desilusão aflitiva os homens e as mulheres poupariam a si mesmos se apenas fizessem uma pausa e meditassem sobre essas dez "vaidades" de *Coelet*!

As dez "vaidades"

2.15-16	A "vaidade" da sabedoria humana	*Morre o sábio e da mesma sorte o estulto.*
2.19-21	A "vaidade" do trabalho humano	*O trabalhador não é melhor do que o ocioso, no final.*
2.26	A "vaidade" do propósito humano	*Embora o homem ponha, é Deus quem dispõe.*
4.4	A "vaidade" da inveja humana	*Muito sucesso produz mais inveja que alegria.*
4.7	A "vaidade" da avareza humana	*Quem tem "muito" quer sempre "mais", mas nunca se farta.*
4.16	A "vaidade" da glória humana	*É breve, incerta e logo esquecida.*
5.10	A "vaidade" da ambição humana	*O dinheiro não satisfaz. Quanto mais se ganha, mais se almeja ganhar.*
6.9	A "vaidade" da cobiça humana	*Em geral, mesmo querendo, não se pode gozar o que se ganha.*
7.6	A "vaidade" da frivolidade humana	*Ela apenas disfarça o fim triste e inevitável.*
8.10, 14	A "vaidade" das recompensas humanas	*Os maus freqüentemente são honrados. Justos e perversos recebem recompensas erradas.*

Esse Livro do Eclesiastes certamente deveria ensinar-nos a necessidade de novas *revelações* divinas. Essa é uma das coisas que ele, sem dúvida, *visa* mostrar-nos. Os conflitos mentais de *Coelet*, o homem, são uma lição para todo os tempos e indicam a necessidade de uma luz sobrenatural ser enviada dos céus. A religião natural e as crenças humanas não bastam. O raciocínio humano só nos leva até certo ponto, não ultrapassando-o. Nem mesmo a lei mosaica, com seus dez mandamentos e sua ética social elevada, pode dar-nos aquilo que mais necessitamos conhecer e possuir. Esse livro do Eclesiastes invoca Aquele que disse: "Quem me vê a mim, vê o Pai" (Jo 14.9) e "... eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10).

Significados da autoria

Em nossa leitura de Eclesiastes devemos sempre lembrar que *Salomão* é o autor. Isso acrescenta grande força a muitos dos sentimentos expressos. O livro é produto de um arrependimento tardio? Muitos são dessa opinião. Salomão estará tentando expiar loucuras passadas e advertir os outros, baseado em sua própria amarga experiência? Talvez. Quando fala sobre um "rei velho e insensato" e um "jovem pobre e sábio" que será seu sucessor por usurpar o trono (4.13-16), estará referindo-se com presciência profética a si mesmo, que em breve morrerá, e ao intrigante usurpador, Jeroboão, que se estabeleceu como rei sobre as dez tribos de Israel? Quando descreve tão amargamente a mulher em 7.26-29, dizendo que a mulher sedutora é "mais amarga do que a morte" e que não encontrou uma mulher virtuosa "entre tantas", estará pensando em suas inúmeras mulheres e concubinas? É lamentável, que o talentoso Salomão, que começou tão sabiamente, tivesse de escrever um livro como esse! Quanta intensidade em sua doutrina da "vaidade" ou vazio de todas as coisas à parte de Deus! Não podemos ler esse livro sem sermos lembrados das palavras do poeta Byron, escritas pouco antes de sua prematura morte, depois de uma vida voltada inteiramente para o mundo e seus prazeres:

Meus dias estão no outono,
As flores e os frutos do amor se foram;
O verme, o câncer e a tristeza
São só meus!

O fogo que arde em meu peito
É solitário como uma ilha vulcânica;
Nenhuma tocha se acende em sua chama –
Uma pira funerária.

A esperança, o medo, o cuidado ciumento,
A porção exaltada da dor
E o poder do amor não posso compartilhar,
Mas apenas usar os seus grilhões.

A causa e a cura do pessimismo

O Livro do Eclesiastes supõe um sermão sobre *a causa e a cura do pessimismo.* Mostramos que, em sua conclusão final, o livro *não* é pessimista; mas pode-se admitir abertamente que muitos dos sentimentos expressos em seus processos argumentativos o *são.* Consistem em observações sombrias de olhos que foram encobertos e embaçados pelo pecado egoísta. Todavia, embora esses olhos não possam ver muito longe, eles estão vendo de modo mais verdadeiro e firme do que quando eram brilhantes, jovens e inflamados pelo vinho. *Por que*, então, as linhas de pessimismo na retrospectiva de *Coelet*?

Há três motivos. Primeiro, ele considera a vida *de maneira egoísta e não social.* Viveu para receber e não para dar; descobriu, então, o que essas pessoas descobrem: quanto mais se vive para o "eu", menos as coisas terrenas satisfazem. Quando o indivíduo vive só para "receber", quanto mais recebe, menos realmente tem. É um paradoxo correto dizer que quanto mais se dá, mais se tem. Os que fazem mais pelos outros fazem mais por si mesmos. *Coelet* tinha muitas relações sociais, mas só na aparência. Em seu íntimo continuava um isolacionista. Estivera envolvido em seu próprio egoísmo, considerando todos os demais simplesmente em função de sua autogratificação. Viver desse modo, qualquer que seja nossa posição social, cedo ou tarde produz uma irônica sensação de não ter tido verdadeiras alegrias, e faz com que as famosas palavras de Lorde Beaconsfield pareçam muito verdadeiras: "A juventude é um erro, a idade adulta, uma luta e a velhice, um arrependimento".

Segundo, *Coelet* vê a vida *à parte de Deus em vez de controlada por Ele.* Deus é pouco mencionado e, mesmo assim, só à distância. Tudo parece estar nas mãos dos homens (4.1-3). Uma das principais razões do pessimismo com relação à vida e à história humanas, um sentimento tão predominante em nossos dias, é que Deus é empurrado cada vez mais para fora delas pela industrialização e urbanização deste nosso século XX e pela ciência popular com seus termos evolucionistas sobre a "origem das espécies", a "sobrevivência dos mais fortes", "o reino da lei natural", "a impossibilidade dos milagres" e a rejeição *a priori* de tudo que é "sobrenatural". Nas palavras de W. T. Stead, quando o universo torna-se "a órbita vazia de uma divindade morta", não demora muito para que o pessimismo domine a filosofia humana.

Terceiro, *Coelet* vê a vida humana *limitada pela sepultura, e não como se tivesse um destino no além.* O homem morre como o animal, diz ele, e esse é seu maior problema. "Porque o que sucede aos filhos dos homens, sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó, e ao pó tornarão" (3.19, 20). De que vale então esforçar-se nesta vida? Pode-se dizer, e de fato *há* quem diga isso hoje, que devemos ter uma visão altruísta e estar dispostos a desempenhar nossa pequena parte e depois morrer, encontrando satisfação no pensamento de que a humanidade está progredindo para alcançar uma era perfeita. Isso soaria melhor se pudéssemos ter *certeza* de que uma humanidade assim perfeita realmente está-se desenvolvendo. Mas *não* estamos certos. Além disso, os cientistas dizem que, de acordo com a presente escala de evolução, na época em que a esperada raça perfeita tiver surgido, as condições deste planeta não permitirão que os seres humanos vivam nele! O sol está gradualmente perdendo seu calor. Ou está ficando cada vez mais quente em relação à terra. A longo prazo, iremos inevitavelmente perecer, seja por frio extremo, seja por calor extremo! Talvez não seja tão surpreendente o fato de um ou dois cientistas terem declarado recentemente que a melhor coisa para nossa terra seria que algum planeta itinerante colidisse com ela e a destruísse!

Vamos porém voltar à observação sombria de *Coelet*, no sentido de que homens e animais se assemelham em sua morte. Alguns talvez perguntassem: "Por que a idéia da morte deve preocupar os homens? Por que não viver apenas o presente e gozá-lo?". A resposta é que, embora os animais vivam simplesmente no presente, os homens *não podem* fazê-lo, porque Deus colocou "a eternidade" no coração humano (3.11). Existe algo na constituição do ser humano que não se satisfaz com o presente e com a matéria, por mais que outra parte dele possa ser atraída pelas coisas temporais e sensoriais. O homem não pode viver simplesmente no presente e para o presente. Tem uma capacidade para coisas intelectuais e espirituais e uma consciência que se proteja para o futuro. Todavia, em conflito com isso, está o fato inflexível que tanto perturbou *Coelet*: os homens e os animais morrem do mesmo modo.

O que dizer então? *Coelet estava errado.* Homem algum pode ter uma perspectiva correta da vida observando-a egoisticamente, e não

socialmente, à parte de Deus e como se estivesse limitada pela sepultura. Quando toda a informação disponível for considerada, ninguém *precisa* vê-la da forma como ele o fez. Nem o próprio *Coelet* considerou-a desse modo na ocasião em que escreveu seu tratado, pois deve-se lembrar que estava mostrando como pensava *antes* (como indica seu uso do verbo no passado ao longo de todo o livro).

Sua conclusão final está certa. Está *plenamente* certa, mas está longe de ser adequada. Isto é, não serve como motivo ou poder para inspirar o comportamento humano. Podemos aprender muito com o que ele nos disse; como já afirmamos, porém, é necessário continuar lendo as páginas das Escrituras Sagradas e ver o quanto a revelação vinda de Deus ainda tem a nos dizer. Devemos chegar até os profetas e descobrir ali inteiros continentes de novas verdades e esplêndidos horizontes descortinados à nossa frente. Mais do que tudo, devemos voltar-nos para o Novo Testamento, para a coroa da revelação divina, o Filho encarnado do próprio Deus.

Que visão de vida diferente temos quando observamos através dos olhos do Senhor Jesus! Com Ele, não veremos a vida egoisticamente, mas sim socialmente. Ninguém teve uma mentalidade tão social quanto o Filho do Homem. NEle havia puro "altruísmo" e absolutamente nenhum egoísmo. Jesus andava "fazendo o bem". Era adepto da sociabilidade. Ficava à vontade em qualquer grupo de pessoas, pois onde quer que fosse, Sua intenção era esquecer-se de Si mesmo em favor de outros. Para Ele, a vida não podia ser vista em separado de Deus. Ele percebia a mão do Pai em toda parte. Tudo falava de um bom propósito e da fiel supervisão divina. Com Ele não havia vida limitada pela sepultura, mas o oposto! Ali, para além de nosso presente mortal, é que se encontram as grandes questões da vida. Com Jesus, não há "vaidade de vaidades"! Ele veio para declarar a *realidade das realidades*: existe um significado e um propósito divinos percorrendo toda nossa vida. Até mesmo a cruz, se for da vontade do Pai, é o caminho para um trono. Existe um propósito benevolente em todo o universo. Podemos confiar em Deus. Podemos conhecer Seu amor e presença em nossas vidas. A vida não é uma ironia. Deus é AMOR. Por trás de toda medida severa existe um rosto sorridente. Deus não é só nosso Criador, Rei e Juiz: Ele é o PAI!

Contudo, devemos acrescentar mais uma palavra a fim de não darmos agora uma impressão errada sobre Eclesiastes. Na verdade, no que diz respeito à vida após a morte e outros assuntos importantes, devemos

passar de suas páginas para outras que apresentam mais detalhes e novas revelações das Escrituras. Esse fato, no entanto, não diminui sua importância. Por mais estranho que o comentário pareça a alguns, não hesitamos em dizer que, se há um livro do Antigo Testamento que gostaríamos de enviar para a consideração de milhares de nossos conterrâneos hoje, é o Eclesiastes. E embora possa parecer ainda mais estranho, se há um livro do Antigo Testamento a respeito do qual mais do que qualquer outro muitos *cristãos* de nossos dias deveriam ler e orar, é o Eclesiastes.

Como seria bom se os homens de nossos dias aprendessem a lição central dessa pequena seqüência de ensaios saída da pena do desiludido Salomão, a saber, que a vida vivida para o eu e para o mundo, e sem Deus, é "vaidade", e que jamais algo "debaixo do sol" poderá realmente satisfazer o coração humano! Como seria bom se muitos que se dizem cristãos tivessem aprendido essa mesma verdade: "Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2)! Com certeza, só quando tivermos verdadeiramente aprendido a "vaidade das vaidades" em Eclesiastes é que poderemos apreciar a mensagem enigmática dos *Cantares de Salomão* no livro que se segue.

Enquanto isso, talvez não haja melhor forma de terminar essas reflexões sobre Eclesiastes do que citando algumas linhas do escocês Robbie Burns.

> Não é com títulos nem posição,
> Não é com riquezas como as do banco de Londres,
> Que se pode comprar paz e tranqüilidade.
> Não é dinheiro sujo,
> Não são os livros, não é o conhecimento
> Que realmente nos abençoam.
> Se a felicidade não se animar
> No centro do coração,
> Podemos ser sábios, ou ricos, ou grandes,
> Mas jamais abençoados.
> Nenhum tesouro, prazer algum, pode fazer-nos
> felizes por muito tempo:
> E, sim, o coração, essa parte que nos torna justos
> ou perversos.
>
> ROBERT BURNS, *Epistle to Davie*

CANTARES DE SALOMÃO (1)

Lição Nº 66

NOTA: Leia, para este estudo de Cantares de Salomão, o livro inteiro duas vezes.

Ó amor feliz — onde amor como esse pode ser encontrado!
Ó arrebatamentos sinceros! êxtase incomparável!
Andei muito por este mundo cansativo e mortal,
E a sábia experiência me obriga a declarar:
"Se o Céu um sopro de prazer celestial envia,
Um alento neste vale sombrio,
É quando um casal de jovens, amoroso e modesto,
Nos braços um do outro vive a terna história
Debaixo do espinheiro branco leitoso que perfuma a ventania".

ROBERT BURNS, "The Cotter's Saturday Night"

CANTARES DE SALOMÃO (1)

"CÂNTICO dos cânticos de Salomão" — essas são as palavras que introduzem essa primorosa composição. O nome "Cântico dos Cânticos", é bastante adequado, pois trata do tema dos temas — o *amor.* Sua excelência literária é tal que a torna digna do talentoso rei a quem é atribuída. Há marcas evidentes de ter chegado até nós do período de Salomão, e parece não haver qualquer razão convincente para não aceitá-la como sendo realmente um produto da pena do régio autor cujo nome é referido.

Interpretação

O principal ponto de interesse é a *interpretação* desse poema de amor. Afirmou-se justamente que "em nenhum lugar das Escrituras a mente não-espiritual caminha por solo tão misterioso e incompreensível quanto nesse livro, embora os homens e mulheres mais santos de todas as gerações encontram aqui uma fonte de puro e intenso prazer". O que diremos então a respeito dele? Trata-se apenas de um poema de amor humano e nada mais, ou há um sentido espiritual e uma mensagem divina para nós? Sendo o último caso, quais *são* então o significado espiritual e a mensagem divina? "Não existe livro das Escrituras sobre o qual mais comentários tenham sido escritos e mais diversidade de opiniões tenham sido expressas do que esse curto poema de oito capítulos", afirma um culto expositor. Portanto, será sábio de nossa parte evitar acrescentar algo sem qualquer proveito a um assunto já abundantemente discutido. Felizmente, no processo da longa e contínua discussão, certos fatos emergiram gradualmente com uma clareza cada vez maior, todos convergindo para o mesmo resultado, de forma que agora temos condições de fazer um resumo e tirar conclusões bastante amadurecidas.

Três teorias de interpretação foram apresentadas: a naturalista, a alegórica e a tipológica.

A teoria naturalista

A teoria *naturalista* tem como base a idéia de que o livro não passa de uma coleção de canções eróticas, ou idílios de amor, reunidos por causa de seu mérito literário, sem qualquer significado alegórico ou tipológico, ainda que possivelmente com a intenção de descrever o amor humano ideal. Essa teoria faz com que a inclusão do livro no cânon sagrado torne-se uma anomalia inexplicável. Quando lembramos como os hebreus veneravam suas Escrituras Sagradas e como cuidavam para que apenas escritos inspirados fossem incluídos no cânon, não podemos crer que o Cântico dos Cânticos teria recebido um lugar nas Escrituras simplesmente devido a seu mérito literário. Nenhum dos livros se encontra ali simplesmente como obra literária. Cada um tem seu lugar por causa de seu caráter religioso ou sua ligação especial com a posição nacional peculiar do povo hebreu. A própria canonicidade do poema, portanto, argumenta a favor de sua relevância espiritual.

A teoria alegórica

No outro extremo está a teoria *alegórica*, que não se preocupa com a questão do poema ter ou não alguma base histórica em um caso de amor real entre Salomão e Sulamita, considerando o todo uma ficção puramente figurada e enigmática. Ler algumas das exposições absurdas e fantasiosas associadas a essa teoria, tais como o cabelo da esposa representando a massa de nações convertidas ao cristianismo, é demais para o senso de humor que Deus nos deu e faz com que toda a teoria perca seu valor.

A interpretação tipológica

Entre as teorias naturalista e alegórica está a interpretação *tipológica*, que reconhece os elementos distintos de cada uma delas, sem chegar a seus extremos. O texto tem uma base histórica; mas, em harmonia com o restante das Escrituras, possui também um propósito religioso e um conteúdo espiritual. Um amor humano ideal é representado, para levar o leitor a pensar na comunhão com Deus. Os fatos são fundamentalmente históricos, mas foram elevados à esfera da poesia com um objetivo

religioso; os fatos são idealizados e recebem do Espírito da inspiração um significado espiritual.

Não devemos ser desviados de uma percepção apurada dos significados tipológicos nas Escrituras em vista dos extremos insensatos a que chegaram os alegoristas fantasiosos. Repetidamente, nas Escrituras, as metáforas baseadas no relacionamento conjugal são usadas com referência à relação entre Israel e Deus e à relação da Igreja com Cristo, assim como para designar a comunhão entre a alma do indivíduo e Deus. O uso da metáfora do casamento é mais notável em Paulo e João, e podemos muito bem perguntar se se teriam utilizado assim de tal metáfora caso o Antigo Testamento já não tivesse familiarizado o povo de Deus com ela. Uma verdadeira interpretação do poema, portanto, reconhecerá nele uma dualidade na unidade. Pois embora seja fundamentalmente a expressão do "puro amor conjugal conforme ordenado por Deus na criação, e da justificação desse amor em confronto com o ascetismo e a paixão", o sentido mais profundo e amplo refere-se ao amante celestial e Sua noiva, a Igreja.

A chave escriturística

Será que o Espírito Santo, que inspirou as Escrituras, forneceu em algum lugar uma chave que realmente se ajuste à fechadura e abra para nós as portas enigmáticas desse poema de amor, de forma a assegurar-nos de que o estamos interpretando corretamente? Penso que podemos dizer reverentemente que sim. Aceitando como um princípio de exegese bíblica o fato de que as Escrituras devem ser explicada pelas Escrituras, cremos que a chave para os Cantares de Salomão é o salmo 45.

Temos uma indicação preliminar disso no *título* do salmo, que é "Cântico de amor" (a parte anterior do título que aparece em nossas versões pertence ao salmo precedente, como explicado numa outra lição sobre os títulos dos salmos).

Quando examinamos esse "Cântico de amor", descobrimos tratar-se de um hino de amor *real*. De fato, é um hino de *casamento* real e refere-se a *Salomão*. Mas, embora a referência principal seja Salomão, a referência final é Cristo, como estabelecido conclusivamente por Hebreus 1.7, 8. Assim como Salomão, portanto, é um tipo de Cristo em sua sabedoria,

riquezas e fama, nesse salmo 45 é também um tipo nessa união conjugal. Isso faz desaparecer imediatamente a suposta dificuldade de que no Cântico dos Cânticos alguém como Salomão não pode ser adequadamente considerado como um tipo do noivo celestial. Além do mais, justamente por isso, esse salmo 45 é exatamente aquele que acompanha os Cantares de Salomão. Ele poderia quase ter sido escrito para ser lido com ele, como um tipo de complemento ou epílogo, coroando a feliz questão do encontro de amor.

Depois do rápido prefácio no versículo 1, o salmo divide-se em duas partes iguais: 1) um discurso ao noivo real, do versículo 2 ao 9; 2) um discurso à noiva real, do versículo 10 ao 17. Em cada uma dessas duas partes encontramos quatro subdivisões. No discurso ao noivo real temos: *a*) no versículo 2, a beleza de sua pessoa; *b*) do versículo 3 ao 5, o valor de suas conquistas; *c*) no versículo 6, a estabilidade de seu reino; e *d*) do versículo 7 ao 9, a alegria de seu casamento. Do mesmo modo, no discurso à noiva real temos: *a*) do versículo 10 ao 11, um apelo à dedicação completa; *b*) no versículo 12, uma promessa de alta honra; *c*) do versículo 13 ao 15, um elogio aos encantos da noiva; e *d*) nos versículos 16 e 17, uma promessa de favor divino incessante.

Uma comparação desse salmo com os Cantares de Salomão irá revelar-nos certas correspondências surpreendentes, tais como aquela entre a rainha recém-casada que suspira pela sua agora distante casa no Líbano e a exortação feita a ela, no versículo 10 do salmo: "... esquece o teu povo e a casa de teu pai". Mas sem entrar em maiores detalhes sobre isso, vamos aceitar, à luz do salmo 45, que o caso de amor nos Cantares de Salomão acontece entre Salomão e Sulamita e que isso é um tipo muito sagrado da união espiritual entre Cristo e Sua Igreja.

Além disso, existe alguma verdade na seguinte observação: "Aquilo que tantos cristãos [no decorrer dos anos] reconheceram [nos Cantares de Salomão] deve ser substancialmente a mente do Espírito".

Existe uma teoria, embora não muito difundida, de que o caso de amor nos Cantares de Salomão aconteceu entre um pastor anônimo e Sulamita e de que Salomão é um tipo do mundo, contra cujas seduções a noiva se mostra fiel a seu amante-pastor até o fim. Esse ponto de vista é cuidadosamente apresentado por E. W. Bullinger em sua obra *Companion Bible* ("A Bíblia de Companhia"), e nós o verificamos com cuidado. Mas é tão obviamente artificial e distorce de tal forma o poema, que não

merece qualquer crédito, dando mais uma razão para crermos que o episódio aqui, como no salmo 45, ocorre entre o rei Salomão e essa jovem montanhesa.

Assim sendo, se os Cantares de Salomão falavam a Israel, falam de um modo ainda mais profundo e belo aos membros espiritualmente vivificados da verdadeira Igreja, com relação a seu relacionamento com o noivo celestial. Paulo referia-se a isso quando escreveu aos Efésios: "Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a aprensentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.25-27).

O fato de que o amor do noivo divino deve "ser de acordo com as analogias do relacionamento conjugal" nesses Cantares de Salomão, "parece pecaminoso apenas para mentes tão ascéticas que o desejo conjugal em si é considerado ímpio". O livro tem sido uma fonte de raro prazer para os mais santos homens e mulheres de todas as eras.

Vemos aqui, em tipo santificado, o Senhor Jesus e sua noiva misteriosa, a Igreja. Portanto, por uma apropriação justificável, todo crente pode reivindicar uma aplicação individual verdadeira.

Mensagem central

É a presença oculta de Cristo e da Igreja nos Cantares de Salomão que dá ao poema sua beleza mais profunda e seu significado mais secreto. É isto que o tornou indescritivelmente precioso para o círculo íntimo dos que amam o Senhor. E é a partir disso que chegou até nós sua *mensagem* central: tal é a união entre Cristo e Seu povo remido, quando percebida em seus sentidos mais profundos e ternos, que só pode ser expressa sob a figura de uma união conjugal em termos ideais. Isto é verdade quer pensemos nessa união como sendo entre Cristo e Seu povo coletivamente como *Igreja*, quer pensemos em Cristo e Seu povo individualmente como *membros* remidos e santificados dessa Igreja.

Várias ilustrações são usadas nas Escrituras para expressar os diversos aspectos dessa admirável união. Cristo é a cabeça, e nós somos o corpo; pois trata-se de uma união *viva*. Cristo é o fundamento, e nós somos o

edifício, pois é uma união *duradoura.* Cristo é a videira, e nós somos os ramos, pois é uma união *frutífera.* Cristo é o primogênito, e nós somos Seus irmãos; pois é uma união de *co-herança.* Mas o significado mais sublime e terno dessa união só pode ser expresso — e mesmo assim imperfeitamente — pela mais sagrada das relações humanas, o casamento. Cristo é o noivo e nós somos a noiva, pois, no sentido mais verdadeiro, nossa união com Ele é uma união *de amor.* Esse é o esplêndido significado que constitui o centro dos Cantares de Salomão, assim é que os Cantares de Salomão representam o exato oposto de Eclesiastes, pois em Eclesiastes este mundo presente e vão é pequeno demais para preencher e satisfazer o coração humano, enquanto nos Cantares o coração é preenchido e satisfeito por Cristo.

O clímax

Qual é então o *clímax* dessas núpcias ideias? É a alegria da posse mútua, como expresso em 2.16: *"O meu amado é meu, e eu sou dele...".* Esse é também o ponto mais alto da alegria sagrada que o cristão encontra em sua união espiritual com o adorável Filho de Deus. É a certeza de possuir e ser possuído. Cada um de nós, sendo um remido do Senhor, pode colocar essas palavras em seus lábios como aplicáveis à sua própria pessoa — "O meu amado é meu, e eu sou dele".

Em meu pequeno livro *His Part and Ours* ("A Parte Dele e a Nossa"), falei das cordas que prendem nosso amado a nós e nós a Ele. Por um lado, *Ele* está preso a *nós* 1) pela corda inquebrável de Sua *promessa,* 2) pela corda inseparável de uma *aliança* eterna, 3) pela corda de ouro do *amor* divino e 4) pela corda provada de nossa própria *experiência.* Por outro lado, *estamos* presos a *Ele* 1) pela velha corda da *criação,* 2) pela corda vermelha da *redenção,* 3) pela forte corda da *eleição* e 4) pela nova corda de nossa própria *escolha.* Sete desses oito laços preciosos são atados pelo próprio Senhor; até mesmo o oitavo, na realidade, é obra de Seu Espírito Santo em nossos corações. Essas cordas de amor durarão para sempre: bendito seja Seu amado nome!

Alguns talvez achem que a linguagem dos Cantares de Salomão é demasiado íntima ou extravagante para expressar a comunhão dos santos com o noivo celestial. Todavia, deve-se admitir que os amantes mais

ardentes do Senhor encontram aqui um realce de expressão que não pode ser encontrado em qualquer outro lugar. Existe um arrebatamento de comunhão com Cristo que nenhuma fraseologia comum pode expressar. Leia as seguintes palavras de Samuel Rutherford:

A cada dia vemos uma nova beleza em Cristo, Seu amor não tem cercas nem fundo. Se houvesse dez trilhões de mundos, e o mesmo número de céus cheios de homens e anjos, Cristo não teria dificuldade em suprir todas nossas necessidades e encher-nos a todos. Esta nossa alma tem amor e não pode senão amar alguém formoso; e, quão belo, quão único, quão excelente, digno de amor, cheio de encanto é Jesus! Todos os que se aproximaram de Cristo têm boas palavras sobre Ele. Homens e anjos que o conhecem dirão mais do que eu agora, e pensarão mais nEle do que podem dizer. Quem me dera ter braços para abraçá-lo!

Ou examine essas palavras daquela velha e doce figura, John Fawcett, autor do hino "Benditos Laços":

Ó bendito Jesus, Teu amor é maravilhoso. Experimentá-lo é adoçar todo o amargor da vida e desarmar a morte de seus terrores. Quando sou favorecido com a luz de Teu semblante e a sensação de Teu amor, minha alma enche-se e fica satisfeita. És para mim um oceano repleto de delícias e satisfação duradouras. Ao longo de todas as eras de uma eternidade bem-aventurada, humildemente espero proclamar os prodígios do amor que salva e contar aos anjos que me ouvem o que esse amor fez por minha alma.

Ou ainda abra um hinário. Veja, reiteradamente em suas páginas a mesma linguagem ávida e afetiva. Observe a seguinte estrofe famosa de Charles Wesley:

Quão puro e santo o imenso amor
Que Deus ao mundo pecador,
    Em Cristo, quis mostrar!
Com fé, meu pobre coração
Recebe a grande redenção
    Que o Salvador vem dar.

CANTARES DE SALOMÃO (2)

Lição Nº 67

NOTA: Para esta lição, leia de novo o livro inteiro, marcando um intervalo de separação no final de cada um dos seguintes versículos: 2.7; 3.5; 5.1; 6.3; 7.10; 8.4.

Podemos observar espelhos ustórios, em que os raios do sol convergem em um, quão poderosos são, porque os raios unem-se em um pequeno ponto. Que nos esforcemos para que todos os raios de nosso amor concentrem-se em Cristo, que Ele possa ser nosso amado. Da mesma forma que todos os rios encontram-se no grande oceano, o amor de cada um de nós deve convergir para Cristo e unir-se nEle. Não há pessoa melhor para ofertarmos o nosso amor e os nossos afetos do que Cristo. Como é bom que Deus tenha colocado em nós emoções tais como alegria, prazer e amor; e quanta felicidade existe em termos um tão excelente objeto para preencher esses sentimentos, sim, para transcendê-los e serem mais que satisfeitos!

RICHARD SIBBES

CANTARES DE SALOMÃO (2)

Sua forma literária

OS CANTARES de Salomão, como dissemos, é um poema. Contudo, será bom ampliarmos essa definição e dizer que são, na realidade, *vários* poemas curtos combinados num só. Isso não prejudica sua atração literária ou seu significado espiritual, pois esses diversos pequenos poemas, ou fragmentos idílicos, evidentemente perfazem um conjunto, como diferentes aspectos do mesmo caso de amor.

Segundo o Dr. Richard G. Moulton, em *Modern Reader's Bible* ("Bíblia do Leitor Moderno"), os Cantares de Salomão representam uma "Seqüência de Sete Idílios", como segue (os títulos estão um pouco modificados aqui):

Idílio 1. *Recapitulação do casamento real* (1.1-2.7)
Idílio 2. *Reminiscências do noivado por parte da esposa* (2.8-3.5)
Idílio 3. *Lembranças do dia do noivado* (3.6-5.1)
Idílio 4. *Descrição do sonho perturbador da esposa* (5.2-6.3)
Idílio 5. *Meditação do rei a respeito da esposa* (6.4-7.10)
Idílio 6. *A esposa deseja ver seu velho lar* (7.11-8.4)
Idílio 7. *Renovação do amor no Líbano* (8.5-8.14)

Essa palavra "idílio" talvez exija um comentário. Esse termo vem do grego *eidyllion*, que significa "pequeno quadro". No curso da história, seu uso ligado à poesia procede do grande poeta siciliano Teócrito (século III a.C.). Os idílios de Teócrito retratavam a vida pastorial comum e ao ar livre do povo siciliano; desde então, o uso literário reservou o termo "idílio" para o que é pastoral ou rústico, em contraste com o que é épico, heróico ou dramático. Um idílio é então um curto poema pictórico sobre algum assunto pastoral ou rústico; é um breve poema narrativo ou descritivo, que sobretudo dá um tom de romance às cenas familiares ou rotineiras.

Dizer que os Cantares de Salomão representam um conjunto de idílios pode parecer pouco importante a princípio. O que interessa saber a que categoria particular de poesia pertence? Na verdade, porém, é da *máxima*

importância classificar a forma técnica dessa obra, pois disso depende a própria *interpretação* da história que o poema pretende contar. Um momento de reflexão tornará isso claro. Se considerarmos o poema *dramático* em lugar de idílico, então os Cantares de Salomão são uma *história seqüencial*: o que está no capítulo 2 é posterior, com relação ao tempo, ao que se encontra no capítulo 1; o que está no capítulo 3 é posterior ao que se encontra no capítulo 2; e assim por diante. O drama apresenta uma história e, portanto, a ação dramática não pode retroceder. Assim, se considerarmos os Cantares de Salomão um drama, nossa interpretação será igualmente prejudicada.

Por outro lado, se considerarmos os Cantares de Salomão um conjunto de idílios líricos, então nossa análise não ficará restrita por nenhuma exigência de fidelidade a uma seqüência; pois esses idílios líricos podem fixar-se em diferentes partes da história, com perfeita conveniência, passando da posterior para a anterior sem quaisquer limitações quanto à ordem temporal.

Vamos ouvir de novo o Dr. Moulton: "Os que afirmam que os Cantares de Salomão representam um drama julgam que o enredo do drama consiste numa luta entre o rei Salomão e um humilde pastor pelo amor da bela mulher Sulamita. No final, Salomão cede, e a heroína e seu humilde pretendente unem-se. Esse resultado parece-me ser extraído das palavras do poema com bastante dificuldade. Por outro lado, se admitirmos a escala mais ampla de idílios líricos, não é preciso haver nenhum esforço de interpretação para se chegar a uma história que certamente não é menos interessante do que a outra. Mediante essa interpretação, podemos identificar o humilde amante com o próprio Salomão. A história então passa a ser esta: o rei Salomão, com seu séquito real, ao visitar as vinhas reais no monte Líbano, chega de surpresa ao lugar em que estava a bela Sulamita. Ela foge deles. Salomão vai até ela disfarçado de pastor e conquista assim seu amor. Ele surge então em suas vestes reais e a chama para deixar o Líbano e tornar-se sua rainha. Eles estão no momento do casamento no palácio real quando o poema se inicia".

É maravilhoso como esses Cantares de Salomão iluminam-se com novos esplendores quando dispostos nessa forma idílica de sete aspectos, sendo cada idílio em particular apresentado de modo a obter pleno efeito poético. É absolutamente impossível para nós dar aqui todos esses sete aspectos mas, com grande gratidão ao Dr. Moulton, cuja esplêndida obra

sinceramente recomendamos, tomamos a liberdade de reproduzir (de forma abreviada) os idílios um, cinco e sete.

IDÍLIO I (1.1-2.7)
O DIA DAS BODAS

Fora do palácio. O séquito nupcial aproxima-se: o noivo real leva a noiva, seguido do coro das filhas de Jerusalém.

ESPOSA

Beija-me com os beijos de tua boca;
porque melhor é o teu amor do que o vinho [*etc.*].

Há uma pausa no limiar do palácio.

ESPOSA (*para o Esposo*)

Leva-me após ti,

CORO

apressemo-nos.

O noivo carrega a noiva, cruzando o limiar.

ESPOSA

O rei me introduziu nas suas recâmaras.

CORO

Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos;
do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho;

ESPOSA

não é sem razão que te amam.
Dentro do palácio. A noiva dirige-se ao coro.

ESPOSA

Eu estou morena, porém formosa, ó filhas de Jerusalém,
como as tendas de Quedar [*etc.*].

A noiva e o noivo sussurram reminiscências de seu namoro: como ela procurou descobrir seu disfarce e ele respondeu misteriosamente.

ESPOSA (v. 7)

ESPOSO (v. 8)

O séquito da casa de banquetes à câmara nupcial.

ESPOSO (vv. 9-11)

ESPOSA (vv. 12-14)

ESPOSO (v. 15)

ESPOSA (1.16-2.1)

ESPOSO (2.2)

ESPOSA (2.3-6)

REFRÃO (2.7)

Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e cervas do campo,
que não acordeis nem desperteis o amor,
até que este o queira.

IDÍLIO V (6.4-7.10)

MEDITAÇÃO DO REI A RESPEITO DA ESPOSA

O REI REFLETE SOBRE SUA BELEZA

Formosa és, querida minha, como Tirza,
aprazível como Jerusalém,
formidável como um exército com bandeiras.
Desvia de mim os teus olhos,
porque eles me pertubam,
Os teus cabelos descem ondeantes
Como o rebanho das cabras de Gileade.
[*Etc.*, até o final de 6.9.]

CANTARES DE SALOMÃO (2)

A MEDITAÇÃO TRANSFORMA-SE (EM FORMA DRAMÁTICA) NUMA REMINISCÊNCIA DO PRIMEIRO ENCONTRO

a) *Surpresa da corte*

Quem é esta que aparece como a alva do dia,
formosa como a lua, pura como o sol,
formidável como um exército com bandeiras?

b) *Surpresa da Sulamita*

Desci ao jardim das nogueiras,
para mirar os renovos do vale [...].
Não sei como, imaginei-me no
carro do meu nobre povo!

c) *Clamor da corte real*

Volta, volta, ó Sulamita,
volta, volta, para que nós te contemplemos.

d) *Confusão da Sulamita*

Por que quereis contemplar a Sulamita
na dança de Maanaim?

O REI VOLTA A MEDITAR SOBRE A BELEZA DA ESPOSA

Que formosos são os teus passos dados de sandálias,
ó filha do príncipe!
Os meneios dos teus quadris
são como colares
trabalhados por mãos de artista...
[E assim por diante, até o versículo 9.]

IDÍLIO VII (8.5-14)
RENOVAÇÃO DO AMOR NA VINHA DO LÍBANO

Chegada do casal real (desacompanhado) no lugar de seu primeiro encontro.

Quem é esta que sobe do deserto,
E vem encostada ao seu amado?

REI SALOMÃO

Debaixo da macieira te despertei,
ali esteve tua mãe com dores;
ali esteve com dores aquela que te deu à luz.

ESPOSA

Põe-me como selo sobre o teu coração,
como selo sobre o teu braço,
porque o amor é forte como a morte,
e duro como a sepultura o ciúme;
as suas brasas são brasas de fogo,
são veementes labaredas.
As muitas águas não poderiam apagar o amor,
nem os rios afogá-lo:
ainda que alguém desse todos os bens
da sua casa pelo amor,
seria de todo desprezado.

A noiva recorda palavras obscuras de seus irmãos quando pequena: ela as compreende agora.

Temos uma irmãzinha [*etc.*].
[*Leia aqui os versículos 8, 9 e 10.*]

A noiva renova os votos ao esposo: Salomão será o senhor de seu coração assim como é o senhor de sua casa.

ESPOSA

Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom;
entregou-se a uns guardas,
e cada um lhe trazia pelo seu fruto
mil peças de prata.

A vinha que me pertence está ao meu dispor;
tu, ó Salomão, terás os mil siclos,
e os que guardam o fruto dela, duzentos.

A escolta aproxima para conduzi-los de volta do Líbano: só há tempo para um último abraço.

REI SALOMÃO

Ó tu, que habitas nos jardins,
os companheiros estão atentos para ouvir a tua voz;
faze-me, pois, também ouvi-la.

ESPOSA

Vem depressa, amado meu,
faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela
que saltam sobre os montes aromáticos.

Ver esses idílios apresentados dessa forma acentua seu interesse e esclarece seu sentido. Seu encanto literário aumenta e ao mesmo tempo ajuda nossa percepção de seu significado espiritual; pois devemos lembrar acima de tudo que o Senhor Jesus e Sua noiva, a Igreja, acham-se misticamente presentes em todo esse poema de sete partes, e qualquer coisa que nos ajude a compreender isso é importante.

Em nosso próximo e último estudo de Cantares de Salomão, resumiremos os sete idílios, um por vez, e depois apresentaremos alguns exemplos de lições espirituais encontradas neles. Enquanto isso, nada melhor do que terminar este estudo recomendando de novo ao leitor que leia a "Bíblia do Leitor Moderno" (*Modern Reader's Bible*), do Dr. Richard G. Moulton — se e quando as circunstâncias permitirem.

CANTARES DE SALOMÃO (3)

Lição Nº 68

NOTA: Para este estudo, leia novamente os sete idílios que constituem o poema inteiro, mas observe-os à parte, juntamente com os breves comentários já feitos.

Nenhuma língua de anjos
Pode expressar Seu amor;
Harpa alguma do mais puro som
Como Sua voz pode ser encontrada.
Nenhum serafim resplandecente ali
Com Ele pode comparar-se –
O mais belo dentre todos
é Jesus.

Doce maravilha, toda ela divina,
Que Ele possa agora ser meu!
O arrebatamento, quem pode contar,
Onde Ele lançou Seu fascínio?
A coroa da perfeição é Ele,
O sumo da bênção para mim,
Meu céu eterno vindouro
é Jesus.

J. S. B.

CANTARES DE SALOMÃO (3)

As sete partes

TENDO notado a forma múltipla e idílica dessa singular composição e tendo visto três dos sete idílios apresentados de maneira a mostrar os incidentes a que a poesia se refere, vamos resumir agora todos eles, um por vez. Os leitores modernos e ocidentais devem cuidar para não imaginar o namoro e o casamento, aqui, como sendo de acordo com o estilo e o costume ocidentais.

Idílio 1 (1.1-2.7)

Aqui, em vivos toques, vemos o casamento real. O séquito da noiva chega ao palácio. O noivo real, segundo a cerimônia costumeira, carrega a noiva até a câmara nupcial (1.4), onde as "filhas de Jerusalém" que a cercam rompem em coro: "Em ti nos regozijaremos e nos alegraremos; do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho..." (1.4). No interior do palácio, a noiva, cujo casamento a eleva da obscuridade rústica para o trono da terra, desculpa-se graciosamente por sua pele morena junto às donzelas que a assistem, que têm teses mais artificiais e citadinas (1.5, 6). É claro, porém, que aquilo pelo que modestamente se desculpa é, aos olhos de Salomão, seu encanto superlativo. Os dois amantes trocam então reminiscências sussurradas de seu namoro (1.7, 8), depois do que o séquito partindo da casa do banquete chega à câmara nupcial. Ouvem-se o noivo e a noiva trocando mútuos elogios afetuosos (1.9-2.6), até que o refrão do poeta (2.7) fecha a cortina nesse quadro final daquele dia feliz:

Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e cervas do campo,
que não acordeis nem desperteis o amor,
até que este o queira.

Idílio 2 (2.8-3.5)

Nesse segundo idílio, a noiva recorda os dias de namoro. Ela revive aquele inesquecível dia de primavera quando seu amante real foi pela primeira vez à sua casa nas montanhas, e quando o amor deles começou (2.8-14). Ao pensar nas palavras ardentes proferidas por ele naquela ocasião, a noiva lembra também como a voz áspera dos irmãos havia interrompido o idílio com o grito de que as raposas haviam entrado no vinhedo (2.15). Depois disso, seguem-se as reminiscências de um sonho feliz em que ela encontrou seu amor perdido (3.1-4). O segundo idílio termina então com o mesmo refrão que encerrou o primeiro (3.5).

Idílio 3 (3.6-5.1)

Nessa soberba canção é relembrado o dia do noivado. O rei Salomão, disfarçado de pastor, já cortejou e conquistou a formosa heroína; mas agora ele surge em toda sua magnificência (3.6-11). Ao chegar, derrama seu amor perante Sulamita (4.1-5). A interrupção momentânea provocada pelo modesto embaraço da donzela diante de louvores tão ardentes é apresentada no versículo 6; e a seguir vem a verdadeira proposta de casamento (4.7-15). Salomão convida-a a deixar o Líbano (v. 8), pois ela arrebatou seu coração (v. 9). Sua fragrância rústica é muito melhor para ele do que "toda sorte de especiarias" — os perfumes mais artificiais das moças da cidade (4.10). Todavia, enquanto permanece em seu ambiente campestre, ela é como um "jardim fechado" e inacessível (v. 12). Sob essa metáfora do jardim fechado — um símbolo delicado da virgindade — é proposto o casamento; e sob a mesma metáfora, a bela Sulamita aceita, nas palavras do versículo 16:

> Ah! venha o meu amado para o seu jardim,
> e coma os seus frutos excelentes!

A alegre resposta de Salomão é (em 5.1): "Já entrei no meu jardim, minha irmã, noiva minha". Esse idílio então termina com um toque final do poeta (em 5.1):

Comei e bebei, amigos;
bebei fartamente, ó amados.

Idílio 4 (5.2-6.3)

O idílio 4 relata um conturbado sonho da noiva. Ela sonha que seu amado procura-a de noite, pedindo para entrar. Ela hesita. Há uma pequena demora enquanto ela se ocupa de sua aparência pessoal e mergulha as mãos na mirra (5.3). Nesse meio tempo, o amado vai embora; quando ela abre a porta, ele se foi (5.6). Ela caminha pela noite, buscando o amante perdido (5.7). Os guardas encontram-na. Eles a espancam, ferem e insultam (5.7). Em seu sonho tumultuado, ela agora se vê falando com o coro de damas de honra, a quem conta sua tristeza (5.8). Ela lhes dá uma descrição de seu amado que é, com certeza, uma obra-prima de linguagem, insuperável em qualidade (5.10-16). Seus arrebatados louvores ao encanto dele têm o efeito de fazer com que o sonho perca seu aspecto sombrio e termine com um final feliz. Ela descobre onde seu amado foi (6.2) e fica aliviada em acordar com uma canção nos lábios (6.3).

Idílio 5 (6.4-7.10)

Essa é uma meditação do rei sobre a noiva. É uma composição apaixonada e arrebatada. Na primeira parte (6.4-9), o rei reflete sobre sua beleza. A linguagem é ricamente expressiva. No versículo 10 a meditação parece transformar-se em reminiscência, e pode muito bem referir-se ao primeiro encontro entre Salomão e Sulamita. Nesse versículo, é quase possível ouvir as palavras de surpresa e louvor do grupo real quando eles inesperadamente encontram a donzela.

Quem é esta que aparece como a alva do dia,
formosa como a lua, pura como o sol,
formidável como um exército com bandeiras?

Os seis versos seguintes podem muito bem expressar os sentimentos da jovem, sensível sob o olhar admirado dos acompanhantes do rei (vv. 11, 12).

O dístico seguinte (v. 13) pode ajustar-se perfeitamente a eles, quando a jovem vai embora apressadamente:

Volta, volta, ó Sulamita,
volta, volta, para que nós te contemplemos.

E os outros dois versos dão a resposta, verbal ou não, por parte da moça:

Por que quereis contemplar a Sulamita
na dança de Maanaim?

A meditação do rei é então retomada (em 7.1), continuando até o refrão final (7.10).

Idílio 6 (7.11-8.4)

Só há uma voz nesse idílio, o mais curto de todos. É a da noiva. Em meio aos esplendores do palácio, ela anseia por ver de novo sua casa nos campos do monte Líbano. Nessas estrofes escolhidas ela faz um terno apelo para que possa ir visitar o lar com o marido e ali renovar seu amor (7.11-8.3). Esse idílio termina com um trecho de um refrão anterior (8.4).

Idílio 7 (8.5-14)

Essa é a renovação do amor na vinha do Líbano. Nos dois versos de abertura, o casal régio chega ao lugar em que se encontraram pela primeira vez: "Quem é esta que sobe do deserto, e vem encostada ao seu amado?". Há a fala de Salomão no versículo 5 e a seguir as palavras da noiva (vv. 6, 7). A esposa lembra depois certos comentários dos irmãos que a haviam deixado confusa quando mais jovem, mas que agora compreende (vv. 8-10). Ela continua, renovando sua promessa de amor a Salomão sob a figura de uma vinha e seu senhor. As vozes do coro são agora ouvidas. Mal há tempo para uma última palavra de amor; e o poema termina.

Lições espirituais

Quando vemos a presença de Cristo e Sua Igreja nesses Cantares de Salomão, ela simplesmente transborda de preciosas aplicações espirituais. O pouco espaço que nos resta permite apenas uma ilustração mínima disso.

Volte ao início do idílio 4 (5.2). Temos aqui as reminiscências da noiva sobre um sonho de amor. Seu amado procura-a, pedindo gentilmente para entrar: "Abre-me, minha irmã, querida minha, pomba minha, imaculada minha, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos das gotas da noite". A esposa permite que considerações pessoais adiem sua resposta: "Já despi a minha túnica, hei de vesti-la outra vez? já lavei os meus pés, tornarei a sujá-los?". Quando ela finalmente abre a porta, seu amado já se foi e, com o coração angustiado, ela precisa agora procurá-lo através da noite, deve chorar por causa dele e sofrer nas mãos dos guardas da cidade, antes de encontrá-lo novamente. Como isso é freqüente em nossa própria experiência! Os interesses individuais adiam nossa resposta a Cristo quando Ele vem de alguma forma especial enriquecer o coração; e quando mais tarde procuramos a bênção, nosso amado se retirou, a noite nos cerca, os temores nos afligem, e derramamos rios de lágrimas antes de reencontrá-lO. Compreendemos muito bem em tais ocasiões a verdade desses versos do hinário:

> Nossa meia-noite é a ausência de Teu sorriso;
> Nosso meio-dia é Tua graciosa chegada.

Que possamos responder rapidamente à voz de nosso noivo celestial! Que Lhe respondamos com alegria! Que não percamos Seus mistérios e bênçãos excelentes! O comentário da Bíblia Anotada por Scofield sobre o atraso da noiva vale bem uma reflexão cuidadosa em espírito de oração: "A esposa fica satisfeita por ter lavado os seus pés enquanto que o esposo, com a cabeça 'cheia de orvalho' e os cabelos molhados pelas 'gotas da noite', está trabalhando para os outros. A condição da noiva não é pecaminosa, mas de negligência no serviço. Ela está preocupada com as graças e perfeições que possui em Cristo através do Espírito (1 Co 12.4-11; Gl 5.22, 23). Seu mistério não está ajustado às atividades da guerra cristã. Seus pés estão limpos, suas mãos destilam a mirra preciosa; mas Ele se foi,

e agora ela tem de procurá-lo".

Vamos voltar-nos agora para um outro ponto semelhante nos Cantares de Salomão. Analisaremos apenas um versículo: 2.14. O amante real se dirige desta forma a Sulamita: "Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce, e o teu rosto amável". Leia agora essas mesmas palavras como se tivessem vindo dos lábios de Cristo para os que Lhe pertencem, e observe o belíssimo progresso de idéias que existe nelas.

Primeiro, temos o *caráter* da esposa, conforme a avaliação do esposo. Ele a chama "minha pomba", uma metáfora que expressa gentileza, ternura, beleza e pureza (veja 5.2 e 6.9). Embora em si mesmo o povo de Deus seja profundamente indigno e corrompido pelo pecado, nEle os cristãos tornam-se belos. Cobertos pela Sua perfeita justiça, eles são "aceitos no Amado". Santificados pelo amor de Deus, derramado neles pelo Espírito Santo, passam a ser "inculpáveis e inocentes".

A seguir, note a *segurança* da esposa. A pomba acha-ses "no esconderijo das rochas". Os pombos-dos-rochedos, como o leitor talvez saiba, vivem nas fendas dos penhascos, protegidos das tempestades que, por mais que destruam outras coisas, não podem abalar a rocha imóvel. Interpretada de acordo com outros versículos, a "rocha", nesse versículo 14 do capítulo 2, é o próprio Cristo. Ele é a "rocha eterna" fendida por nós; e estamos refugiados nEle, por assim dizer, refugiados no lado fendido de Cristo que morreu para tornar-nos Seus.

Veja, a seguir, a posição de *privilégio* da esposa. Lemos que se encontra "no oculto das ladeiras" (ARC). Essas palavras falam de subida e acesso. Não só nossa verdadeira vida está "oculta com Cristo em Deus" (Cl 3.3), e não só estamos pessoalmente seguros nas fendas da Rocha, mas temos também o segredo da subida e o privilégio do acesso (Ef 2.18; Hb 10.19-22).

Observe mais uma vez o *amor* do noivo real pela rainha. Ele diz: "... mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce, e o teu rosto amável." O cristão de mente espiritual lê essas palavras e as ouve sair não só dos lábios de Salomão para a jovem do Líbano, mas dos lábios do Filho de Deus para aqueles que comprou com Seu precioso sangue. Pois está escrito que "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela [...] para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem

mácula, nem ruga [...] porém santa e sem defeito" (Ef 5.25, 27).

Esses Cantares de Salomão contêm muitas outras correspondências entre a solicitação de amor real de tempos idos e a união muito mais bela entre Cristo e a Igreja. Enquanto lemos em espírito de oração e adoração, encontramo-nos repetidamente murmurando os versos de Charles Wesley;

Quão puro e santo o imenso amor
Que Deus ao mundo pecador,
Em Cristo, quis mostrar!
Com fé, meu pobre coração
Recebe a grande redenção
Que o Senhor vem dar.

VOCÊ SABE A RESPOSTA?

1. Qual a característica do provérbio e qual o propósito geral dos Provérbios de Salomão?
2. Qual a divisão tripla dos Provérbios?
3. Você pode dar três provérbios exemplificando, respectivamente, as estruturas contrastante, completiva e comparativa?
4. Indique as quatro partes ou movimentos principais na busca ou argumento de Eclesiastes.
5. Como Eclesiastes consiste de processos argumentativos, nem todas as palavras podem ser consideradas um preceito inspirado em si mesmas: assim, como isso afeta a inspiração da Bíblia?
6. De que forma o Livro do Eclesiastes constitui um desafio à fé?
7. Quais são as dez "vaidades" mencionadas no Livro do Eclesiastes?
8. Quais são as três fontes do pessimismo de *Coelet*?
9. Quais são as três teorias de interpretação sobre os Cantares de Salomão?
10. Que salmo parece ser a chave bíblica para o significado tipológico dos Cantares de Salomão?
11. Segundo seu ver, qual a mensagem central dos Cantares de Salomão?
12. Quais são os sete idílios que compõem o poema inteiro?
13. Por que é importante identificar se a forma dos Cantares de Salomão é dramática ou idílica?

14. Responda à objeção de que Salomão não pode ser um tipo de Cristo nos Cantares por causa de sua incompatibilidade pessoal.

15. Dê um caso de aplicação espiritual (a Cristo e Seu povo) que pode ser extraída dos Cantares de Salomão.

OS LIVROS PROFÉTICOS

Lição Nº 69

Qualquer que tenha sido o processo adotado, por toda parte professores e discípulos consideram agora o Antigo Testamento de um ângulo muito diverso (uso deliberadamente essas palavras) daquele assumido pelo Senhor Jesus Cristo, tanto antes quanto depois de Sua ressurreição dos mortos. Para Ele, enquanto era tentado, ou quando estava ensinando, sofrendo, morrendo, ressuscitando, *está escrito* era uma fórmula de importância infinita. O princípio assim expresso compunha a essência de Seus ensinamentos. Não é um exagero afirmar que pertencia à pulsação, ao sopro vital de Sua mensagem aos outros e, o que é ainda mais misterioso, à Sua certeza sobre Si mesmo.

SIR ROBERT ANDERSON

OS LIVROS PROFÉTICOS

INTRODUÇÃO

EM NOSSO estudo progressivo da Bíblia, chegamos agora ao grupo final de escritos do Antigo Testamento. Vinte e dois livros já foram estudados. Mais dezessete estão à nossa frente: os livros proféticos. Descobriremos que constituem um conjunto surpreendente de doutrina e predição inspiradas.

Um retrospecto

Será bom fazer um retrospecto do terreno que já percorremos até aqui. Fizemos isso no início dos livros poéticos, mas é necessário repeti-lo. O primeiro grupo de escritos do Antigo Testamento, como vimos, compreende dezessete livros *históricos,* que vão de Gênesis a Ester. Esse grupo subdivide-se em cinco e doze. Os primeiros cinco, de Gênesis a Deuteronômio, sem dúvida estão ligados entre si. Todos eles são da pena de Moisés, relacionando-se ao preparo de Israel para Canaã. Os doze restantes, Josué a Ester, também estão claramente associados. São de escritores diferentes, mas todos referem-se à *ocupação* de Canaã por Israel. Assim sendo, temos no início do Antigo Testamento um grupo de *dezessete* livros *históricos*, divididos em dois subgrupos de cinco e doze.

Os doze podem ser ainda divididos em nove e três, pois nos primeiros nove, que são pré-exílicos (Josué a 2 Crônicas), o reino davídico encontra-se ainda na terra prometida, enquanto nos últimos três (Esdras, Neemias e Ester), só o "remanescente" pós-exílico está de volta na terra da Palestina.

Ao chegarmos agora ao terceiro e último grupo de livros do Antigo Testamento, encontramos um outro conjunto de *dezessete* que são *proféticos.* Mais ainda, descobrimos que esses, como os dezessete livros históricos precedentes, estão divididos em cinco e doze, isto é, cinco escritos dos profetas "maiores" e doze dos chamados profetas "menores". Os doze podem ser ainda divididos em nove e três, pois nos primeiros nove,

que são pré-exílicos (Oséias a Sofonias), o reino davídico ainda se acha na terra prometida, enquanto nos três restantes (Ageu, Zacarias e Malaquias) só o "remanescente" pós-exílico está de volta na terra da Palestina.

Como destacamos anteriormente, a divisão dos dezessete livros proféticos em "maiores" e "menores" não é uma distinção artificial. Nos primeiros encontramos todos os aspectos éticos básicos da profecia do Antigo Testamento e da predição messiânica. Em Isaías, o futuro Messias é visto como o Salvador que sofre e como o último soberano que reina no império mundial. Em Jeremias, onde temos também a demanda completa do Senhor contra Israel, Ele é o "Renovo" justo de Davi e o restaurador final do povo julgado e disperso. Em Ezequiel, olhando para além dos juízos intermediários, nós O vemos como o Pastor-Rei perfeito, em cujo reino glorioso o templo ideal do futuro será erigido. Em Daniel, que nos apresenta a cronologia mais específica dos tempos e eventos em sua ordem sucessiva, vemos o Messias "eliminado", sem trono e sem reino, todavia apresentando-se finalmente como Imperador universal sobre as ruínas do fracassado sistema gentio mundial.

Os doze escritos agrupados como "profetas menores", apesar de ampliarem vários aspectos, não determinam a forma principal da profecia messiânica. Eles adaptam-se à estrutura geral já apresentada para nós em Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

Entre os dezessete livros históricos e os dezessete livros proféticos, temos o grupo dos livros "poéticos", dividido em cinco partes; esses não são nem históricos nem proféticos, mas *experienciais*. Desse modo, os trinta e nove livros do Antigo Testamento são agrupados como segue:

HISTÓRICOS	EXPERIENCIAIS	PROFÉTICOS
DEZESSETE 5 + 9 +3	CINCO	DEZESSETE 5 + 9 +3

Neste ponto, seria também oportuno fazer um retrospecto dos aspectos distintos dos livros estudados. Descobrimos até aqui que o ponto principal de cada livro do Antigo Testamento é tão pronunciado que podemos indicá-lo por uma única palavra ou frase.

Gênesis — *Ruína* (mediante o pecado do homem)
Êxodo — *Redenção* (mediante o poder de Deus)

Levítico	– *Comunhão* (aceita mediante a expiação)
Números	– *Orientação* (pela orientação divina)
Deuteronômio	– *Destino* (pela fidelidade divina)

Josué	– *Ocupação* (Israel ocupa a terra)
Juíze, Rute	– *Purificação* (Israel é indigno de confiança)
1 Samuel	– *Transição* (a teocracia transforma-se em monarquia)
2 Samuel	– *Confirmação* (confirmado o trono davídico)
1 Reis	– *Interrupção* (separação das dez tribos)
2 Reis	– *Dispersão* (os dois reinos no exílio)
Crônicas	– *Retrospecção* (de Adão ao exílio)
Esdras	– *Restauração* (o remanescente volta à Judéia)
Neemias	– *Reconstrução* (os muros de Jerusalém são reconstruídos)
Ester	– *Preservação* (dos judeus que *não* voltaram).

Livro de Jó	– *Bênção mediante sofrimento* (morte do "eu")
Salmos	– *Louvor mediante oração* (a nova vida com Deus)
Provérbios	– *Prudência mediante preceito* (na escola da sabedoria)
Eclesiastes	– *Verdade mediante vaidade* (o mundo não traz satisfação)
Cantares	– *Bem-aventurança mediante união* (Cristo satisfaz plenamente)

Nunca é demais enfatizar a utilidade prática de se ter uma sinopse como a exposta acima, estabelecida firmemente na mente e na memória. O interesse, para não dizer a inteligibilidade, dos livros das Escrituras que ainda estão à nossa frente depende em grande parte de nossa compreensão do que ficou para trás. Aprender e memorizar esse resumo é obter uma base proveitosa. Os principais movimentos da história das Escrituras são

mantidos vivos na mente; a essência da mensagem é fixada. De fato, a não ser que tenhamos aprendido bem o que foi dito antes, grandes trechos dos escritos dos profetas, que passaremos a estudar agora, serão quase como palavras sem significado, pois mesmo que sejam ditas outras coisas acerca dos profetas, a verdade é que eles foram homens que falaram principalmente à sua própria época e cujas mensagens são coloridas pela história de Israel, o povo escolhido. É isso então que nos cabe dizer sobre a estrada que já percorremos.

Antes de considerarmos cada um desses livros proféticos em separado, vamos observar todos os dezessete como um *grupo*. Em nossas versões, eles não aparecem na ordem cronológica; mas é da máxima importância que os vejamos e aprendamos nessa seqüência, pois sua compreensão está ligada em grande parte ao relacionamento deles com os dias e as circunstâncias em que foram falados e escritos. Assim, são citados aqui em sua ordem cronológica (de acordo com a cronologia de Ussher), conforme relacionam-se ao cativeiro do reino das dez tribos do norte pelos assírios e ao cativeiro de Judá, o reino do sul, pela Babilônia.

AGRUPAMENTO CRONOLÓGICO DOS PROFETAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Profetas do reino do norte (Israel)	Jonas	862	(até talvez 830) a. C.
	Amós	787	
	Oséias	785-725	
Profetas do reino do sul (Judá)	Obadias	887	
	Joel	800	
	Isaías	760-698	— O reino do norte, Israel, vai
	Miquéias	750-710	para o cativeiro assírio (721 a. C.).
	Naum	713	
	Habacuque	626	
	Sofonias	630	
	Jeremias	629-588	
	Lamentações		— O reino do sul, Judá, vai para o cativeiro na Babilônia (587 a. C.).
Profetas durante e depois do exílio	Ezequiel	595-574	
	Daniel	607-534	
	Ageu	520	— O "remanescente" volta a Jerusalém e à Judéia (a partir de 536 a. C.).
	Zacarias	520-518	
	Malaquias	397	

Com base nessas datas, apresentadas em relação aos cativeiros na Assíria e na Babilônia, vemos que os profetas foram uma sucessão de mensageiros convocados para um período especial – uma época de purificação e apostasia. Já foi dito com razão que eram basicamente "revivescentes e patriotas" que falavam da parte de Deus ao coração e à consciência da nação; mas seu significado mais profundo é que foram especialmente chamados e inspirados por Deus para transmitir uma mensagem de advertência e súplica, antes que o golpe do juízo divino colocasse os dois reinos hebreus sob o tacão de seus captores ímpios.

Será notado também que a elegia banhada de lágrimas escrita por Jeremias, as "Lamentações", marca o mergulho de Judá na noite do exílio babilônico. (Lemos os argumentos que alguns eruditos modernos apresentaram para a data posterior e a autoria composta de "Lamentações", e estamos convencidos de que são errôneos.)

Devemos ter sempre em mente que os três últimos dos dezessete livros *proféticos* (Ageu, Zacarias e Malaquias) devem ser lidos com os últimos três dos dezessete livros *históricos* (Esdras, Neemias e Ester), pois em ambos os casos tais livros são *pós*-exílicos. Ou seja, Ageu, Zacarias e Malaquias são os profetas do "remanescente" que voltou.

Para maior clareza, talvez devamos agora apresentar a linhagem de profetas em relação aos reis durante cujos reinados conduziram seu ministério. Na lista que se segue, os profetas cujos nomes aparecem em itálico são aqueles que não escreveram ou cujos escritos não chegaram até nós. Os algarismos entre parênteses dão o número de anos que os diferentes reis governaram.

Além disso, na lista abaixo os reis de Judá ficam um pouco espaçados em vários lugares para mostrar, na medida do possível, os reis das duas linhagens que reinaram ao mesmo tempo ou cujos reinados se sobrepuseram.

OS PROFETAS EM RELAÇÃO AOS REIS

Saul	(40)	*Samuel, Natã,*
Davi	(40)	*Gade e*
Salomão	(40)	*Aías*

JUDÁ			ISRAEL		
Roboão	(17)	*Semaías*	Jeroboão	(22)	*Aías* (1 Rs 11, 14)
Abias	(3)	(2 Cr 12)	Nadabe	(2)	
Asa	(41)	*Azarias*	Baasa	(24)	
		(2 Cr 15)	Elá	(2)	*Jeú* (1 Rs 16; 2 Cr 19)
		Hanani	Zimri	(1 semana)	
Josafá	(25)	(2 Cr 16)	Onri	(12)	
Jeorão	(8)	Acabe		(22)	*Elias* e *Miquéias*
Acazias	(1)	OBADIAS?	Acazias	(2)	(1 Rs 14.22)
Atalia	(6)		Jeorão	(12)	
Joás	(40)	JOEL?	Jeú	(28)	
			Jeoacaz	(17)	*Eliseu*
Amazias	(29)		Joás	(16)	JONAS
Azarias	(52)		Jeroboão 2	(41)	e AMÓS
(Uzias)			(intervalo)	(12)	
Jotão	(16)		Zacarias	(1/2 ano)	
		ISAÍAS	Salum	(1 mês)	OSÉIAS
		e	Menaém	(10)	
		MIQUÉIAS	Pecaías	(2)	
Acaz	(16)		Peca	(20)	
Ezequias	(29)		Oséias	(9)	
Manassés	(55)	NAUM,			
Amom	(2)	SOFONIAS			
Josias	(31)	HABACUQUE,			
Jeoacaz	(3 meses)	*Hulda.*			
Joaquim	(11)	JEREMIAS			
Jeoaquim	(3 meses)				
Zedequias	(11)				

NOTA:

1) Devemos tomar cuidado para não pensar que os profetas citados acima foram os *únicos* de Judá e Israel. A verdade é bem diferente. Desde os dias de Samuel existia uma ordem profética organizada, com escolas para profetas em toda a nação. Isso justifica o fato de, além dos acima

mencionados, profetas anônimos serem repetidamente citados (veja 1 Reis 13.1, 11, 18; 18.4; 20.13, 22, 35; 22.6 *etc.*).

2) Deve-se lembrar que, embora os profetas cujos nomes são dados em itálico tenham sido classificados como profetas sem obras escritas, são assim referidos porque nenhum de seus escritos chegou até nós. Parece *provável* que muitos deles *tenham* escrito, porque *sabe-se* que vários o fizeram, mas suas palavras não foram preservadas para nós. Veja, por exemplo, referências aos escritos de Natã (2 Cr 9.29), Gade (1 Cr 29.29), Aías (2 Cr 9.29), Jeú (2 Cr 20.34), Semaías (2 Cr 12.15), Odede (2 Cr 15.8) e Ido (2 Cr 13.22).

A PROFECIA E OS PROFETAS

Lição Nº 70

O ELEMENTO PROFÉTICO NAS ESCRITURAS

Este é um dos sete elementos que juntos constituem todo o corpo da Palavra de Deus: história, biografia, profecia, ética, devoção, revelação messiânica e orientação espiritual. Este elemento profético afeta todo o restante. Ele é o *olho* das Escrituras, com visão sobrenatural – retrospecção, introspecção e previsão, ou poder para ver o passado, o presente e o futuro. Trata-se, portanto, do milagre da expressão, assim como outros milagres são prodígios de poder, e revela onisciência, como indicam onipotência, refletindo assim a imagem da glória de Deus.

ARTHUR T. PIERSON,
Doutor em Teologia

A PROFECIA E OS PROFETAS

ANTES de nos aprofundarmos nesses escritos dos profetas hebreus, devemos ter uma idéia clara quanto à natureza da profecia e a importância da ordem profética em Israel.

Profecia não é simplesmente predição

Para começar, profecia não é simplesmente *predição*. A idéia comum hoje é que a profecia consiste apenas em predição do futuro, mas isso é errado. Tal concepção baseia-se numa etimologia errada, pois o *pro* em profeta não é o prefixo que significa *antecipadamente*, como na palavra "prover", mas aquele que significa *em lugar de*, como em "pronome". O restante da palavra "profeta" vem do grego *phemi*, que significa *falar*. Um profeta, então, é alguém que fala em lugar de outra pessoa. Assim sendo, quando Moisés recuou diante do pensamento de ser enviado a Israel no Egito, por causa de sua suposta incapacidade como orador, Deus disse-lhe: "... Vê que te constituí como deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será teu *profeta*" (Ex 7.1). Arão seria o profeta do irmão no sentido de que falaria em seu nome e *em seu lugar*.

Será bom entender, portanto, que, embora toda predição seja uma profecia, nem toda profecia é uma predição. A profecia pode referir-se ao passado ou ao presente, assim como ao futuro. No primeiro caso, é uma palavra inspirada em *retro*specto; no último, uma palavra inspirada em *ante*cipação. A profecia, quando *não* se refere ao futuro, é uma declaração da verdade, sobre qualquer assunto, recebida por direta inspiração de Deus. Profecia no sentido de *predição* é uma declaração do futuro de um modo que seria impossível à sabedoria comum do homem e que só pode vir por inspiração direta de Deus.

A profecia, produto da inspiração

Queremos enfatizar que a profecia, no sentido bíblico, é o produto e a expressão de uma *inspiração* direta e especial de Deus. O termo hebraico para profeta é *nabhi*, derivado de outra palavra que significa borbulhar (o líquido em ebulição), como acontece com algumas fontes de água quente, sugerindo assim um despejar de palavras geradas por animação fervorosa ou por inspiração divina. O próprio nome "profeta", portanto, indica a coação sobrenatural sob a qual os profetas escreveram e falaram. Seu constante refrão é "Assim diz o SENHOR". Ao contrário dos professores dos gentios, esses profetas hebreus não se apresentavam ao povo para oferecer "discursos morais, tratados metafísicos ou raciocínios filosóficos", como disse um escritor antigo, mas para "tornar conhecida a vontade de alguém acima deles e expressar pensamentos e propósitos mais elevados do que os seus". Eles não falavam "de homem para homem, mas como pessoas investidas de autoridade por Deus a fim de falar em Seu nome aos pecadores".

Isso naturalmente faz surgir a pergunta: qual a *natureza* da inspiração sob a qual os profetas escreveram e falaram? Nas palavras de 2 Pedro 1.21, esses "homens [santos] [...] de Deus" eram "movidos pelo Espírito Santo". O termo grego traduzido aqui como "movidos" significa ser conduzido ou mesmo carregado. Assim, Weymouth traduziu a palavra como "impelidos", e Moffatt, como "conduzidos". A mesma palavra é usada em Atos 27.15, 17 para descrever como o navio onde Paulo se encontrava foi "arrastado" pelo vento tempestuoso, o Euro-Aquilão. Trata-se, portanto, de uma palavra forte; e com certeza ensina que a inspiração dos profetas era uma obra definitivamente sobrenatural operada neles, pela qual falavam *diretamente da parte de Deus.* De fato, essa é a expressão usada pelo *Twentieth Century New Testament* ("Novo Testamento do Século XX") para dar o sentido de tal verbo: "Nenhum ensino profético jamais foi dado na antigüidade por simples vontade humana; entretanto, homens falaram diretamente da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo". O que o Espírito Santo operou nos profetas era uma inspiração, em todos os aspectos perfeitamente adequada ao fim em vista, ou seja, à transmissão sem erro da verdade divinamente revelada a eles.

O que a inspiração pressupõe

Os profetas estavam longe de ser infalíveis em si mesmos. Também não viviam num estado de inspiração *perpétua* que garantisse infalibilidade a *todas* as suas palavras e atos. Isso está perfeitamente ilustrado no caso do profeta Natã, que a princípio elogiou a decisão de Davi de construir um templo para o Senhor, mas depois foi enviado de volta com uma mensagem divina para que Davi *não* o construísse. Em sua aprovação inicial, Natã chegara ao ponto de dizer: "Vai, faze tudo quanto está no teu coração; porque o SENHOR é contigo". Contudo, ele expressara apenas sua própria opinião sobre o assunto e teve de ser corrigido por Deus. Além disso, é notável que ao enviar Natã de volta a Davi, Deus instruiu o profeta para começar com as palavras: "Assim diz o SENHOR". Foi um caso claro de "Assim diz Natã", a princípio, *versus* "Assim diz o SENHOR", mais tarde (veja 2 Sm 7).

Todavia, em todas suas transmissões de comunicações especiais ou diretas de Deus, a inspiração dos profetas pelo Espírito Santo era tal que os tornava infalíveis como veículos da mensagem divina. Era esse ser "movidos", impelidos, arrastados, inspirados pelo Espírito Divino que tanto os coagia quanto os autorizava a falar em nome da divindade quanto a afirmar: "Assim diz o SENHOR". Quando *assim* falavam, eram *infalíveis*. Esse era o resultado assegurado pela obra sobrenatural da inspiração. O *fato* de essa inerrância ser assegurada nesses veículos humanos da mensagem divina é muito mais importante do que as especulações curiosas quanto às *maneiras* pelas quais o Espírito Santo operou. É sua realidade, e não simplesmente sua psicologia que é vital. Como observa o Dr. Kitto: "Até que ponto esse objetivo foi assegurado por sugestão direta, por controle negativo ou por uma influência aperfeiçoadora sobre seus poderes naturais é questão de pouca importância prática para os que defendem a única doutrina essencial: a de que em todos os aspectos a inspiração deu-se de forma tal que aqueles que a recebiam tornavam-se incapazes de errar. Qualquer inspiração além dessa não seria necessária, assim como qualquer coisa inferior não teria valor".

A inspiração e a pessoa do profeta

Pode-se perguntar: qual era a condição do *profeta em si* enquanto sob a influência da inspiração? Continuava em posse normal de suas faculdades naturais, sendo senhor de si mesmo, como nas ocasiões comuns? Ou seus poderes naturais tornavam-se inoperantes por algum tempo, seja por meio de um êxtase sobrenatural ou por um estado de passividade anormal? Talvez não possamos responder de melhor forma a isso do que citando um artigo de C. Von Orelli.

"Essa inspiração não é tal que suprima a consciência humana do receptor, de modo a receber a palavra de Deus em estado de torpor ou transe. O receptor, pelo contrário, está de posse de toda a sua consciência, conseguindo depois dar um relato claro do que aconteceu. A individualidade do profeta também não é eliminada por essa inspiração divina. A peculiaridade individual do profeta é um fator importante no que diz respeito à forma como a revelação é *dada* a ele. Num profeta, vemos uma preponderância de visões; outro não tem visões. Mas as visões do futuro tidas pelo profeta são dadas nas formas e cores fornecidas pelo seu próprio consciente. Mais ainda, a maneira pela qual o profeta *dá expressão* à palavra de Deus é determinada pelos seus talentos e dons pessoais, assim como por suas experiências".

Os primeiros apologetas cristãos, vivendo em meio ao paganismo, estavam certos ao apontar para o contraste entre a histeria frenética da pseudo-inspiração pagã e a dignidade, domínio próprio e inteligência ativa dos profetas hebreus.

OS PROFETAS COMO UMA CLASSE

Vimos num estudo anterior que a origem da ordem profética em Israel data dos dias de Samuel. Naturalmente, havia em Israel, mesmo antes da época de Samuel, alguns sobre quem o manto da profecia caíra (Nm 11.25; Jz 6.8). O próprio Moisés é chamado de profeta (Dt 18.18). Mas antes de Samuel não havia um *ofício* profético organizado em Israel. Foi Samuel quem deu origem às "escolas" dos profetas e, portanto, à *ordem* profética. Nesse sentido, ele é "o primeiro dos profetas" — distinção que o Novo Testamento reconhece muito bem (At 3.24; 13.20; e Hb 11.32). A partir dos dias de Samuel, as "escolas de profetas" foram fundadas em toda terra (2 Rs 2.3, 5); dessas escolas é que surgiram homens como Isaías e seus

companheiros, cujos escritos mostram que eram pessoas cultas.

É em relação a Samuel que encontramos a primeira menção a esse corpo de profetas que ficava em Ramá (1 Sm 19.20). Depois disso, em outros lugares, bandos de jovens parecem ter-se ajuntado ao redor de profetas experientes e reconhecidos, formando pequenos grupos, aprendendo deles e buscando absorver seu espírito.

Além disso, fica claro que o próprio Espírito Santo freqüentemente operava de maneira sobrenatural por meio dessas "escolas de profetas" e entre os "filhos dos profetas". Eram centros de vida religiosa, onde "a comunhão com Deus era buscada mediante oração e meditação e onde a recordação dos grandes feitos de Deus no passado parecia preparar para a recepção de novas revelações". Essas escolas, outrossim, eram centros de idéias e ideais teocráticos, dos quais jovens consagrados saíam para exercer enorme influência na nação e manter acesa a chama da verdade divina em meio aos dias sombrios da apostasia. Parece provável também que a música e as poesias sagradas fossem cultivadas nessas escolas, e que as tradições sagradas fossem ali entesouradas e transmitidas tanto oralmente quanto por escrito. Foi nessas colônias de jovens estudantes devotos que o Espírito Santo encontrou uma oportunidade única de manifestar a mente de Deus à nação mediante vasos preparados. Dessa forma, cresceu em Israel uma *ordem* profética reconhecida.

Os profetas em relação aos sacerdotes e aos levitas

Marcamos assim, no curso da história nacional de Israel, o aparecimento de cinco ordens distintas: sacerdotes, levitas, juízes, reis e profetas. Isso fará com que alguns imediatamente perguntem: qual a relação entre a ordem profética e os sacerdotes e levitas? Na lei de Moisés, vemos o sacerdócio e a ordem dos levitas claramente instituídos; mas não há instituição do cargo profético, embora haja certamente a promessa de que, de tempos em tempos, Deus enviaria profetas quando fossem necessários (Dt 18.18, 19). Assim, que dizer a respeito da relação entre a nova ordem dos profetas e a ordem de sacerdotes e levitas há muito estabelecida? Vale a pena gravar na mente a seguinte resposta:

"O ofício de profeta era extra-ordinário, e não regular. Como seus

Servos e professores regulares, Deus levantou os sacerdotes e levitas. Eles ensinavam aquilo que a Lei, como fora estabelecida, ordenava e executavam os ritos sagrados que ela exigia. Mas quando a nação cochilava sob esse ensino mais formal, quando descansava na simples letra da lei, quando se equivocavam quanto a seu verdadeiro caráter ou quando se afastavam dela, então surgia o profeta para despertar, estimular, advertir e chamar o povo de volta ao propósito real de suas instituições."

Todavia, embora fossem ministros *extra*-ordinários de Deus, os profetas não ficavam separados da lei, nem de alguma forma agiam independentemente dela. Eles não deviam acrescentar nem "subtrair" algo, do mesmo modo que o próprio povo. Descobrimos assim que "a profecia está sempre *firmada* na lei, à qual se refere, da qual deriva sua sanção e com a qual se acha plenamente marcada e saturada. Não existe capítulo alguma nos escritos dos profetas em que não se façam várias referências à lei. A incumbência dos profetas era explicá-la, gravá-la no coração do povo e preservá-la viva em seu *espírito*. De fato, era também seu dever apontar para o progresso futuro e anunciar a alvorada de uma luz mais clara, quando o espírito eterno da lei brilharia rompendo suas formas até então imperfeitas e faria para si mesmo outra, mais completa. Para seu próprio tempo, porém, eles não pensaram em alterar nenhuma das leis em questão, nem mesmo quanto à sua forma, e muito menos quanto ao seu espírito. Para toda mudança, para todo desenvolvimento essencial, dirigiam os olhos de seus conterrâneos para adiante, para o tempo do Messias; Ele também não veio destruir a lei, mas sim cumpri-la, substituindo seus símbolos rituais somente pelo cumprimento de tudo que tinham sido designados para prefigurar".

Todavia, queremos enfatizar que a distinção *vital* entre os professores regulares de Israel e esses professores *extra*-ordinários, os profetas, está naquele fato de que já falamos: que os profetas eram objeto de inspiração divina especial.

Finalmente, vale a pena notar que, como lemos em 1 Samuel 9.9, em tempos idos os profetas de Israel eram chamados "videntes": "... porque ao profeta de hoje, antigamente se chamava vidente". Contudo, o nome mais antigo, "vidente", embora muito menos usado do que a denominação "profeta", persiste até o período dos cativeiros (2 Cr 33.18; 35.15), sendo usado como sinônimo de "profeta" (2 Sm 24.11; 2 Cr 16.7, 10). Esse nome primitivo, "vidente", é notável por indicar aquilo que está por trás do

pronunciamento inspirado do profeta. Ele era um "vidente" – um indivíduo sobrenaturalmente capacitado a "ver" coisas que se encontram além do conhecimento humano comum. É bom notar, no entanto, que embora seja dito que o profeta "viu" alguma coisa, isso não significa necessariamente que tenha visto algo na forma de uma visão, com seus olhos naturais. O profeta podia "ver" *palavras* com seus olhos *interiores*. (Veja Isaías 2.1: "A *palavra* que Isaías *viu*".)[1] Do mesmo modo, quando nos é dito que Deus *falou* ao profeta, não devemos entender que necessariamente houve uma voz que ele ouviu com seu ouvido físico. O elemento vital em cada caso é que o profeta deve ter sido capaz de distinguir perfeitamente entre a comunicação divina e sua consciência pessoal. Só assim poderia haver a autoridade ou a compulsão de falar como porta-voz de Deus.

Não precisamos especular quanto aos *modos* pelos quais o Espírito Santo comunicava as verdades especiais a esses homens – quer por meio de sonho, visão, voz, sinal, quer por um impacto interior direto sobre a mente. Mistérios sobre tal revelação e inspiração realmente existem; mas isso de maneira alguma anula os fatos provados que proclamam sua *realidade*.

DOZE "ESPIAS" PARA OBSERVAR A TERRA

Eles podem fazer um bom relatório?

1. Quais os sete principais agrupamentos dos livros do Antigo Testamento?

2. Você pode expressar em uma única palavra ou frase o aspecto distinto de cada livro do Antigo Testamento desde Gênesis até os Cantares de Salomão?

3. Os livros proféticos em nosso Antigo Testamento não estão em ordem cronológica. Você sabe qual sua ordem cronológica exata – primeiro, os do reino do norte (Israel), depois os do reino do sul (Judá) e a seguir os de durante e depois do exílio?

---

1. Assim consta do texto da versão inglesa empregada pelo autor. (N. da T.)

4. Com quais três livros *históricos* do Antigo Testamento Ageu, Zacarias e Malaquias devem ser lidos?

5. Você pode citar indicações de que alguns dos profetas cujos nomes chegaram até nós, *na verdade* escreveram apesar de sem quaisquer escritos por parte deles?

6. Qual o significado etimológico de nossa palavra "profeta"? Qual o termo hebraico para profeta? E o que é profecia no sentido de "não predição"?

7. Mostre com base em Natã que, embora os escritos dos profetas do Antigo Testamento sejam divinamente inspirados, os profetas em si estavam longe de ser infalíveis ou perpetuamente inspirados.

8. Em que ponto da história os profetas passam a ser uma escola ou classe? Onde ficava e a quem estava especialmente ligado o primeiro *corpo* de profetas?

9. Expresse em algumas palavras qual a relação dos profetas com os sacerdotes e levitas.

10. Expresse em algumas palavras a condição mental do profeta enquanto se achava sob a influência da inspiração.

11. Qual o nome mais antigo para profeta em Israel, e o que ele significa?

12. Em que data o reino das dez tribos foi para o cativeiro, e sob qual nação? E em que data Judá foi para o cativeiro, e sob qual nação?

ISAÍAS (1)

Lição Nº 71

NOTA: Leia para este estudo todo o livro de Isaías, marcando qualquer referência que Isaías faz a si mesmo e à sua época. Note também que do capítulo 36 ao 39, temos um interlúdio histórico entre as duas partes principais do livro.

Segundo a tradição antiga, o profeta *Isaías* foi serrado em pedaços. Não podemos ter certeza da veracidade da tradição, mas sabemos que um dos primeiros feitos da alta crítica foi fazer algo parecido com sua profecia. A teoria de uma profecia dividida está ganhando tanto terreno que ninguém pode pretender ter erudição se hesita em aceitar a autoria dupla de Isaías. Do capítulo 40 até o final, somos informados com cansativa repetição, temos uma passagem que não foi escrita por Isaías, mas por um profeta do exílio — o *Grande Desconhecido*. A propósito, é notável que tantos grandes homens *desconhecidos* surgissem entre os judeus e permanecessem desconhecidos para sua posteridade até que, nestes dias de grandes empreendimentos, os altos críticos surgiram e os descobriram, trazendo-os à luz, *com exceção dos seus nomes*. Como esses escritores foram extraordinariamente modestos, e quão retraídos! e como o povo estranhamente negligenciou seus melhores homens! Certo, sabemos que eles nem sempre receberam os mensageiros de Deus; mataram os profetas e apedrejaram os que lhes foram enviados. Mas *matar* um homem é diferente de *desconsiderá-lo*. Não é possível matar alguém sem reconhecer o fato de que ele existiu.

ARCHIBALD McCAIG,
Doutor em Leis

ISAÍAS (1)

ASSIM como o que Beethoven significa no campo da música, o que Shakespeare significa no campo da literatura, o que Spurgeon foi entre os pregadores vitorianos, assim é Isaías entre os profetas. Como escritor, transcende todos os seus companheiros profetas. É justo que a contribuição incomparável de sua pena seja colocada na liderança dos dezessete livros proféticos. Todos os que têm algum senso de apreciação literária devem impressionar-se pela excelência combinada do estilo de Isaías — sua grandiosidade e dignidade, sua energia e vivacidade, sua profusão de imagens, suas vivas descrições, seu jogo vigoroso de palavras, seus toques dramáticos e retóricos e, por último, mas não menos importante, sua maravilhosa variedade. Se estivéssemos fazendo aqui um estudo literário de Isaías, poderíamos encontrar uma ocupação fascinante ao classificar os abundantes exemplos dessas excelências literárias; mas como o nosso propósito está ligado ao sentido espiritual e não ao mérito literário, não devemos desviar-nos para essa tentadora "via secundária"!

A *condição social* de Isaías parece ter sido elevada. Ele teve conversas familiares com os reis Acaz e Ezequias (7; 37; *etc.*). Foi historiógrafo da corte da Judéia no reinado de Jotão, e escreveu relatos dos reinados de Uzias e Ezequias (2 Cr 26.22; 32.32). Seu "livro" leva o selo de um homem culto. Nada se sabe de seu pai, Amoz. Isaías era casado (7.3) e tinha dois filhos: *Shear-jashub* ("Um-resto-volverá") e *Maher-shalal-hash-baz* ("Rápido-despojo-presa-segura"). Sua mulher também possuía o dom da profecia (8.3).

O *período* do ministério de Isaías encontra-se "nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá" (1.1). Assim sendo, mesmo começando sua carreira profética somente perto do fim do reinado de Uzias, ele continuou por cerca de 60 anos. Conte cinco anos sob Uzias, acrescente duas vezes 16 anos de Jotão e Acaz e depois os primeiros catorze anos de Ezequias (quando Isaías anunciou mais quinze anos de vida para este rei; veja 2 Reis 18.2; 20.6). Isso perfaz cinqüenta e um anos — e Isaías evidentemente continuou vivendo depois disso. A tradição judaica diz que ele viveu até o reinado de Manassés, sob quem sofreu um martírio terrível por resistir aos atos desse rei perverso, sendo colocado no tronco oco de uma árvore e

depois "serrado em pedaços". Julga-se que Hebreus 11.37 alude a isso.

O *caráter* de Isaías é digno de nota. Veja sua *ousadia*, quer diante dos reis, quer diante do povo. Nunca se curva para obter favor. Veja seu ardente *patriotismo*. Ele é inimigo de tudo que contraria os melhores interesses de sua nação. Existe igualmente uma *ternura* e uma *compaixão* que se estendem às outras nações, não restritas por qualquer egoísmo racial mesquinho. Encontramos também uma *indignação* violenta, que se expressa através de sarcasmo e da sátira; mas isso é dominado por uma profunda *reverência* e *espiritualidade*. O título usual para Deus é "o Santo", e nele existe um sentido vivo da majestade de Deus. As formas exteriores de religião não são nada sem a realidade interior. Releia o livro, sublinhando os pontos em que essas qualidades se destacam. Ousadia, patriotismo, ternura, ampla compaixão, indignação violenta com a hipocrisia, além de forte espiritualidade e um profundo senso da majestade divina – essas são de fato qualidades sublimes, e é preciso restaurá-las nas pregações de nossos dias!

A época de Isaías

Quando Isaías surgiu em Judá, o reino das dez tribos do norte (Israel) estava prestes a ser destruído pela Assíria, depois de sua carreira apóstata de cerca de duzentos anos, sob não menos do que dezenove reis, vindos de oito famílias diferentes. Em oposição à terrível ameaça do imperador assírio, Tiglate-Pileser II, houve um empenho entre as nações da Palestina e da Síria para formar uma confederação sob a liderança de Damasco, capital da Síria (a Síria não deve ser confundida com a *Assíria*, o maior poder, cuja capital era Nínive). Acaz, rei de Judá, não quis unir-se a essa confederação. Então, a Síria e Israel invadiram Judá para forçar Acaz, e desferiram golpes violentos (2 Rs 16; 2 Cr 28). Acaz, pois, pediu humildemente auxílio à grande Assíria, que enviou um enorme exército e venceu a Síria e Israel. Mas Judá tornou-se assim um vassalo da Assíria.

Pouco depois, o sucessor de Tiglate-Pileser, Salmaneser IV, decidiu destruir completamente Israel. Depois de um cerco de três anos, Samaria caiu (2 Rs 17.4-6). Israel foi "trasportado para a Assíria", e as dez tribos foram distribuídas pelas "cidades dos medos". Isaías teria por essa época entre cinqüenta e sessenta anos.

Judá permaneceu vassalo da Assíria até o reinado de Ezequias, que se rebelou (2 Rs 18). Essa atitude seria apoiada por Isaías, que sempre defendeu a confiança no Senhor e a autonomia sem alianças com estrangeiros. Contudo, havia outras vezes às quais Ezequias deu ouvidos. Essas insistiam numa aliança com o Egito, o único poder comparável ao da Assíria (Is 30.2-4). Quando o rei assírio (agora Senaqueribe) assediou os rebeldes judeus, o Egito falhou em mandar ajuda, a Judéia foi derrotada e Ezequias foi forçado a comprar o favor da Assíria com muito ouro e prata, tornando-se novamente vassalo (2 Rs 18.13-16). Mas as intrigas de Judá com o Egito continuaram, e Senaqueribe logo voltou. Enquanto a maior parte do exército cortava a comunicação entre o Egito e Judá, ele enviou uma tropa menor para ameaçar e, se possível, apoderar-se de Jerusalém (Is 36; 37). Ezequias finalmente aceitou o conselho de Isaías. Conhecemos bem o resultado. Um grande desastre caiu sobre o exército da Assíria, e Senaqueribe jamais se recuperou. Judá ficou livre da ameaça de invasão e gozou de um extenso período de paz.

Esses foram os tempos de Isaías. Se esse breve resumo for mantido em mente, as passagens que parecem ocultas tornar-se-ão facilmente inteligíveis.

O "livro" de Isaías

Até cem anos atrás não havia dúvida de que Isaías era o autor do livro que leva seu nome. Então surgiu uma teoria entre os eruditos bíblicos de tendências racionalistas de que os capítulos de 40 a 46 procediam de um autor diferente, do fim do cativeiro babilônico, cerca de duzentos anos após Isaías. Mas essa teoria da autoria dupla não apaziguou por muito tempo a mania de dissecação dos críticos mais modernos. Ewald descobriu sete autores no livro. Todavia, até mesmo os sete tornaram-se impróprios para alguns dos dissecadores. Graças à percepção engenhosa da escola moderna, a teoria da autoria composta foi elaborada em um perfeito complexo. O Prof. Cheyne escreveu: "Torna-se cada vez mais certo o fato de que a presente forma das Escrituras proféticas é devida a uma classe literária (os chamados *soferim*, 'escribas' ou 'escrituristas') cuja principal função era colecionar *e suplementar* os registros dispersos da revelação profética. Eles *escreveram, reformaram, editaram...*". Na *Cambridge Bible*

for Schools and Colleges ("Bíblia de Cambridge para Escolas e Faculdades") o Prof. Skinner escreveu: "O livro que leva o nome de Isaías é na realidade uma coleção de oráculos proféticos, evidenciando sinais claros de autoria composta e tendo por trás uma história literária complicada. Nada menos que dois terços de seu total consiste de profecias anônimas [...] a essa classe pertence, primeiramente, toda a parte final do livro [...] mas mesmo quando limitamos nossa atenção aos capítulos de 1 ao 39, ainda encontramos farta evidência da grande diversidade de autores". Então é isso! Nosso "livro de Isaías" é uma verdadeira colcha de retalhos, proveniente de uma combinação de autores anônimos cujo número ninguém sabe!

Mas será que isso é mesmo verdade? A pluralidade da autoria foi defendida por três razões: 1) diferenças de vocabulário; 2) diferenças de idéia e forma de expressão; e 3) diferenças nas referências históricas. Todos concordam que o livro está dividido em duas partes principais (1-39 *versus* 40-46) e que uma tem um "sentimento" diferente do da outra. Todavia, a diferença não é maior do que a que há em outros escritos de um só autor. Como já ficou bem provado, vários escritos de um mesmo autor muitas vezes diferem bastante nos três aspectos mencionados acima, simplesmente em virtude da diferença de assunto. Se os críticos modernos de Isaías aplicassem seus métodos aos escritos dos autores da atualidade, seriam objeto de riso. Felizmente para eles, Isaías não está aqui para censurá-los; mas sua superficialidade tem sido desmascarada por outros eruditos modernos que verificaram suas "descobertas".

A autoria composta defendida com base no vocabulário

Nas primeiras fases da controvérsia, colocou-se ênfase sobre a diferença de *vocabulário.* O Dr. Driver apoiou sua teoria dos "dois Isaías" em palavras que afirmou ocorrerem *somente* na segunda parte do livro; mas John Urquhart desfez de tal forma seus equívocos, que reduziu tal argumento à insignificância. O termo *bachar*, "escolher", era uma dessas palavras, mas replicou-se que ela apareceu quatro vezes na primeira parte. O Dr. Driver explicou então que é apenas no sentido de Deus escolher Israel que ela só ocorre na segunda parte. Mesmo assim, ignorou que o

termo se encontra em 14.1 exatamente com esse sentido.

Tehillah, "louvor", e *halal*, "louvar", foram tidas como ocorrendo apenas na segunda parte; todavia, *halal* ocorre em 38.18! Até mesmo na parte dois ela só aparece duas vezes! *Tehillah* é encontrada nove vezes na parte dois e a razão para isso fica clara: a palavra está de acordo com o novo tópico do escritor. Esse mesmo termo, simplesmente pela mesma razão, ocorre mais vezes nO Livro dos Salmos do que em todos os outros livros do Antigo Testamento juntos. O Dr. Driver quis mostrar que essas eram palavras *mais recentes* que somente um escritor bem posterior a Isaías poderia usar. Como demonstramos, porém, *halal* aparece na primeira parte do livro, que ele aceita ser do verdadeiro Isaías; e, quanto a *tehillah*, consta nada menos de seis vezes no primeiro grupo de salmos (1-41), conjunto esse que, todos os críticos concordam, provavelmente contém os salmos mais antigos do Saltério! *Tehillah* também ocorre bem antes em Deuteronômio (10.21; 36.19), em lugares em que só uma acrobacia extrema da crítica pode tornar pós-exílicos!

Só podemos examinar rapidamente mais um exemplo: vamos, então, procurá-lo no final da lista do Dr. Driver. Ele diz que *pa-er*, que na forma reflexiva significa "enfeitar-se" ou "gloriar-se", aparece em 44.23; 49.3.; 55.5; 60.7, 9, 13, 21; 61.3 e que é usado "especialmente para Jeová glorificando Israel ou glorificando a Si mesmo em Israel". Ele admite que o termo ocorre uma vez em Isaías propriamente dito (1-39), em 10.15, mas apenas com relação ao "machado" que não se *gloria* contra quem faz uso dele. Isso é minucioso demais! Mas há outras coisas implícitas. Mais uma vez o Dr. Driver foi descuidado. A palavra aparece em 3.20, usada exatamente como na segunda parte do livro! Compare o capítulo 3 com 61.3. Esse último versículo fala de "uma coroa em vez de cinzas"; e a palavra "coroa" aqui é uma forma de *pa-er*, significando literalmente um enfeite de cabeça ou guirlanda. Em 3.20, tal palavra é usada exatamente no mesmo sentido, sendo porém traduzida como "turbantes".

Não vamos dizer mais nada. O Dr. Driver foi escolhido por ser considerado um brilhante defensor desse argumento lingüístico. Tais estratagemas superficiais ficaram tão evidentes que outro crítico eminente, o Prof. Cheyne, teve de dizer: "Minha opinião é que as expressões peculiares das últimas profecias, em seu todo, não são tais que necessitem um estágio lingüístico diferente do Isaías histórico e que, conseqüentemente, a decisão da questão crítica depende principalmente

de outras questões que não as puramente lingüísticas".

Mas podemos agora colocar-nos contra os críticos e dizer que, se Isaías *foi* o autor do livro inteiro, haverá evidências lingüísticas nesse sentido. Evidências desse tipo são encontradas em abundância. O Prof. T. R. Birks, de Cambridge, encontrou-as em tão grande quantidade que se limitou apenas às palavras começando por *álefe*, a primeira letra do alfabeto hebraico. Não temos espaço aqui para detalhá-las. Ele cita quarenta palavras, todas argumentando contra o engano de qualquer suposta dualidade ou pluralidade de autoria com base no vocabulário. Mesmo com a aceitação relutante dos próprios críticos, os fatos apontam para o outro lado; e todos os que sabem como os eruditos modernos lutam para não perder um ponto para a escola mais conservadora compreenderão que tal aceitação realmente significa que, no terreno lingüístico, a evidência apóia a existência de *um único autor para o livro inteiro.*

Nessa questão de vocabulário e estilo, não posso fazer melhor do que incluir a seguinte citação de um panfleto do Dr. T. W. Fawthrop, que me enviou com esse fim, pouco antes de morrer:

"Todos concordamos que há diferenças, mas essas não exigem necessariamente outra autoria. Isaías é versátil e, sem dúvida, tinha vários estilos. Sua longa experiência dar-lhe-ia fluência de expressão, e essas últimas profecias pertencem a seus anos pacatos de aposentadoria, no final de sua carreira política. Ora, se Isaías, depois de escrever seu relato da invasão de Senaqueribe, tivesse deixado a vida ativa e passado cerca de vinte anos em meditação tranqüila, reaparecendo depois na vida literária com a mente repleta de profecia messiânica e de uma espiritualidade mais profunda, não é altamente provável que esse último pensamento fosse apresentado em estilo e linguagem diferentes? Compare os sermões de um pregador ocupado de um bairro operário populoso com aqueles pregados durante um posterior período na vida de tranqüila reflexão, conclusões bem pensadas e maior espiritualidade.

"Examine novamente o estilo diferente dos autores. Alguém pensaria que as obras *As Aventuras do Sr. Pickwick* e *The Tale of Two Cities* ("História de Duas Cidades") fossem ambas escritas pela pena de Charles Dickens; ou *O Senhor das Ilhas* e *Kenilworth* fossem da autoria de *Sir* Walter Scott? Mas todas as diferenças no livro de Isaías são compatíveis com sua autoria. O autor sofre em seu isolamento por causa de uma nação pecadora, e nosso Pai celestial misericordioso concede-lhe visões de

restauração. A primeira parte do livro termina no exílio, entristecendo os fiéis que esperam a redenção; assim, a segunda parte fala da restauração e dos triunfos do reino do Messias, para remover as sombras. Existe uma unidade percorrendo ambas as partes. A história decepcionante funde-se na promessa profética. Há uma semelhança com nossos três evangelhos históricos e as conversas do Mestre no evangelho de João. A brandura da segunda parte mostra que pertence aos últimos anos do profeta.

"Quando o livro de Isaías foi compilado, o que levou os eruditos a acrescentarem a parte II à parte I? Embora os últimos versículos do livro de Amós se refiram à condenação de Edom (Am 9.12) e os vinte e um versículos do livro de Obadias continuem falando de Edom, os eruditos não os acrescentaram ao livro de Amós. Por quê? Por saberem que eram de um outro profeta. Por que acrescentar a parte II a Isaías? Porque sabiam que a segunda parte também era dele; não conheciam um outro Isaías. Toda a antigüidade e todos os eruditos hebreus (judeus) só conhecem um Isaías.

"As duas partes de Isaías possuem semelhanças e diferenças. Quando os críticos destrutivos dividem os supostos autores no final do capítulo 39, suas teorias exigem que trechos da parte I sejam transferidos para a parte II, e da parte II, para a parte I. Se as profecias de Isaías terminarem com o exílio, então tudo o que se relaciona à queda da Babilônia e a épocas posteriores ao exílio, encontrado na parte I, deve ser transferido para a parte II. Há muito para se transferir.

"Mas será que esses críticos, com suas regras, são capazes de distinguir os diferentes autores? Não podemos fazer isso hoje. Tate e Brady escreveram juntos o hino: 'Como o coração almeja pela frescura dos rios'; quem pode dizer qual a parte escrita por Tate e qual a escrita por Brady? *Sir* W. Robertson Nicoll conta que Robert Louis Stevenson colaborou com Lloyd Osborne em um certo romance. O Prof. Neil, de Cambridge, tinha certeza de que podia distinguir as partes que cada um escrevera. Quando suas conclusões foram levadas para quem organizara o romance, viu que tinha errado em quase todas elas. Mas se os críticos falham na literatura moderna, o que dizer de 2 650 anos atrás? Precisamos de uma prova melhor antes de jurarmos fidelidade a Isaías II."

Autoria composta defendida com base nas idéias

Contudo, diz-se também que a autoria múltipla está indicada por *diferenças de idéias e formas de expressão.* Kuenen afirma: "Existe diversidade de linguagem e estilo que nos obrigam a distinguir os autores dos capítulos 60 a 66 do próprio Isaías. O "deutero-Isaías" usa um certo número de palavras estranhas a Isaías, ou que são empregadas por ele num sentido diferente. Assim sendo, Jeová, para o deutero-Isaías, é Aquele que *formou* Israel (43.1 *etc.*). Ele é o *criador* (43.1, 15), o *salvador* (45.15 *etc.*) o *redentor* (41.14 *etc.*), o *consolador* (51.12) de Israel; Ele tem *compaixão* de seu povo (49.10). Nas profecias autênticas de Isaías, Jeová não tem nenhum desses nomes, assim como não encontramos as expressões *não é nada* (40.17 *etc.*), *toda carne* (49.26 *etc.*) e inúmeras outras".

Parece muito estranho de acreditar? Cada uma dessas palavras *é* usada nos primeiros trinta e nove capítulos, com justamente a mesma *idéia* que nos últimos capítulos! Não temos espaço para mostrar isso em cada caso. Veja apenas o *primeiro*, como evidência de nossa honestidade quanto aos outros. A palavra hebraica aqui para "formou" é *yatsar.* Volte agora, na primeira parte do livro, para 27.11, onde a mesma palavra e idéia ocorrem: *"... nem aquele que o formou* lhe dispensará misericórdia" (PIB). É de admirar que desconfiemos do que dizem tais homens?

Não há realmente necessidade de dar mais exemplos. Os próprios críticos foram obrigados a fazer a quase jocosa declaração de que o "deutero-Isaías" (ou os Isaías) *copiou o estilo* do verdadeiro Isaías! Cheyne diz: "O 'Grande Anônimo', se for um escritor diferente de Isaías, muitas vezes imitou seu estilo e conhecia de cor suas profecias"! Nas palavras de L. Seinecke: "Nenhum outro profeta manteve tanto o espírito de Isaías como o autor dos capítulos 40 a 66. Não encontramos em nenhum outro sua *maneira característica de falar* tão bem reproduzida"! Orelli afirma que o autor da segunda parte, caso não seja Isaías, "assumiu sua forma". Outros exemplos poderiam ser dados; mas há necessidade disso? Esse tão bombardeado argumento dos críticos foi derrubado e "descartado" por aqueles que o apoiavam!

Ninguém jamais negou que certas palavras e frases *realmente* ocorrem com mais freqüência nos capítulos de 40 a 66 do que nos capítulos de 1 a 39, mas a explicação óbvia está na mudança de assunto. A primeira parte

consiste principalmente de censuras pelo pecado e de advertências sobre o juízo vindouro. Na segunda parte, o juízo é visto como já tendo caído, e Israel acha-se derrubada no chão. A mensagem é agora de consolo, esperança e cura. Como poderia *não* haver diferenças notáveis nos pensamentos expressos e nas palavras usadas? Nem uma dessas diferenças é incompatível com a idéia mais antiga de *um só autor para o livro inteiro.* Na verdade, o hebraico da segunda parte do livro é irreconciliável com uma data exílica posterior. Um autor nascido e criado na Babilônia nos teria dado um escrito tão marcado por aramaísmos quanto os de Daniel e de Ezequiel, enquanto a linguagem de Isaías 40-66 encontra-se entre o mais puro hebraico do Antigo Testamento.

A suposta diferença de idéias nas duas partes do livro é algumas vezes colocada de outra forma. É dito que a teologia da segunda parte é mais avançada. Em resposta a isso, citamos o Dr. Fawthrop novamente:

"Todos os estudiosos notam essa teologia avançada, mas os críticos destrutivos só podem atribuí-la ao progresso evolutivo e cronológico. Sustentamos que os dias de Isaías tinham muito mais probabilidade de alcançar essa experiência do que os dias decadentes do exílio. Como indica o Dr. Orr, é improvável que um profeta da qualidade do escritor da segunda parte de Isaías surgisse nos dias de Esdras ou Neemias. Mas, se esses últimos capítulos foram produto do afastamento de Isaías da vida pública, o notável progresso na espiritualidade pode ser justificado pelo seu estudo, meditação, oração e crescimento na graça. O espaço de vinte anos traria novas visões de Deus e uma maior compreensão de Sua Palavra. Como é diferente o estilo vigoroso e animado do jovem pregador, comparado à maturidade ponderada dos últimos anos da vida! João, o filho do trovão (Boanerges), não amadureceu para tornar-se o discípulo do amor?

"Quanto à magnificência do quadro do Servo sofredor de Jeová morrendo pela humanidade, em Isaías 53, esse é o clímax da profecia. O profeta prevê detalhadamente os sofrimentos de Jesus, que viveu setecentos anos depois. Os judeus admitem isso, embora adotem vários subterfúgios para evitar aceitá-lO como Messias. Mas o eunuco etíope recebeu do evangelista Filipe a segurança de que Isaías se referia a Jesus Cristo (At 8.32-35). Como o nome do profeta de tão grandioso pronunciamento poderia desaparecer? Ewald teve razão ao descrevê-lo como "o grande anônimo". Como podemos pensar nele como um peregrino sem nome, a quem, por falta de nome melhor, chamamos de o

segundo Isaías? Muito melhor é imaginar Isaías meditando sobre os próprios sofrimentos, seus apelos rejeitados e ele mesmo desprezado, com a data de seu martírio se aproximando. Ele recebe, então, para seu consolo as visões grandiosas dos sofrimentos do Homem de Dores, a mais sublime e santa profecia da redenção e da alvorada do reino messiânico do Cristo que viria."

Nota do autor

Trechos desses estudos sobre a *autoria* do livro de Isaías foram escritos nos trintas. Alguns dos nomes dos eruditos da alta crítica mencionados retiraram-se rapidamente e já começam a ser considerados "ultrapassados"; devemos lembrar, porém, que suas conclusões e posições continuam sendo o "estilo" intelectual em muitos seminários teológicos, de maneira que os argumentos aqui submetidos contra eles são ainda necessários.

Penso ser verdade o fato de que o "modernismo" como *escola* teve uma resposta adequada e que, como *fase*, está passando, se é que já não passou. Mas como *espírito* e *atitude* ainda persiste e parece que vai continuar assim por algum tempo. A chamada "neo-ortodoxia" associada a Barth e Brunner, e até certo ponto incluindo líderes como Tillich, Niebuhr, Kraemer e Edwin Lewis, soou como um golpe mortal para a forma mais antiga do modernismo. Todavia, essa forma mais antiga, que estará sempre associada em nossas mentes com a "alta crítica", deixou um terrível resíduo de dúvida relativa à veracidade literal da Bíblia e uma obstinada aversão em aceitar o que é decididamente sobrenatural nas Escrituras. Não podemos deixar de ter isso em mente em nossos próximos estudos dos profetas do Antigo Testamento. Minhas próprias leituras convencem-me de que os líderes da "neo-ortodoxia" de um modo geral *têm por certos* os resultados da "alta crítica" mais radical. A "alta crítica" argumentou; os neo-ortodoxos acolhem os argumentos. Os primeiros atacaram os fatos históricos da fé cristã; os últimos os deixam agora de lado como não sendo vitalmente necessários à fé cristã. Uma nova ênfase foi brilhantemente apresentada, mas a atitude íntima da mente em relação à Bíblia, aos fatos históricos do cristianismo e ao miraculoso é praticamente a mesma que a do modernismo mais antigo.

ISAÍAS (2)

Lição Nº 72

NOTA: Para este segundo estudo de Isaías, leia o livro inteiro novamente, desta vez marcando todas as referências históricas e geográficas.

A literatura do Antigo Testamento enquadra-se em dois períodos principais: o composto antes e durante o exílio babilônico, e aquela depois do exílio. Contudo, mesmo entre esses dois períodos, as diferenças de linguagem são pequenas se comparadas entre si, sendo então muitas vezes difícil ou impossível dizer apenas com base lingüística se um determinado capítulo é pré ou pós-exílico, e eruditos de primeira classe freqüentemente defendem as mais contrárias opiniões sobre esses pontos.

THOMAS HUNTER WEIR

ISAÍAS (2)

Autoria composta defendida com base nas referências históricas

A AUTORIA composta de nosso "livro de Isaías" tem sido defendida quase sempre com base em *referências históricas divergentes*. O maior objeto de controvérsia é que o ponto de vista do escritor, ou escritores, do capítulo 40 ao 66 é o de um exilado, ou exilados, na Babilônia, escrevendo depois de Jerusalém e o templo estarem em ruínas durante anos. Isso leva-nos a uma das mais sérias omissões na escola "moderna" da alta crítica. O propósito subjacente à grande parte da argumentação a favor da autoria composta do livro é eliminar seu elemento sobrenatural. Um bom número de modernistas evidentemente não acredita na predição sobrenatural, não lhes sendo admissível, portanto, que Isaías pudesse falar de um evento muito antes de sua ocorrência. Assim sendo, quando encontram uma passagem de predição, imediatamente lhe dão uma data suficientemente tardia para anular esse elemento sobrenatural. Não afirmamos isso a respeito de *todos* os críticos que têm questionado a unidade do livro; há matizes e graus, mas isso aplica-se a *muitos*. Assim é que em dias ainda mais recentes tem havido discussões não só sobre uma autoria diferente da segunda parte do livro (40 a 66), mas até a primeira parte tem sido apresentada como um verdadeiro mosaico composto de uma variedade de escritores anônimos. Não vamos enredar-nos — esse é o motivo, e os argumentos sobre diferenças de estilo e idéias não passam de apoios para suprir uma base aparentemente erudita.

Parecemos estar apresentando de forma enganosa e cruel os eruditos em questão? Ouçamos então o que dizem alguns de seus representantes. Nas palavras de Knobel: "Isaías, na época assíria, não poderia anunciar o livramento do cativeiro por Ciro, já que em seus dias esse cativeiro não existia". Vatke diz: "Na época de Isaías, o reino dos caldeus ainda não existia; só passou a existir em 625 a. C. Então, como o profeta poderia ter sido capaz de apresentá-lo próximo de seu declínio?". Noldeke afirma: "Uma profecia em que Ciro é chamado pelo nome não é naturalmente obra de Isaías, que não tinha condições de saber com antecipação sobre o

cativeiro do povo na Babilônia ou sobre o livramento desse cativeiro por Ciro". Alguns de nossos críticos ingleses e americanos adotaram uma atitude talvez mais apologética, mas na verdade assumem a mesma posição. O Prof. Skinner, por exemplo, diz que os capítulos 13 e 14 não podem ser do próprio Isaías por se referirem ao futuro, e depois acrescenta: "Baseando-se no princípio de que o profeta sempre se dirige fundamentalmente às circunstâncias de sua própria época, devemos datar esses capítulos como sendo dos últimos anos do cativeiro babilônico".

Hostilidade para com o sobrenatural

Agora sabemos onde nos encontramos! É essa *hostilidade à predição sobrenatural* que subjaz a alta crítica mais radical. A única resposta é exibir a farta e irrefutável prova de predições cumpridas por todas as Escrituras. Isso já foi feito repetidamente por estudiosos competentes, não sendo necessário nem possível cobrir de novo todo esse terreno aqui: tal tarefa exigiria um volume em separado! Basta ler uma obra como *Keith on Prophecy* ("Keith sobre a Profecia"), sem falar de trabalhos mais recentes sobre o assunto, para saber como o argumento é completo e inquestionável. Além disso, entre os próprios modernistas, os mais completos e sinceros são obrigados a reconhecer que nem mesmo uma data tardia conferida aos capítulos de 40 a 66 pode cancelar totalmente a predição sobrenatural. Desse modo, o Prof. G.A. Smith concorda que o capítulo 53 "como profecia de Jesus Cristo é certamente um grande milagre quer datado do exílio, quer da época de Isaías".

Com relação aos críticos mais diretos, já que a predição sobrenatural está *a priori* fora de questão, sua posição é que as passagens referentes a acontecimentos e circunstâncias posteriores aos dias de Isaías devem ser de um autor posterior. A fim de confirmar essa crença, procuram fazer com que todo o cenário dos capítulos de 40 a 66 seja do exílio e não de Isaías.

Agora, os que crêem na inspiração divina das Escrituras, o milagre da predição não apresenta qualquer problema: mas o que dizer do *cenário* dos capítulos de 40 a 66? Isso é algo que deve ser estabelecido. Ele recomenda uma origem babilônca, ou judaica e de Isaías?

Base geográfica e histórica

Ora, sem dúvida alguma, a primeira coisa que chama a atenção do leitor cuidadoso é que o cenário local é *o mesmo em ambas as partes do livro*; o fato seguinte é que esse cenário comum é *palestino e não babilônico.* Damos aqui referências indicando que isso acontece em *ambas* as partes do livro; pois recentemente, como já mencionamos, muitas passagens da *primeira* parte do livro (1-39) foram atribuídas ao período exílico, posterior, assim como os capítulos 40-66.

Talvez nem precisemos destacar as muitas referências ao *Líbano*, com seus altos cedros (2.13; 10.34; 14.8; 29.17; 33.9; 35.2; 37.24; 40.16; 60.13). Vamos deixar que as *árvores* referidas no livro dêem seu testemunho: "cedros", "carvalhos", "olmeiros", "buxos", "sicômoros", "ciprestes", "acácias", "oliveiras", "vides" e "murtas" (1.8, 30; 2.13; 3.14; 5.1-10; 6.13; 7.23; 9.10; 14.8; 16.8-10; 17.6; 24.7, 13; 27.2; 32.12; 34.4; 36.16, 17; 37.24, 30; 41.19; 44.14; 55.13; 60.13; 61.5; 65.21). Todas essas árvores são da Palestina, ou pelo menos da Síria. Acrescente-se a isso o fato de não haver uma única menção à palmeira, que era a principal árvore da Babilônia. Note também que, nas referências acima, cada uma das árvores é mencionada na *segunda* parte do livro, exceto o sicômoro e a oliveira. Basã, Sarom e Carmelo são mencionados (2.13; 33.9; 35.2; 37.24; 65.10). A água citada é proveniente de "fontes", "ribeiros", "açudes" ou reservatórios e "mananciais" (30.25; 33.21; 34.9; 35.6, 7; 41.18; 42.15; 49.10; 57.6; 58.11) — todos comuns na Palestina; enquanto o grande rio Eufrates, a glória da Babilônia, só é mencionado anonimamente em uma passagem, a qual, segundo meu conhecimento, é aceita por todos os críticos como uma profecia legítima do *próprio Isaías* (7.20; 8.7). Mas leia novamente sobre "rochas" e "fendas das rochas", "fortalezas das rochas" e "cavernas" (2.10, 19, 21; 7.19; 33.16; 42.22; 57.5) — em pleno contraste com a Babilônia! Montes, florestas, bosques, feras selvagens das florestas — há menção disso também, mas apenas em acréscimo ao cenário palestino que se evidencia em toda parte (2.14; 9.18; 10.18, 34; 13.4; 40.12; 42.11; 54.10; 55.12, 13; 56.9; 59.11 *etc.*).

É surpreendente que alguns dos críticos tivessem de admitir a força de tudo isso contra a chamada "posição babilônica" dos capítulos de 60 a 66? Cheyne diz: "Algumas passagens de Isaías II realmente comprovam em várias aspectos a teoria de uma origem palestina. Portanto, em 57.6 a

referência a ribeiros não se aplica de modo algum às planícies aluviais da Babilônia, assim como a menção a 'cavernas', em 42.22; e, embora a Babilônia tivesse mais florestas na antigüidade do que agora, é certo que as árvores mencionadas em 41.19 não eram em sua maioria naturais desse país, enquanto a tamareira, a mais comum de todas as árvores babilônicas, não é citada uma vez sequer".

Mas, uma vez que o cenário é portanto palestino, o que dizer das alusões históricas? Como iremos conciliar uma passagem como o capítulo 57 com o ponto de vista babilônico apresentado nos capítulos de 40 a 66? Veja do versículo 4 ao 7:

Porventura não sois filhos da transgressão, descendência da falsidade, que vos abrasais na concupiscência junto aos terebintos, debaixo de toda árvore frondosa, e sacrificiais os filhos nos vales, nas fendas dos penhascos? Por entre as pedras lisas dos ribeiros está a tua parte; estas, estas te cairão em sorte; sobre elas também derramas a tua libação [...] Sobre monte alto e elevado pões o teu leito; para lá sobes para oferecer sacrifícios.

"Penhascos", "vales", "montes altos", "ribeiros" com leitos de pedras — isso era encontrado nas extensas planícies da Babilônia? E o versículo 9?

Vais ao rei com óleo, e multiplicas os teus perfumes; envias os teus embaixadores para longe, até à profundidade do sepulcro.

Esse não é um quadro dos judeus no exílio. Judá aqui ainda é um *reino* — um reino pequeno e aflito, enviando embaixadores para conseguir alianças com forças estrangeiras e aviltando-se por causa disso. Isso não sugere imediatamente os dias de Acaz e Ezequias, justamente a época em que Isaías viveu? A indicação da origem palestina é tão forte em tais passagens que, um por um, esses capítulos foram aos poucos sendo admitidos como de autoria pré-exílica, favorecendo o ponto de vista mais antigo. Um estudo mais detalhado aqui mostra também que os fatos confirmam ser *um só o autor do livro inteiro.*

Argumentos que confirmam Isaías como autor

Finalmente, vamos resumir brevemente as provas de que a autoria do livro inteiro é de Isaías. Essas podem ser agrupadas como externas e internas. Quanto às *externas*, colocamos em primeiro lugar o testemunho da *Septuaginta*. Essa versão das Escrituras hebraicas para o grego, como o leitor deve estar lembrado, foi feita no século III a. C., e já nessa época ela atribuía o livro inteiro a Isaías. Não podemos julgar que essa fosse uma simples comodidade sem reflexão, pois a mesma versão tem o cuidado de não atribuir todos os salmos a Davi, embora teria sido uma comodidade semelhante dar seu nome ao livro inteiro, por ter sido ele o principal autor.

A seguir, temos o livro apócrifo de *Eclesiástico*, escrito por Jesus, filho de Siraque, que também data do século III a. C. Inegavelmente atribui os capítulos de 40 a 66 a Isaías, e seu testemunho tem valor, pois declara-se que ele foi homem de "grande diligência e sabedoria" e de "grande conhecimento". Ele certamente fala por todos os judeus cultos de sua época.

Depois disso ouvimos *Josefo*, o famoso historiador judeu do século I d. C. Seu testemunho é surpreendente. Ele registra este decreto de Ciro: "Assim diz Ciro o rei: Desde que o Deus Altíssimo me indicou como rei da terra habitável, acredito que Ele é o Deus que a nação dos israelitas adora; pois, de fato, Ele predisse meu nome pelos profetas e que eu edificaria para Ele uma casa em Jerusalém, no país da Judéia". Josefo acrescenta: "Isso era bem conhecido de Ciro, por sua leitura do livro que Isaías deixou de suas profecias". Pode-se dizer que não devemos dar muito crédito a Josefo aqui; mas suas palavras certamente se harmonizam com o decreto de Ciro que é dado tanto no final de 2 Crônicas como nos primeiros versículos de Esdras, onde Ciro diz: "...o Senhor Deus dos céus [...] me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém de Judá". Mas como Ciro sabia que o Senhor o *encarregara?* Diga que Isaías escreveu as profecias que levam seu nome, e a resposta fica clara.

Acima de tudo, temos o testemunho do *Novo Testamento.* Fora as referências a outras partes de Isaías, há nove lugares em que o Novo Testamento refere-se à *segunda* parte (40-66) e atribui a autoria a ele. Os críticos tentaram anular a força disso, sugerindo que o nome de Isaías só é mencionado como uma referência, sem que a questão específica da autoria esteja absolutamente em mente. Negue a inspiração singular do

Novo Testamento e você tem liberdade para alegar isso – embora tenha também de explicar, conforme já foi dito, "como esse Novo Testamento não-inspirado mantém-se insuperável em meio a toda literatura das eras cristãs". Mas se o Novo Testamento for de fato a palavra inspirada de Deus, seu testemunho neste ponto é irrefutável.

Ambas as partes de Isaías foram citadas por João (12.38-40) e atribuídas a um único Isaías: da parte II: "... para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação?" (Is 53.1); e da parte I: "Por isso não podiam crer, porque Isaías disse ainda: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração..." (Is 6.9). Note: "Isaías disse ainda", não outro, seja primeiro, seja segundo Isaías, mas o mesmo. Jesus *coloca então as duas frases juntas*, exclamando: "Isto disse Isaías porque [*ele*] viu a glória dele..." (Jo 12.41), e não porque *eles* viram.

Todavia, vamos voltar agora a certas provas *internas* de que Isaías escreveu o livro inteiro. Primeiramente, mencionamos aqui a *semelhança de qualidade e índole ao longo de todo o livro.* A índole dos capítulos discutíveis não somente está à altura da índole dos indiscutíveis, mas é também do mesmo tipo. Isso teve de ser reconhecido até mesmo por aqueles que puseram em dúvida a autoria de Isaías na última parte. Como podiam senão reconhecer isso tendo os capítulos 40, 43, 51, 52, 53, 63 e outras passagens sublimes diante de si?

Segundo, há *semelhança de linguagem e construções.* Para demonstrar isso seria necessário um tratado especializado e exaustivo que não podemos fornecer; é suficiente, porém, alistar alguns dos especialistas que garantem isso: Delitzsch, os Professores T. R. Birks e Stanley Leathes, o Dr. William Kay, em *The Speaker's Commentary* ("Comentário do Pregador"), o Deão Payne Smith, o Dr. S. Davidson, em sua *Introduction to the Old Testament* ("Introdução ao Antigo Testamento") e T. K. Cheyne, cujo veredicto contra o argumento lingüístico de uma autoria múltipla já foi observado.

A seguir, mencionamos a *semelhança de idéias.* Seriam necessárias diversas páginas para demonstrar isso satisfatoriamente. Podemos apenas apresentar alguns exemplos principais. O pensamento dominante da santidade divina, com o título muito usado para Deus de "o Santo de Israel" (doze vezes na primeira parte, treze na segunda e apenas cinco vezes no restante do Antigo Testamento); o pensamento do *poder* divino, de Deus como o "Poderoso de Israel"; a aliança entre Israel e Aquele que

é alto e santo; o fato de eles terem-se rebelado e rompido a aliança; sua expulsão, embora não fossem inteiramente esquecidos; o "remanescente", a "volta", o chamado dos gentios, o Rei que virá e Seu reinado de justiça – esses repetem-se em ambas as partes do livro.

Existe também uma evidente *semelhança de imagens*. Pensamos em "luz" e "trevas", em "cegueira" e "surdez", na humanidade como a "flor que se desvanece", na "vara" e no "tronco" ou "rebento" conforme aplicados ao Messias; nas "estacas" e "cordas" da tenda conforme usadas em relação a Jerusalém; o lobo e o cordeiro habitando juntos no futuro reino, e em não haver "mágoa ou destruição" em todo o "monte santo" de Deus – essas coisas, para não mencionar outras, são todas encontradas em ambas as partes do livro.

Há também correspondências entre as duas partes fazendo uso da *repetição*. Exemplos dignos de nota são apresentados no *Pulpit Commentary*. Em 11.7 lemos: "... o leão comerá palha como o boi". Temos o mesmo em 65.25. Existem outras correspondências: 1.13 corresponde a 66.3; 1.29 a 66.17; 11.9 a 65.25; 14.24 a 46.10; 16.11 a 63.15; 24.19, 20 a 51.6; 24.23 a 60.19; 25.8 a 65.19; 26.1 a 60.18; e 27.1 a 51.9.

Mas há ainda um outro ponto que devemos mencionar e que para nós decide completamente o assunto. *Há citações da segunda parte de Isaías por parte de outros profetas do Antigo Testamento que escreveram antes do Exílio*, e elas provam naturalmente que a segunda parte de Isaías *já* havia sido escrita! Todos concordam que os dois primeiros capítulos de Sofonias foram escritos anos antes do exílio; todavia, Sofonias 2.15 é uma citação das palavras de Isaías 47.8-11. O profeta Naum apareceu poucos anos depois de Isaías, porém em Naum 1.15 encontramos uma citação de Isaías 52.7. O profeta Jeremias veio ainda depois, sendo contudo pré-exílico; e podemos equivocar-nos quanto a sua frase, em 31.35, ser extraída de Isaías 51.15? É inútil afirmar que, em vez de esses três profetas terem citado Isaías, o(s) "segundo(s)" Isaías anônimo(s) citou(aram) a *eles*; pois as palavras têm indiscutivelmente o *estilo* de Isaías e em cada caso ocorrem em uma *seqüência óbvia* e como *partes naturais* no progresso das passagens de Isaías, em que aparecem, enquanto nos outros três profetas a ligação é menos íntima e espontânea. Com esse fundamento como prova, o caso da autoria de Isaías está, a nosso ver, encerrado. Acreditamos que o livro seja um só e foi escrito por Isaías, que profetizou "nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá".

ISAÍAS (3)

Lição Nº 73

NOTA: Para esta terceira lição sobre Isaías, releia os primeiros 35 capítulos, marcando as principais interrupções no assunto, as quais devem estar-se tornando claras agora.

A filosofia humana começa com uma pergunta. A Bíblia começa com uma suposição: "No princípio [...] *Deus*". A dedução a partir dessa suposição é que toda sabedoria está em Deus, que em última análise não existe esse fato chamado mistério do universo. Quando a filosofia tiver dado toda a volta no círculo, chegará ao lugar em que esses homens começam: DEUS.

G. CAMPBELL MORGAN,
Doutor em Teologia

ISAÍAS (3)

ESTAMOS agora preparados para examinar esse livro de Isaías. Sua organização principal não pode ser facilmente esquecida. Assim como há sessenta e seis livros na Bíblia, há sessenta e seis capítulos nesse livro de Isaías conforme o temos em nossa versão. E, assim como os sessenta e seis livros da Bíblia são divididos em trinta e nove do Antigo Testamento e vinte e sete do Novo, os sessenta e seis capítulos de Isaías também se dividem em trinta e nove e vinte e sete. Além disso, assim como os trinta e nove livros do Antigo Testamento ocupam-se principalmente da lei e do juízo que recai sobre os que lhe desobedecem, os primeiros trinta e nove capítulos de Isaías tratam principalmente da idéia do juízo sobre o povo da aliança por causa de sua desobediência à lei. Da mesma forma como os vinte e sete livros do Novo Testamento abordam em grande parte a mensagem da graça divina e da salvação por ela trazida, os últimos vinte e sete capítulos de Isaías são uma mensagem de graça e conforto divinos e da salvação vindoura. Portanto, o livro de Isaías é uma espécie de Bíblia em si mesmo.

É isso que temos a dizer sobre a organização. Mas haverá alguma *sub*divisão metódica das duas partes principais? Na verdade, pode ser que alguns de nós, ao lerem esse livro pela primeira ou segunda vez, tenham julgado quase impossível colocar seus muitos capítulos em grupos ordenados e seqüenciais. Todavia, certamente existe método e seqüência. É de fato fascinante observar como o livro se abre aos olhos pacientes e observadores. Vamos trilhá-lo e anotar nossas descobertas.

Começamos com as palavras de abertura do capítulo 1. A introdução augusta aqui torna claro que esse é o *verdadeiro* começo (e não o capítulo 6, como alguns acreditam):

> OUVI, Ó CÉUS, E DÁ OUVIDOS, Ó TERRA,
> PORQUE O SENHOR É QUEM FALA

Esse capítulo é a acusação inicial, e notamos que se dirige a *Judá e a Jerusalém* (vv. 1, 8, 21, 26, 27).

Capítulos 2-6

A seguir, notamos que os capítulos de 2 a 5 estão claramente ligados. *Em primeiro lugar*, pelo fato de que embora as palavras de abertura do capítulo 2 indicam uma nova visão, as palavras introdutórias dos outros capítulos mostram continuidade; *em segundo*, porque todos esses capítulos versam sobre o mesmo assunto, a saber, o "dia do Senhor" (2.11, 12, 17, 20; 3.7.18; 4.1, 2; 5.30); *finalmente*, porque todos dizem respeito diretamente a *Judá e Jerusalém* (2.1, 3, 6; 3.1, 8, 16; 4.3-5; 5.3). Notamos também que essa seção termina com seis "AIS" (5.8, 11, 18, 20, 21, 22).

O capítulo 6 destaca-se claramente por seu tema. É um fragmento autobiográfico surpreendente. A nova visão do profeta aqui não é da sua nação, mas do próprio Deus e seu propósito é prepará-lo para um ministério profético mais amplo. Há uma nova *visão* (vv. 1-5), uma nova *unção* (vv. 6,7) e uma nova *comissão* (vv. 9,10). Mas o importante aqui é que Isaías viu o Senhor como REI. O ponto alto é a exclamação reverente: *"... os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!"*. Se pudermos antecipar os capítulos seguintes só por um momento, veremos que a partir desse ponto o alcance profético de Isaías amplia-se maravilhosamente; mas antes foi necessário que visse o Senhor como Rei de todas as nações, a fim de sentir vivamente e ser capaz de declarar com vigor que, por trás, acima e além de todas as conturbações que profetizaria estavam o controle e o propósito soberanos do Imperador universal, o Senhor. A referência *imediata* desse capítulo 6, porém, é novamente a *Judá e a Jerusalém* (vv. 5, 9-13); portanto, de qualquer modo podemos agora marcar os seis primeiros capítulos de Isaías como sendo uma seqüência, no sentido de que todos se *referem diretamente a Judá* e seu assunto principal é o *"dia do Senhor"*.

Capítulos 7-12

Passamos agora ao capítulo 7 e àqueles que se seguem. Encontramos aqui seis capítulos referentes principalmente a *Israel* (o reino do norte, das dez tribos, do qual Samaria era a capital). Veja o início do capítulo 7: "Sucedeu [...] que Rezim, rei da Síria, e Peca, filho de Remalias, rei de Israel, subiram a Jerusalém, para pelejarem contra ela...". Veja também o versículo 2, onde o nome "Efraim" substitui Israel. Agora observe de novo

todo o capítulo: está ligado somente a Israel. Ao leitor que porventura esteja utilizando a Bíblia Anotada por Scofield, nada podemos declarar senão que o título inserto no versículo 17, que afirma que os versículos seguintes predizem uma invasão de *Judá*, é com certeza errôneo. O contexto e as circunstâncias de igual forma são tão claros, que nos estranha a ocorrência de um erro de titulação dessa ordem. Síria e *Israel* são os invasores (vv. 1, 2). É *Israel* que vai ser "destruído, e deixará de ser povo" (v. 8). O rei Acaz de Judá, sitiado pela Síria e por Israel, é informado de que a terra (Síria e *Israel*) será desamparada diante dos dois reis aos quais teme (v. 16). A mensagem inteira é de consolo para o aflito Acaz (vv. 3-16); mas que estranho conforto ficar sabendo de repente, sem qualquer motivo para a transição, que um perigo bem mais mortal do que qualquer coisa que se acabou de dizer de Israel recairá sobre Judá!

De forma alguma, no versículo 17 as palavras são dirigidas diretamente ao rei de *Israel*. A redação não deixa dúvidas: "Mas o Senhor fará vir sobre ti, sobre o teu povo e sobre a casa de teu pai, por intermédio do rei da *Assíria*, dias tais, quais nunca vieram, desde o dia em que *Efraim se separou de Judá*". Em outras palavras, viriam dias sobre Israel como nunca tinham ocorrido antes desde que as dez tribos haviam-se estabelecido como reino separado, e o perigo vinha da *Assíria*. Ora, todos sabemos muito bem que *Israel* é que foi destruído pela Assíria e não Judá; pois, embora tivesse permissão para perturbar Judá também, o Senhor interveio, a Assíria sofreu grande derrota e Judá foi poupada.

O capítulo 8, que continua o mesmo assunto, torna ainda mais claro que se trata de Israel. Veja o versículo 4: "... serão levadas [...] e os despojos de *Samaria*, diante do rei da Assíria". Veja também o versículo 6, onde o povo que "com Rezim e com o filho de Remalias se alegrou" (ARC) não é certamente o de Judá! Veja também o versículo 7 e note que o versículo 8 diz nitidamente que a Assíria de fato "inundaria" Judá, exatamente como Miquéias 1.9 diz (veja nosso comentário sobre esse versículo), excluindo assim Judá das palavras que acabaram de ser pronunciadas sobre Israel. O restante do capítulo fala da "confederação" que a Síria e Israel queriam forçar sobre Judá (veja nossos comentários introdutórios sobre a época de Isaías); mas Israel surge novamente perto do final e no capítulo 9.

A ligação entre os capítulos 8 e 9 torna a referência principal a Israel ainda mais clara. A última parte do capítulo 8 na verdade deveria ser a primeira do capítulo 9, e, em vez de dizer: "... serão lançados para densas

trevas" (observe as palavras italicizadas, mostrando que o tradutor teve dificuldades aí), a leitura deveria ser: "Todavia, as densas trevas serão expulsas". Assim sendo, no último versículo do capítulo 8 e no primeiro versículo do capítulo 9 deveríamos ter:

> *... e, voltando-se para o céu,*
> *e, vagando o olhar pela terra,*
> *eis angústia, trevas e*
> *escuridão oprimente.*
> *Mas será dissipada a escuridão,*
> *porque não será imerso na escuridão*
> *quem se achava em angústias.*
> *Num primeiro tempo tratou com desprezo*
> *as terras de Zebulom e Naftali,*
> *e num segundo, nobilizou*
> *a rota do mar, a outra banda do Jordão,*
> *a Galiléia dos gentios.*

Observe acima a menção de "Zebulom", "Naftali" e "Galiléia", mostrando novamente que a referência é a *Israel*, não a Judá. A referência a Israel é novamente esclarecida nos versículos seguintes (veja os versículos 8, 9, 10, 12, 14 e 21).

O capítulo 10 continua a mesma profecia. Entre outras coisas, isso é mostrado pelo solene refrão: "Com tudo isto não se aparta a sua ira, e a mão dele continua ainda estendida" (9.12, 17, 21; 10.4). Do versículo 5 ao 34 o profeta desvia-se para falar à *Assíria*, o poder que deveria destruir *Israel* e também afligir Judá (vv. 11, 12). No final, a própria Assíria seria destruída. Isso leva aos capítulos 11 e 12, que descrevem o reino vindouro do Messias, em que os "desterrados de Israel" e os "dispersos de Judá" seriam reunidos (11.12).

Devemos fazer aqui uma pausa, no final do capítulo 12, pois um breve exame das primeiras palavras do capítulo 13 mostra que nos desviamos nesse ponto para outro assunto. Ao fazer um retrospecto dos capítulos de 7 a 12, vemos que, exatamente como os capítulos de 1 a 6 ocupavam-se sobretudo de *Judá*, terminando (no 6) com uma belíssima visão do Senhor como Rei soberano nos céus, tratam principalmente de *Israel*, terminando com uma gloriosa visão do Senhor como Rei soberano na terra, no reino

messiânico que virá. Não devemos deixar de acrescentar também que do capítulo 7 ao 12, assim como do 1 ao 6, encontramos repetidas referências ao "dia do Senhor" (7.18, 20, 21, 23; 10.20, 27; 11.10, 11; 12.1, 4). Portanto, podemos dizer agora que os seis primeiros capítulos referem-se ao "dia do Senhor" principalmente em relação a *Judá* e os seis capítulos seguintes principalmente em relação a *Israel.*

Capítulos 13-23

Os capítulos restantes dessa primeira parte de Isaías agrupam-se facilmente. Os capítulos de 13 a 23 formam claramente um conjunto, pois são uma sucessão de "*sentenças*", sendo que, com exceção de uma (a do "Vale da Visão"), todas relacionam-se às nações *gentias*, como segue:

13-14.27	Sentença contra	a Babilônia;
14.28-32	"	a Filístia;
15-16	"	Moabe;
17-18	"	Damasco;
19-20	"	o Egito;
21.1-10	"	o deserto do mar;
21.11, 12	"	Dumá (Edom);
21.13-17	"	a Arábia;
22	"	o Vale da Visão;
23	"	Tiro.

Note também nesses capítulos o "dia do Senhor" (13.6, 9, 13; 14.3; 17.4, 7, 9; 19.16, 18, 19, 21, 23, 24; 20.6; 22.12, 20, 25; 23.15).

Capítulos 24-27

A seguir, do capítulo 24 ao 27 temos o "dia do Senhor" em relação ao *mundo inteiro.* Todos os expositores concordam que a linguagem aqui abrange toda a terra. Marque especialmente as passagens 24.1, 4, 5, 16, 19, 20, 21; 25.6, 7; 26.21; 27.1. Veja *agora* como o alcance de Isaías é imenso e quão necessária foi aquela visão impressionante no capítulo 6! Em primeiro lugar, a mensagem foi para *Judá*; depois, para *Israel*; depois, para todas as nações *gentias* circundantes; e agora, para *todo o mundo!* Não é

possível enganar-se quanto ao asssunto desses quatro capítulos: mais uma vez, é o "dia do Senhor" (24.21; 25.9; 26.1; 27.1, 2, 12, 13).

Capítulos 28-33

Os seis capítulos seguintes (28 a 33) também agrupam-se nitidamente. Consistem de seis *"ais"*. Todos tratam especialmente de Jerusalém, que é sempre o centro de toda a atuação terrena de Deus. Embora o primeiro "ai" (28) dirija suas palavras de abertura aos "bêbados de Efraim", esses são usados apenas como uma advertência para Judá. As palavras "também estes" no versículo 7 (compare com o versículo 14) mudam o "ai", dirigindo-o a Judá. E, apesar de o último desses "ais" falar anonimamente da Assíria, como "o destruidor", ainda assim a mensagem é dirigida claramente a Jerusalém. Assim sendo, os seis "ais" do capítulo 5 sobre Jerusalém encontram agora um paralelo nesses outros seis. A cidade de maior privilégio é a cidade de maior responsabilidade! Estes são os seis "ais":

28	bêbados de Efraim e Judá;
29.1	hipócritas (v.13) de Ariel;
29.15	intrigantes perversos de Jerusalém;
30	os rebeldes contra o Senhor;
31	os aliados incrédulos;
33	o destruidor assírio;

Note a expressão "o dia do Senhor" várias vezes reaparecendo nesses capítulos de "ais" (28.5; 29.18; 30.23; 31.7).

Capítulos 34-35

Temos finalmente nos capítulos 34 e 35 o clímax da explosão profética dessa primeira parte de Isaías. Descrevem a *vingança do Senhor sobre o mundo* e *a restauração de Sião*. Note a passagem 34.8: "Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião". Embora nesse capítulo 34 a fúria seja desencadeada contra Edom em particular, fica perfeitamente claro que Edom é usado aqui tipologicamente. Veja como o capítulo começa: "Chegai-vos, *nações*, para ouvir, e vós, povos,

escutai; ouça a *terra* e a sua plenitude, o *mundo* e tudo quanto produz. Porque a indignação do Senhor está contra todas as *nações*...". Isaías não só abrange aqui todas as nações da terra, mas também projeta-se para o fim da história. Depois disso, após esse quadro terrível de vingança, com seus tons sombrios e lúgubres, leva-nos a uma cena tranqüila, triunfante e deliciosa do reino definitivo, no capítulo 35. É a descrição da graça e da glória finais depois do pecado e do juízo. No capítulo 34 estamos na "grande tribulação" no fim da era presente. No capítulo 35 estamos no milênio!

Como é notável, então, o desenvolvimento expansivo nessa primeira parte de Isaías! Faça um breve retrospecto desses 35 capítulos novamente. Nos primeiros seis, ficamos limitados a Judá. Mas, depois da visão transformadora do Senhor como Rei de todas as nações e épocas, no capítulo 6, as profecias têm um alcance cada vez maior, até abrangerem todas as nações e toda a história! Se nos seis primeiros capítulos estamos confinados a Judá, nos seis seguintes projetamo-nos para o reino das dez tribos de Israel. Depois disso, no grupo seguinte (13 a 23) todos os principais reinos dos dias de Isaías são cercados. Depois, nos quatro capítulos que se seguem (24 a 27) o mundo inteiro gira diante dos olhos da profecia. Do capítulo 28 ao 33, Jerusalém torna-se o ponto focal, como centro de todas as atividades e controvérsias do Senhor com nossa raça. Finalmente, no capítulo 34, somos lançados à "grande tribulação" no final da era presente, e depois levados ao clímax belíssimo do Milênio, no capítulo 35! Não é uma maravilhosa expansão, desenvolvimento, progresso, desígnio? E não defende um autor humano *único* por trás do todo, assim como indica o único autor *divino* por trás do humano?

Adendo histórico

No final das profecias da primeira parte de Isaías, existe um adendo histórico de quatro capítulos (36-39). Não podemos discutir seu conteúdo aqui, mas queremos destacar *este* fato: esses quatro capítulos históricos foram evidentemente colocados como uma *transição* da primeira para a segunda parte do livro. Os dois primeiros tratam da invasão de Judá pela *Assíria* (depois do que a Assíria declina até ser destruída). Os dois restantes falam da doença, recuperação e contato de Ezequias com a *Babilônia* – a nova potência mundial que agora começa a ocupar o cenário. Assim

sendo, esses quatro capítulos são uma transição deliberada dos capítulos de 1 a 35, em que a *Assíria* é a potência mundial dominante, para os capítulos de 40 a 66, em que a *Babilônia* é a potência mundial dominante.

Portanto, podemos estabelecer agora nossas descobertas na primeira parte de Isaías como segue:

1-6	o dia do Senhor e Judá;
7-12	o dia do Senhor e Israel;
13-23	as dez sentenças contra as nações;
24-27	o "dia" e o mundo inteiro;
28-33	os seis "ais" sobre Jerusalém;
34-35	a ira final: Sião restaurada;
36-39	transição histórica para a parte II.

ISAÍAS (4)

Lição Nº 74

NOTA: Para este estudo final de Isaías, leia do capítulo 60 ao 66 de novo, marcando com cuidado todas as referências ao "Servo" do Senhor e aquelas que também parecem referir-se a Ele, embora Ele não seja realmente mencionado como o "Servo".

Os homens falam da história divina da espécie humana, mas não existe tal história. O Antigo Testamento é a história divina da *família de Abraão.* O chamado de Abraão foi cronologicamente o ponto central entre a criação de Adão e a cruz de Cristo; todavia, a história de todas as épocas desde Adão até Abraão é contada em onze capítulos. E se durante a história de Israel a luz da revelação pousou por algum tempo sobre as nações gentias, isso aconteceu porque a nação favorecida estava temporariamente no cativeiro. Mas Deus tomou a raça hebraica para que ela pudesse ser um centro e um canal de bênção para o mundo. Foi devido a seu orgulho que vieram a considerar-se o único objeto da benevolência divina.

SIR ROBERT ANDERSON

ISAÍAS (4)

OS PRIMEIROS trinta e nove capítulos de Isaías tiveram um começo animador. O que dizer dos vinte e sete restantes? Encontramos neles um arranjo com a mesma clareza? Sim. De fato, existe algo mais do que um simples arranjo: eles contêm um agrupamento bastante significativo. Pela sua própria organização, esses capítulos (60-66) que formam a segunda parte do livro proclamam uma verdade da máxima importância e valor.

Esses vinte e sete capítulos são um poema, um poema *messiânico*. O assunto recorrente é o Cristo que virá, a redenção de Israel e a consumação final. Os capítulos não podem ser separados: unem-se para formar o maior poema messiânico da Bíblia.

Os vinte e sete capítulos foram dispostos em três grupos de nove capítulos cada, sendo o final de cada composto marcado pelo mesmo refrão solene. Assim, no final do primeiro grupo (48.22) lemos: "Para os perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor". Depois, no final do segundo (57.21) lemos: "Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz". Finalmente, no fim do terceiro (66.24) temos isso de novo, mas de forma ampliada: "... o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne".

Quem quer que tenha feito o atual arranjo em capítulos sem dúvida repartiu deliberadamente os vinte e sete capítulos em três partes. Mas existe algo mais profundo do que a simples intenção humana. Há desígnio divino. Por unanimidade, a maior de todas as passagens do Antigo Testamento relativas à expiação de Cristo é Isaías 53; e não é do máximo significado que esse capítulo imortal do "Cordeiro" esteja no capítulo central do grupo central? No exato centro desse tremendo poema messiânico, Deus colocou o CORDEIRO. Ele é o essencial, o foco, o centro, o coração. Vamos manter o Cordeiro onde Deus o colocou — no centro! Cristo como *Cordeiro* de Deus deve ser central em nossa fé, esperança e amor, em nossa pregação, ensino e testemunho, em nosso pensamento, oração e estudo bíblico, assim como Deus fez dEle o centro da profecia, da história e da redenção.

Mas precisamos observar melhor esses três grupos de nove capítulos antes de continuar. Cada grupo tem seu destaque indiscutível. No

primeiro, vemos a *supremacia* do Senhor. No segundo, há o *"Servo"* do Senhor. No terceiro, temos o *desafio* do Senhor.

Vejamos o primeiro grupo (40-48), onde o destaque recai sobre a *supremacia* do Senhor. Há um claro progresso de idéias. Nos dois primeiros capítulos desse grupo (40 e 41), o Senhor é visto como supremo em seus *atributos* de onipotência, onisciência e onipresença. Note, por exemplo, passagens sublimes como 40.12-18; 41.4 *etc.*, 21-29. Depois, do capítulo 42 ao 45, temos a supremacia do Senhor na *redenção*. Veja 42.5-9, 13-16; 43.1, 3, 10, 11, 12, 25; 45.5-8, 15-17, 20-22. Finalmente, do capítulo 46 ao 48, vemos a supremacia do Senhor no *juízo*. Esses três capítulos versam sobre o juízo em relação à Babilônia e seus deuses: Bel, Nebo *etc.* Mas note a nova referência acentuada à supremacia do Senhor em 46.5, 9, 10; 47.4; 48.12-14, 20-22.

Considere agora o segundo grupo (49-57), onde o destaque recai sobre o *"Servo"* do Senhor. O "Servo" foi mencionado antes, no primeiro grupo, mas agora é levado a uma proeminência maior. Nos capítulos 49 e 50, sem dúvida a referência é principalmente à nação eleita, Israel, embora mesmo aqui exista uma referência latente e final a Cristo. Mas a partir de 52.13 até o final do capítulo 53 há uma transição para a referência clara, plena e gloriosa ao Messias-Redentor pessoal que estava para vir. Com base nisso, nos capítulos 54 e 55 temos a restauração da nação de Israel e o reinado do Cristo (55.4 *etc.*) como líder e comandante davídico. Esse grupo termina então nos capítulos 56 e 57, com um apelo urgente e uma renovação da promessa.

Finalmente, no terceiro grupo (58-66) temos o *desafio* do Senhor. A apresentação é tripla. Primeiro, há o desafio em vista da *falha presente* (58, 59). A seguir, vem o desafio em vista das simples *perspectivas da época* que se levantavam diante de Israel (60-65). O capítulo 66 termina o magnífico poema com um desafio conclusivo de promessa e advertência finais.

Talvez devamos agora colocar em forma de análise plana ambas as partes desse livro de Isaías. A mensagem central é que *o Senhor é o Rei supremo e único Salvador*. Na parte um, o capítulo-chave é o sexto, onde temos a visão do profeta do Senhor como Rei. Na parte dois, o capítulo-chave é o 53, onde vemos o Cordeiro, primeiro sofrendo e depois triunfando.

ISAÍAS

O SENHOR, REI SUPREMO E ÚNICO SALVADOR

ORÁCULOS DE PUNIÇÃO E RESTITUIÇÃO (1-39)

1-6. O dia do Senhor e JUDÁ
7-12. O dia do Senhor e ISRAEL
13-23. As dez sentenças contra as NAÇÕES
24-27. O "dia" e o MUNDO inteiro
28-33. Os seis "ais" sobre JERUSALÉM
34-35. A ira final: SIÃO RESTAURADA
36-39. Adendo histórico à parte um

ORÁCULOS DA REDENÇÃO E CONSUMAÇÃO (40-66)

GRUPO 1. A SUPREMACIA DO SENHOR (40-48)
O Senhor supremo em atributos (40-41)
O Senhor supremo na redenção (42-45)
O Senhor supremo no castigo (46-48)

GRUPO 2. O "SERVO" DO SENHOR (49-57)
Primeiro Israel: finalmente Cristo (49-53)
Israel restaurada: Cristo reina (54-55)
Portanto, o estímulo presente e a promessa (56-57)

GRUPO 3. O DESAFIO DO SENHOR (58-66)
Em vista dos erros presentes (58-59)
Em vista dos grandes eventos futuros (60-65)
Desafio, promessa e advertência finais (66)

Existe um notável paralelo entre as duas partes de Isaías e os capítulos 4 e 5 do Apocalipse. Todo o movimento nos cinco primeiros capítulos de Apocalipse é feito no sentido de colocar o Cordeiro no trono. No capítulo 4 temos o desvendar reverente do TRONO. No capítulo 5 vemos o CORDEIRO no trono. O mesmo acontece com as duas partes de Isaías. Nos primeiros trinta e um capítulos vemos o TRONO, com o Senhor como governante supremo. Nos vinte e sete capítulos restantes vemos o CORDEIRO no trono, expressando a verdade de que o Senhor é o único Salvador.

O "Servo" do Senhor

A doutrina de Isaías sobre o *"Servo"* do Senhor é impressionante, mas certas passagens nela contidas devem deixar alguns perplexos. A dificuldade está em determinar se essa figura do "Servo" refere-se a Cristo ou à nação de Israel. Os seguintes comentários podem ser úteis.

Os eruditos bíblicos agora aceitam plenamente o fato de que os escritos proféticos geralmente têm pelo menos seu *primeiro* significado em relação à época em que se originaram. Sem dúvida, aqui e ali existem predições que simplesmente ultrapassam os séculos; em geral, porém, a mensagem do profeta tem uma primeira referência clara a seu próprio tempo. Assim sendo, no milagre da inspiração acontece com freqüência que uma passagem tenha uma referência tanto presente quanto futura, uma delas patente e a outra latente. A fraseologia representa mais do que pode ser limitado pela ocasião histórica imediata: assume uma amplitude que prevê acontecimentos muito maiores, dos quais a ocasião histórica imediata não passa de uma sombra.

Portanto, não é de surpreender que nas profecias do "Servo" pareça haver uma alternância de referência entre Israel e Cristo, pois Israel, coletivo, era um *tipo* de Cristo — isto é, subtraindo suas falhas graves, Israel é visto à luz de sua missão divina. O fato de o profeta algumas vezes indicar a *nação* quando fala do "Servo" torna-se claro em passagens como 49.3. Mas existem quatro pontos especiais onde o profeta *individualiza* tão fortemente o "Servo" que nem mesmo um leitor ingênuo poderia aceitá-los simplesmente como personificações poéticas da nação. São as passagens 42.1-7; 49.5, 6; 50.4-10; e 52.13-53.12.

O desenvolvimento do pensamento do profeta parece ter sido como segue. Sua concepção da *nação* como o "Servo" do Senhor estaria integrada ao próprio fato da eleição exclusiva de Israel dentro do propósito redentivo do Senhor para a raça humana. Mas, à medida que a infidelidade e a dispersão pré-reveladas da nação pesavam mais em sua consciência, surgia a necessidade indiscutível de abstrair a idéia do Israel como era de fato; e assim, no segundo estágio de seu pensamento, o "Servo" não é mais o Israel de fato, mas sim o *ideal*, representado pelo "remanescente" piedoso *dentro* da nação. Todavia, mesmo aqui sua mente não encontra um descanso final. Perscrutando o futuro, por assim dizer, e não conseguindo vislumbrar nem mesmo esse Israel ideal a alcançar

coletivamente o alto destino planejado por Deus, sua mente é induzida, tanto pelo anseio humano quanto pela orientação divina, a não só idealizar como também *individualizar* o verdadeiro Israel, retratando-o na forma de uma Pessoa, um "Servo" do Senhor que seria a flor perfeita, a encarnação final e o Cabeça pessoal da nação eleita. Daí a aparente ambigüidade em certos trechos e a clara transição de uma nação para uma Pessoa quando tomamos as passagens que falam do "Servo" como um todo. Nesse particular, é útil procurar o uso feito no Novo Testamento do termo "Servo", como referência definitiva a Cristo.

O capítulo 53

A idéia de que os três últimos versículos do capítulo precedente pertencem na verdade a esse capítulo 53 é geralmente aceita. Trata-se da passagem mais extraordinária entre todas as referentes ao "Servo" — e a mais valiosa. Esse é um dos pontos em que o profeta inspirado individualiza tão fortemente o "Servo", que nenhum estudioso imparcial pode ver nela apenas uma personificação poética da nação. Nem mesmo aqui precisamos negar para os críticos que pode ter havido uma referência primária e mais superficial à nação exilada; mas a referência mais verdadeira, profunda, completa e definitiva a Cristo é tão enfática que ninguém, a não ser os deliberadamente cegos, podem deixar de vê-la.

Diz-se com razão que "a prolongada descrição do capítulo 53 só se adapta a uma figura em toda a história humana — o Homem do Calvário". Os doze pontos seguintes confirmam totalmente isso, pois no total eles não podem em absoluto ser aplicados a ninguém mais: 1) vem em absoluta humildade — "como raiz duma terra seca" *etc.*; 2) é "desprezado, e o mais rejeitado entre os homens" *etc.*; 3) sofreu pelos pecados e em lugar de outros — "ele foi traspassado pelas nossas transgressões" *etc.* 4) foi o próprio Deus quem fez com que o sofrimento fosse substituído — "o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos"; 5) havia uma absoluta resignação sob o sofrimento de substituição — "Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca" *etc.*; 6) morreu como um criminoso — "Por juízo opressor foi arrebatado"; 7) morreu prematuramente — "foi cortado da terra dos viventes", *etc.*; 8) todavia, não tinha culpa pessoal — "nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca"; 9) viveria

após seus sofrimentos – "verá a sua posteridade e prolongará os seus dias"; 10) a vontade do Senhor iria prosperar em suas mãos – "a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos"; 11) teria grandioso triunfo após seus sofrimentos – "com os poderosos repartirá ele o despojo" *etc.*; 12) por tudo isso e por "justificar a muitos" mediante sua morte e ressurreição, "verá o fruto do penoso trabalho de sua alma, e ficará satisfeito".

À medida que as provas são destacadas uma após outra, podemos colocar sob esse retrato surpreendente outro nome além do de JESUS DE NAZARÉ? E podemos deixar de maravilhar-nos com o milagre de inspiração nessa antecipação profética do Homem de Dores, quando refletimos que foi escrita provavelmente setecentos anos antes de Cristo?

Examine de novo esse capítulo prodigioso. Bem em seu centro lemos: *"como cordeiro foi levado ao matadouro"*; e de cada lado dessa declaração central existe uma apresentação em sete partes de sofrimento *de substituição*. Nos versículos que antecedem, é a do ponto de vista *humano*. Nos que vêm depois, do ponto de vista *divino*. Percorra os versículos e destaque essas partes, começando com o versículo 4: "*Certamente ele tomou sobre si as nossas* enfermidades...". Não é de admirar que esse capítulo signifique tanto para aqueles que fixaram para sempre sua esperança no Calvário!

Outros grandes capítulos

Nosso espaço está quase terminando, mas gostaríamos de abrir o apetite de cada leitor para o estudo dos muitos outros grandes capítulos em Isaías. Como se abrem para a mente que se concentra neles com espírito de oração! Queremos fixar-nos em apenas mais um exemplo, outro dos capítulos do "Servo" – o capítulo 42. Juntamente com os dois outros capítulos que se seguem, esse é na verdade um grande sermão pregado por Isaías sobre a graça soberana do Senhor na redenção. Veja como começa. Do versículo 1 ao 4 temos a *descrição* do Servo. Do versículo 5 ao 9 temos uma *palavra direcionada* ao Servo. Do versículo 10 ao 20 temos uma declaração do que o Senhor *fará* através de Seu Servo. E do versículo 21 até o final temos o *apelo* do próprio Isaías a seus conterrâneos. Quando o versículo 21 diz: "Foi do agrado do Senhor, por amor da *sua* própria justiça", o "sua" refere-se ao Servo, naturalmente. Era *Cristo* quem iria "engrandecer o seu povo pela lei, e fazê-lo glorioso".

Problemas de tradução

Temos tanto interesse em que esses grandes capítulos de Isaías sejam reconhecidos ao máximo que repetimos, ao terminar, nossa insistência quanto ao uso de uma tradução moderna juntamente com a tradicional. Existem realmente problemas de tradução que destroem o sentido de algumas passagens importantes.

Agora precisamos deixar Isaías; e fazemos isso ansiando e orando para que em breve as palavras acima possam chegar à concretização no milênio. "Vem, Senhor Jesus."

AS SEGUINTES PERGUNTAS SOBRE ISAÍAS SÃO AGRADÁVEIS OU PERTURBADORAS PARA VOCÊ?

1. Durante quais reinos Isaías profetizou? Cite os nomes dos reis judeus e depois diga a influência disso sobre a *duração* do ministério de Isaías.

2. Como sabemos que a posição social de Isaías era elevada, que era culto, casado e pai?

3. Qual o grande evento que ocorreu ao reino do norte (Israel) quando Isaías tinha entre 50 e 60 anos de idade?

4. Quais os três pontos básicos que sustentam a atual suposição de que o livro de Isaías seja uma obra composta por dois ou mais escritores, ou até mesmo por muitos contribuintes diferentes?

5. Você pode mostrar brevemente, dando um ou dois exemplos, que os "três argumentos" da alta crítica, a favor de uma autoria plural acima mencionados podem ser refutados?

6. Diga, em poucas palavras, o principal propósito dos da alta crítica racionalista ao defender uma autoria plural para o livro.

7. Você poderia mencionar quaisquer referências que mostrem que a geografia da segunda parte de Isaías do capítulo 40 ao 66 é da Palestina e não da Babilônia?

8. Você poderia citar quatro testemunhas, fora do livro de Isaías, que testemunhem que o livro inteiro saiu da pena de um único Isaías? (A primeira das quatro é uma tradução famosa do século III a.C.)

9. Você pode dar três indicações *dentro* do livro de Isaías que também confirmem que ambas as partes são de um só autor?

10. De que maneira os profetas Sofonias e Naum provam por coincidência, mas conclusivamente, que um único Isaías é o autor de toda a obra?

11. Dê em linhas gerais a estrutura do livro de Isaías, mostrando como as profecias da primeira parte expandem-se e como na segunda parte existe um agrupamento triplo.

12. Você pode dar nove pontos de Isaías 53 que reunidos mostrem que só podem ser inteiramente aplicáveis a uma única pessoa em toda a história: o Senhor Jesus Cristo?

JEREMIAS (1)

Lição Nº 75

NOTA: Leia para este estudo o livro de Jeremias inteiro. Não tente fazer uma leitura rápida de um só vez. Leia os capítulos agrupados como segue:

Primeiro, do capítulo 1 ao 20, notando que todas as profecias nesse trecho não são datadas.

Segundo, do capítulo 21 ao 39, notando que essas são mais ou menos específicas e datadas.

Terceiro, do capítulo 40 até o fim do livro, fazendo uma pausa no final do capítulo 44, antes de começarem as profecias sobre as nações gentílicas.

Embora o governo de Deus sobre o mundo tenha passado por diversas mudanças que chamamos de dispensações, seguindo o exemplo de Paulo, essas dispensações, mesmo podendo variar em leis e condições, mantêm-se constantes a um objetivo principal. Todas se combinam para provar que não é possível conceber circunstância alguma em que o homem seja capaz de preservar ou recuperar sua integridade e salvar-se da corrupção. Sua única esperança está em uma interposição direta do Eterno e tão maravilhosa infusão do Espírito Santo, que uma transformação completa é operada em sua natureza.

PEMBER, *The Great Prophecies of the Centuries*

JEREMIAS (1)

JEREMIAS é uma das mais corajosas, ternas e patéticas figuras da história, e o seu livro de profecias deve ser lido por todos. De fato, existem boas razões para lermos as profecias de Jeremias com muita reflexão exatamente hoje, pois há bastante correspondência entre os dias desse nobre profeta e os nossos.

Já comentamos que esses livros dos profetas deveriam ser lidos em relação aos tempos e circunstâncias em que foram escritos. Isso aplica-se especialmente ao caso de Jeremias. O homem, sua mensagem e sua época estão inseparavelmente ligados e devem ser interpretados juntos. Num estudo anterior, falamos dO Segundo Livro dos Reis como "o registro nacional mais trágico já escrito", e a parte mais trágica desse registro trágico é a final, que cobre o período em que Jeremias viveu. Cerca de oitenta ou cem anos depois da morte de Isaías, Jeremias exerceu seu ministério, o qual continuou por bem mais de quarenta anos, durante o reinado dos últimos cinco reis de Judá (1.1-3). Basta citar esses reis — Josias, Jeocaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias — para compreender a escuridão daqueles dias. As palavras do Dr. Moorehead são apropriadas e verdadeiras: "Coube a Jeremias profetizar em uma época em que todas as coisas em Judá estavam convergindo para uma lamentável catástrofe final; quando a inquietação política estava em seu auge; quando as piores iras dominavam os vários partidos; e os conselhos mais fatais prevaleciam; [...] ver o próprio povo, a quem amava com a ternura de uma mulher, lançar-se sobre o precipício para a imensa e tumultuada ruína". Jeremias foi o profeta da meia-noite de Judá.

A pessoa de Jeremias

O homem em si é um rico tema de estudo. Em seu caráter fundem-se a ternura feminina com a força masculina, uma sensibilidade nervosa com uma simplicidade transparente, de modo que sua natureza revela suas reações aos acontecimentos externos de modo tão vívido quanto as águas límpidas dos lagos alpinos refletem cada aspecto do céu mutável acima

deles. Não conheço outro homem que revele um coração mais parecido com o do próprio Jesus do que Jeremias, em sua empatia pelo sofrimento tanto para com Deus quanto em relação aos homens, em sua paciência não vingativa, seu interesse sincero pelos semelhantes, sua motivação honesta, sua humildade, sua disposição para o sacrifício de si mesmo e sua completa fidelidade, a ponto de mostrar uma severidade inclemente na acusação. Todos os obreiros cristãos desapontados, não apreciados, desconsiderados, incompreendidos, mal apresentados e perseguidos dos dias de hoje, que se apegam a seu trabalho mas têm o coração pesado como chumbo e um nó na garganta, deveriam estar em comunhão constante com o grande e heróico âmago dessas páginas. De fato, não podemos estudar adequadamente o livro de Jeremias sem estudar o próprio Jeremias, pois o homem é tanto o livro quanto as profecias que pronunciou.

Ninguém jamais fugiu da publicidade como Jeremias; todavia, peculiarmente, dentre todos os profetas é esse homem que nos dá a mais completa revelação de seu próprio caráter. Isso deve-se ao fato de o homem e sua mensagem estarem em uma intensa unidade sob circunstâncias tão trágicas. A natureza de Jeremias era tal que não podia ser simplesmente um *comunicador*, capaz de separar os próprios sentimentos daquilo que lhe cabia declarar. Com grande intensidade de amor e compaixão, ele próprio vivia, sentia e sofria em sua mensagem. As cordas de seu coração vibravam a cada acorde maior e menor. O homem e sua mensagem eram uma só coisa.

Acreditamos que nisso havia um plano divino. Jeremias foi um homem levantado especialmente para uma época como aquela em que viveu. De fato, aprendemos isso com significativa ênfase em 1.5: "Antes que eu te formasse [...] eu te conheci, e antes que saísses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações". Jeremias foi então especialmente preparado para essa triste mas nobre tarefa. O Espírito Santo desejaria que olhássemos para esse *homem* e também ouvíssemos suas palavras.

O que primeiro nos impressiona em Jeremias, à medida que lemos esses capítulos? É *sua empatia pelo sofrimento*. Sua mais dura provação íntima foi a divisão de seu coração entre duas empatias rivais — por um lado, uma empatia com Deus, como bem poucos homens tiveram; e, por outro, uma empatia queixosa, ansiosa, cheia de amor para com seus conterrâneos, que o fazia sofrer com eles. Em todas as suas aflições, ele também era afligido. De alguma forma, em sua relação com Deus, Jeremias era um profeta e

algo mais; semelhantemente, em sua ardente identificação com seu povo, era um patriota e algo mais. Entrou tanto na vida de seu povo quanto na do Senhor. Não falou apenas *por* Deus, mas também sentia *com* Ele; não falou simplesmente ao povo, mas sentia com *eles*. Nos primeiros capítulos, é como se às vezes essas duas empatias se compensassem até um ponto de perfeito equilíbrio. Parece que a empatia do profeta acha-se no princípio tão pungentemente ligada a seu povo que ele poderia até desaprovar os castigos listados por Deus como sendo severos demais (veja 4.10, 19, 20; 10.23-25; 14.7-13, 19-22). Mas notamos uma mudança gradual. À medida que Jeremias gasta em vão seu nobre amor e súplicas com aquele povo obstinado, sofre a zombaria deles, descobre suas conspirações contra a vida dele e submete-se aos castigos ignóbeis que lhe aplicam, é aos poucos forçado a identificar seu juízo com o de Deus. De fato, pela cruel traição deles Jeremias é levado a clamar para que Deus os castigue — não por espírito de vingança, mas devido a um senso de justiça e bondade ultrajadas (veja 11.19, 20; 18.18-23; 20.10-12; 32.16-23; 42.20-22). O sofrimento do próprio Jeremias nesse conflito entre duas empatias de seu coração é visto em passagens como 4.19; 8.21; 9.1; 15.10, 18; 20.14-18; 23.9 e outras.

Além disso, porém, não podemos deixar de nos impressionar com a *perseverança paciente* de Jeremias. Só o puro amor e a bondade perseveram tão graciosamente como fez esse homem, mediante um ministério tão prolongado e sem esperança. A maioria dos outros profetas parece ter produzido uma certa reforma. Embora Isaías tivesse perguntado: "Quem creu em nossa pregação?" (53.1), sua influência é vista claramente no reinado de Ezequias! Mas por quarenta anos Jeremias jamais viu qualquer reação positiva. Manteve-se isolado como porta-voz de Deus, despercebido, humilhado e, todavia, corajosamente persistente. Só o amor mantém o indivíduo perseverando desse modo em face de tais desencorajamentos. "O amor é paciente, é benigno [...] tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Co 13.4, 7). Lembre-se de que o amor perseverante de *Deus* está lutando para expressar-se por meio desse homem solitário e amoroso; pois ele tornou-se de tal forma unido empaticamente com Deus e sua mensagem que *torna-se*, por assim dizer, a própria mensagem. Cada predição de juízo vindouro é banhada em lágrimas; cada súplica, interrompida por soluços. Jeremias torna-se uma lição para todos os tempos, mostrando o amor perseverante de Deus. O

Dr. G. Campbell Morgan diz com razão: "Na história do retraimento, sofrimento e lágrimas de Jeremias, temos a descrição de um homem em tão perfeita comunhão com Deus que, por meio dele, Deus pôde revelar Seu próprio sofrimento perante o pecado".

Só podemos mencionar mais uma característica: *sua absoluta fidelidade*. Sua natureza sensível fugia de certos aspectos do trágico ministério que lhe foi confiado. Derrama o coração num tocante apelo contra o fato de ter de pronunciar castigos tão terríveis. Seu próprio coração sente a dor dos juízos que sobrevirão sobre seus conterrâneos. Sofre com eles. Sente que não pode obrigar seus pés, pesados como chumbo, a levar a declaração desses ais de Deus contra eles. Todavia, ao longo dos anos, fielmente declara todo o conselho de Deus à sua geração endurecida. É verdade, "Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim" (1.1), é uma figura nobre e um estudo compensador. Jamais perdeu aquela simplicidade natural do coração com a qual respondeu de início ao Senhor: "Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque não passo de uma criança" (1.6); e perseverou com fidelidade heróica até o amargo fim.

As profecias de Jeremias

É bastante claro que os capítulos e mensagens nesse livro de Jeremias não estão dispostos em ordem cronológica. Os capítulos 35 e 36, por exemplo, são anteriores no tempo ao capítulo 31, e assim por diante. Em muitas partes, parece que pouca atenção foi dada à ordem cronológica na compilação dos escritos de nosso profeta. Existe, então, uma organização por *assunto*? É bem pouco provável. Os que escrevem sobre esse livro parecem concordar em que não pode ser reduzido a qualquer análise lógica. Podemos naturalmente escolher os diferentes capítulos pertinentes aos reis de diferentes reinos e fazer assim nossa própria classificação, agrupando os capítulos que pertencem ao reinado de Josias, os que pertencem ao reinado de Jeoaquim *etc.*. Mas o que dizer do livro como se apresenta agora? Existe algum sinal de propósito ordenado em sua estrutura atual? Penso que sim, e trata-se de um arranjo ordenado muito fácil de se lembrar.

Para começar, isto fica claro: os capítulos de 1 a 39 reportaram-se ao

período que antecedeu a queda de Jerusalém. Em primeiro lugar, portanto, vamos examinar esses 39 capítulos. Há alguma indicação de ordem neles? Sim. Observe-os como estão. No capítulo 1 temos o chamado e a comissão do profeta, introduzindo todo o livro. A seguir, notamos que todos os capítulos, do 2 ao 20, compõem uma série de profecias *genéricas e sem data.* A única definição de tempo em todos esses capítulos é pouco específica, e encontra-se em 3.6: "... nos dias do rei Josias", o que simplesmente indica que, de algum modo, os seis primeiros capítulos foram as primeiras profecias de Jeremias. De fato, é provável que esses *doze* primeiros capítulos correspondam ao reinado de Josias e todos os primeiros *vinte* correspondam aos primeiros anos do ministério de Jeremias. Essa parte termina com um relato da reação e do resultado no término dessa primeira fase do ministério de Jeremias — oposição e perseguição. Veja o capítulo 20. Veja também que o "Pasur" em 20.1 não é o mesmo "Pasur, filho de Malquias" de 21.1.

Em seguida, observamos que todas as profecias do capítulo 21 ao 39 são *específicas e datadas.* Afirma-se claramente que ocorreram em relação a esse ou aquele fato histórico, ou em tal e tal ocasião (veja as palavras de abertura dos capítulos). A fim de não se julgar que os capítulos 22 e 23 sejam uma exceção a isso, salientamos que ambos continuam a profecia iniciada no capítulo 21. Examine isso cuidadosamente, a fim de se certificar. Note que o capítulo 22 (que obviamente continua o capítulo 21) fala dos quatro últimos reis de Judá — Jeoacaz (Salum) no versículo 11, Jeoaquim no versículo 18, Joaquim (Jeconias) no versículo 24, e Zedequias (a quem é dirigida toda a profecia). Veja 21.3 e compare com 22.1. Esses reis perversos eram os falsos "pastores" que desgarravam o povo, e é com isso em mente que o capítulo 23 começa: "Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! diz o Senhor". Note agora no capítulo 23: falsos pastores (vv. 1,2), falsos profetas (v. 9) e falsos sacerdotes (v.11).

Talvez devamos acrescentar que os capítulos 30 e 31 continuam o capítulo 29 de maneira similar. No capítulo 29, Jeremias dirige-se ao primeiro grupo de *cativos* que havia sido deportado de Judá para a Babilônia (alguns anos antes do cerco final e da queda de Jerusalém). A seguir, no capítulo 30, é instruído a colocar por escrito o que aconteceu, a fim de preservá-lo. Fica claro que os cativos e o cativeiro ainda estão em mente: veja o elo entre 29.31 ("... todos os exilados") e 30.3 ("... fá-los-ei

voltar..." *etc.*).

Dessa forma, os primeiros trinta e nove capítulos reúnem-se em dois grupos distintos: do capítulo 1 ao 20, profecias *genéricas e sem data*; do capítulo 21 ao 39, profecias *específicas e datadas.*

Quanto aos capítulos restantes, a organização é simples e definida. Do capítulo 40 ao 44, temos o ministério de Jeremias aos judeus *depois da queda* de Jerusalém, primeiro na Judéia (40-42) e depois no Egito (43-44).

Os capítulos 45-51 formam claramente um grupo à parte, sendo a coleção de profecias de Jeremias sobre as *nações gentílicas* circunjacentes — nove delas (veja a próxima lição sobre o capítulo 45). Finalmente, o capítulo 52 é um apêndice histórico e uma conclusão do livro inteiro, em que vemos o último dos reis de Judá removido do trono e levado cativo, cego e humilhado, a cidade saqueada, o templo queimado e a palavra de Jeremias cumprida até o último detalhe.

O *pensamento central* do livro pode ser expresso reunindo-se as duas expressões repetidas: "castigarei" e "restaurarei". Embora haja falhas no presente por causa do pecado do homem, haverá um triunfo final por causa do amor de Deus. Existe *ira em sua plenitude*, mas também *amor até o fim.* A mensagem de Jeremias está cristalizada em 26.12, 13: "O Senhor me enviou a profetizar contra esta casa, e contra esta cidade todas as palavras que ouvistes. Agora, pois, emendai os vossos caminhos e as vossas ações, e ouvi a voz do Senhor vosso Deus; então se arrependerá o Senhor do mal que falou contra vós outros". Essa foi a última oportunidade, clara e graciosa, mas ninguém a aceitou.

A chave do livro inteiro encontra-se nos capítulos 30 e 31, especialmente em 30.15-17: "Por causa da grandeza de tua maldade, e multidão de teus pecados é que eu fiz estas cousas [...]. Por isso todos os que te devoram serão devorados [...]. Porque te restaurarei a saúde, e curarei as tuas chagas, diz o Senhor".

JEREMIAS

INTRODUÇÃO — Jeremias comissionado (1)

PROFECIAS GENÉRICAS E SEM DATA (2-20)

Primeira mensagem: 2.1-3.5; segunda mensagem: 3.6-6.30; terceira mensagem (à porta do templo): 7.1-10.25; quarta mensagem (quebra da aliança): 11.1-12.17; quinta mensagem (sinal do cinto de linho): 13.1-27; sexta mensagem (sobre a seca): 14.1-15.21; sétima mensagem (sinal do profeta solteiro): 16.1-17.18; oitava mensagem (às portas da cidade): 17.19-27; nona mensagem (o vaso do oleiro): 18.1-23; décima mensagem (a botija de barro): 19; resultado: 20.

PROFECIAS ESPECÍFICAS E DATADAS (21-39)

Primeira (para Zedequias): 21-23; segunda (depois da primeira deportação): 24; terceira (quarto ano de Jeoaquim: o futuro exílio na Babilônia): 25; terceira (início do reinado de Jeoaquim): 26; quarta (início do reinado de Jeoaquim): 27-28; quinta (aos cativos da primeira deportação): 29-31; sexta (décimo ano de Zedequias): 32-33; sétima (durante o cerco da Babilônia): 34; oitava (dias de Jeoaquim): 35; nona (quarto ano de Jeoaquim): 36; décima (cerco): 37; resultado: 38-39.

PROFECIAS DEPOIS DA QUEDA DE JERUSALÉM (40-44)

Tratamento bondoso de Jeremias por parte dos babilônios (40.1-6); malfeitorias na terra da Judéia (40.7-41.8); mensagem de Jeremias ao remanescente na terra (42.1-22); Jeremias levado ao Egito (43.1-7); primeira mensagem profética no Egito (43.8-13); segunda mensagem profética aos refugiados judeus no Egito (45.1-30); resultado — nova rejeição da mensagem pelos refugiados judeus.

PROFECIAS SOBRE AS NAÇÕES GENTÍLICAS (45.51)

Precedidas por uma nota em forma de prefácio a Baruque, o escriba fiel que as escreveu (45); primeira (contra o Egito): 46.1-28; segunda (contra os filisteus): 47.1-7; terceira (contra Moabe): 48.1-47; quarta (contra os amonitas): 49.1-6; quinta (contra Edom): 49.7-22; sexta (contra Damasco): 49.23-27; sétima (contra Quedar e Hazor): 49.28-33; oitava (contra Elão): 49.34-39; nona (contra a Babilônia e a Caldéia): 50.1-51.64.

CONCLUSÃO — Jerusalém derrotada (52).

JEREMIAS (2)

Lição Nº 76

NOTA: Para este segundo estudo de Jeremias, leia o livro inteiro novamente, marcando suas divisões principais como apresentadas na lição anterior e observando com cuidado o seguinte:

1) todas as referências ao próprio Jeremias, em que existem muitos e preciosos ensinos espirituais;
2) todas as passagens que falam da vinda do Messias e da restauração final de Israel;
3) o capítulo 25, que nos dá o ponto de partida do ministério profético de Jeremias e outros fatos essenciais, como mostraremos no estudo a seguir.

A Bíblia mostra que toda a justiça está arraigada na religião. Se destruirmos a relação do homem com Deus e sua consciência dEle, destruiremos a possibilidade de um relacionamento reto do homem com seu semelhante. Foi isso que o mundo perdeu de vista quase que completamente. Talvez haja uma possibilidade de volta por meio de sangue, desgraça e lágrimas nestes dias terríveis.

G. CAMPBELL MORGAN,
Doutor em Teologia

JEREMIAS (2)

ESTE livro de Jeremias cresce diante de nós à medida que o lemos. Depois de ter visto seu esboço geral, de fato devemos parar e apreciar ainda que brevemente, alguns de seus aspectos principais.

Lições básicas e vitais

Lições básicas e vitais apresentam-se a nós nessas páginas. Para começar, eis a verdade solene, veementemente enfatizada e tragicamente ilustrada, de que *toda decadência e desastre nacionais são fundamentalmente devidos à desconsideração e à desobediência a Deus.* Leia de novo a acusação inicial de Jeremias contra a nação judaica, notando especialmente os versículos 8, 19 e 35 do capítulo 2.

> *Os sacerdotes não disseram: Onde está o* SENHOR? e os que tratavam da lei não me conheceram, os pastores prevaricaram contra mim, os profetas profetizaram por Baal e andaram atrás de cousas de nenhum proveito. [...]
> A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão; sabe, pois, e vê, que mau e quão amargo é deixares o SENHOR teu Deus, e não teres temor de mim, diz o SENHOR Deus dos Exércitos. [...]
> ... ainda dizes: Estou inocente; certamente a sua ira se desviou de mim. Eis que entrarei em juízo contigo...

No primeiro desses versículos vemos a decadência espiritual entre os *líderes* da nação. No segundo, temos o inevitável resultado dessa decadência, a saber, perversidade e amargura. No terceiro, observamos a cegueira gerada por esse processo: o pecado gradualmente deixa de ser reconhecido como tal, e declara-se inocência mesmo em meio a erros e corrupção.

A partir do momento em que a decadência nacional é estabelecida, não é fácil sustá-la. Os pecados cometidos pelas autoridades logo se tornam

moda entre o povo em geral. Basta lermos a segunda mensagem de Jeremias para termos uma ilustração disso. Veja 5.31: "Os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles; *e é o que deseja o meu povo".*

Além disso, a nação e o povo que desonram a Deus *negando-O,* acabam sempre por *desafiá-lO.* Como isso é claramente demonstrado nos últimos capítulos de Jeremias! O próprio rei queima a mensagem de Deus no fogo (36.27); os príncipes colocam Jeremias em uma cisterna (38.6); e a nação como um todo mostra-se desafiadoramente surda a todos os apelos (37.2). Esse processo de deterioração tem um fim inevitável. A liderança corrupta contamina toda a nação com um veneno moral; e a falha moral interna termina em ruína nacional externa.

Não se pode explicar apropriadamente a história de qualquer nação se Deus for deixado do lado de fora da cena. Os políticos de Judá estavam ocupados explicando que as dificuldades do reino eram devidas a um dilema geográfico — o Egito ao sul e a Assíria a leste; mas a mensagem de Jeremias afirmava que o desastre da nação era devido aos juízos de Deus pelas suas iniqüidades. A infeliz política dos líderes de Judá era tentar fazer com que o Egito e a Assíria se lançassem um contra o outro ou, quando isso parecesse precário demais, fazer uma aliança com um deles como medida de segurança contra o outro. Jeremias denunciou esses expedientes desprezíveis (2.18, 19, 36; 37.7) e declarou que a lamentável condição do país resultava do fato de o povo ter se desviado do Deus verdadeiro.

O pecado permanece no mundo, e Deus continua sendo Deus; portanto, a história repete-se. Nossos políticos continuam aos tropeções, procurando causas secundárias, mas o motivo fundamental de todas as nossas dificuldades é o fato de Deus ter sido esquecido. Discutimos política em vez de afastar o pecado. Hoje acontece o mesmo que nos dias de Jeremias. Quando as nações aprenderão que a decadência e a ruína nacionais são na verdade devidas a uma falha para com Deus? A mensagem de Jeremias pode ser perfeitamente considerada pelas nossas autoridades hoje em dia.

Contudo, devemos acrescentar mais alguma coisa. Esse livro de Jeremias revela-nos *o processo do juízo divino na vida nacional.* Ao falar dos dias de Jeremias, o Dr. G. C. Morgan diz: "Lemos simplesmente a história e dizemos: 'Que sucessão infeliz de reis; como esse povo falhou

em produzir estadistas capazes de resolver a situação política!' Essa figura solitária, observando a raça a arruinar-se, disse: 'O fracasso de seus reis e o de sua política prova que a mão de Deus está sobre vocês em juízo. É Ele que destrói o poder de seu rei. Ele também anulará sua conspiração com o Egito e entregará sua cidade à Assíria, que já está em seus portões'.". Sabemos que Jeremias estava certo. O juízo do Todo-Poderoso sobre a nação operava por meio dessas coisas que, para a mente humana corrompida pelo pecado, não passavam de simples "*infortúnios*" (como os homens as chamam). Quando o pecado apaga a visão de Deus, também incapacita a mente para ver as operações do juízo divino nas coisas que Ele permite que aconteçam.

Foi o que aconteceu então. É o que acontece hoje. Os eventos avançaram e deram razão a Jeremias. Assim também os eventos se sucedem e dão razão aos Jeremias de Deus que vivem entre os homens hoje. As grandes lições desse livro de Jeremias falam a todos os povos de todas as eras. Se o pecado destruiu a visão de Deus, os homens pensam que as calamidades permitidas são indicações de que Deus se desinteressou por eles; mas se a visão de Deus é clara, como aconteceu com Jeremias, os acontecimentos permitidos são vistos em seu verdadeiro significado. Essas calamidades são consideradas como provas de que *Deus não abandonou Seu trono!*

Há uma outra lição nesse livro que se destaca e deve dar muito conforto a todos os cristãos sinceros hoje: *Deus não avalia o mérito do serviço prestado a Ele apenas em termos de sucesso.* De nossa parte, também não devemos julgar as bênçãos de Deus sobre nós apenas pela medida do êxito que alcançamos. Se julgarmos por esse padrão, onde colocar Jeremias? Devemos aprender a ser fiéis mesmo quando não obtemos sucesso — como aconteceu tão claramente com Jeremias. Essa lição tem uma pertinência especial às testemunhas do Senhor hoje. Estamos quase naquele ponto da história do cristianismo que corresponde à época de Jeremias na história de Judá — a última hora, a que leva à meia-noite da apostasia final sob "o Homem da Iniqüidade", e a vinda final do juízo divino em Armagedom. Sendo assim (muito provavelmente), podemos descobrir que o povo em geral está cada vez menos inclinado a ouvir nossa mensagem e tende cada vez mais a resistir e perseguir-nos. Vamos reconhecer então a hora em que estamos testemunhando para Deus e consolar-nos com Jeremias que, por quase meio século de desânimo, perseverou corajosamente.

Passagens messiânicas e de restauração

A missão de Jeremias era para um povo que fechara os olhos e os ouvidos a ponto de se tornar cego e surdo. Seus pecados estavam "ligados" a eles. A cegueira e a surdez judiciais tinham-se tornado um fato consumado. Não *queriam* ouvir em sua prosperidade (22.21). Não *podem* ouvir agora em sua adversidade (6.10). Em certo sentido, não era mais possível orar a favor deles; e três vezes é dito: "Não ores por esse povo" (7.16; 11.14; 14.11). A sentença terrível de Deus, em 15.1, é: "Ainda que Moisés e Samuel se pussessem diante de mim, meu coração não se inclinaria para este povo; lança-os de diante de mim, e saiam". O fato é que a sentença de juízo é agora irrevogável. Assim como aconteceu com Cades-Barnéia na antigüidade (Nm 14), o mesmo ocorre agora na época de Jeremias – aquela geração estava condenada. Em vista disso, a mensagem de Jeremias era, em sua maior parte, sobre o juízo que viria.

Mas o triste ministério desse profeta traz no âmago uma promessa de grande valor. O amor eterno, embora oculto por essas nuvens tempestuosas, brilha sempre em promessas simplesmente deslumbrantes. Nenhuma passagem, nem mesmo as rapsódias arrebatadoras de Isaías, supera algumas das promessas gloriosas de restauração e consumação encontradas nessas páginas de Jeremias. Como raios de sol quase ofuscantes saindo de um firmamento envolto em nuvens, elas ocorrem em todo o livro. Veja de novo as seguintes passagens: 23.3-8; 30.1-10, 17-22; 31.1-14, 31-40; 32.37-44; 33.14-26; 3.16-18; 12.14-15; 16.14, 15.

Bem no centro desse livro, então, existe um EVANGELHO – boas novas dos *grandes dias que virão!* "Porque eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que mudarei a sorte do meu povo [...] fá-los-ei voltar para a terra que dei a seus pais, e a possuirão [...] como também a Davi, seu rei, que lhe levantarei" (30.3, 9). Essa é uma cena de bênção milenar. O *povo* voltará a reunir-se. A *terra* voltará a ser possuída. O *Messias-Rei* vai reinar, e a glória de Seu reino *não passará*!

Fica muito evidente que essas predições messiânicas e relativas ao milênio não são apenas exageros floridos e poéticos de acontecimentos agora passados. É igualmente claro que, se forem encaradas pelo que são, ainda não foram cumpridas, pois aguardam o segundo advento do Senhor Jesus Cristo e Seu futuro reino na terra num império mundial centrado em Jerusalém. Essas grandiosas passagens de "restauração" devem ser

estudadas paralelamente, memorizadas e apreciadas por todo o povo do Senhor.

Além disso, em relação a essas promessas de "restauração" é que nos deparamos pela primeira vez com *o manifesto de uma maravilhosa* "NOVA ALIANÇA" que Deus faria com Judá e Israel. Leia a partir de 31.31 — um dos parágrafos mais notáveis na profecia do Antigo Testamento. Jeremias percebeu que, se deveria haver qualquer esperança de salvação para seu povo, não poderia ser apenas uma volta ao antigo sistema com base na aliança feita por intermédio de Moisés; e ficou sabendo que deveria haver essa magnífica "nova" aliança. Deveria ser uma aliança de graça, não de lei. Em lugar de ser um mandamento externo exigindo obediência, deveria ser uma renovação interior gerando desejo e motivação santos. Deveria firmar-se no perdão e produzir uma completa mudança em Israel. A nova aliança deveria concentrar-se em um rei perfeito que viria — o Filho de Davi.

O prometido de fato já apareceu. A "nova aliança" foi selada com Seu sangue redentor. Mas a aplicação de todas as maravilhosas provisões nela contidas para o povo da aliança aguarda a época em que eles "olharão para Aquele a quem transpassaram" e o aclamarão como seu Messias-Salvador-Rei. Não foi dado a Jeremias ver essa era presente e intermediária da Igreja, mas observou claramente as glórias do reino além dela. No momento em que "do trono saem relâmpagos, vozes e trovões", anunciando a condenação de Judá, viu "um arco-íris ao redor do trono" (Ap 4) — o arco-íris de uma nova promessa, uma nova aliança, cada linha cheia de esperança e beleza!

Cântico de condenação da Babilônia

A profecia final do livro é a condenação da Babilônia. Abrange cento e dez versículos, sendo a mais longa profecia específica do livro. Trata-se de um artigo fascinante que foi cumprido ao pé da letra. Tais profecia e cumprimento sem dúvida são prova absoluta de inspiração; assim, não é de surpreender que esse cântico de condenação da Babilônia tenha atraído as atenções aguçadas de nossos eruditos modernistas, que desejariam postergar sua data de modo a eliminar a presença da predição sobrenatural. Tentam argumentar que Jeremias não poderia ter sido o

escritor porque (segundo dizem) seu "ponto de vista" é posterior à sua época, com o que querem insinuar (nas palavras do Dr. Driver) que "a destruição do templo não passa de conjetura, os judeus estão no exílio, sofrendo pelos seus pecados", e assim por diante.

Existem, porém, três fatos que esmagam completamente esse argumento da "alta crítica". *Primeiro*: até mesmo os críticos têm de admitir que nenhuma profecia, em todo o livro, contém mais claramente as características literárias de Jeremias. Graf, por exemplo, diz: "O estilo apresenta todas as características do estilo especial do profeta". *Segundo*: nenhuma profecia, em todo o livro, é mais significativamente autenticada do que essa. Ela começa assim: "Palavra que falou o SENHOR contra Babilônia [...] *por intermédio de Jeremias*, o profeta...", e termina nesses termos: "Até aqui as palavras *de Jeremias*". Existe assim uma dupla garantia. A seguir, completando um "cordão tríplice" de provas, é cuidadosamente datada — no ano quarto de Zedequias (veja 51.59-63), isto é, sete anos antes da queda de Jerusalém. *Terceiro*: partes dessa profecia avançam para além do final do cativeiro na Babilônia. Veja 50.14-16, em que a destruição dos muros e fundamentos da Babilônia é predita. Essa demolição, para não falar de outros elementos da predição, não ocorreu na conquista da Babilônia por Ciro no final do exílio previsto, mas sim mais de quinhentos anos depois disso! Querem os críticos, pois, argumentar agora que, pelo fato de o "ponto de vista" aqui *"pressupor"* essa destruição dos muros da Babilônia, a profecia não foi escrita senão quinhentos anos depois do exílio, quando havia começado a nossa era cristã? Isso é provavelmente o que sua teoria do "ponto de vista" exigiria!

Essa teoria dos críticos não faz sentido. Não existem grandes predições neste livro e em outros que se sobrepõem aos séculos, chegando ao milênio? Devemos portanto inferir que, pelo fato de seu "ponto de vista" estar no milênio, o *autor* é também do milênio — e, portanto, ainda não nasceu? Absolutamente não. Como disse um escritor, o "ponto de vista" de toda verdadeira profecia é o "ponto de vista da *onisciência*" — do próprio Deus. Em outras palavras, a profecia de Jeremias sobre a Babilônia, como toda profecia verdadeira, era *a palavra inspirada de Deus.*

Um capítulo fundamental

O capítulo 25 deve ser cuidadosamente verificado de novo. Em primeiro lugar, marca exatamente o ponto de partida do ministério profético de Jeremias (v. 3). Em segundo, definitivamente prediz o cativeiro de setenta anos na Babilônia, com vinte anos inteiros de antecipação (versículo 11, com a data no versículo 1). Em terceiro, mostra claramente que os capítulos de 46 a 51 — o grupo de profecias de Jeremias sobre as nações gentílicas — já estavam compostos em forma de "livro" (vv. 13, 17-26) no quarto ano de Jeoaquim, vinte anos antes do exílio, embora estejam agora colocados *no fim* do "livro de Jeremias" como chegou às nossas mãos.

O capítulo 25 também explica casualmente porque aquele breve capítulo *45*, dirigido a Baruque, acha-se onde está. Os escritores que falam sobre Jeremias parecem ter tomado por certo que *esse* pequeno capítulo está, no mínimo, completamente fora de lugar. Com certeza não pode ser um adendo ao que lhe precede, nos capítulos 43 e 44, pois nesses estamos com o idoso Jeremias no Egito, algum tempo depois da queda de Jerusalém, enquanto o capítulo 45 data do "quarto ano de Jeoaquim", um período bem anterior. Mas estará o capítulo 45 ligado às profecias sobre as nações gentílicas que vêm *depois* dele? Sim, e a ligação revela-se no capítulo 25. A profecia do capítulo 25, que menciona o *"livro"* das profecias de Jeremias sobre os povos gentílicos como já tendo sido escrito, está datada *"no ano quarto de Jeoaquim"*. É provável que esse "livro" das profecias sobre os gentios realmente tenha sido escrito naquele ano. Quem foi o escriba? *Baruque* era o escriba ou escritor de Jeremias (36.4, 17; 43.6 *etc.*). Deve ter sido ele quem escreveu esse "livro" de profecias sobre as nações gentílicas. Veja agora como começa o capítulo 45: "Palavra que falou Jeremias, o profeta, a Baruque, filho de Nerias, *escrevendo ele aquelas palavras, num livro*, ditadas por Jeremias, *no ano quarto de Jeoaquim"*. Será que a ligação não está clara demais para ser posta em dúvida? Quando lemos que ele escreveu "aquelas palavras", isso significa aquelas que se *seguem*, nas profecias sobre os reinos gentílicos pois o versículo 4 fala do juízo que virá sobre "toda a terra" e o versículo 5 fala do mal que virá sobre "toda carne" — referindo-se, com certeza, às profecias mundiais que se seguem. No final das contas, então, o capítulo 45 está no lugar certo — como uma introdução aos capítulos 46-51.

Significado tipológico de Jeremias

Encerramos com uma palavra final sobre o próprio Jeremias. Até parece que uma espécie de significado *tipológico* apega-se a esse profeta das lágrimas, manso, corajoso, fiel e sofredor nas experiências que lhe sobrevieram e nas emoções que sentiu. Veja as passagens 9.1; 11.19; 13.17; 15.16-21; 20.10; 26.11-15; 37.15, 16; 38.6; Lamentações 3.1-14. Certamente, nenhuma outra figura que se mova diante de nós em qualquer ponto da Bíblia aproxima-se tanto de Cristo, ao expressar o amor sofredor, paciente e gracioso para com aqueles que Ele padece para salvar, do que Jeremias. Muitos de nós, temo eu, não podem ler a história desse homem sem uma censura íntima por estar tão longe desse heroísmo generoso e dessa mansidão de espírito. Se Jeremias não é na realidade um tipo de Cristo, com certeza é um reflexo antecipado dEle.

O Dr. G. Campbell Morgan diz com razão: "Teremos lido muito descuidadamente essa profecia caso tenhamos visto nela apenas as tristezas de um homem – *'Oxalá a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos em fonte de lágrimas! Então choraria de dia e de noite os mortos da filha do meu povo'* (Jr 9.1). Podemos encontrar algo comparável? Já fizemos isso. Viajamos através do tempo até nos colocarmos na encosta do monte das Oliveiras com um homem mais solitário que Jeremias, e O vimos olhar para Jerusalém, e O ouvimos pronunciar sua condenação, chorando enquanto o fazia. Esse é o cumprimento da profecia de Jeremias [...]. A interpretação do sofrimento de Jeremias encontra-se no sofrimento de Jesus; e a interpretação do sofrimento de Jesus encontra-se *no sofrimento de Deus".*

Observe bem Jeremias, esse homem notável, e, enquanto a mente se demora nessa apreciação, que seja essa a oração em nosso coração:

Ensina-me, Senhor, a servir como mereces,
A dar, sem contar o custo;
A lutar, sem atentar nos ferimentos;
A trabalhar, sem buscar descanso;
A esforçar-me sem pedir qualquer recompensa,
Salvo saber que faço a Tua vontade.

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

Lição Nº 77

NOTA: Para este estudo leia duas vezes todo esse triste poema, "Lamentações", notando que cada capítulo tem vinte e dois versículos, exceto o capítulo central, que tem exatamente três vezes esse número. Procure distinguir cuidadosamente quando Deus fala, quando Jerusalém fala e quando Jeremias fala.

Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus...

Romanos 11.22

Marés desesperadas da angústia do mundo inteiro
Forçadas através do canal de um único coração.

FREDERICH MYERS, *St. Paul*

Existe um amanhã em botão na meia-noite.

KEATS

Os poetas aprendem na tristeza o que ensinam na música.

ANÔNIMO

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

"JERUSALÉM, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta" (Mt 23.37, 38). Tal foi a queixa envolta em lágrima do Homem de Dores sobre a cidade impenitente que logo crucificaria seu Messias-Rei; seiscentos anos antes, porém, essas palavras foram previstas e vaticinadas, de forma mais elaborada, pelo corajoso mas quebrantado profeta Jeremias em "Lamentações", seu poema de cinco partes.

Autoria

Não duvidamos por um momento sequer que esse pequeno livro que chamamos de "Lamentações" seja mesmo obra de Jeremias, embora o nome do autor não apareça no original hebraico. Acabamos de ler o argumento do erudito T. K. Cheyne contra a autoria de Jeremias; mas a própria fraqueza de sua alegação reforça nossa aceitação do ponto de vista mais antigo. Sobre o capítulo 3, o próprio Dr. Cheyne vê-se obrigado a dizer que "se aceitarmos o poema literalmente, aponta para Jeremias com mais nitidez do que para qualquer outro indivíduo" e não pode deixar de admitir que mesmo os outros capítulos caracterizam-se por "expressões e idéias bem conhecidas por nós em Jeremias". Seu argumento, como o de outros críticos modernos que compartilham de sua opinião, apóia-se em minúcias no texto pouco convincentes e no fato de o quinto lamento não estar em forma de acróstico (o que mencionaremos a seguir) como os outros quatro. A maneira como nossa escola moderna de críticos literários bíblicos freqüentemente professa descobrir diferentes autorias em formas diferentes de expressão é, a nosso ver, indigna de uma erudição séria. Fica evidente que, pelo modo como os resultados dos diferentes críticos literários entram em conflito, grande parte dela não passa de adivinhação disfarçada.

Ao longo dessas cinco elegias ou lamentações, discernimos a mão e o

coração de Jeremias. Não existe qualquer alternativa plausível para sua autoria. A tradição judaica, até onde podemos retroceder, atribui a autoria a ele. O historiador Josefo confirma-a. Os revisores massoretas das Escrituras em hebraico sem dúvida acreditavam nisso. Eruditos judeus e cristãos posteriores endossaram essa opinião. *Nós*, portanto, aceitamo-la. A época em que o livro foi escrito é certamente a mesma dos sofrimentos nele descritos; assim sendo, como diz C. J. Ellicott: "Simplesmente não existe nenhum outro escritor vivo naqueles dias a quem possamos atribuí-la sem a menor sombra de dúvida". Não podemos demorar-nos aqui nos muitos traços paralelos entre Lamentações e o livro de Jeremias. O comentário de Ellicott contém um breve e excelente parágrafo que pode ser estudado em relação a isso e que, segundo julgamos, é conclusivo para o fato de que esse profeta chorão de "Lamentações" só pode ser Jeremias.

Características

Lamentações, esse patético poema de cinco partes, tem-se chamado de "elegia escrita num cemitério". Trata-se de um hino fúnebre a respeito da destruição e humilhação de Jerusalém pelos babilônios em 587 a. C. É uma chuva de tristeza, um rio de lágrimas, um mar de soluços. No agrupamento judaico das Escrituras do Antigo Testamento, é um dos cinco *Megilot*, ou "Rolos". Esses cinco são Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester e são chamados "Rolos" porque cada um deles estava escrito em um rolo para ser lido nas festas judaicas – Cantares na páscoa, Rute na festa das semanas ou pentecoste, Eclesiastes na festa dos tabernáculos, Ester na festa do purim e Lamentações no aniversário da destruição de Jerusalém.

Além disso, esse poema de cinco partes foi construído em forma de *acróstico*. Mesmo o leitor de nossas versões tem uma ligeira idéia disso pelo fato de que todos os capítulos exceto o central possuem o mesmo número de versículos, isto é, vinte e dois, enquanto o do meio tem exatamente três vezes o número de cada um dos outros, ou seja, sessenta e seis. Isso ocorre porque há vinte e duas letras no alfabeto hebraico; e os versículos dessas cinco elegias (cada elegia estando representada por um capítulo completo em nossa versão) seguem sucessivamente o alfabeto, cada versículo começando, em ordem, com uma das vinte e duas letras do

alfabeto hebraico. A razão pela qual a terceira elegia (3) possui sessenta e seis versículos em lugar de vinte e dois é que está construída em tercetos, cada um dos *três primeiros* versículos começando com a primeira letra do alfabeto, cada um dos *três versículos seguintes* começando com a segunda letra do alfabeto, cada um dos *três outros versículos* começando com a terceira letra do alfabeto, e assim por diante, usando assim sessenta e seis versículos para completar as vinte e duas letras. A forma de acróstico não continua na quinta e mais curta dessas elegias, mas o número de versículos permanece vinte e dois. Daremos exemplos desse arranjo em acróstico depois de termos examinado brevemente a estrutura dessas cinco elegias como um todo.

Estrutura e análise

A estrutura desse poema quíntuplo é notável. Essas cinco elegias não são dígitos distintos: estão ligadas e formam um poema completo em cinco partes. Quando isso é observado claramente, percebe-se que é uma indicação final de que as cinco são de um só autor.

Os dois poemetos *externos* – o primeiro e o quinto – são correspondentes. Os dois *internos* – o segundo e o quarto – também correspondem. O do *meio*, o terceiro, que é o de concepção mais elaborada e de acabamento mais aprimorado, é três vezes maior que os outros, permanecendo no centro como um grande trono envolto em panos de luto.

Vejamos o primeiro dos cinco. O assunto aqui é a *má situação de Jerusalém*. A pequena peça divide-se em duas partes. Note que os versículos 1 a 11 estão todas na *terceira* pessoa – "ela", "sua", "a cidade", "Jerusalém", "Judá". Isso porque nesses versículos é o próprio profeta que fala *sobre* a cidade. No versículo 12 há uma mudança. Todos os versículos seguintes, do 12 ao 22, estão na *primeira* pessoa – "minha", "me", "eu". Isso porque neles a cidade é representada como falando de *si mesma*. O primeiro capítulo é então a elegia da "má situação de Jerusalém". Nos versículos de 1 a 11 *o profeta a descreve*. A seguir, do versículo 12 ao 22, *a cidade deplora sua situação*.

Vejamos agora o segundo lamento. O tema aqui é a *ira do Senhor*. Em todo o trecho, a ênfase está no fato de que a humilhação de Jerusalém foi provocada pelo próprio Senhor. As expressões "O Senhor fez" e "Ele fez"

ocorrem nada menos de trinta vezes, sem mencionar verbos como "precipitou (o Senhor)", "devorou o Senhor", "ardeu (o Senhor)", "derramou (o Senhor)", todos enfatizando que as dificuldades de Jerusalém foram causadas pelo *Senhor*. Esse segundo lamento, como o primeiro, está dividido em duas partes. Do versículo 1 a 12 é *descrita* a ira do Senhor. Depois, no versículo 13, há uma mudança da terceira para a segunda pessoa, e a cidade esmagada pela ira é *exortada*.

Passemos agora à terceira elegia, a central. Aqui, no coração desse memorial de cinco partes, temos *a tristeza do próprio profeta*. Seu espírito está tão sensivelmente identificado com seu povo, tão aflito com todas as aflições que os afligem, que em alguns versículos poderia ser o próprio profeta ou a nação personificada falando — as palavras aplicam-se a ambos. O cenário em todo o trecho, porém, é o sofrimento pessoal de Jeremias. Esse terceiro hino melancólico, como os dois primeiros, divide-se em duas partes. Do versículo 1 ao 39 temos *aflição* (vv. 1-21), *mas com esperança* (vv. 22-39). Nos versículos restantes, de 40 a 66, temos como resultado um *apelo a Deus em oração* — nacional (vv. 40-51) e pessoal (vv. 52-66). Como já mencionamos, os versículos ou estrofes dessa terceira elegia são compostos em tríades. Os três primeiros começam com a primeira letra do alfabeto hebraico. Os três seguintes começam com a segunda letra do alfabeto, e assim por diante. Desse modo, na primeira parte dessa terceira elegia (vv. 1-39), abrangemos as primeiras treze letras do alfabeto e, na segunda parte (vv. 40-66), as outras nove.

Isso nos leva ao quarto poemeto. Voltamos aqui a vinte e dois versículos. O assunto, como na segunda elegia, é *a ira do Senhor*, mas com uma diferença: enquanto no segundo acróstico a ira do Senhor é *descrita*, nesse versículo é explicada, ou *defendida*. Deve-se ao pecado de Jerusalém. O versículo 6, que é o versículo central da primeira parte do capítulo, diz: "Porque maior é a maldade da filha do meu povo do que o pecado de Sodoma". O versículo 13 explica ainda que a vingança foi "por causa dos pecados dos seus profetas, das maldades dos seus sacerdotes, que se derramou no meio dela o sangue dos justos", *etc.* Esse quarto acróstico, como os demais, divide-se em duas partes. Do versículo 1 ao 11 temos uma *série de contrastes* entre a Sião de antes e a Sião de agora. Do versículo 12 ao 22 temos os pensamentos e atos das *nações gentílicas ao redor que a observavam*.

Observe agora o último desses cinco lamentos. Embora tenha vinte e

dois versículos, correspondendo assim ao alfabeto hebraico, como os anteriores, não é um acróstico. Assim também, apesar de possuir vinte e dois versículos, é mais curto do que os outros, porque seus versículos são dísticos curtos e não tercetos longos como nos outros lamentos. Todo ele é uma *oração*, e quem fala é *Jerusalém.* Nos dezoito primeiros versículos a súplica procede da triste condição de Jerusalém. Nos quatro versículos restantes, recorre-se à soberania e à fidelidade perpétuas do Senhor. Temos portanto:

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

Lamento 1 *Má situação de Jerusalém*	Lamento 2 *A ira do Senhor*	Lamento 3 *A tristeza de Jeremias*	Lamento 4 *A ira do Senhor*	Lamento 5 *Oração de Jerusalém*
O PROFETA A LAMENTA (1-11)	A IRA DESCRITA (1-12)	AFLIÇÃO, MAS ESPERANÇA (1-39)	CONTRASTES — E O MOTIVO (1-11)	SÚPLICA: SIÃO FOI ABATIDA (1-18)
A CIDADE A DEPLORA (12-22)	A CIDADE EXORTADA (13-22)	SÚPLICA: NACIONAL E PESSOAL (40-66)	OBSERVADORES: REIS, EDOM (12-22)	SÚPLICA: O SENHOR: PODE RESTAURAR (19-22)

Poesia elegíaca hebraica

Como indicamos em um estudo anterior, embora o paralelismo na poesia hebraica seja de idéias em vez de rima ou ritmo, parece haver indicações de que o ritmo até certo ponto foi usado. Uma certa métrica peculiar parece ter sido reservada para os poemas tristes, como vemos em "Lamentações". A primeira característica disso é o comprimento incomum do verso, a fim de dar um movimento lento e solene. Um segundo aspecto é a divisão do verso longo em duas partes desiguais, a primeira tendo o mesmo comprimento que a linha normal de qualquer composição lírica comum em hebraico e a segunda parte sendo muito mais curta, quase como outro verso abreviado e "parecendo levar a supor",

como diz o Prof. W. F. Adeney, "que o pensamento exausto está despertando e apressando-se para sua conclusão". O efeito disso é quase sempre prejudicado na tradução; todavia, em nossa versão, com freqüência surge com força indiscutível. Vejamos alguns exemplos:

... os seus príncipes ficaram sendo como corços — que não acham pasto,
e caminham exaustos — na frente do perseguidor. (1.6)

As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos —
porque as suas misericórdias não têm fim;
renovam-se cada manhã. — Grande é a tua fidelidade. (3.22, 23)

Exemplos dessa métrica fúnebre estão espalhados pela poesia do Antigo Testamento. Alguns são encontrados em Salmos. Um exemplo primitivo entre os profetas é dado por Amós que, depois de anunciar que pronunciará uma *lamentação* sobre Israel, coloca-a em forma de elegia, em duas linhas:

Caiu a virgem de Israel — nunca mais tornará a levantar-se;
estendida está na sua terra — não há quem a levante. (5.2)

Um exemplo notável é a súbita transição de Isaías para a forma de elegia em 14.4, 5 em seu lamento irônico sobre a Babilônia e Lúcifer:

Como cessou o opressor! — Como acabou a tirania!
Quebrou o SENHOR a vara dos perversos — e o cetro dos dominadores...

Como exemplos do restante, apresentamos os três primeiros versículos da primeira e da terceira "Lamentação" de Jeremias:

A *Como jaz solitária a cidade — outrora populosa!*
Tornou-se como viúva — a que foi grande entre as nações;
princesa entre as províncias — ficou sujeita a trabalhos forçados!

B *Chora e chora de noite — e as suas lágrimas lhe correm pelas faces;*
Não tem quem a console — entre todos os que a amavam;
todos os seus amigos procederam perfidamente contra ela —
tornaram-se seus inimigos.

C *Judá foi levada a exílio — afligida e sob grande servidão;*
habita entre as nações — não acha descanso;
todos os seus perseguidores a apanharam — nas suas angústias.

A *Eu sou o homem que viu a aflição — pela vara do furor de Deus.*
A *Ele me levou e me fez andar em trevas — e não na luz.*
A *Deveras ele volveu contra mim a sua mão, de contínuo — todo o dia.*

B *Fez envelhecer a minha carne e a minha pele — despedaçou os meus ossos.*
B *Edificou contra mim — e me cercou de veneno e de dor.*
B *Fez-me habitar em lugares tenebrosos — como os que estão mortos para sempre.*

C *Cercou-me de um muro, já não posso sair — agravou-me com grilhões de bronze.*
C *Ainda quando clamo e grito — ele não admite a minha oração.*
C *Fechou os meus caminhos com pedras lavradas — fez tortuosas as minhas veredas.*

Pode parecer estranho para nós, modernos ocidentais, que sentimentos assim tão ardentes como os de "Lamentações" fossem colocados na forma artificial de acrósticos alfabéticos. Dá uma sensação de irrealidade. Um pouco de reflexão há, porém, de convencer-nos do contrário. Essas elegias tinham provavelmente finalidade litúrgica em lugar de servirem apenas para a leitura particular; e o arranjo em acróstico é um expediente para ajudar a memória. Existe também outro ponto positivo no esquema acróstico: indica autocontrole em meio à profunda emoção por parte do escritor! o que escreve é produto de reflexão e deliberação. Além do mais, tal é a índole dessas "Lamentações", que, embora estando elas nessa estrutura de acróstico, o pensamento subjacente permanece livre e espontâneo. Dor, compaixão, caráter, inspiração e beleza, tudo isso se

encontra aqui nessas "Lamentações" de Jeremias.

Nosso espaço terminou e mal tocamos nos significados espirituais desse pequeno livro. Uma verdade muito terna é que *Deus sofre com aqueles a quem castiga.* Isso foi materializado imortalmente em Jeremias, que se identificara de tal forma com Deus e com seus conterrâneos ao mesmo tempo que sofreu uma dupla agonia em seu coração. Nenhuma verdade é mais comovente do que a de que Deus ainda ama e sofre com aqueles a quem é obrigado a punir em sua justiça.

O âmago do poema, tanto literal como espiritualmente, é a passagem central do capítulo central. Cinco vezes ocorre a palavra "esperança". A aflição cumpre seu trabalho de humilhar (v.20). O sofredor compreende o seu significado e grita: tenho "ESPERANÇA" (v.21). A nova esperança está apenas em Deus, como mostra o contexto. Isso é de novo enfatizado quando o poema termina – "TU, SENHOR, REINAS ETERNAMENTE" (5.19). A oração final do poema será ainda cumprida – *"Renova os nossos dias como dantes"* (5.21) – e Sião terá a supremacia entre as nações, pois, embora o povo da aliança de Deus sofra a mais ardente aflição e perseguição, mesmo assim, como a sarça ardente do Horebe, ele não será consumido! Eles podem cantar ao longo dos anos as palavras de Lamentações 3.22: "As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos". Eles não serão consumidos, mas preservados, até que o Filho de Davi suba ao trono e reine gloriosamente em Jerusalém. Suas dificuldades terminarão assim para sempre.

Devemos acrescentar uma palavra final. Se formos discípulos sinceros do Senhor, não poderemos estudar "Lamentações", esse pequeno poema em cinco partes, como algo simplesmente objetivo, histórico e muito distante de nós. Com certeza diz respeito ao que se acha agora distante; todavia, num sentido espiritual, é dolorosamente aplicável hoje. Deus é o mesmo hoje como sempre foi ao lidar com nações e indivíduos. Um chamado especial, do alto, vivido de modo inferior, em desacordo, inevitavelmente termina em profundo sofrimento. A eleição jamais representa favoritismo indulgente, quer em relação a Israel, quer no que diz respeito aos membros da verdadeira igreja de nossos dias. Uma vez que o Divino Portador do Pecado carregou sobre si o pecado de todos os crentes, Deus jamais *castiga* seus filhos nascidos de novo quando pecam. O aspecto legal foi tratado de maneira abrangente no Calvário. A relação agora é entre Pai e filho, e não entre Juiz e réu. Todavia, os pecados dos

crentes cristãos trazem *disciplina* e *castigo* sobre eles; e podemos muito bem atentar no apelo de Paulo em Efésios 4.1: *"Andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados"*.

TENTE RESPONDER ESTAS PERGUNTAS SOBRE JEREMIAS E LAMENTAÇÕES

1. Cite os reis em cujos reinados Jeremias profetizou e conte qual a catástrofe que iria cair sobre o reino de Judá.
2. Mencione três características destacadas e exemplares de Jeremias que se revelam em seu ministério.
3. Qual a passagem que, segundo seu ver, serve de chave para todo o livro ou focaliza a sua mensagem?
4. Quais as quatro partes principais em que o livro de Jeremias se divide? Dê os títulos desses grupos de capítulos.
5. Você pode citar quatro grandes profecias messiânicas no livro de Jeremias?
6. Qual o capítulo mais longo do livro e onde ocorre?
7. Mencione três fatos que provem que a profecia sobre a Babilônia é uma profecia genuína de Jeremias e não um escrito posterior.
8. Por que o capítulo 25 tem uma importância especial e essencial?
9. De que forma o próprio Jeremias pode ser tido como uma espécie de figura tipológica?
10. Que evento catastrófico a elegia "Lamentações" deplora?
11. Mostre de forma geral a disposição por assunto dos cinco "lamentos" que formam o poema completo.
12. Quais os aspectos acrósticos encontrados em "Lamentações"?

examinai as escrituras

Por meio de um estudo sistemático e progressivo, o Dr. Baxter "examina" a Palavra de Deus numa série de lições básicas e amplamente interpretativas, abrangendo desde o livro de Jó até Lamentações de Jeremias.

Este livro não é um comentário versículo por versículo nem é também uma série de análises e esboços. Antes, é um completo panorama dos eventos, lugares e pessoas que formam o conteúdo desse grupo de livros.

Pastores, seminaristas, professores e estudantes da Bíblia em geral encontrarão aqui uma riqueza de material para mensagens, lições e estudos particulares.

Ninguém poderá terminar esta série de lições e continuar a mesma pessoa. Todo estudante receberá um benefício vitalício e será infinitamente abençoado com estes estudos práticos e envolventes.

J. Sidlow Baxter *é um australiano de Sydney, tendo crescido na Inglaterra. Ele não é somente um pregador de habilidade espantosa; antes de tudo, é um professor de capacidade comprovada por milhares de pessoas que já tiveram oportunidade de ouvi-lo. Recebeu o grau de Doutor em Teologia pelo Seminário Batista Central, em Toronto, no Canadá.*